# (n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

Ano III - Setembro/2012 - Edição Bilíngue Semestral - Ilha do Desterro/Brasil

traduções

Roberto Arlt

George Bacovia

Raymond Carver

Forugh Farrokhzad

Severino Di Giovanni

Tommaso Landolfi

Pierre Louÿs

Kenji Miyazawa

H. G. Oesterheld

Nizar Qabbani

Juan Hernández Ramírez

Murasaki Shikibu

Hjalmar Söderberg

Bram Stoker

Sulpícia

Mary Wollstonecraft

Edith Wharton

ISSN 2177-5141

5

tradução
μετάφραση
ترجمه
ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
ითარგმნა
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canɟı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 3, n. 5, set. 2012
Multilingue
Editada por Gleiton Lentz
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Calaméo; Scribd
ISSN 2177-5141

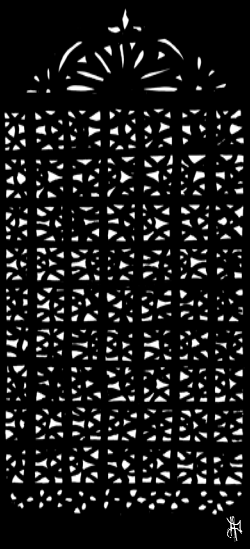
1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org
Licenciada na Creative Commons

INTRO

“Eu falo dos extremos da noite
e dos extremos da noite falo”

Forugh Farrokhzad



# EDITORIAL

**www.notadotradutor.com**
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

**EDIÇÃO E COORDENAÇÃO**
Gleiton Lentz

**COEDIÇÃO E CONSULTORIA**
Roger Sulis

**ILUSTRAÇÃO E CURADORIA**
Aline Daka

**ASSISTÊNCIA EDITORIAL**
Fedra Hinojosa

**REVISÃO DOS ORIGINAIS**
Equipe (n.t.)

Os incas construíram o maior império da América do Sul, que se originou da junção de diversas culturas pré-colombianas que tiveram em comum um mesmo governo, religião e idioma, o quéchua. Conhecedores de matemática, astronomia, medicina, exímios arquitetos e agricultores, ainda assim, os incas, dinastia fundada por Manco Qapac por volta do século XI, não desenvolveram linguagem escrita. Era o que se acreditava. Pois os *quipus*, conjunto de cordões de cores variadas, com nós, usados pelos incas para transmitir mensagens e fazer cálculos matemáticos, podem conter também, por sua característica alfanumérica, indícios de escrita. É possível que os antigos "guardiães dos quipus", os *quipucamayocs*, registrassem não só as colheitas ou os impostos nesses artefatos, mas que os utilizavam também para o registro de fatos históricos e ritos mágicos.

Acredita-se, por isso, que o quéchua, língua até então considerada oficialmente ágrafa, possua tais registros logográficos. Estes se fundamentariam na tríplice equivalência entre os números, que nos *quipus* são representados por diferentes tipos de nós e cores (os laços), certos caracteres geométricos encontrados em tecidos e cerâmicas incaicas, além das consoantes do quéchua. É o que sustenta Gary Urton, estudioso da antiguidade sul-americana e professor de antropologia da Universidade de Harvard, que ao analisar uma dezena de *quipus* e seu intricado sistema de nós, descobriu que eles contêm um código binário semelhante ao dos computadores modernos. Em busca de uma prova, Urton acredita que está muito próximo de localizar a "Pedra de Roseta" sul-americana, após ter encontrado, no norte do Peru, um conjunto de 32 *quipus*, um deles com uma possível tradução ao espanhol.

Em outras palavras, há a possibilidade de que um *quipu* fora traduzido para o espanhol cerca de 500 anos atrás, o que permitiria sua redecifração. Se a teoria de Urton estiver correta, isso significa que os incas não apenas inventaram uma forma de código binário séculos antes do surgimento do computador, mas também que a usaram como parte da − até então − única linguagem escrita tridimensional do mundo, e que esta linguagem já fora possivelmente traduzida. "Eles podem ter usado esses códigos para representar uma série de informações", argumenta, e acrescenta que "cada elemento pode ter tido um nome, uma identidade ou uma atividade como parte da narração de uma história". E o desvelar dessa *trama*, feita de muitos *nós*, se dará através da tradução, que buscará desvendar o complexo conjunto de laços que formam os *quipus*. Aqui reside um bom exemplo da velha máxima borgeana de que "nenhum problema é tão consubstancial com as letras e seu mistério como o que propõe uma tradução".

E o mesmo se pode dizer dos mais de dez autores inéditos em língua portuguesa presentes nesta 5ª edição da (n.t.), que ainda estavam por ser desvelados pelas mãos de nossos colaboradores tradutores. Neste número contamos com dois milênios de história literária, começando pela Roma Antiga, passando pelo Japão medieval, e chegando ao náuatle moderno, no México.

(n.t.)

**AGRADECIMENTOS**

[reprodução de texto]

Juan Hernández Ramírez (MÉX), originais em náuatle e espanhol.

Oleg Almeida (BRA), tradução de Pierre Loüys. Ed. Ibis Libris.

Zelia de Almeida Cardoso (BRA), trad. de Sulpícia. Ed. Martins Fontes

[reprodução de imagem]

Museo Archeologico Nazionale (ITA), Detalhe dos afrescos de Pompeia

National Diet Library (JAPÃO), ilustrações para *O Romance do Genji*

Na seção tradicional de abertura, "Poesia Seleta", apresentamos quatro poetas inéditos, abrindo com a seleção *Outro nascimento*|تولدی دیگر , da poetisa persa Forugh Farrokhzad, tradução de Miguel Sulís, seguida de *Poemas de amor*| قصـاند , do poeta sírio Nizar Qabbani, tradução de Muna Omran; *Não perde para a chuva*|雨ニモマケズ, do poeta japonês Kenji Miyazawa, tradução de Ana Maria Sigas Pichini; e *Espiga de milho*|*Espiga de maíz*|*Miauaxochitl*, em versão trilíngue, do poeta de tradição asteca Juan Hernández Ramírez, tradução de Scott Ritter Hadley. Na rubrica seguinte, "Prosa poética", mais duas seletas: *Os cantos de Bilítis*|*Les chansons de Bilitis*, de Pierre Louÿs, tradução de Oleg Almeida, e *Estilhaços de noite*|*Bucăți de noapte*, do poeta romeno George Bacovia, tradução de Fernando Klabin.

Na sequência, em "Ensaios literários", seguem duas contribuições inéditas de autoras de língua inglesa, inicialmente com o ensaio *O vício da leitura*|*The Vice of Reading*, da americana Edith Wharton, tradução a quatro mãos de Juliana Steil e Jonas Tenfen, seguido de *Uma defesa dos direitos da mulher*|*A Vindication of the Rights of Woman*, da britânica Mary Wollstonecraft, tradução lusitana de Júlia Ferreira. E em "Crônicas", apresentamos a seleção de *Águas-fortes portenhas*|*Aguafuertes porteñas*, do argentino Roberto Arlt, tradução de Eleonora Frenkel.

Na seção seguinte, "Contos & excertos", traduções dos mais diversos idiomas ilustram as páginas dessa já clássica seção da revista, que abre com a seleção de contos *Historietas*|*Historietter*, do escritor sueco Hjalmar Söderberg, tradução de Guilherme da Silva Braga; *Você pode ficar quieta, por favor?*|*Will you please be quiet, please?*, do americano Raymond Carver, tradução de Fabíola Werlang; *A Casa do Juiz*|*The Judge's House*, conto de Bram Stoker, tradução de Camila Paula Camilotti e Iliane Tecchio; *Sondas*|*Sondas*, do cartunista argentino Hector Germán Oesterheld, tradução de Bairon Vélez Escallón; *Contos*|*Racconti*, do italiano Tommaso Landolfi, tradução de Davi Pessoa Carneiro; e *O Romance do Genji*|源氏物語, da escritora japonesa Murasaki Shikibu, tradução em trio de Clicie Araujo, Lídia Ivasa e Maria Luísa Vanik.

Na rubrica "Memória da tradução", relembramos a tradução das *Elegias*|*Elegidia*, da poeta latina Sulpícia, tradução de Zelia de Almeida Cardoso, publicada na antologia *Poesia Lírica Latina*, pela Martins Fontes, em 1992. E na seção de encerramento, a ilustradora Aline Daka apresenta o quadrinho "Grito Noturno", baseado no homônimo poema do poeta ítalo-argentino Severino Di Giovanni, tradução de Gleiton Lentz.

Para finalizar, desde o início de sua publicação, há dois anos, a revista (n.t.) tem sido acessada em mais de 100 países, em vista de sua diversidade linguística, ao dispor sempre textos bilíngues nos mais diversos idiomas, e em alguns casos, trilíngues, além de permitir o acesso livre ao seu conteúdo integral, sem restrições. A nosso ver, toda tradução literária deve transitar, ir *mais além*. Pois se existe um "ideal" por trás de toda tradução, este é romper fronteiras; e se existe realmente uma "visada" da tradução, em algum horizonte, como sustentam algumas teorias, esta é ser cosmopolita.

Boa *leitura* e *literatura* sem fronteiras! ■

*Os editores*

Desterro, outubro de 2012.

(n.t.) | 5°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados aos autores e tradutores.

Licenciada na Creative Commons, Licença Internacional 3.0

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO


POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

**Outro nascimento | تولدی دیگر** . . . *09*
*texto de* Forugh Farrokhzad
*tradução de* Miguel Sulis

**Poemas de Amor | قصائد** . . . *27*
*texto de* Nizar Qabbani
*tradução de* Muna Omran

**Não perde para a chuva | 雨ニモマケズ** . . *40*
*texto de* Kenji Miyazawa
*tradução de* Ana Maria Sigas Pichini

**Espiga de milho | Espiga de maíz | *Miauaxochitl*** . *53*
*texto de* Juan Hernández Ramírez
*tradução de* Scott Ritter Hadley

PROSA
PROSA
PROSA

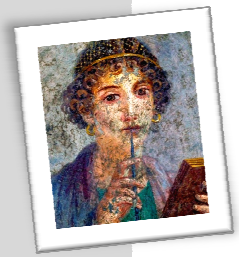
**Os cantos de Bilítis | Les chansons de Bilitis** . *121*
*texto de* Pierre Louÿs
*tradução de* Oleg Almeida

**Estilhaços de noite | Bucăți de noapte** . . *146*
*texto de* George Bacovia
*tradução de* Fernando Klabin

ENSAIO
ENSAIO
ENSAIO

**O vício da leitura | The Vice of Reading** . . *163*
*texto de* Edith Wharton
*tradução de* Juliana Steil e Jonas Tenfen

**Uma defesa dos direitos da mulher**
**A Vindication of the Rights of Woman** . . *180*
*texto de* Mary Wollstonecraft
*tradução de* Júlia Ferreira

MEMÓRIA DA TRADUÇÃO


**Elegias | Elegidia** . . . *360*
*texto de* Sulpícia
*tradução de* Zelia de Almeida Cardoso

CRÔNICA
CRÔNICA
CRÔNICA

**Águas-fortes portenhas | Aguafuertes porteñas** . 192
*texto de* Roberto Arlt
*tradução de* Eleonora Frenkel

CONTO
CONTO
CONTO
CONTO
CONTO

**Historietas | Historietter** . . . . 219
*texto de* Hjalmar Söderberg
*tradução de* Guilherme da Silva Braga

**Você pode ficar quieta, por favor?** . . 238
**Will you please be quiet, please?**
*texto de* Raymond Carver
*tradução de* Fabíola Werlang

**A Casa do Juiz | The Judge's House** . . 270
*texto de* Bram Stoker
*tradução de* Camila Paula Camilotti e Iliane Tecchio

**Sondas | Sondas** . . . . 304
*texto de* Hector Germán Oesterheld
*tradução de* Bairon Vélez Escallón

**Contos | Racconti** . . . . 325
*texto de* Tommaso Landolfi
*tradução de* Davi Pessoa Carneiro

**O Romance do Genji | 源氏物語** . . . 336
*texto de* Murasaki Shikibu (original ilustrado)
*tradução de* Clicie Araujo, Lídia Ivasa e Maria Luísa Vanik

ILUSTRAÇÃO

**Grito Noturno | Grito Nocturno** . 370
*texto de* Severino Di Giovanni
*tradução de* Gleiton Lentz
*quadrinhos de* Aline Daka

INDEX . . . . 375

# poesia seleta

(n.t.)|Rapa-Nui

# Outro nascimento

## Forugh Farrokhzad

**O texto:** Os poemas aqui selecionados são parte do volume *outro nascimento*, publicado em Teerã, em 1963. Uma obra prima da poesia persa contemporânea, que marca uma quebra com a tradição poética e uma emancipação do estilo da poetisa. Escritos em *farsi* (o persa ocidental), idioma sem distinção de gênero gramatical de qualquer espécie, seus versos, com a maestria e criatividade de uma personalidade anticonvencional, ressoam uma poderosa voz feminina e tornam-se um emblema de identidade do feminismo em seu país − que baniu sua poesia por mais de uma década após a revolução islâmica.

**Texto traduzido:** فروغ فرخزاد. *دیوان فروغ فرخزاد*. نیکا، مشهد ۱۳۸۶

**A autora:** Forugh Farrokhzad (1935-1967) nasceu em Teerã, num Irã em processo de ocidentalização, e veio a ser uma das principais figuras da história e cultura iranianas do século XX. Estreou na cena literária com a publicação de *a cativa* em 1955, após intensa turbulência pessoal – casamento, filho, divórcio, perda da guarda. Foi poetisa, atriz e cineasta, recebeu o rechaço de críticos e acadêmicos, e sua vida livre e independente foi causa de muita controvérsia, reprovação e escândalos. Dirigiu um premiado documentário e publicou 5 volumes de poesia, o último póstumo. Morreu aos 32 anos, em um acidente de trânsito de circunstâncias pouco aclaradas.

**O tradutor:** Miguel Sulis é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu *Poemas Inacabados* | *Ατελη Ποιηματα*, de Konstantinos Kaváfis, e *Epigramas* | *'Επιγράμματα*, de Rufinos.

**Contato:** mikhsulis@gmail.com

# تولدی دیگر

«همهٔ هستی من آیهٔ تاریکیست»

فروغ فرخزاد

## باد ما را خواهد برد

در شب کوچک من، افسوس
باد با برگ درختان میعادی دارد
در شب کوچک من دلهرهٔ ویرانیست

گوش کن
وزش ظلمت را می شنوی؟
من غمربیانه به این خوشبختی می نگرم
من به نومیدی خود معتادم
گوش کن
وزش ظلمت را می شنوی ؟

در شب اکنون چیزی می گذرد
ماه سرخست و مشوش
و بر این بام که هر لحظه در او بیم فرو ریختن است
ابرها، همچون انبوه عزاداران
لحظهٔ باریدن را گوئی منتظرند

لحظه ای
و پس از آن، هیچ.
پشت این پنجره شب دارد می لرزد
و زمین دارد
باز می ماند از چرخش
پشت این پنجره یک نا معلوم
نگران من و توست

ای سراپایت سبز
دستهایت را چون خاطره ای سوزان، در دستان عاشق من بگذار
و لبانت را چون حسی گرم از هستی
به نوازش های لبهای عاشق من بسپار
باد ما را خواهد برد
باد ما را خواهد برد

## عروسک کوکی

بیش از اینها، آه، آری
بیش از اینها می‌توان خاموش ماند

می‌توان ساعات طولانی
با نگاهی چون نگاه مردگان، ثابت
خیره شد در دود یک سیگار
خیره شد در شکل یک فنجان
در گلی بی‌رنگ، بر قالی
در خطی موهوم، بر دیوار

می‌توان با پنجه‌های خشک
پرده را یکسو کشید و دید
در میان کوچه باران تند می‌بارد
کودکی با بادبادک‌های رنگینش
ایستاده زیر یک طاقی
گاری فرسوده‌ای میدان خالی را
با شتابی پر هیاهو ترک می‌گوید

می‌توان بر جای باقی ماند
در کنار پرده، اما کور، اما کر

می‌توان فریاد زد
با صدائی سخت کاذب، سخت بیگانه
«دوست می‌دارم»
می‌توان در بازوان چیرهٔ یک مرد
ماده‌ای زیبا و سالم بود

با تنی چون سفرهٔ چرمین
با دو پستان درشت سخت

می توان در بستر یک مست، یک دیوانه، یک ولگرد
عصمت یک عشق را آلود

می توان با زیرکی تحقیر کرد
هر معمای شگفتی را
می توان تنها به حل جدولی پرداخت
می توان تنها به کشف پاسخی بیهوده دل خوش ساخت
پاسخی بیهوده، آری پنج یا شش حرف

می توان یک عمر زانو زد
با سری افکنده، در پای ضریحی سرد
می توان در گور مجهولی خدا را دید
می توان با سکه‌ای ناچیز ایمان یافت
می توان در حجره های مسجدی پوسید
چون زیارتنامه خوانی پیر

می توان چون صفر در تفریق و جمع و ضرب
حاصلی پیوسته یکسان داشت
می توان چشم ترا در پیلهٔ قهرش
دکهٔ بیرنگ کفش کهنه‌ای پنداشت
می توان چون آب در گودال خود خشکید

می توان زیبائی یک لحظه را با شرم
مثل یک عکس سیاه مضحک فوری
در ته صندوق مخفی کرد

می توان در قاب خالی ماندهٔ یک روز
نقش یک محکوم، یا مغلوب، یا مصلوب را آویخت
می توان با صورتک ها رخنهٔ دیوار را پوشاند
می توان با نقش هائی پوچ تر آمیخت

می‌توان همچون عروسک‌های کوکی بود
با دو چشم شیشه‌ای دنیای خود را دید
می‌توان در جعبه‌ای ماهوت
با تنی انباشته از کاه
سالها در لابلای تور و پولک خفت
می‌توان با هر فشار هرزهٔ دستی
بی سبب فریاد کرد و گفت:
«آه، من بسیار خوشبختم»

## هدیه

من از نهایت شب حرف می‌زنم
من از نهایت تاریکی
و از نهایت شب حرف می‌زنم

اگر به خانهٔ من آمدی برای من ای مهربان چراغ بیاور
و یک دریچه که از آن
به ازدحام کوچهٔ خوشبخت بنگرم

# تولدی دیگر

همهٔ هستی من آیهٔ تاریکیست
که ترا در خود تکرار کنان
به سحرگاه شکفتن ها و رستن های ابدی خواهد برد
من در این آیه ترا آه کشیدم، آه
من در این آیه ترا
به درخت و آب و آتش پیوند زدم

زندگی شاید
یک خیابان درازست که هر روز زنی با زنبیلی از آن می‌گذرد
زندگی شاید
ریسمانیست که مردی با آن خود را از شاخه می‌آویزد
زندگی شاید طفلیست که از مدرسه برمی‌گردد
زندگی شاید افروختن سیگاری باشد، در فاصلهٔ رخوتناک دو هماغوشی
یا نگاه گیج رهگذری باشد
که کلاه از سر برمی‌دارد
و به یک رهگذر دیگر با لبخندی بی معنی می‌گوید «صبح بخیر»

زندگی شاید آن لحظهٔ مسدودیست
که نگاه من در نی نی چشمان تو خود را ویران می‌سازد
و در این حسی است
که من آن را با ادراک ماه و با دریافت ظلمت خواهم آمیخت

در اتاقی که باندازهٔ یک تنهاییست
دل من
که باندازهٔ یک عشقست
به بهانه های سادهٔ خوشبختی خود می‌نگرد
به زوال زیبای گل ها در گلدان
به نهالی که تو در باغچهٔ خانه مان کاشته‌ای
و به آواز قناری ها
که باندازهٔ یک پنجره می‌خوانند

آه ...
سهم من اینست
سهم من اینست
سهم من
آسمانیست که آو یختن پرده‌ای آن را از من می‌گیرد
سهم من پائین رفتن از یک پلهٔ متروکست
و به چیزی در پوسیدگی و غربت واصل گشتن
سهم من گردش حزن آلودی در باغ خاطره هاست
و در اندوه صدائی جان دادن که به من می‌گوید:
«دستهایت را
دوست می‌دارم»

دستهایم را در باغچه می‌کارم
سبز خواهم شد، می‌دانم، می‌دانم، می‌دانم
و پرستوها در گودی انگشتان جوهریم
تخم خواهند گذاشت

گوشواری به دو گوشم می‌آویزم
از دو گیلاس سرخ هنزاد
و به ناخن هایم برگ گل کوکب می‌چسبانم
کوچه‌ای هست که در آنجا
پسرانی که به من عاشق بودند، هنوز
با همان موهای درهم و گردن های باریک و پاهای لاغر
به تبسم های معصوم دخترکی می اندیشند که یکشب او را
باد با خود برد

کوچه‌ای هست که قلب من آنرا
از محله های کودکیم دزدیده‌ست

سفر حجمی در خط زمان
و به حجمی خط خشک زمان را آبستن کردن
حجمی از تصویری آگاه
که زمینهانی یک آینه بر می‌گردد

و بدینسانست
که کسی می‌میرد
و کسی می‌ماند

هیچ صیادی در جوی حقیری که به گودالی می‌ریزد مرواریدی صید نخواهد کرد

من
پری کوچک غمگینی را
می شناسم که در اقیانوسی مسکن دارد
و دلش را در یک نی لبک چوبین
می‌نوازد، آرام، آرام
پری کوچک غمگینی
که شب از یک بوسه می‌میرد
و سحرگاه از یک بوسه به دنیا خواهد آمد

# OUTRO NASCIMENTO

*"Todo meu ser é um ah sombrio."*

FORUGH FARROKHZAD

## O VENTO NOS LEVARÁ

em minha pequena noite, ah
o vento tem um voto com as folhas das árvores
em minha pequena noite, a angústia da ruína
ouve
escutas a escuridão soprando?
olho como uma estranha este êxtase
viciada em meu desespero

ouve
escutas a escuridão soprando?
na noite algo passa
a lua está vermelha e perturbada
e neste teto, onde a cada instante há o medo da ruína
nuvens como um bando de carpideiras
como se esperassem o instante da chuva
o instante
e depois disso nada
atrás desta janela a noite treme
e a terra
para de girar

atrás desta janela um desconhecido
está olhando a mim e a ti

ah verde da cabeça aos pés
põe tuas mãos como uma memória ardente em minhas amorosas mãos
e teus lábios como uma sensação do calor de existir
nas carícias muitas de meus lábios amorosos
o vento nos levará
o vento nos levará

**BONECA DE CORDA**

mais do que eles ah sim
mais do que eles pode ficar em silêncio

pode por longas horas
com um olhar fixo como o olhar dos mortos
mirar a fumaça de um cigarro
mirar a forma de uma xícara
a flor descolorida no tapete
a escrita imaginária no muro

pode com os dedos secos
puxar a cortina e ver
uma chuva rápida cair no meio do beco
uma criança com pipas coloridas
parada sob um arco
uma carroça enferrujada da praça vazia
sair numa pressa barulhenta

pode ficar no lugar
à margem da cortina, mas cega, mas surda

pode gritar
com uma voz assaz falsa, assaz alheia
"eu amo"
pode nos braços dominantes de um homem
ser uma mulher bela e sã

com um corpo como uma toalha de mesa de couro
com dois peitos firmes e grandes
pode na cama com um bêbado, um louco, um vagabundo
macular a inocência de um amor

pode com astúcia depreciar
cada mistério surpreendente
pode solucionar palavras cruzadas

pode sozinha na descoberta das respostas vãs alegrar o coração
respostas vãs, sim, de cinco ou seis letras

pode ajoelhar toda uma vida
com a cabeça baixa, aos pés de uma tumba fria
pode ver deus em um túmulo desconhecido
pode com uma moeda insignificante encontrar a fé
pode apodrecer na cela de uma mesquita
pode ler velhas histórias de peregrinos

pode como o zero na subtração e soma e multiplicação
ter um resultado contínuo e igual
pode supor teus olhos num casulo de fúria
como o nó sem cor de um sapato velho
pode secar como as águas de sua própria cova

pode com vergonha esconder um instante de beleza
como o eco negro grotesco de uma instantânea
no fundo baú

pode na moldura vazia de um dia gasto
gravar um condenado, ou açoitado, ou crucificado ou enforcado
pode com sua face encobrir a fresta no muro
pode unir-se com figuras mais vazias

pode ser como uma boneca de corda
ver seu mundo com dois olhos de vidro
pode em uma caixa de feltro
com o corpo estofado de palha
dormir por anos em brocatéis e lantejoulas
pode com cada tensão de cada corda manual
sem motivo gritar e dizer
“ah, eu sou tão feliz”

**PRESENTE**

eu falo dos extremos da noite
eu dos extremos das trevas
e dos extremos da noite falo

se a minha casa vieres traz-me de coração uma lâmpada
e um alçapão do qual
olhar a multidão do beco feliz

## OUTRO NASCIMENTO

todo meu ser é um ah sombrio
que te recria em si
e a uma aurora de eterno florescer e crescer te levará
eu neste ah te ah suspirei ah
eu neste ah te
enxertei à árvore e à água e ao fogo

a vida é talvez
uma rua pela qual todo dia uma mulher com uma cesta passa
a vida é talvez
uma corda com a qual um homem em um galho se enforca
a vida é talvez uma criança que volta da escola para casa
a vida é talvez acender um cigarro, no interlúdio letárgico entre duas trepadas
ou o olhar distraído de um passante talvez
que tira o chapéu da cabeça
e a um outro passante com um sorriso sem sentido diz "bom dia"

a vida é talvez aquele instante fechado
em que meu olhar se destrói na menina dos teus olhos
e nela há uma sensação
que eu mesclarei à percepção da lua e à descoberta da sombra

em um quarto do tamanho de uma solidão
meu coração
do tamanho de um amor
olha para as desculpas simples de sua felicidade
para o belo murchar das flores no vaso
para as mudas que tu plantaste no jardim de nossa casa
e para a canção dos canários
que cantam do tamanho de uma janela

ah...
minha parte é esta
minha parte é esta
minha parte

é o céu que o baixar de uma cortina me tolhe
minha parte é descer por uma escadaria abandonada
e procurar alguma coisa na podridão e saudade
minha parte é um passeio nostálgico no jardim das memórias
e entregar o espírito na dor de uma voz que me diz:
“tuas mãos
eu as amo”

planto minhas mãos no jardim
verdejarei eu sei eu sei eu sei
e andorinhas no vazio entre meus dedos sujos de tinta
ovos irão pôr

em minhas duas orelhas penduro brincos
de duas cerejas vermelhas gêmeas
e em minhas unhas colo pétalas de flor estrela
há um beco onde
os meninos que estavam enamorados de mim ainda
com os mesmos cabelos emaranhados e colo frágil e pernas finas
pensam no sorriso imaculado de uma menininha que uma noite a
levou consigo o vento

há um beco que meu coração
roubou dos bairros de minha infância

viagem de um volume na linha do tempo
e em um volume impregnando a seca linha do tempo
um volume de uma imagem consciente
que volta de uma festa em um espelho
e é assim
que alguém morre
e alguém permanece

na pequena corrente que deságua numa fossa nenhum pescador apanhará
uma pérola

eu
uma pequena fada triste

conheço que mora em um oceano
e seu coração em uma flauta de madeira
toca doce doce
uma pequena fada triste que à noite morre de um beijo
e na aurora de um beijo virá ao mundo

# Poemas de Amor

## Nizar Qabbani

**O texto:** A obra de Nizar Qabbani é desconhecida no Brasil, ao contrário do que acontece na França e na Inglaterra. Os poemas aqui selecionados retiram o véu que envolve as relações amorosas entre homem e mulher no mundo árabe. Os textos fazem parte das chamadas *qasīdas*, a forma poética do período clássico da literatura árabe, no apogeu do Califado Abássida. O eu lírico se coloca em posição de vassalagem diante da amada, fazendo com que a figura feminina se transforme na razão de sua vida. Recorremos à tradução direta do árabe, como forma de divulgar o poeta através de sua língua pátria. Esta breve seleção visa apresentar o poeta ainda desconhecido no Brasil.

**Texto traduzido:** Qabbani, Nizar. *Arabian Love Poems*. Arabic and English Texts. Translations by Bassam K. Frangieh & Clementina R. Brown. London: Lynne Rienner, 1999.

**O autor:** Nascido na capital da Síria, em 1923, Nizar Qabbani foi poeta, ensaísta, jornalista e diplomata, provavelmente um dos poetas mais populares do mundo árabe do século XX. Seus poemas podem ser divididos em dois grandes temas: o amor e o pan-arabismo. Amor e erotismo, num mundo repleto de regras e códigos de honra, são abordados no mais puro lirismo em sua poesia. Nizar Qabbani morreu em 1998, em Londres, vítima de um ataque cardíaco, mas até hoje o mundo árabe canta seus poemas de amor.

**A tradutora:** Muna Omran é Doutora em Teoria e História da Literatura pela Unicamp. Editora da *Revista Litteris* (www.revistaliteris.com.br), como pesquisadora realiza estudos voltados à cultura e literaturas de língua árabe, estudos culturais e teoria literária.

# قـصـائـد

لأن حبي لك فوق مستوى الكلام »
« قررت أن أسكت... والسلام

نزار قباني

١

تسألني حبيبتي
ما الفرق ما بيني و بين السما؟
الفرق ما بينكما
أنك إن ضحكت يا حبيبتي
أنسى السما

٢

وكلما سافرت في عينيك، يا حبيبتي
أحس أني راكب سجادة سحريه
فغيمة وردية تر فعني
وبعدها، تأتي البنفسجية
أدور في عينيك، يا حبيبتي
أدور... مثل الكرة الأرضية

٣

كم تشبهين السمكه

سريعة  في الحب... مثل السمكه

جبانة في الحب... مثل السمكه

قتلت ألف امرأة في داخلي

و صرت أنت الملكه

٤

لأن حبي لك فوق مستوى الكلام
قررت أن أسكت...
والسلام

٥

أريد أن أصنع لك أبجدية
غير كل الأبجديات
فيها شيء من إيقاع المطر
وشيء من غبار القمر
وشيء من حزن الغيوم الرمادية
وشيء من توجع أوراق الصفصاف
تحت عربات أيلول

٦

في أيام الصيف[1]
أتمدد على رمال الشاطئ
وأمارس هواية التفكير بك
لو أنني أقول للبحر...
ما أشعر به نحوك
لترك شواطئه...
و أصدافه...
و أسماكه...
و تبعني

[1] O eu lírico deste poema é feminino, pois os gêneros, em árabe, são definidos pelas declinações. (n.t.)

# POEMAS DE AMOR

*"Por ser meu amor por você maior que as palavras*
*Decidi silenciar... pacificamente... "*

NIZAR QABBANI

**1**

Minha amada perguntou-me:
Qual é a diferença entre o céu e eu?
A diferença entre vocês
Está no seu riso, minha amada
Que me faz esquecer o céu

**2**

Quando viajo pelos seus olhos, minha amada
Sinto estar num tapete mágico
Elevado sobre nuvens rosadas e violetas
Giro em seus olhos, minha amada
Giro como a Terra.

**3**

Tão veloz como um peixe
Rápido no amor... como um peixe
Covarde no amor... como um peixe
Você matou milhares de mulheres dentro de mim
E tornou-se a rainha

**4**

Por ser meu amor por você maior que as palavras
Decidi silenciar...
pacificamente...

**5**

(Fragmento)

Gostaria de fazer um único alfabeto
Nele eu encontraria
Algo como o ritmo que vem da chuva
E algo como a poeira que vem da lua
E algo como a tristeza das nuvens
E algo como folhas caídas dos salgueiros
Sob a passagem de setembro.[1]

[1] No mundo árabe, o mês de setembro se refere ao Outono. (n.t.)

**6**

Nos dias de verão
Estico-me na areia à beira-mar
E fico pensando em você,
e falando ao mar...
o que sinto por você
e digo isso às margens do mar
digo às conchas
aos peixes
que me seguem.

# NÃO PERDE PARA A CHUVA

E OUTROS POEMAS

**KENJI MIYAZAWA**

**O TEXTO:** O engajamento ativo destes poemas com a natureza mostra-nos uma voz participante do ambiente. Com temática voltada para a terra e o trabalho, a obra poética de Kenji Miyazawa traz um lirismo suave e simples, ao mesmo tempo muito sensorial e respaldado pelo conhecimento científico. Em especial, o último poema aqui apresentado, e que dá título a esta seleção, 雨ニモマケズ (*Não perde para a chuva*), é provavelmente o poema moderno mais lembrado e citado hoje em dia, tendo se tornado um modelo de conduta ética almejado pelos japoneses.

**Texto traduzido:** 宮沢賢治. 宮澤賢治全詩一覧. *In.* 宮澤賢治の詩の世界. Disponível em: <www.ihatov.cc/poems.htm>.

**O AUTOR:** Kenji Miyazawa (1896-1933), apesar de pouco reconhecido em vida, é visto atualmente como o maior poeta japonês do século XX. Teve uma saúde frágil durante toda a vida e, aos 37 anos, morreu de tuberculose. Além de poeta, também foi autor de muitas histórias infantis que, mais tarde, foram traduzidas para várias línguas e adaptadas para animações cinematográficas e teatro. Agrônomo de formação, combinava de maneira muito original o seu conhecimento científico e lirismo poético, mostrando em seus poemas o amor que tinha pela natureza e pelas pessoas. Influenciado também pela filosofia budista, sua compaixão pelos homens atraiu toda uma nova geração de leitores.

**A TRADUTORA:** Ana Maria Sigas Pichini é aluna do curso de Letras Tradutor Japonês/Português da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sob a orientação do professor e tradutor Andrei Cunha, vem realizando uma leitura detalhada da obra de Kenji Miyazawa, visando a futura publicação de uma coletânea de sua poesia.

# 雨ニモマケズ

“雲と山との陰気のなかへ歩くもの
もつと合羽をしつかりしめろ”

**宮沢 賢治**

## 春

一九二六、五、二、

陽が照って鳥が啼き
あちこちの楢の林も、
けむるとき
ぎちぎちと鳴る　汚ない掌を、
おれはこれからもつことになる

## イーハトブの氷霧

けさはじつにはじめての凛々しい氷霧だつたから

みんなはまるめろやなにかまで出して歓迎した

# たび人

あめの稲田の中を行くもの
海坊主林のはうへ急ぐもの
雲と山との陰気のなかへ歩くもの
もつと合羽をしつかりしめろ

## 月光の鉛のなかに

月光の鉛のなかに
みどりなる犀は落ち臥し

松の影これを覆へり

# 夜

掌がほてって寝つけないときは
手拭をまるめて握ったり
黒い硅板岩礫を持ったりして
みんな昔からねむったのだ

# 雨ニモマケズ

雨ニモマケズ
風ニモマケズ
雪ニモ夏ノ暑サニモマケヌ
丈夫ナカラダヲモチ
慾ハナク
決シテ瞋ラズ
イツモシヅカニワラッテイル
一日ニ玄米四合ト
味噌ト少シノ野菜ヲタベ
アラユルコトヲ
ジブンヲカンジョウニ入レズニ
ヨクミキキシワカリ
ソシテワスレズ
野原ノ松ノ林ノ蔭ノ
小サナカヤブキノ小屋ニイテ
東ニ病気ノ子供アレバ
行ッテ看病シテヤリ
西ニツカレタ母アレバ
行ッテソノ稲ノ束ヲ負ヒ
南ニ死ニソウナ人アレバ
行ッテコワガラナクテモイイトイイ
北ニケンカヤソショウガアレバ
ツマラナイカラヤメロトイイ
ヒデリノトキハナミダヲナガシ
サムサノナツハオロオロアルキ
ミンナニデクノボウトヨバレ
ホメラレモセズ
クニモサレズ
ソウイウモノニ
ワタシハナリタイ

# NÃO PERDE PARA A CHUVA
## E OUTROS POEMAS

*"Aquele que vaga pela melancolia das nuvens e dos montes*
*Que ele aperte mais firme essa capa que carrega"*

KENJI MIYAZAWA

### PRIMAVERA

*2 de maio de 1926*

Quando o dia fica iluminado e os pássaros cantam
E aqui e ali o vapor sobe dos bosques de carvalho
A palma da minha mão novamente se torna suja e áspera

## NEBLINA DE IHATOV

Nesta manhã, pela primeira vez no ano, surgiu a imponente névoa de gelo

E, alegres, todos lhe deram as boas-vindas, trazendo-lhe marmelos e outras coisas pequenas

## O VIAJANTE

Aquele que entra no arrozal inundado pela chuva
Aquele que se apressa em direção ao bosque de monstros marinhos
Aquele que vaga pela melancolia das nuvens e dos montes
Que ele aperte mais firme essa capa que carrega

## DENTRO DA LUA PESADA DE CHUMBO

Dentro da lua pesada de chumbo
No chão, tombado, um rinoceronte verde

Que a sombra do pinheiro encobre

## NOITE

Quando a mão fica quente e não consigo dormir
Fecho um lenço na palma da mão e seguro apertado
Uma pedrinha negra de basalto
É assim que se faz desde tempos antigos

## NÃO PERDE PARA A CHUVA

NÃO PERDE PARA A CHUVA
NÃO PERDE PARA O VENTO
NEM PARA A NEVE NEM PARA O CALOR DO VERÃO
É FORTE E ROBUSTO
SEM VONTADES
NÃO SENTE RAIVA
SEMPRE SORRI DISCRETO
QUATRO TIGELAS DE ARROZ POR DIA
MISSÔ E UM POUCO DE VEGETAIS
CONSIDERA A TODOS
MENOS A SI MESMO
TUDO VÊ TUDO OUVE
TUDO COMPREENDE
E NADA ESQUECE
NA SOMBRA DOS BOSQUES DE PINHEIROS NO CAMPO
VIVE EM UMA CASINHA DE SAPÉ
SE HOUVER UMA CRIANÇA DOENTE NO LESTE
VAI ATÉ LÁ E CUIDA DELA
SE HOUVER UMA MÃE CANSADA NO OESTE
VAI ATÉ LÁ E CARREGA SEU FARDO DE ARROZ
SE HOUVER ALGUÉM À BEIRA DA MORTE NO SUL
VAI ATÉ LÁ E DIZ NÃO TEMA
SE HOUVER LITÍGIO NO NORTE
VAI ATÉ LÁ E DIZ NÃO BRIGUEM POR TÃO POUCO
NO TEMPO DE SECA DERRAMA LÁGRIMAS
NO VERÃO SE FAZ FRIO FICA DESNORTEADO
CHAMADO POR TODOS DE IMPRESTÁVEL
SEM SER ELOGIADO
SEM SENTIR DOR
ESSE É
QUEM EU QUERO
SER[1]

[1] Utilizou-se caixa alta nesta tradução, pois o texto em japonês foi inteiramente escrito em alfabeto *katakana*, utilizado para designar palavras estrangeiras ou dar ênfase a um termo. (n.t.)

# ESPIGA DE MILHO

## JUAN HERNÁNDEZ RAMÍREZ

**O TEXTO:** Os poemas de Juan Hernández são uma continuação moderna da tradição poética de sua herança asteca. Em muitas de suas composições, o poeta utiliza o mote de *in xochitl in cuicatl* (a flor e o canto), em que a flor e a natureza representam não só a vida da raça humana mas também seu espírito e sua relação com as forças divinas que a circundam. Portanto, estes poemas de caráter místico, escritos originalmente em náuatle, a língua de seus antepassados astecas, ao lado da tradução em espanhol, representam a continuação de uma voz que fora outrora conquistada, mas que surgira de novo como algo vivo que se recusa a morrer.

**Textos traduzidos:** As séries "Espiga de milho" e "Flor de morto": Hernández Ramírez, Juan. *Chikome xochitl/Siete flor*. México D.F.: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2007. Demais poemas: *Tlatlatok Tetl/Piedra Incendiada*. México D.F.: Escritores en Lenguas Indígenas, AC, 2010.

**Agradecimentos:** Ao poeta Juan Hernández Ramírez, pela concessão dos direitos de tradução e revisão dos originais.

**O AUTOR:** Juan Hernández Ramirez nasceu em maio de 1951, em Colatlán, Ixhuatlán de Madero, no estado mexicano de Veracruz. É professor e terminou seus estudos universitários em Língua y Literatura na Universidad Autónoma de Tlaxcala (México). Já publicou *Ahuatl ihuan sitlalimej/Encinos y estrellas*, *Chikome xochitl/Siete flor*, *Totomej intlajtol/La lengua de los pájaros* e *Tlatlatok Tetl/Piedra encendida*. Em 2006 recebeu o prêmio Nezahuacóyotl, concedido aos escritores indígenas mexicanos, do Consejo Nacional para La Cultura y las Artes, e em 2008 foi contemplado com o prêmio Continental "Canto de América de Literatura em Lenguas Indígenas", pelo livro *Tlatlatok Tetl/Piedra encendida*, concedido pela Asociación de Escritores en lenguas Indíegenas, A.C. e El Fondo nacional para La Cultura y las Artes.

**O TRADUTOR:** Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a (n.t.) já traduziu *O medo|Dxiibi*, de Víctor Cata; *Cantam os totonacas|Tlikgoy litutunakunín*, de Manuel Espinoza Sainos; e *Porque sou pagã|Why I am a Pagan*, de Zitkala-Ša.

# MIAUAXOCHITL

*"Ketsaltototl kitlalana ipatlanil,*
*uiuipika sintli ixouiyo."*

JUAN HERNÁNDEZ RAMÍREZ

**I**

Ipan ueyatl axiuitik sintli
Makuilxochitl kipatlaua imamal.

Kueponi miauatl.

Xali xochitl tiokuitlatik.

In ajuechkali
moxochitlakentijtok.

San eltok kuikatl tlatsotsontli.

**II**

Tlilelemeka tonatij itsonkal
ipan sintli itlakayo.

Moxochiotlaltok Xilonen.

Pankistok siltik tlilelemektli.

Tlixochitl
toselik nakayo.

Ketsalxochimej kali.

**III**

Chichiltik, yayauik, chipauak, kostik
ikuetlaxo itlapoyauilis.

Tlen sintli tlayoli.

Ika xochitl mokuachijchijtok Senteotl.

Kuika miauatototl.

In chalchiuitl uitsitsilij,
ika xochitl moiuintia.

**IV**

Kostik xochitl tlaixpaj.
Kantelaj tlauili. Kopalij ipokyo.

Tokistli tiochiualistli.

Tlali, se uinoj tlatsikuintli,
inik tlakatl seyok.

Xochimej, inik matlaeli.

Tlapojtok tlali, tlaoli kiselia.

V

Ipan youali tlakoyoyan kochki,

ajuechtli kiauitl issa.

Sintoktli.

Ipan kalejekatl yoltok.

Ipan tlauiltlapan moskaltia,
xochiketsal ikuaxanko.

Xoxoktik xiuitl papalotl.

**VI**

Ketsaltototl kitlalana ipatlanil,
uiuipika sintli ixouiyo.

Ipan xoxouik xopantla tlali
tlen tlauili kuauitl moskaltia.

Kuikaya Xochitototl.

Tlapouij xiuimej
ipan yolistli.

**VII**

Ipan tonatij ichaj yoltok.

Tlen yolistli tiokuitlatl yoltok,
kostik sintlayoli.

Xoxoktik mestli xiuimej
itsajla tiotlatik tlauili uiuipikaj.

Tsaktok xochikoskatl.

Patlantok uitsitsilij.

**SEMPOALXOCHITL**

**I**

Kikotl itlauil
ipan yayauik ejekatl.

In kostik xochitl.

Ipan ejekatl tiokuitlaxochipetlatl
tlen tlali iijtiko pamitl.

Tlauili iuan tsintlayouali,

Sempoalxochitl.

**II**

Ika kostik xochitl
kisusua kauitl Xiutekojtli.

Tlixochimej.

Sesentsitsij xochimej moilpiaj
ketsalijuitl kiijitiyouij
kalmiktlampa inik ojtli.

Xochikoskatl.

**III**

Ipan kostik tlailpili
tlen ikuaixuak tlajtsoyoj,
moketstok kauitl.

In mijkatsij xochimej,
tiopantlauili kitemouaj
ipan youalkali.

In tlanestli sitlalij, inik tonali.

**IV**

Tiitstokeya nikanij,
¿kanij tonejnemil techuikas?
¿uelis ipan tonatij iojui?

Tiitstokeya nikanij.
Kostik xochimej tijtlachiliaj
iijuiyo tonatitototl tikitaj.

¿Temiktli in yolistli?

V

Nejnemi Tlitekojtli
ika miktokej yaotlakamej
ika siuamej miktokej ipan mixiuili.

Sempoalxochitl xochimej
tlapalmej totomej,
konemej, siuamej iuan tlakamej.

Tonatij iixpaj iichaj.

**VI**

Ika totomej ejekatl iniuaya,
kuikatl iuan ajuechtli kimoyauaj.

Atl ikechkuayo.

Ipan yeuatsinko kuikaj texiuitik totomej,
tlen youaltotomej in tiotlak.

Tlauili iuan tsintlayouali.

Mikilistli iuan yolistli.

**VII**

Tiitstokejya nikanij
ika chichiltik xochitl titlakajtokej
ika kostik xochitl tikisteuasej.

In xiutototl techtlauilia
tlen mitlampa ojtli.

Ipan ojtli eltlapaltipaj tiyajtiasej
ika xochimej paxalouanij.

## YOUALI

No uiyontli ni kiljpia
ilimonkuatinij inmakuayotipaj.
itsintla youali kochmiktli nijteka
iuan ika nijtsontetonía
temitok mestli.

Ipan chopilimej motlajtlalochtia youali.

Kiajuaj mestli chichimej
kemaj kuatsajlaj moixnextia
inic tlachias
tlen tsintlayouali kitotoka
youaljtotomej.

kiijiti youali kauitl tokatl
ika istak tiokuitlatl iuan okuil ikpatl,
kiijiti tsintlayoualmej iuan sitlalimej
on tlanesis.

## XOCHIPITSAUAK SONES

### I

Xochimilchijketl kimati
tlen kaktok mochijtok xochitl.

Ixayotl itlapalis xochitl.

Koyoltototl kuikatl.

Tsojtsomotlali kalijtik tlauili.

Youalinchan nojia.

Tlen yolistli xochitl. Mikistli nojia.

**II**

Tlen nejnemi atlajxochtipaj xochitl
kampa uitsli nejnemi.

Kampa tlaueljchijketl ejekatl tlajtipaj
ika tepostlatekiloni tlateki.

Tlen tekokolia tlatsilintli xochitl
ika tlen se tsontli tostli ikuaj.

Tlen axtlami kokolis.

**III**

Kuika itlauil mestli totot,
ipan teskatl tekpan
kampa tlanesilajuechtli yoljtok.

Atl tlali tlen xochipetlatl
kuatitlan tlatsotsontli tlapetlantli
yamanik atlali tlajtlalochtli
ika xoxoktik-tiokuitlatl tlakilotl itlauitol.

**IV**

Tlen siuayoj tepetl
ika miauatl kueitl tlali
Tlen mijtotili chalchiotl siuatlalpan
ya, tlen tlapalkueitl
ika simolotl tototl kuikatl moijitok,
tlen tlatokxochitl kopalij iuan xochipetlatl.

Tlen mosajtok xochitl-siuatl.

V

Tlen ipan tlauitoli moitskitok mintli.

Totata tonatij, chimalij paxalojketl.
Miauatl tlatiochiuali iuan chimalxochimej
ika ikostik xochipetlatl mitlmej.

Itsajla se tlen nochimej yeualxochipetlatl

Tlatsintli tlauiljtlapetlantli ajuiyak

Xochil-tlali, tlakilotl, siuatl-tlakatl.

**VI**

Tentlatekiloni,
istetl tlapetlantli;
xochipetlatl tlajtlapaktik
tlen ipan santlami uajkatlaj yoli iuan miki.

Tiokuauitl tostli,
in tlatsilintli mikistli
ika kuakekele chokilistli motoktok.

**VII**

Tlen xochitl tlatlajko
tlali, in tlakatl,
san tlaeljtok.

In miktlampaj in uitstlampaj
Tonatij ikisayan iuan tonatij ikalakiaj
Ajkopa, tlatsintlaj, ikxitl

Tlauili, ayajtli, tlayouali.

# ESPIGA DE MAÍZ

*"Alza su vuelo el quetzal,*
*la hoja del maíz se estremece."*

JUAN HERNÁNDEZ RAMÍREZ

**ESPIGA DE MAÍZ**

**I**

Sobre el verde mar del maíz
su manto extiende Macuilxóchitl.

Brota la espiga.

Dorada flor de arena.

La casa de rocío
está vestida de flores.

Prevalece la música y el canto.

**II**

Arde la cabellera del sol
sobre el cuerpo del maíz.

Xilonen ha florecido.

La fina llama ha brotado.

Flor de fuego
nuestra tierna carne.

Casa de preciosas flores.

**III**

Amarillo, blanco, negro, rojo,
los matices de su piel.

El grano de maíz.

Centeotl, de flores está adornado.

Canta el pájaro espiga.

El colibrí de jade
se embriaga con las flores.

**IV**

Altar de flores amarillas.
Luz de velas. Humo de copal.

Rito de la siembra.

Un trago de aguardiente a la tierra,
otro para el hombre.

Para la abundancia, flores.

La tierra abierta, recibe la semilla.

V

Ha dormido en el lugar de la noche,

despierta bajo la lluvia del rocío.

La mata de maíz.

Vive en la casa de los vientos.

Crece en la tierra de luz,
regazo de Xochiquetzal.

Mariposa de hojas verdes.

**VI**

Alza su vuelo el quetzal,
la hoja del maíz se estremece.

En la tierra verde-primavera
crece el árbol de la luz.

Ya canta el pájaro flor.

Las hojas se abren
a la vida.

**VII**

Vive en la casa del sol.

El oro vivo de la vida,
dorada semilla de maíz.

Las hojas verde-luna
tiemblan bajo la luz atardecida.

Se ha cerrado el collar de flores.

El colibrí ha volado.

## FLOR DE MUERTO

### I

Luz de luciérnaga
en el viento negro.

La flor amarilla.

Pétalos de oro al viento
dentro del surco de la tierra.

Oscuridad y luz,

Sempoalxochitl.

**II**

Con flores amarillas
Xiutecojtli engarza el tiempo.

Flores de fuego.

Una a una se anudan las flores
tejiendo el fino plumaje
para el camino a casa de la muerte.

Collar de flores.

**III**

En el nudo amarillo
bordado en la frente,
se ha detenido el tiempo.

Las flores de la muerte,
buscan el templo de la luz
en la casa de la noche.

Para el espíritu, la estrella del alba.

IV

Ya estamos aquí,
¿dónde nuestros pasos nos llevarán?
¿acaso por los caminos del sol?

Ya estamos aquí.
Contemplamos las flores amarillas,
miramos el plumaje del pájaro sol.

¿Es la vida sueño?

V

El Señor del fuego camina
con los guerreros muertos,
con las mujeres en el parto muertas.

Son flores de cempoalxóchitl
las aves de colores,
los niños, mujeres y hombres.

Su hogar de cara al sol.

**VI**

El viento aliado con los pájaros,
esparcen el canto y el rocío.

La garganta es de agua.

Cantan pájaros azules en la aurora,
la tarde es de las nocturnas aves.

Luz y oscuridad.

Muerte y vida.

**VII**

Ya estamos aquí
con flores rojas hemos nacido,
con flores amarillas hemos de partir.

El pájaro solar "xiutototl" nos alumbra
camino a la morada de los muertos.

Nos hemos de ir en alas por la senda,
con las viajeras flores.

## LA NOCHE

Amarro mi hamaca
en la rama de los limoneros.
acuesto mis sueños bajo la noche
y pongo de almohada
a la luna llena.

La noche trota en sus grillos.

Los perros ladran a la luna
cuando se asoma entre el follaje
para mirar
a las sombras que persiguen
a las aves nocturnas.

La araña del tiempo teje la noche
con hilos de seda y plata,
teje estrellas y sombras
hasta el amanecer.

## SON XOCHIPITSAUAK

### I

El jardinero sabe
de la flor hecha de silencios.

Flor color de lágrimas.

Canto de jilguero.

Luz interior cincelada.

También casa de la noche.

Flor que es nacimiento. También muerte.

**II**

Flor que camina por el cauce
donde transitan las espinas.

Lugar donde el viento ruidoso
corta con el filo de navaja.

Flor que lastima en cada nota
con su madera de cuatrocientas voces.

Dolor que no acaba.

**III**

Pájaro-Luna canta su luz
en el palacio de los espejos
donde vive el rocío del alba.

Pétalos de tierra-agua,
resplandor de música montuna
al trote suave del humus
con su arco de fruta verde-oro.

**IV**

Montaña de la feminidad
tierra con falda de espiga.
Mujer territorio de jade y danza
ella, la de la falda de chizo
tejida con trinos de mazorca,
copal y pétalos de flor de siembra.

Mujer-flor que ayuna.

V

Flecha sostenida en el arco.

Padre sol, viajero escudo.
Oración de la espiga y girasoles
con sus dardos de pétalos amarillos.

Una entre todas las corolas.

Fragante iridiscencia de sonidos.

Flor-tierra, fruto, mujer-hombre.

**VI**

Es filo,
es destello de obsidiana;
quebradizo pétalo
que nace y muere en el abismo.

Voz de cedro,
la mortal nota
sepultada con llanto de violines.

**VII**

El centro de la flor,
la tierra, el hombre,
el equilibrio.

Es el norte, el sur
el este y el oeste.
Arriba, abajo, el ombligo.

Luz, niebla, obscuridad.

# ESPIGA DE MILHO

*"Levanta voo o quetzal,*
*a folha do milho se estremece."*

JUAN HERNÁNDEZ RAMÍREZ

**ESPIGA DE MILHO**

I

Sobre o verde mar do milharal
estende o seu manto Macuilxóchitl.[1]

Brota a espiga.

Dourada flor de areia.

A casa de orvalho
está vestida de flores.

Prevalece a música e o canto.

[1] *Macuilxóchitl*: nome de uma deidade das flores, que significa "Cinco Flor". *In.* González Torres, Yólotl. *Diccionario de Mitología y Religión de Mesoamérica*. México, D.F.: Larousse, 1995.

**II**

Arde a cabeleira do sol
sobre o corpo do milho.

Xilonen[2] floresceu.

A fina chama brotou.

Flor de fogo
nossa terna carne.

Casa de preciosas flores.

[2] *Xilonen*: espiga de milho deificado (González Torres, 1995).

**III**

Amarelo, branco, preto, vermelho,
os matizes de sua pele.

O grão de milho.

Centeotl[3], de flores está adornado.

Canta o pássaro espiga.

O beija-flor de jade
embriaga-se com as flores.

[3] *Centeotl*: Deus do milho, de *centli*, milho, e *teotl*, Deus. *In.* Sahagún, Fray Bernadino. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Tomo III. México D.F.: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2000, p. 1255.

**IV**

Altar de flores amarelas.
Luz de velas. Fumo de copal.[4]

Rito de semeadura.

Um gole de aguardente para a terra,
outro para o homem.

Para a abundância, flores.

A terra aberta, recebe a semente.

[4] *Copal*: do náuatle *copalli*, incenso feito da resina de certas árvores, usado geralmente em cerimônias religiosas ou no Dia de Finados. (n.t.)

V

Dorme no lugar da noite,

desperta sob a chuva do orvalho.

O arbusto de milho.

Vive na casa dos ventos.

Cresce na terra de luz,
regaço de Xochiquetzal.[5]

Borboleta de folhas verdes.

[5] *Xochiquetzal*: Deusa do amor e da beleza e dos afazeres do lar (González Torres, 1995).

**VI**

Levanta voo o quetzal,
a folha do milho se estremece.

Na terra verde-primavera
cresce a árvore da luz.

Já canta o pássaro flor.

As folhas se abrem
à vida.

**VII**

Vive na casa do sol.

O ouro vivo da vida,
dourada semente de milho.

As folhas verde-lua
tremem sob a luz vespertina.

Fechou-se o colar de flores.

O beija-flor voou.

**FLOR DO MORTO** [6]

**I**

Luz de vaga-lume
no negro vento.

A flor amarela.

Pétalas de ouro ao vento
dentro do sulco da terra.

Escuridão e luz,

Sempoalxóchitl.

[6] Conhecida em náuatle como "sempoalxóchitl", a "flor do morto" (*tagetes erecta*) é utilizada para adornar altares ou oferendas que se põem nas casas para os mortos no Dia de Finados. (n.t.)

**II**

Com flores amarelas
Xiutecojtli[7] enlaça o tempo.

Flores de fogo.

Uma a uma se enodam as flores
tecendo a fina plumagem
em direção à casa da morte.

Colar de flores.

[7] *Xiutecojtli*: Deus do fogo e do ano, também conhecido como "Xiutecuhtli" (González Torres, 1995).

**III**

No nó amarelo
bordado na fronte,
deteu-se o tempo.

As flores da morte,
buscam o templo da luz
na casa da noite.

Para o espírito, a estrela da aurora.

**IV**

Já estamos aqui,
para onde nossos passos nos levarão?
talvez pelos caminhos do sol?

Já estamos aqui.
Contemplamos as flores amarelas,
olhamos a plumagem do pássaro do sol.

É a vida um sonho?

V

O Senhor do fogo caminha
com os guerreiros mortos,
com as mulheres no parto mortas.

São flores de cempoalxóchitl[8]
as aves coloridas,
as crianças, mulheres e homens.

Seu lar de frente ao sol.

[8] Breve variação ortográfica de "sempoalxóchitl", conforme o poema I da série "Flor do morto" (p. 105). (n.t.)

**VI**

O vento aliado aos pássaros,
espalham o canto e o orvalho.

A garganta é d'água.

Os pássaros azuis cantam na aurora,
a tarde é das aves noturnas.

Luz e escuridão.

Morte e vida.

**VII**

Já estamos aqui
com flores vermelhas nascemos,
com flores amarelas havemos de partir.

O pássaro solar "xiutototl"[9] nos ilumina
em direção à morada dos mortos.

Havemos de ir com asas pela senda,
com as flores viajantes.

[9] *Xiutototl*: literalmente, "ave de fogo" (*continga amabilis*), pássaro azul da América Central. (n.t.)

**A NOITE**

Amarro minha rede
no galho dos limoeiros,
deito meus sonhos sob a noite
e uso como travesseiro
a lua cheia.

A noite trota de grilos.

Os cães ladram à lua
quando surge entre a folhagem
para olhar
as sombras que perseguem
as aves noturnas.

A aranha do tempo tece a noite
com fios de seda e prata,
tece estrelas e sombras
até o amanhecer.

## MÚSICA DE XOCHIPITSAUAK[10]

### I

O jardineiro sabe
da flor feita de silêncios.

Flor de cor de lágrimas.

Canto do pintassilgo.

Luz interior cinzelada.

Também casa da noite.

Flor que é nascimento. Também da morte.

[10] *Xochipitsauak*: literalmente, "flor pequenina". Representa a música e as danças das cerimônias da vida social. (n.t.)

**II**

Flor que caminha pelo leito
onde transitam os espinhos.

Lugar onde o vento ruidoso
corta como o fio da navalha.

Flor que fere em cada nota
com sua madeira de quatrocentos vozes.

Dor que não acaba.

**III**

Pássaro-Lua canta sua luz
no palácio dos espelhos
onde mora o orvalho da aurora.

Pétalas de terra-água
resplendor de música do monte
ao ritmo suave do húmus
com seu arco de fruta verde-ouro.

**IV**

Montanha da feminilidade
terra com saia de espiga.
Mulher território de jade e dança
ela, a da saia de *chizo*[11]
tecida com o trino da maçaroca,
copal e pétalas de flor para semear.

Mulher-flor que jejua.

[11] *Chizo*: antigamente, saia com bordados feita de fios de algodão que a própria mulher colhia. Aparentemente, o termo não tem tradução equivalente. (n.a.)

V

Flecha sustida no arco.

Padre sol, escudo viajante.
Oração da espiga e dos girassóis
com seus dardos de pétalas amarelas.

Uma entre todas as corolas.

Fragrante iridescência de sons.

Flor-terra, fruto, mulher-homem.

**VI**

É gume,
é lampejo de obsidiana;
quebradiça pétala
que nasce e morre no abismo.

Voz de cedro,
a mortal nota
sepultada com o pranto dos violinos.

**VII**

O centro da flor,
a terra, o homem
o equilíbrio.

É o norte, o sul
o leste e o oeste.
Acima, abaixo, o umbigo.

Luz, névoa, obscuridade.

# prosa poética

(n.t.) | Sibiu

# Os cantos de Bilítis

## Pierre Louÿs

**O texto:** Idealizados como uma brilhante mistificação literária, *Os cantos de Bilítis* tornaram o seu autor mundialmente conhecido. Fazendo-se passar por Bilítis, linda cortesã e talentosa poetisa que teria sido contemporânea de Safo de Lesbos (século VI a.C.), Pierre Louÿs criou uma obra tão semelhante aos textos originais da tradição grega que mesmo os estudiosos da Antiguidade clássica acreditaram em sua autenticidade. Mais tarde o escritor reconheceu que a primeira publicação d'*Os cantos* era apenas um trote, contudo a popularidade deles não diminuiu em razão disso. Traduzido para dezenas de línguas, ilustrado por grandes artistas plásticos, como Willy Pogany e Jean Lébédeff, e levado por David Hamilton às telas de cinema, esse "romance lírico" continua a sensibilizar os leitores do mundo inteiro.

**Texto traduzido:** *Les chansons de Bilitis traduites du grec par Pierre Louÿs*. Paris, 1898 (10ª edição francesa); texto reproduzido: Louÿs, Pierre. *Os cantos de Bilítis*. Trad. de Oleg Almeida. Ibis Libris: Rio de Janeiro, 2011.

**O autor:** Pierre Félix Louis, mais conhecido como Pierre Louÿs, nasceu em 10 de dezembro de 1870, na cidade belga de Gant. Estreando em 1892 com a coletânea poética *Astarteia*, lançou, a seguir, sua opera magna, *Os cantos de Bilítis* (1894), e seu melhor romance *Afrodite*, cujas vendas somaram 31 mil exemplares tão só no ano de 1896, cifra colossal para os padrões do século XIX. Nenhum dos seus livros posteriores, sejam romances (*A mulher e o fantoche*, 1898; *As aventuras do Rei Pausole*, 1901; *Três filhas de sua mãe*, 1926), artigos críticos (*Molière é uma obra-prima de Corneille*, 1919) ou escritos obscenos (*Manual de civilidade para as mocinhas...*, 1926; *Doze dúzias de diálogos ou Pequenas cenas amorosas*, 1927), teve igual sucesso. Arruinado e quase esquecido nos últimos anos de sua vida, Pierre Louÿs faleceu em Paris, em 4 de junho de 1925. Suas *Obras Completas* vieram a lume postumamente.

**O tradutor:** Nascido na Bielorrússia (1971) e radicado no Brasil, Oleg Almeida é poeta lusófono e tradutor. Publicou os livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (2008) e *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (2011), e traduziu diversas obras do russo e do francês. Sua tradução d'*Os cantos de Bilítis* foi lançada pela editora Ibis Libris, em 2011. Para a (n.t.) traduziu *Canções alexandrinas* | *Александрийские песни*, de Mikhail Kuzmin; *A flor vermelha* | *Красный цветок*, de Vsêvolod Gárchin; e *O Zoo* | *Зверинец*, de Velimir Khlêbnikov.

# LES CHANSONS DE BILITIS

*"Le vent qui respire est mon haleine.*
*Le parfum qui passe est mon désir."*

PIERRE LOUŸS

## 100. HYMNE À LA NUIT

Les masses noires des arbres ne bougent pas plus que des montagnes. Les étoiles emplissent un ciel immense. Un air chaud comme un souffle humain caresse mes yeux et mes joues.

Ô Nuit qui enfantas les Dieux! comme tu es douce sur mes lèvres! comme tu es chaude dans mes cheveux! comme tu entres en moi ce soir, et comme je me sens grosse de tout ton printemps!

Les fleurs qui vont fleurir vont toutes naître de moi. Le vent qui respire est mon haleine. Le parfum qui passe est mon désir. Toutes les étoiles sont dans mes yeux.

Ta voix, est-ce le bruit de la mer, est-ce le silence de la plaine? Ta voix, je ne la comprends pas, mais elle me jette la tête aux pieds et mes larmes lavent mes deux mains.

## 102. LA MER DE KYPRIS

Sur le plus haut promontoire je me suis couchée en avant. La mer était noire comme un champ de violettes. La voie lactée ruisselait de la grande mamelle divine. Mille Ménades autour de moi dormaient dans les fleurs déchirées. Les longues herbes se mêlaient aux chevelures. Et voici que le soleil naquit dans l'eau orientale.

C'étaient les mêmes flots et le même rivage qui virent un jour apparaître le corps blanc d'Aphroditê... Je cachai tout à coup mês yeux dans mes mains.

Car j'avais vu trembler sur l'eau mille petites lèvres de lumière: le sexe pur ou le sourire de Kypris Philommeïdès.

## 106. JE CHANTE MA CHAIR ET MA VIE

Certes je ne chanterai pas les amantes célèbres. Si elles ne sont plus, pourquoi en parler? Ne suis-je pas semblable à elles? N'ai-je pas trop de songer à moi-même? Je t'oublierai, Pasiphaë, bien que ta passion fût extrême. Je ne te louerai pas, Syrinx, ni toi, Byblis, ni toi, par la déesse entre toutes choisie, Hélène aux bras blancs! Si quelqu'un souffrit, je ne le sens qu'à peine. Si quelqu'un aima, j'aime davantage. Je chante ma chair et ma vie, et non pas l'ombre stérile des amoureuses enterrées. Reste couché, ô mon corps, selon ta mission voluptueuse! Savoure la jouissance quotidienne et les passions sans lendemain. Ne laisse pas une joie inconnue aux regrets du jour de ta mort.

## 110. LES BIJOUX

Un diadème d'or ajouré couronne mon front étroit et blanc. Cinq chaînettes d'or, qui font le tour de mes joues et de mon menton, se suspendent aux cheveux par deux larges agrafes.

Sur mes bras qu'envierait Iris, treize bracelets d'argent s'étagent. Qu'ils sont lourds! Mais ce sont des armes; et je sais une ennemie qui en a souffert.

Je suis vraiment toute couverte d'or. Mes seins sont cuirassés de deux pectoraux d'or. Les images des dieux ne sont pas aussi riches que je le suis.

Et je porte sur ma robe épaisse une ceinture lamée d'argent. Tu pourras y lire ce vers: «Aime-moi éternellement; mais ne sois pas affligé si je te trompe trois fois par jour.»

## 114. VOLUPTÉ

Sur une terrasse blanche, la nuit, ils nous laissèrent évanouies dans les roses. La sueur chaude coulait comme des larmes, de nos aisselles sur nos seins. Une volupté accablante empourprait nos têtes renversées. Quatre colombes captives, baignées dans quatre parfums, voletèrent au-dessus de nous en silence. De leurs ailes, sur les femmes nues, ruisselaient des gouttes de senteur. Je fus inondée d'essence d'iris.

Ô lassitude! je reposai ma joue sur le ventre d'une jeune fille qui s'enveloppa de fraîcheur avec ma chevelure humide. L'odeur de sa peau safranée enivrait ma bouche ouverte. Elle ferma sa cuisse sur ma nuque. Je dormis, mais un rêve épuisant m'éveilla: l'iynx, oiseau des désirs nocturnes, chantait éperdument au loin. Je toussai avec un frisson. Un bras languissant comme une fleur s'élevait peu à peu vers la lune, dans l'air.

## 117. LE TRIOMPHE DE BILITIS

Les processionnaires m'ont portée en triomphe, moi, Bilitis, toute nue sur un char en coquille où des esclaves, pendant la nuit, avaient effeuillé dix mille roses. J'étais couchée, les mains sous la nuque, mes pieds seuls étaient vêtus d'or, et mon corps s'allongeait mollement, sur le lit de mes cheveux tièdes mêlés aux pétales frais. Douze enfants, les épaules ailées, me servaient comme une déesse; les uns tenaient un parasol, les autres me mouillaient de parfums, ou brûlaient de l'encens à la proue. Et autour de moi j'entendais bruire la rumeur ardente de la foule, tandis que l'haleine des désirs flottait sur ma nudité, dans les brumes bleues des aromates.

## 125. LA CEINTURE CHAUDE

« Tu crois que tu ne m'aimes plus, Téléas, et depuis un mois tu passes tes nuits à table, comme si les fruits, les vins, les miels pouvaient te faire oublier ma bouche. Tu crois que tu ne m'aimes plus, pauvre fou!»

Disant cela, j'ai dénoué ma ceinture en moiteur et je l'ai roulée autour de sa tête. Elle était toute chaude encore de la chaleur de mon ventre; le parfum de ma peau sortait de ses mailles fines.

Il la respira longuement, les yeux fermés, puis je sentis qu'il revenait à moi et je vis même très clairement ses désirs réveillés qu'il ne me cachait point, mais, par ruse, je sus résister.

«Non, mon ami. Ce soir, Lysippos me possède. Adieu!» Et j'ajoutai en m'enfuyant: «Ô gourmand de fruits et de légumes! le petit jardin de Bilitis n'a qu'une figue, mais elle est bonne.»

## 128. THÉRAPEUTIQUE

Ô Asklêpios, sois-moi propice, ô dieu de la santé divine, le jour où l'éternelle nuit noire menacera mes yeux effrayés; car le poison de ma beauté, un jour, a servi de remède.

On m'avait mandée en costume dans la chambre d'un jeune homme que les femmes ne tentaient point. Des caleçons crevés se collaient à mes cuisses, et mes seins jaillissaient nus d'une brassière brodée d'or.

J'ai dansé selon le rite au son des crotales, les douze désirs d'Aphroditê. Et voici que l'amour est entré en lui tout à coup, et sur le lit de sa virginité j'ai recommencé toute la danse.

«Tu sais te faire aimer, disait-il, mais tu n'en es pas émue. Que faut-il faire pour que tu m'aimes?» Je le regardai plus loin que les yeux et je lui dis avec lenteur: «T'imaginer que tu es femme.»

## 136. CHANSON

Le premier me donna un collier, un collier de perles qui vaut une ville, avec les palais et les temples, et les trésors et les esclaves.

Le second fit pour moi des vers. Il disait que mes cheveux sont noirs comme ceux de la nuit sur la mer et mes yeux bleus comme ceux du matin.

Le troisième était si beau que sa mère ne l'embrassait pas sans rougir. Il mit ses mains sur mes genoux, et ses lèvres sur mon pied nu.

Toi, tu ne m'as rien dit. Tu ne m'as rien donné, car tu es pauvre. Et tu n'es pas beau, mais c'est toi que j'aime.

## 137. CONSEILS À UN AMANT

Si tu veux être aimé d'une femme, ô jeune ami, quelle qu'elle soit, ne lui dis pas que tu la veux, mais fais qu'elle te voie tous les jours, puis disparais, pour revenir.

Si elle t'adresse la parole, sois amoureux sans empressement. Elle viendra d'elle-même à toi. Sache alors la prendre de force, le jour où elle entend se donner.

Quand tu la recevras dans ton lit, néglige ton propre plaisir. Les mains d'une femme amoureuse sont tremblantes et sans caresses. Dispense-les d'être zélées.

Mais toi, ne prends pas de repos. Prolonge les baisers à perte d'haleine. Ne la laisse pas dormir, même si elle t'en prie. Baise toujours la partie de son corps vers laquelle elle tourne les yeux.

## 153. LA COLOMBE

Depuis longtemps déjà je suis belle; le jour vient où je ne serai plus femme. Et alors je connaîtrai les souvenirs déchirants, les brûlantes envies solitaires et les larmes dans les mains.

Si la vie est un long songe, à quoi bon lui résister? Maintenant, quatre et cinq fois la nuit je demande la jouissance amoureuse, et quand mes flancs sont épuisés je m'endors où mon corps retombe.

Au matin, j'ouvre les paupières et je frissonne dans mes cheveux. Une colombe est sur ma fenêtre; je lui demande en quel mois nous sommes. Elle me dit: «C'est le mois où les femmes sont en amour.»

Ah! quel que soit le mois, la colombe dit vrai, Kypris! Et je jette mes deux bras autour de mon amant, et avec de grands tremblements j'étire jusqu'au pied du lit mes jambes encore engourdies.

## 154. LA PLUIE AU MATIN

La nuit s'efface. Les étoiles s'éloignent. Voici que les dernières courtisanes sont rentrées avec les amants. Et moi, dans la pluie du matin, j'écris ces vers sur le sable.

Les feuilles sont chargées d'eau brillante. Des ruisseaux à travers les sentiers entraînent la terre et les feuilles mortes. La pluie, goutte à goutte, fait des trous dans ma chanson.

Oh! que je suis triste et seule ici! Les plus jeunes ne me regardent pas; les plus âgés m'ont oubliée. C'est bien. Ils apprendront mes vers, et les enfants de leurs enfants. Voilà ce que ni Myrtalê, ni Thaïs, ni Glykéra ne se diront, le jour où leurs belles joues seront creuses. Ceux qui aimeront après moi chanteront mes strophes ensemble.

# OS CANTOS DE BILÍTIS

*"O vento que respira é meu alento.*
*O perfume que passa é meu desejo."*

PIERRE LOUŸS

## 100. HINO À NOITE

As massas negras das árvores não se movem mais, iguais às montanhas. Os astros enchem um céu imenso. O ar cálido como um sopro humano acaricia meus olhos e minhas faces.

Ó Noite que deste à luz os Deuses! Como tu estás doce sobre meus lábios; como tu estás quente nos meus cabelos; como tu entras em mim agora, e como me sinto grávida de toda a tua primavera!

As flores que florescerem vão todas nascer de mim. O vento que respira é meu alento. O perfume que passa é meu desejo. Todas essas estrelas estão nos meus olhos.

E tua voz, será o barulho do mar, será o silêncio do campo? Eu não compreendo a tua voz, mas ela me faz delirar, e as lágrimas lavam as minhas mãos.

## 102. O MAR DE KYPRIS[1]

Em cima do promontório mais alto, deitei-me de bruços. O mar estava bem negro, igual a um campo de violetas. A via láctea escorria do grande mamilo divino. Mil Mênades[2] dormiam ao meu redor sobre as flores rotas. As ervas compridas se misturavam às cabeleiras. E eis que o sol nasceu das águas do Oriente.

Eram as mesmas ondas e a mesma costa que viram, um dia, aparecer o corpo branco de Aphroditê... Tapei, de repente, os olhos com minhas mãos.

É que tinha visto tremerem, lá n'água, mil lábios pequenos de luz: o sexo puro ou o sorriso de Kypris Philommeídes[3].

[1] *Kypris*, isto é, *Chipriana*: um dos epítetos de Afrodite cujo culto teve início na ilha de Chipre (n.t.)
[2] *Mênades*, isto é, *bacantes*: na mitologia grega, ninfas campestres que participavam das festas de Dionísio (n.t.)
[3] Kypris-que-gosta-de-sorrisos: um dos epítetos de Afrodite nas práticas religiosas gregas (n.t.)

## 106. EU CANTO A MINHA CARNE E MINHA VIDA

Claro que não cantarei as amantes célebres. Se não estão mais aqui, para que falar delas? Não sou semelhante a elas, eu mesma? Não sonho demais comigo? Vou esquecer-te, ó Pasipháe[4], se bem que tua paixão tenha sido extrema. Não te louvarei, Syrinx[5], nem a ti, Byblis[6], nem a ti, pela deusa entre nós todas eleita, Helene[7] dos braços alvos! Se alguém sofreu, só sinto um pouco de seu sofrimento. Se alguém amou, amo mais do que ele. Eu canto a minha carne e minha vida, e não a sombra estéril das amorosas já enterradas. Fica deitado, meu corpo, conforme a tua missão lasciva! Fica saboreando o gozo cotidiano e as paixões sem futuro. Não deixes uma alegria desconhecida aos pesares do dia de tua morte.

[4] Pasipháe, isto é, *Pasíphae*: na mitologia grega, esposa de Minos, rei de Creta, que se apaixonou por um touro sagrado e deu à luz um ser metade bovino metade humano: o Minotauro (n.t.)

[5] *Syrinx*, isto é, *Siringe*: na mitologia grega, ninfa que se transformou num caniço para escapar à lascívia de Pã, o qual fez daquele caniço uma flauta (sirinx) (n.t.)

[6] *Byblis*: na mitologia grega, moça que se suicidou por amor ao seu irmão e foi transformada numa fonte (n.t.)

[7] *Helene*, isto é, *Helena de Troia*: segundo os mitos gregos, a mais bela mulher do mundo, esposa do rei espartano Menelau, cuja fuga com o príncipe troiano Páris provocou a guerra de Troia (n.t.)

## 110. AS JOIAS

Um diadema d'ouro arrendilhado coroa a minha testa estreita e branca. Cinco cadeiazinhas d'ouro contornam as minhas faces e o meu queixo, e ficam suspensas em meus cabelos com duas grandes fivelas.

Sobre meus braços que invejaria Íris[8], treze pulseiras de prata se amontoam. Como elas estão pesadas! Mas são minhas armas: conheço uma inimiga que já padeceu com elas.

Estou realmente toda coberta d'ouro. Meus seios estão revestidos com dois peitorais dourados. Nem as imagens dos deuses são tão ricas como eu fico.

E uso, por cima do meu espesso vestido, um cinto tecido de prata. Nele poderás ler este verso: "Eternamente me ama, mas não te aflijas se eu te trair três vezes por dia."

[8] *Íris*: na mitologia grega, personificação do arco-íris e mensageira dos deuses (n.t.)

## 114. VOLÚPIA

Numa varanda branca, de noite, eles nos deixaram esmaecidas nas rosas. O suor quente corria, igual às lágrimas, das axilas por sobre os nossos seios. Uma pesada volúpia purpureava as nossas cabeças caídas. Quatro pombinhas cativas, banhadas em quatro perfumes, esvoaçavam em cima de nós, em silêncio. As gotas cheirosas pingavam das suas asas sobre as nuas mulheres. E eu estava nadando numa essência d'íris.

Ó lassidão! Repousei minha face no ventre duma garota que se envolveu em frescor com a minha úmida cabeleira. O cheiro de sua pele açafranada inebriava meus lábios abertos. Ela fechou a coxa sobre a minha nuca. Adormeci, mas um sonho extenuante me acordou: a iynx, ave dos desejos noturnos, cantava perdidamente ao longe. E eu tossi, tiritando. Um lânguido braço se elevava aos poucos, como uma flor, para a lua.

## 117. O TRIUNFO DE BILÍTIS

A procissão me levou em triunfo — a mim, Bilítis, toda desnuda num carro em forma de concha em que os escravos haviam despetalado, durante a noite, dez mil rosas. Estava deitada, as mãos sob a nuca; somente meus pés estavam cobertos d'ouro, e o meu corpo se repimpava languidamente na cama de meus cabelos tépidos, misturados com pétalas frescas. Doze meninos de ombros alados serviam-me como uma deusa: uns segurando a minha sombrinha, os outros molhando-me de perfumes ou requeimando incenso na proa. E eu ouvia, ao meu redor, murmurar o ruído ardente da multidão, enquanto o hálito dos desejos pairava sobre a minha nudez, nas brumas azuis dos aromas.

## 125. O CINTO QUENTE

"Tu achas, Teléas, que não me ames e, faz um mês, passas as noites à mesa, como se tuas frutas e méis e vinhos pudessem fazer-te esquecer minha boca. Achas que não me ames mais, pobre louco!"

Dizendo isso, eu desatei o meu cinto suado e coloquei-o em volta de sua cabeça. O cinto estava bem quente ainda com o calor do meu ventre, e o perfume de minha pele saía das suas malhas delgadas.

Teléas o respirou longamente, de olhos fechados; depois eu senti que ele voltava a mim e mesmo vi claramente os seus desejos despertos que não me escondia, porém resisti por malícia.

"Não, meu amigo. Lysippos é que me possui esta noite. Adeus!" E, indo embora, acrescentei: "Ó amante das frutas e dos legumes! Tem só um figo o pequeno jardim de Bilítis, mas ele está doce."

## 128. TERAPÊUTICA

Asklepiós[9], ó deus da saúde divina, sê-me propício no dia em que as eternas trevas ameaçarem meus olhos apavorados, pois o veneno da minha beleza, um dia, serviu de remédio.

Haviam-me convidado, de fantasia, para o quarto dum moço que as mulheres não atraíam nada. Uma calça crivada moldava as minhas coxas, e os meus seios faiscavam nus duma camiseta toda bordada d'ouro.

Segundo o rito, dancei, ao som dos crótalos[10], os doze desejos de Aphroditê. E eis que o amor entrou, de repente, nele, e sobre o leito de sua candura recomecei toda a dança.

"Tu sabes fazer-te amar, disse ele, mas não estás nem um pouco emocionada. O que preciso fazer para que me ames?" Olhei para ele mais longe do que nossos olhos viam, e lentamente lhe disse: "Imaginar que tu sejas mulher."

[9] *Asklepiós*, isto é, *Asclépio*: deus grego da medicina e da cura (n.t.)
[10] *Crótalos*: antigos instrumentos de percussão feitos de madeira ou de marfim (n.t.)

## 136. CANÇÃO

O primeiro me deu um colar, um colar de pérolas que valia uma cidade com seus palácios e templos, tesouros e escravos.

O segundo fez para mim uns versos. Ele dizia que meus cabelos eram negros como os da noite sobre o mar, e meus olhos, azuis como os da manhã.

O terceiro era tão lindo que a mãe dele corava ao abraçá-lo. Ele me pôs as mãos nos joelhos, beijou-me o pé descalço.

Tu não me disseste nada. Tu não me deste nada, porque és pobre. E não és lindo, mas é a ti que eu amo.

## 137. CONSELHOS A UM AMANTE

Se quiseres, ó jovem amigo, que uma mulher te ame, seja ela quem for, não lhe digas que a desejas, mas faz com que ela te veja todos os dias, depois vai embora para voltares.

Se ela te dirigir a palavra, sê amoroso sem pressa alguma. Ela virá, por si mesma, a ti. Sabe, então, tomá-la com força, no dia em que ela quiser entregar-se.

Quando a receberes na tua cama, negligencia teu próprio prazer. As mãos duma mulher amorosa estão trementes e sem carícias. Dispensa-as de serem zelosas.

E quanto a ti, não descanses. Prolonga os beijos até se perder o fôlego. Não a deixes dormir, mesmo que ela te peça. E beija sempre aquela parte do corpo para a qual se virarem os olhos dela.

## 153. A POMBA

Já faz muito tempo que estou bonita. O dia está chegando em que não serei mais mulher. Conhecerei, então, as lembranças dilacerantes e os ardentes desejos em solidão, e as lágrimas a molhar-me as mãos.

Se a vida for um sonho comprido, para que resistir a ela? Agora, quatro ou cinco vezes por noite eu peço o prazer amoroso e adormeço, uma vez esgotados meus flancos, lá onde recai o meu corpo.

De manhã cedo, abro as pálpebras e estremeço em meus cabelos desfeitos. Há uma pomba na minha janela; pergunto-lhe em que mês estamos. E ela me diz: "É o mês em que as mulheres estão amando."

Ah, seja qual for o mês, a pomba fala verdade, ó Kypris! E enlaço mais um amante com ambos os braços e, toda tremendo, estico as minhas pernas ainda bem torneadas ao longo da cama.

## 154. A CHUVA AO AMANHECER

A noite está indo embora. Afastam-se as estrelas. As últimas cortesãs retornaram com os amantes. E eu, nesta chuva d'amanhecer, escrevo meus versos na areia.

As folhas estão carregadas d'água brilhante. Os córregos vêm arrastando terra e folhas mortas pelas veredas. A chuva faz, gota a gota, buracos na minha canção.

Oh, como estou sozinha e triste aqui! Os mais novos sequer me olham, e os mais velhos já me esqueceram. Pois bem. Eles aprenderão estes versos, e os filhos dos filhos deles. Eis o que nem Myrtalê nem Thaís nem Glykéra[11] dirão no dia em que suas lindas faces ficarem cavadas. Os que amarem depois de mim cantarão estas minhas estrofes juntos.

[11] *Myrtalê*, *Thaís*, *Glykéra*: célebres cortesãs da Antiguidade grega (n.t.)

# ESTILHAÇOS DE NOITE

## GEORGE BACOVIA

**O TEXTO:** Os quatro poemas em prosa aqui apresentados ao leitor constituem parte dos oito textos que compõem o volume "Bucăți de noapte", publicado no fim de 1926, graças aos esforços da esposa do poeta, Agatha Grigorescu, poetisa também ela, e grande entusiasta da criação do marido. Os textos, publicados previamente em revistas literárias romenas, respectivamente em 1923 ("Tarde" e "Na Cafeteria"), 1918 ("Em vão") e 1915 ("O Cubo Negro"), adquiriram sua versão definitiva apenas em 1944, com a publicação do volume *Obras*. Bacovia em geral não é lembrado por sua prosa, e são poucos os seus admiradores, mesmo romenos, que conhecem essa sua faceta. A prosa aqui representada é composta por elementos decadentes de uma delicadeza que nada fica a dever a seus mais conhecidos poemas.

**Texto traduzido:** Bacovia, George. *Opere*. Bucareste: Univers Enciclopedic, 2001. Edição realizada em colaboração com a Academia Romena.

**O AUTOR:** Considera-se que George Bacovia (1881-1957), escritor e poeta romeno, se formou na escola do simbolismo literário francês. Tanto sua prosa como sua poesia se baseiam numa técnica única na literatura romena, com visíveis influências dos maiores autores líricos modernos franceses, por ele admirados. Inicialmente desprezado pela crítica, o singular Bacovia era rotulado com dificuldade, de simbolista, neo-simbolista, a supra-realista, expressionista e existencialista, até finalmente ser aclamado, postumamente, como um dos maiores poetas modernistas romenos. Paradoxo da modernidade, em que a biografia individual do artista costuma ultrapassar em intensidade sua própria obra, o pacato Bacovia esteve longe de ter uma vida à altura de sua criação, embebida numa atmosfera única no contexto literário romeno.

**O TRADUTOR:** Fernando Klabin, paulistano, mora desde 1997 em Bucareste. Além de já ter traduzido para o português textos dos Irmãos Grimm, Arthur Koestler, Robert Graves, Georg Trakl e outros, tem procurado difundir no Brasil obras representativas do pensamento e da cultura romenos. Nesse contexto, traduziu "As seis doenças do espírito contemporâneo" (Record, 1999) de Constantin Noica, "Senhorita Christina" (Tordesilhas, 2011) de Mircea Eliade, "Nos cumes do desespero" (Hedra, 2012) de Emil Cioran, "Acontecimentos da irrealidade imediata" (Cosac Naify, publicação prevista para 2013) de Max Blecher e "A Barca de Caronte" (É Realizações, 2012) de Lucian Blaga. Para a (n.t.) já traduziu *Corpo transparente | Corp transparent*, de Max Blecher.

# BUCĂŢI DE NOAPTE

*"Altfel nu a fost niciodată... până ce soarele dezvăluie*
*şi aici o sentinelă obosită a singurătăţilor despreţuite..."*

GEORGE BACOVIA

## POEME ÎN PROZĂ

### TÂRZIU

În odăile cu uşile deschise, târziu... nu sunt tablouri, nici albumuri cu fotografii vechi, nici cărţi veştejite, însă aceste toate stau în tăcere, le ascult din mica odaie, la un foc de lampă: oh! de n-aş striga un cuvânt în noaptea asta... şi să cad...

Am uitat cine stă aici, şi unde au plecat, e târziu; pe străzi e şoapta bunului-plac şi a suferinţelor extreme, sau nimic... şi podeaua e veche, şi cioturile dau senzaţii de cranii; mintea cadenţează fără şir cugetări pustii... până ce o moleculă s-a zdrobit în creier, până ce totul spune: vedeţi ce aţi făcut...

O, mai târziu, mai târziu, după atâtea, aceleaşi lucruri vor fi mai plăcute... şi aceste lacrimi din noaptea aceasta nu se vor mai înţelege... oh, de n-aş răcni un cuvânt, într-o spaimă crescândă şi să cad...

Acum de ce să mai aprind lampa... uşa e deschisă, fereastra... în mijlocul odăii dorm în picioare, mă clatin în întunerecul părăsit... uitat în fondul negru al odăii... un câine se smuceşte înapoi supărat, apoi lătrând; o pisică sare pe fereastră repezindu-se îndărăt, de asemeni... dorm în picioare în mijlocul întunerecului părăsit... un greier cântă în tăcere...

Altfel nu a fost niciodată... până ce soarele dezvăluie şi aici o sentinelă obosită a singurătăţilor despreţuite...

Dimineaţa friguroasă cu vânt... camera goală.. păşind, podelele sună; scriind, peniţa plânge pe hârtie... poate s-a scris... ce vremuri... ce sens... nouri întunecoşi astupă fereastra... gardurile şi lemnăria ude... nouri întunecoşi întunecă ochii… şi vrea să plouă din nou... Ceasul s-a oprit, nu mai vrea să însemne timpul... nişte bani stau pe colţul mesei, şi gândul e închis... nourul întunecos stă la fereastră ca o noapte de gheaţă.

Patul nu e strâns şi hainele aşteaptă pe scaun... poate e târziu... la ea nu mă mai gândesc... poate e târziu... şi vântul urneşte încet nourul de la fereastră, pentru a pune altul...

E noapte când oamenii se culcă şi se iubesc... când tot oraşul cântă cu note de ploaie ca o veche pianolă... singur, prin casă să fac versuri...

Dacă tot oraşul plânge ca o veche pianolă... Ce este gândul în sine?... mâine ne vom duce după pâinea cea blondă, cea brună... înainte...

## ÎN CAFEU

Un magnetism animal, ecou surd al unui enorm val de apă, un cutremur lung în fumul cafeului, unde mulţimea se aseamănă... un gând care trece cu mişcarea capului, şi ochii obosiţi.

Era tristeţea şi tăcerea depărtată, în jurul unui palat înconjurat de un parc imens, la o margine de drum de ţară, un peisaj de vară cu brusturi şi boz acoperiţi de praful şoselei. Creierul palpita acolo de tristeţe şi tăcere... Sunt şi case mici, cu prispă de lut, cu acoperişul mai mare decât casa şi schelete de şure strâmbe, cu paie, şi cu pustiu.

Prăfuit, sub soare, venind pe aici, zăreşti doamne în haine subţiri, uitându-se, pe gânduri, în lac.

Ele, înţelegând că eşti de oriunde, râd. Doamnele se apropie una de alta, şi una, cu braţele obosite pe umerii alteia, priveşte cu ochii mici pe prăfuitul vizitator elegant în ziua de vară; dar tot voiesc să te plimbe pe aleile pe unde e mai multă fantazie.

În pavilionul-bufet cineva serveşte îngheţată şi bere, şi, dacă vrei, nu te iscăleşti în album, fiindcă ele ştiu că te cheamă "oricum".

Berea era bună, ziua melancolică...

În palat erau obiecte de artă, şi doamnele visătoare evitau marile oglinzi... în alte odăi citea cineva, sau dormea...

Noaptea spune să plece pe şoseaua plină de praf, cu brusturi şi bozi, pe lângă gardurile vechi de nuiele şi spini. Din cele ce întreţin mulţimea, de mult s-au dus... voi cânta lângă aceste ziduri pe câmpul larg... nu-i nimeni... luna e un magnet şi noaptea nu ştie ce am...

Zidul înconjoară grădina cu tăcerea kilometrilor, un parfum economic, de altădată, melancolizează la fel...

Pe frunzişul căzut au foşnit dihănii, dar cânt ieşind la lună, pe marginea lacului fecundat şi putred... Cânt ca un bou-de-baltă când din turnuri clopotele sună înviere, când cărăbuşii somnambuli se duc cu lumea chemată de clopote.

Gândul curge ca o femeie de piatră care doarme, şi o melodie fixează această prăpastie...

Luna, după câteva minute, s-a lăsat în plopi; oamenii umblă cu lumânări în noapte, şi pot să plâng încet, tare, în noaptea asta nu se aude nimic... plâng

fiindcă valsul din anul acesta e trist ca şi cele vechi, şi fiindcă toţi sunt inteligenţi, în acest local de consum...

## ÎN ZADAR

Poate era o noapte rotundă când nu ne mai cunoşteam, când tot ce s-a scris s-a uitat, când plecând dintr-un punct ajungi de unde ai plecat... o noapte ce întârzie, punând pe figură fixitatea uitată, uitând frumosul posibil, cum poate l-au uitat mulţi.

Rămânea că totul e vanitate... şi luna înclina spre apus cu o lumină de spaimă peste oraşul adormit în zăpadă, reflectându-se şi pe multe fotografii de porţelan prin cimitire.

Nu ştiu cine a pus să stea în aer o foaie de hârtie pe un fir de paianjen, şi o singurătate din toate timpurile să doarmă pe aceşti pereţi.

Acest târziu de tot, pe cristale de gheaţă, pe distinsul bal în ecoul fanfarei în sala unui palat...

Era tristeţea de a nu cunoaşte altă limbă, cu care să fi vorbit cu luna în declin, sau cu drumeţul ce scârţâia zăpada înainte de aurora...

Acest târziu de tot, ca şi pentru mine orice, în norma unui timp, involuntar greşind, un craniu în oglinda întunecată... dar tu să nu crezi... O stea obosea ochii, şi lampa se transfigura pe pământul ce se mişca spre lumină, pentru a mă ridica din scaunul vechi, din oglinda geamurilor îngheţate, în noaptea ce întârzia...

Astfel o zi începe...

## CUBUL NEGRU

Enervat de această lungă agonie a unui veac suspect; umilit, mai mult ca totdeauna, de ironica reflexiune a unui poet din veacul viitor al frumuseţii, veneam spre casă într-o noapte, târziu, înnebunit de mizeria şi minciuna în care am apărut.

Eram pierdut, inutil, mai ridicol ca niciodată.

Oraşul mic dormea în noaptea lui...

Acasă, un plic alb, la aprinsul lămpii, apăru pe podele lângă usă, în tăcuta odaie, unde stau de mult, fără să fi avut nici o corespondenţă de nicăiri.

Am deschis plicul, şi pe cartonul negru-mat era scris cu alb:

"Vino pe podul de fier, mâine la ora 3 d.m."

M-am gândit să nu mă duc. Cum însă in noaptea aceea, eram cu totul nimicit de viaţa reală, invitaţia aceasta mă lăsă indiferent, părându-mi chiar un lux, bun de emoţii bizare pentru alţii.

A doua zi, însă, eram pe pod.

Un domn şi o doamnă în negru; ei mă conduseră repede la o trăsură care aştepta.

Trăsura porni cu noi, iar ea, zâmbind, puse pe faţa mea o mască prin care nu vedeam nimic.

Când ea îmi ridică masca, eram într-un salon larg, vechi, dar bine luminat; afară era noapte.

Peste puţin timp am luat toţi câte o baie parfumată şi, înfăşuraţi numai în cearşafurile albe, am revenit în salon.

Nici un alt om nu apăru; tot palatul dormea... trebuia să fie mai mult de miezul nopţii...

Figurile noastre erau palide şi tăcute, iar peste noi plutea dezgustul unui veac.

Cu un gest nervos ei stinseră atunci lumina, şi prin întunericul adânc ridicară un oblon secret, tăiat in podele, într-un colţ al salonului.

Un patrat de lumină, venită din subsol, apăru deodată, în colţul acela al podelelor.

Prin vorbe abia şoptite, cearşafurile alunecară de pe noi.

Nuduri din ziua de azi...

Ea, cu părul desfăcut, dispăru cea dintâi în lumina patratului deschis; coborând şi noi, capacul fu tras.

Un cub negru, subsol, capitonat cu catifea neagră, ne înconjura între podele, plafon şi pereţi; nici o fereastră.

În plafon ardea un lampion care lăsa o lumină violetă în acest cub al uitării, iar într-un colţ al cubului, o sobă ascunsă în zid alinta nudurile noastre cu o căldură moleşitoare...

Noi stam culcaţi pe catifeaua neagră, sorbind arome negre, din trei pahare negre.

Ochii se priveau simpatic, aprinşi...

— Cântă, zise el...

Şi ea luă ghitara neagră şi începu, cu o voce stinsă, poema corbului din Edgar Poe.

Refrenul "Niciodată, niciodată" se pierdea abia şoptit, şi ghitara tăcu.

Noi beam arome din trei pahare negre...

— Dansează, zise el...

Ea se ridică in lumina pală, violetă... o frumuseţe de linii arăta o cuminţenie naturală... dansa fantastic, leneş, decadent...

Printr-o spirală, ea căzu lângă noi, ca o stea în cubul negru...

Noi beam în cubul negru, în fumul ţigărilor, ce ne învăluia, iar lampionul arăta sfârşitul unui veac.

Eram şi mai tăcuţi...

Deodată, lumina fu stinsă, şi umbra lui Karl Marx apăru în noaptea cubului negru, cu ajutorul unei lanterne.

Un ţipăt isteric ieşi din pieptul lor.

Cu braţe nervoase mă încleştară şi o ploaie de sărutări bizare ne adormi profund în acel cub negru al uitării...

Cu aceeaşi mască fu condus a doua zi; la acelaşi pod ne-am despărţit.

Spuneau că mâine vor pleca pentru totdeauna şi că veacul nostru s-a sfârşit.

# ESTILHAÇOS DE NOITE

*"Nunca foi de outro modo... até o sol desvendar de novo*
*uma sentinela exausta de solidões desprezadas..."*

GEORGE BACOVIA

## POEMAS EM PROSA

### TARDE

Nos aposentos de portas abertas, tarde… não há quadros, não há álbuns de fotografias antigas nem livros desbotados, embora estejam todos lá, em silêncio, posso ouvi-los desde o meu quartinho, à luz do lampião: ai, tomara que essa noite eu não grite... e não caia...

Esqueci quem mora aqui e para onde foi, é tarde; pelas ruas, o rumor do bel-prazer e dos sofrimentos extremos, ou nada... o assoalho é velho, os nós da madeira lembram crânios; a mente cadencia ininterruptamente reflexões desoladas... até que uma molécula se esmague no cérebro, até que tudo diga: vejam o que fizeram...

Oh, mais tarde, mais tarde, depois de tanto passado, as mesmas coisas serão mais agradáveis... e as lágrimas desta noite não serão mais compreendidas... ai, tomara que eu não berre, num pavor crescente, e não caia...

Para que ainda acender o lampião... a porta está aberta, a janela... no meio do quarto durmo em pé, cambaleio na escuridão abandonada... esquecido no fundo negro do quarto... um cão recua irritado às pressas, latindo em

seguida; um gato pula na janela, precipitando-se também para trás... durmo em pé no meio da escuridão abandonada... uma cigarra canta em silêncio...

Nunca foi de outro modo... até o sol desvendar de novo uma sentinela exausta de solidões desprezadas...

Manhã friorenta de vento... quarto vazio... andando, o assoalho ressoa; escrevendo, a pena plange no papel... talvez tenha sido escrito... que tempos... que sentido... nuvens escuras tapam a janela... as cercas e o vigamento úmidos... nuvens escuras escurecem os olhos... e a chuva quer cair de novo... O relógio parou, não quer mais significar tempo... umas moedas no canto da mesa, e o pensamento fechado... a nuvem escura na janela como uma noite de gelo.

A cama por fazer e a roupa esperando em cima da cadeira... talvez seja tarde... não penso mais nela... talvez seja tarde... e o vento lentamente empurra a nuvem da janela, trazendo outra...

É de noite que as pessoas se deitam e se amam... quando toda a cidade canta com notas de chuva como uma pianola velha... em casa, sozinho, comporei versos...

Se toda a cidade chora como uma pianola velha... O que é o pensamento em si?... amanhã vamos sair atrás do pão dourado, do pão moreno... vamos em frente...

## NA CAFETERIA

Um magnetismo animal, eco surdo de uma enorme torrente de água, uma longa tremulação na fumaça da cafeteria, onde a multidão se assemelha... um pensamento que passa com um movimento da cabeça, e os olhos cansados...

Tristeza e silêncio longínquos se estendiam em torno de um palácio rodeado por um parque imenso, às margens de um caminho de terra, uma paisagem de verão com bardanas e sabugueiros cobertos pela poeira da estrada. Ali se sente o cérebro pulsando de tristeza e silêncio... Há também casebres com terraços de barro, com o telhado maior que a casa e esqueletos de galpões inclinados, repletos de palha, e de abandono.

Empoeirado, sob o sol, passeando a esmo, veem-se senhoras em vestidos leves, olhando, ensimesmadas, para o lago.

Elas dão risada, observando que você não é de lá. As senhoras se aproximam umas das outras, e uma delas, com os braços fatigados por sobre os ombros da outra, fita de olhos miúdos a elegância do visitante empoeirado em dia de verão, mas todas querendo acompanhá-lo pelas alamedas, onde exala mais fantasia.

Enquanto no pavilhão-restaurante alguém toma sorvete e cerveja, fique à vontade para não deixar nenhum registro no álbum de memórias, pois elas sabem que o seu nome é "fulano".

A cerveja era boa, o dia, melancólico...

No palácio havia objetos de arte, e as senhoras sonhadoras evitavam os grandes espelhos... nos outros aposentos um lia, outro dormia...

A noite nos despede para a estrada cheia de poeira, com bardanas e sabugueiros, ao longo de velhas cercas de vergas e espinhos. Tudo o que entretinha a multidão foi embora faz tempo... vou cantar junto a esses muros na vastidão do campo... não há ninguém... a lua é um ímã e a noite não sabe o que se passa comigo...

O muro rodeia o jardim com o silêncio dos quilômetros, um perfume barato, de outrora, melancoliza do mesmo jeito...

Pela folhagem que caiu passaram pequenos insetos rumorejantes, porém eu canto entregando-me à lua, às margens do lago putrefato e fecundado... Canto como um sapo no momento em que a ressurreição ressoa dos sinos

das torres, quando besouros sonâmbulos acompanham as pessoas atraídas pelos sinos.

O pensamento escorre como uma mulher de pedra que dorme, e uma melodia imobiliza esse precipício...

A lua, alguns minutos depois, abandonou-se entre os álamos; as pessoas perambulam pela noite segurando velas, e eu posso chorar baixinho, alto, nesta noite nada se ouve... choro porque a valsa deste ano é triste como as dos anos passados, e porque todos são inteligentes, neste local de consumo...

## EM VÃO

Talvez fosse uma noite redonda em que não nos conhecíamos mais, em que tudo o que fora escrito se esquecera, em que o ponto de chegada fosse o ponto de partida… uma noite que tardasse, aplicando ao rosto a imobilidade esquecida, esquecendo a beleza possível, assim como talvez muitos a tenham esquecido.

Resta que tudo era vaidade... e a lua inclinava-se para o ocidente com uma luz de pavor por sobre a cidade adormecida na neve, refletindo-se em muitas fotografias de porcelana pelos cemitérios...

Não sei como uma folha de papel foi parar no ar, suspensa por um fio de teia de aranha, e como uma solidão de todos os tempos foi acabar adormecendo sobre essas paredes.

Essa demora absoluta dos cristais de gelo, do distinto baile no eco da fanfarra no salão de um palácio...

A tristeza de não conhecer outra língua com a qual pudesse ter falado com a lua em declínio, ou com o viajante que fazia a neve ranger antes da aurora...

Essa demora absoluta, como qualquer outra coisa para mim, sob a regra de um tempo, involuntariamente errando, um crânio no espelho escurecido... mas não acredite em mim... Uma estrela cansava os olhos, e o lampião se transfigurava na terra que se movia na direção da luz para me erguer da velha cadeira, do espelho das janelas congeladas, na noite que tardava...

É assim que começa um dia...

## O CUBO NEGRO

Enervado com a longa agonia de um século suspeito; humilhado, mais do que nunca, pela irônica reflexão de um poeta do próximo século da beleza, eu voltava para casa, tarde da noite, enlouquecido pela miséria e pela mentira em que me apresentava.

Estava perdido, tornara-me inútil, mais ridículo do que nunca.

A pequena cidade dormia a sua noite...

Em casa, um envelope branco, ao acender do lampião, surgiu no assoalho junto à porta, no silencioso aposento onde há muito tempo moro sem ter recebido correspondência de lugar algum.

Abri o envelope e, no cartão preto fosco, estava escrito com letras brancas:

"Venha à ponte de ferro, amanhã, às 3 da tarde."

Pensei em não ir. Contudo, como naquela noite eu me encontrava absolutamente dizimado pela vida real, aquele convite me deixou indiferente, parecendo-me até mesmo um luxo, um vale de emoções bizarras para outros.

No dia seguinte, contudo, eu estava na ponte.

Um senhor e uma senhora de preto; conduziram-me rapidamente até uma carruagem à espera.

A carruagem pôs-se em movimento conosco, e ela, sorrindo, colocou sobre o meu rosto uma máscara pela qual eu nada via.

Quando ela me retirou a máscara, encontrávamos num salão vasto, antigo, mas bem iluminado; era noite do lado de fora.

Pouco depois cada um de nós tomou um banho perfumado e, enrolados apenas em toalhas brancas, retornamos ao salão.

Ninguém mais apareceu; o palácio inteiro dormia... deveria ser mais de meia-noite...

Nossos semblantes estavam pálidos e calados, e por cima de nós ondulava o desgosto de todo um século.

Com um gesto nervoso eles então apagaram a luz e, em meio à escuridão profunda, abriram um alçapão secreto, talhado no assoalho, num dos cantos do salão.

Um quadrado de luz, vinda do subsolo, de repente apareceu naquele canto do assoalho.

Com palavras menos que sussurradas, as toalhas escorregaram de cima de nós.

Nus de hoje em dia...

Ela, de cabelo desamarrado, foi quem desapareceu primeiro na luz do quadrado aberto; após descermos também nós, cerrou-se a tampa.

*

Um cubo negro, o subsolo, revestido por um veludo negro, nos circundava entre o chão, o teto e as paredes; nenhuma janela.

No teto brilhava um lampião que emitia uma luz violeta nesse cubo do esquecimento e, num dos cantos do cubo, uma lareira escondida na parede afagava a nossa nudez com um calor entorpecente.

Deitamo-nos no veludo negro, sorvendo aromas negros de três taças negras.

Os olhos se fitavam com simpatia, acesos...

— Cante — disse ele.

Ela então pegou do violão negro e começou, com voz apagada, a recitar o poema do corvo de Edgar Poe.

O refrão "Nunca mais, nunca mais" se esvaía menos que sussurrado, e o violão se calou...

Bebíamos aromas negros de três taças negras...

— Dance — disse ele.

Ela se ergueu na luz esmaecida, violeta... uma beleza de traços revelava uma cordura natural... dançava fantástica, preguiçosa, decadente...

Com uma pirueta, ela caiu do nosso lado, como uma estrela no cubo negro...

Bebíamos no cubo negro, na fumaça dos cigarros que nos envolvia, e o lampião indicava o fim de um século.

Calamo-nos ainda mais...

De repente, a luz se apagou e a sombra de Karl Marx surgiu na noite do cubo negro, com o auxílio de uma lanterna.

Um grito histérico brotou de seus peitos.

Com braços nervosos eles me cingiram e uma chuva de beijos bizarros nos fez adormecer profundamente naquele cubo negro do esquecimento...

*

Com a mesma máscara fui levado no dia seguinte; na mesma ponte nos despedimos.

Disseram que amanhã partiriam para sempre e que o nosso século findara.

# ensaios literários

(n.t.) | Orange Walk

# O VÍCIO DA LEITURA

**EDITH WHARTON**

**O TEXTO:** À primeira vista, o título deste texto pode levar à expectativa de que os argumentos de Edith Wharton tratarão de validar o hábito da leitura em geral. Aqui, porém, a autora utiliza o termo "vício" em seu sentido mais negativo. Ela defende que a leitura entendida como dever social pode levar à decadência intelectual e prejudicar a literatura. Entre as categorizações que lhe são muito caras, nenhuma outra chama mais atenção do que o "leitor mecânico": segundo Wharton, trata-se de um leitor que lê metodicamente contando as páginas, embebido em suas boas intenções, seguro de sua própria competência intelectual. De modo bastante mordaz, a autora salienta a inexpressividade do leitor mecânico, até o momento em que ele invade o campo da crítica: neste momento, torna-se uma ameaça. Com uma série de imagens e ironias, Wharton tece sua análise com a latente esperança de que o quadro se modifique e o número de leitores mecânicos seja suplantado pelo número de "leitores natos".

**Texto traduzido:** Wharton, Edith. "The Vice of Reading". *The North American Review* (University of Northern Iowa), Vol. 177, No. 563 (Oct., 1903), pp. 513-521.

**A AUTORA:** Edith Wharton (Edith Newbold Jones, 1862-1937) era de origem aristocrática, o que lhe permitiu, além de dedicar-se com afinco à literatura, cultivar amizades com muitas das mais proeminentes figuras da sociedade estadunidense e europeia de sua época. Suas relações e viagens lhe propiciaram a base para a composição de suas obras, todas com um teor analítico da sociedade. O cenário de sua obra mais importante, *The Age of Innocence*, é sua cidade natal: Nova York. Por esse livro, foi a primeira mulher a receber o Prêmio Pulitzer, em 1921.

**OS TRADUTORES:** Juliana Steil é pós-doutoranda no Programa de Estudos da Tradução da UFSC. Atualmente, estuda as ilustrações de William Blake para a *Divina Comédia*. Para a (n.t.) já traduziu *O Fantasma de Abel | The Ghost of Abel*, de Blake.

Jonas Tenfen é graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas na UFSC. Trabalha com ensino de português como língua estrangeira.

# THE VICE OF READING

*"That 'diffusion of knowledge'... has incidentally brought about the production of a new vice – the vice of reading."*

EDITH WHARTON

That "diffusion of knowledge" commonly classed with steam-heat and universal suffrage in the category of modern improvements, has incidentally brought about the production of a new vice — the vice of reading.

No vices are so hard to eradicate as those which are popularly regarded as virtues. Among these the vice of reading is foremost. That reading trash is a vice is generally conceded; but reading *per se* — the habit of reading — new as it is, already ranks with such seasoned virtues as thrift, sobriety, early rising and regular exercise. There is, indeed, something peculiarly aggressive in the virtuousness of the sense-of-duty reader. By those who have kept to the humble paths of precept he is revered as following a counsel of perfection. " I wish I had kept up my reading as you have," the unlettered novice declares to this adept in the supererogatory; and the reader, accustomed to the incense of uncritical applause, not unnaturally looks on his occupation as a noteworthy intellectual achievement.

Reading deliberately undertaken — what may be called volitional reading — is no more reading than erudition is culture. Real reading is reflex action; the born reader reads as unconsciously as he breathes; and, to carry the analogy a degree farther, reading is no more a virtue than breathing. Just in proportion as it is considered meritorious does it become unprofitable. What is reading, in the last analysis, but an interchange of thought between writer and reader? If the book enters the reader's mind just as it left the writer's — without any of the additions and modifications inevitably

produced by contact with a new body of thought — it has been read to no purpose. In such cases, of course, the reader is not always to blame. There are books that are always the same — incapable of modifying or of being modified — but these do not count as factors in literature. The value of books is proportionate to what may be called their plasticity — their quality of being all things to all men, of being diversely moulded by the impact of fresh forms of thought. Where, from one cause or the other, this reciprocal adaptability is lacking, there can be no real intercourse between book and reader. In this sense it may be said that there is no abstract standard of values in literature: the greatest books ever written are worth to each reader only what he can get out of them. The best books are those from which the best readers have been able to extract the greatest amount of thought of the highest quality; but it is generally from these books that the poor reader gets least.

To be a poor reader may therefore be considered a misfortune; but it is certainly not a fault. Why should we all be readers? We are not all expected to be musicians; but read we must; and so those that cannot read creatively read mechanically — as though a man who had no aptitude for the violin were to regard the grinding of a barrel-organ as an equivalent accomplishment! It must be understood at the outset that, in the matter of reading, the real offenders are not those who restrict themselves to recognized trash. There is little harm in the self-confessed devourer of foolish fiction. He who feasts upon the "novel of the day" does not seriously impede the development of literature. The cast of mind which discerns in the natural divisions of the melon an indication that it is meant to be eaten en *famille*, might even look upon certain works — the penny-in-the-slot or touch-the-button books, which require no effort beyond turning the pages and using one's eyes — as especially designed for the consumption of the mechanical reader. Providence turns out an unfailing supply of authors whose obvious mission it is thus to protect literature from the ravages of the unintelligent; and it is only when he strays from his predestined pastures that the mechanical reader becomes a danger to the body of letters. The idea that reading is a moral quality has unhappily led many conscientious persons to renounce their innocuous dalliance with light literature for more strenuous intercourse. These are the persons who "make it a rule to read." The "platform" of the more ambitious actually includes the large resolve to keep up with all that is being written! The desire to keep up is apparently the strongest incentive to this class of readers: they seem to regard literature as a cable-car that can be "boarded"

only by running; while many a born reader may be found unblushingly loitering in the tea-cup times of stage-coach and posting-chaise, without so much as being aware of the new means of locomotion.

It is when the mechanical reader, armed with this high conception of his duty, invades the domain of letters — discusses, criticises, condemns, or, worse still, praises — that the vice of reading becomes a menace to literature. Even so, it might seem in questionable taste to resent an intrusion prompted by motives so respectable, were it not that the incorrigible self-sufficiency of the mechanical reader makes him a fair object of attack. The man who grinds the barrel-organ does not challenge comparison with Paderewski, but the mechanical reader never doubts his intellectual competency. As grace gives faith, so zeal for self-improvement is supposed to confer brains.

To read is not a virtue; but to read well is an art, and an art that only the born reader can acquire. The gift of reading is no exception to the rule that all natural gifts need to be cultivated by practice and discipline; but unless the innate aptitude exist the training will be wasted. It is the delusion of the mechanical reader to think that intentions may take the place of aptitude.

So far is this from being the case that there are certain generic signs by which the born reader detects his manufactured copy under whatever guise the latter may assume. One of these idiosyncrasies is the habit of regarding reading objectively. The mechanical reader, as he always reads consciously, knows exactly how much he reads, and will tell you so with the pride of the careful housekeeper who has calculated to within half an ounce the daily consumption of food in her household. As the housekeeper is apt to go to market every day at a certain hour, so the mechanical reader has often a fixed time for laying in his intellectual stores; and not infrequently he reads for just so many hours a day. The statement in one of Hamerton's youthful diaries — "I shall now commence a course of poetical reading, beginning with 50 hours of Chaucer, and as I gave him 1 ½ last night it leaves me exactly 48 ½" — is a good example of this kind of reading. It follows that he who reads by time often "has no time to read"; a plight unknown to the born reader, whose reading forms a continuous undercurrent to all his other occupations.

The mechanical reader is the slave of his book-mark: if he lose his place he is under the irksome necessity of beginning again at the beginning; and a story is told of one such reader whom a flippant relative kept for a year at "Fire and Sword in the Soudan" by the unfeeling stratagem of shifting the

marker every night. The born reader is his own book-mark. He instinctively remembers at what stage in the argument he laid his book down, and the pages open of themselves at the point for which he is looking. It is due to the mechanical reader to say that he is uniformly scrupulous in the performance of his task: it is one of his rules *never to skip a word*, and he can always meet with a triumphant affirmative Dr. Johnson's immortal "Do *you* read books *through*?" This inexorable principle is doubtless based on the fact that the mechanical reader is incapable of discerning intuitively whether a book is worth reading or not. In fact, until he has read the last line of a book he is unable to form any opinion of it; nor can he give any adequate reasons for his opinion when formed. Viewing all books from the outside, and having no point of contact with the author's mind, he makes no allowances for temperament or environment; for that process of transposition and selection that makes the most impersonal book the product of unique conditions.

It is obvious that the mechanical reader, taking each book separately as an entity suspended in the inane, must miss all the by-paths and cross-cuts of his subject. He is like a tourist who drives from one "sight" to another without looking at anything that is not set down in Baedeker. Of the delights of intellectual vagrancy, of the improvised chase after a fleeting allusion, suggested sometimes by the turn of a phrase or by the mere complexion of a word, he is serenely unaware. With him the book's the thing: the idea of using it as the keynote of unpremeditated harmonies, as the gateway into some *paysage choisi* of the spirit, is beyond his ken. The mechanical reader considers it his duty to read every book that is talked about; a duty rendered less onerous by the fact that he can judge beforehand, from the material dimensions of each book, how much space it will take up in his head: there is no need to allow for expansion. To the mechanical reader, books once read are not like growing things that strike root and intertwine branches, but like fossils ticketed and put away in the drawers of a geologist's cabinet; or rather, like prisoners condemned to lifelong solitary confinement. In such a mind the books never talk to each other.

The course of the mechanical reader is guided by the *vox populi*. He makes straight for the book that is being talked about, and his sense of its importance is in proportion to the number of editions exhausted before publication, since he has no means of distinguishing between the different classes of books talked about, nor between the voices that do the talking.

It is a part of the whole duty of the mechanical reader to pronounce an opinion on every book he reads, and he is sometimes driven to strange shifts in the conscientious performance of this task. It is his nature to mistrust and dislike every book he does not understand. "I cannot read and therefore wish all books burned." In his heart of hearts the mechanical reader may sometimes echo this wish of Envy in Doctor Faustus; but, it being also a part of his duty to be "fond of reading," he is obliged to repress his bibliocidal impulse, and go through the form of trying the case, when lynching would have been so much simpler.

It is only natural that the reader who looks on reading as a moral obligation should confound moral and intellectual judgments. Here is a book that every one is talking about; the number of its editions is an almost unanswerable proof of its merit; but to the mechanical reader it is cryptic, and he takes refuge in disapproval. He admits the cleverness, of course; but one of the characters is "not nice"; *ergo*, the book is not nice; he is surprised that you should have cared to read it. The mechanical reader, after a few such experiments, learns the potency of disapproval as a critical weapon, and it soon becomes his chief defence against the irritating demand to admire what he cannot understand. Sometimes his disapprobation is tempered by philosophic concessions to human laxity: as in the case of the lady who could not approve of Balzac's novels, but was of course willing to admit that "they were written in the most beautiful French." A fine instance of this temperate disapproval is furnished by Mrs. Barbauld's verdict upon The Ancient Mariner: "she pronounced it improbable."

The obligation of expressing an opinion on every book which is being talked about has led to the reprehensible but natural habit of borrowing opinions. Any one who frequents a group of mechanical readers soon becomes accustomed to their socialistic use of certain formulas, and to the rapid process of erosion and distortion undergone by much-borrowed opinions. There have been known persons heartless enough to find pleasure in taking the mechanical reader unawares with the demand for an opinion; and it must be owned that the result sometimes justifies the theory that no sports are so diverting as those which are seasoned with cruelty. In such extremities, the expedients resorted to by mechanical readers often do justice to their inventiveness; as when a lady, on being suddenly asked what she thought of "*Quo Vadis*," replied that she had no fault to find with the book except that "nothing happened in it."

Thus far the subject has dealt only with what may be called the average mechanical reader: a designation embracing the immense majority of book-

consumers. There is, however, another and more striking type of mechanical reader — he who, wearying of the Philistine diversion of "understanding the obvious," boldly threads his way "amid the bitterness of things occult." Transcendentalism owes much of its perennial popularity to a reverence for the unintelligible, and its disciples are largely recruited from the class of readers who consider it as great an intellectual feat to read a book as to understand it. But these votaries of the esoteric are too few in number to be harmful. It is the average mechanical reader who really endangers the integrity of letters; this may seem a curious charge to bring against that voracious majority. How can those who create the demand for the hundredth thousand be accused of malice toward letters?

In that acute character-study, "Manoeuvring," Miss Edgeworth says of one of her characters: "Her mind had never been overwhelmed by a torrent of wasteful learning. That the stream of literature had passed over it was apparent only from its fertility." There could hardly be a happier description of those who read intuitively; and its antithesis as fitly portrays the mechanical reader. His mind is devastated by that torrent of wasteful learning which his demands have helped to swell. It is probable that if no one read but those who know how to read, none would produce books but those who know how to write; but it is the least offence of the mechanical reader to have encouraged mechanical author. The two were made for each other and may prey on one another with impunity.

The harmfulness of the mechanical reader is fourfold. In the first place, by bringing about the demand for mediocre writing, he facilitates the career of the mediocre author. The crime of luring creative talent into the ranks of mechanical production is in fact the gravest offence of the mechanical reader.

Secondly, by his passion for "popular" renderings of abstruse and difficult subjects, by confounding the hastiest *réchauffé* of scientific truisms with the slowly-matured conceptions of the original thinker, he retards true culture and lessens the possible amount of really abiding work.

The habit of confusing moral and intellectual judgments is the third cause of his harmfulness to literature. The inadequacy of "art for art's sake" as a literary creed has long been conceded. It is not by requiring that the imaginative writer shall be touched to "fine issues" that the mechanical reader interferes with the production of masterpieces, but by his own inability to discern the "fine issues" of any book, however great, which presents some incidental stumbling-block to his vision. To those who

regard literature as a criticism of life, nothing is more puzzling than this incapacity to distinguish between the general tendency of a book — its technical and imaginative value as a whole — and its merely episodical features. That the mechanical reader should confound the unmoral with the immoral is perhaps natural; he may be pardoned for an erroneous classification of such books as "*La Chartreuse de Parme*" or the "Life of Benvenuto Cellini"; his harmfulness to literature lies in his persistent ignorance of the fact that any serious portrayal of life must be judged not by the incidents it presents but by the author's sense of their significance. The harmful book is the trivial book: it depends on the writer, and not on the subject, whether the contemplation of life results in Faust or Faublas. To gauge the absence of this perception in the average reader, one must turn to the ordinary "improper" book of current English and American fiction. In these works, enjoyed under protest, with the plea that they are "unpleasant, but so powerful," one sees the reflection of the image which the great portrayals of life leave on the minds of the mechanical reader and his novelist. There is the collocation of "painful" incidents; but the rest, being unperceived, is left out. Finally, the mechanical reader, by his demand for peptonized literature, and his inability to distinguish between the means and the end, has misdirected the tendencies of criticism, or rather, has produced a creature in his own image — the mechanical critic. The London correspondent of a New York paper recently quoted "a well-known English reviewer" as saying that people no longer had time to read critical analyses of books — that what they wanted was a *résumé* of the contents. It is of course an open question (and one hardly within the scope of this argument) how much literature is benefited by criticism; but to speak as though the analysis of a book were one kind of criticism and the cataloguing of its contents another, is a manifest absurdity. The born reader may or may not wish to hear what the critics have to say of a book; but if he cares for any criticism he wants the only kind worthy of the name — an analysis of subject and manner. He who has no time for such criticism will certainly spare none to the summing-up of the contents of a book: an inventory of its incidents, ending up with the conventional "But we will not spoil the reader's enjoyment by revealing, etc." It is the mechanical reader who demands such inventories and calls them criticisms; and it is because the mechanical reader is in the majority that the mechanical plot-extractor is fast superseding the critic. Whether real criticism be of service to literature or not, it is clear that this pseudo-reviewing is harmful, since it places books of very different qualities on the same dead level of mediocrity, by ignoring

their true purport and significance. It is impossible to give an idea of the value of any book, except perhaps a detective-story, by the recapitulation of its contents; and even those qualities which differentiate the good from the bad detective-story lie not so much in the collocation of incidents as in the handling of the subject and the choice of means used for producing a given effect. All forms of art are based on the principle of selection, and where that principle is held of no account in the sum-total of any intellectual production, there can be no genuine criticism.

It is thus that the mechanical reader systematically works against the best in literature. Obviously, it is to the writer that he is most harmful. The broad way that leads to his approval is so easy to tread and so thronged with prosperous fellow-travellers that many a young pilgrim has been drawn into it by the mere craving for companionship; and perhaps it is not until the journey's end, when he reaches the Palace of Platitudes and sits down a feast of indiscriminate praise, with the scribblers he has most despised helping themselves unreproved out of the very dish prepared in his honor, that his thoughts turn longingly to that other way — the strait path leading "To The Happy Few."

# O VÍCIO DA LEITURA

*"Esta 'difusão do conhecimento'... por acaso ocasionou a produção de um novo vício — o vício da leitura."*

EDITH WHARTON

Esta "difusão do conhecimento", normalmente relacionada, com ardor e sufrágio universal, à categoria das benfeitorias modernas, por acaso ocasionou a produção de um novo vício — o vício da leitura.

Não há vícios mais difíceis de erradicar do que aqueles que são popularmente entendidos como virtudes. Entre eles, o vício da leitura é o principal. Que ler lixo é um vício, isso geralmente se admite; mas a leitura *per se* — o hábito de ler —, esse fato novo, já se alinha a virtudes estabelecidas como a parcimônia, a sobriedade, o ato de acordar cedo e a prática do exercício físico. Há, na verdade, algo peculiarmente agressivo na virtuosidade do leitor por senso de obrigação. Por aqueles que se mantêm nas modestas vias do preceito, ele é reverenciado por seguir o conselho da perfeição. "Gostaria de ter prosseguido minha leitura também", declara o principiante iletrado a esse mestre da supererrogação; e o leitor em questão, habituado à lisonja do aplauso acrítico, não estranhamente vê sua atividade como uma notável realização intelectual.

A leitura deliberadamente praticada — que pode ser chamada de leitura volitiva — está para leitura assim como a erudição está para cultura. A verdadeira leitura é um reflexo natural; o leitor nato lê de maneira tão inconsciente quanto respira; e, levando a analogia um pouco além, ler é uma virtude tanto quanto respirar. À medida que é considerada meritória, torna-se inútil. O que é a leitura, em última análise, a não ser um intercâmbio de pensamento entre escritor e leitor? Se o livro entrasse na cabeça do leitor do mesmo modo que saísse da cabeça do escritor — sem nenhum dos

acréscimos ou modificações inevitavelmente produzidos pelo contato com um novo corpo de pensamento —, teria sido lido para nada. Nesses casos, claro, o leitor nem sempre tem culpa. Há livros que são sempre os mesmos — incapazes de modificar ou de serem modificados —, mas esses não contam como fatores na literatura. O valor dos livros é proporcional ao que se poderia chamar de sua plasticidade — sua qualidade de serem todas as coisas a todos os homens, de serem moldados diferentemente pelo impacto de novas formas de pensamento. Onde, de um modo ou de outro, essa adaptabilidade recíproca está ausente, não pode haver uma relação verdadeira entre o livro e o leitor. Nesse sentido, pode-se dizer que não existe padrão abstrato de valores na literatura: os maiores livros já escritos valem para cada leitor apenas o que ele pode tirar desses livros. Os melhores livros são aqueles dos quais os melhores leitores têm sido capazes de extrair o maior volume de pensamento da mais alta qualidade; é geralmente desses livros, no entanto, que o mau leitor menos aproveita.

Ser um mau leitor pode, então, ser considerado um infortúnio; mas certamente não é um defeito. Por que devemos ser todos leitores? Não se espera que sejamos todos músicos; ler, porém, é uma obrigação; e, assim, aqueles que não conseguem ler criativamente, leem mecanicamente — como se alguém que não tivesse habilidade para o violino entendesse o toque de um realejo como um feito equivalente! É preciso entender, desde o início, que, em matéria de leitura, os verdadeiros infratores não são aqueles que se limitam a ler o lixo reconhecido como tal. Há pouco dano da parte do devorador confesso de ficção trivial. Aquele que aprecia "o romance do momento" não prejudica seriamente o desenvolvimento da literatura. Como uma mentalidade que vê nas divisões naturais do melão um indício de que ele deve ser comido *en famille*, assim se poderia entender certas obras — aqueles livros vendidos em máquina automática que não exigem esforço além de virar as páginas e de aplicar o olhar de outra pessoa — como artigos especialmente feitos para o consumo do leitor mecânico. A Providência cria um estoque infalível de autores cuja missão óbvia é então proteger a literatura da ação destruidora dos ignorantes; e é apenas quando se dispersa da sua paragem predestinada que o leitor mecânico se torna uma ameaça para o corpo das letras. A ideia de que a leitura é uma qualidade moral tem levado, infelizmente, muitas pessoas conscienciosas a trocarem seu flerte inócuo com a literatura de passatempo por um relacionamento mais estrênuo. Estas são as pessoas que "fazem da leitura uma regra". A "plataforma" dos mais ambiciosos inclui na verdade a ampla resolução de acompanhar tudo que está sendo escrito! O desejo de acompanhar é aparentemente o mais importante

incentivo a essa classe de leitores: parecem considerar a literatura como um bonde que pode ser "alcançado" apenas com a corrida; enquanto muitos leitores natos podem ser vistos passeando despreocupadamente à hora do chá em diligência e em carruagem de correio, sem sequer terem consciência dos novos meios de locomoção.

É quando o leitor mecânico, munido desta alta concepção do seu dever, invade o domínio das letras — critica, condena ou, pior ainda, elogia — que o vício da leitura se torna uma ameaça para a literatura. Mesmo assim, poderia parecer uma postura questionável ofender-se com uma intrusão ocorrida por motivos tão respeitáveis, não fosse a incorrigível autossuficiência do leitor mecânico, que o torna um merecido alvo de ataque. O homem que toca o realejo não ousa comparar-se com Paderewski, mas o leitor mecânico não duvida de sua competência intelectual. Assim como a fé provém da graça, o zelo pelo autoaperfeiçoamento parece conferir cérebros.

Ler não é uma virtude, porém ler bem é uma arte, e uma arte que apenas o leitor nato pode adquirir. O dom da leitura não é uma exceção à regra de que os dons naturais precisam ser cultivados pela prática e pela disciplina, mas o treinamento é um desperdício quando não existe habilidade inata. A ilusão do leitor mecânico é pensar que a intenção pode tomar o lugar da habilidade.

Isto está tão longe de ser verdade que há certos sinais genéricos pelos quais o leitor nato reconhece sua cópia falsificada sob qualquer que seja a forma que ela possa assumir. Uma dessas idiossincrasias é o hábito de entender a leitura objetivamente. O leitor mecânico, como sempre lê conscientemente, sabe exatamente o quanto lê e lhe dirá isso com o mesmo orgulho da zelosa dona de casa que calculou cada grama do consumo diário de comida em sua casa. Assim como a dona de casa é capaz de ir ao mercado todo dia à mesma hora, o leitor mecânico muitas vezes tem um horário fixo para dedicar-se a seus acervos intelectuais e não raramente lê uma determinada quantidade de horas por dia. A anotação em um dos diários de juventude de Hamerton[1] — "Iniciarei um programa de leitura poética começando com 50 horas de Chaucer, e como dei a ele uma hora e meia ontem à noite, faltam exatamente 48 horas e meia" — é um bom exemplo deste tipo de leitura. Consequentemente, aquele que lê por hora muitas vezes "não tem tempo para ler", uma situação desconhecida para o leitor nato, cuja leitura forma um contínuo subjacente a todas as suas outras atividades.

O leitor mecânico é escravo do seu marca página: se ele perde o trecho, terá a incômoda necessidade de recomeçar tudo do começo. Conta-se que

[1] Philip Gilbert Hamerton (1834-1894), escritor e crítico inglês. (n.t.)

um leitor assim ficou um ano inteiro lendo *Fire and Sword in the Sudan*[2] porque um familiar irreverente cruelmente alterava o marcador toda noite. Já o leitor nato é seu próprio marca página. Ele instintivamente lembra em qual estágio do texto deixou seu livro e as páginas abrem por si no ponto procurado. É próprio do leitor mecânico dizer que é rigorosamente meticuloso no desempenho de sua tarefa: é uma de suas regras *jamais pular uma palavra*, e assim ele pode sempre responder com uma afirmativa triunfal à memorável pergunta de Dr. Johnson: "*Você* lê livros *até o fim*?"[3]. Este princípio inexorável está, sem dúvida, fundamentado no fato de que o leitor mecânico é incapaz de discernir intuitivamente se o livro vale a pena ser lido ou não. De fato, antes de ler a última linha de um livro, é incapaz de formar qualquer opinião sobre ele; tampouco pode dar motivos adequados para sua opinião, quando chega a formá-la. Ao ver todos os livros de fora, e não tendo nenhum ponto de contato com a mente do autor, não faz concessões para temperamento ou ambiente, para esse processo de transposição e seleção que torna o livro mais impessoal o produto de condições únicas.

É óbvio que o leitor mecânico, ao entender cada livro separadamente, como uma entidade suspensa no vácuo, perde todos os atalhos e encruzilhadas de seu tema. Ele é como um turista que viaja de uma "paisagem" a outra sem olhar para nada que não esteja anotado no *Baedeker*[4]. Dos prazeres da errância intelectual, da busca improvisada de uma alusão efêmera, às vezes sugerida na curva de uma frase ou pela simples dificuldade de uma palavra, ele está ingenuamente alheio. Para ele, o livro é objeto isolado: a ideia de usá-lo como a tônica de melodias espontâneas, como o acesso de *paysage choisi* do espírito, está além do seu alcance.

O leitor mecânico considera seu dever ler todo livro sobre o qual é comentado; um dever que se torna menos oneroso devido ao fato de poder julgar de antemão, pelas dimensões materiais de cada livro, quanto espaço o volume ocupará na sua cabeça: não há necessidade de permitir expansão. Para o leitor mecânico, os livros uma vez lidos não são como coisas que crescem e criam raízes e entrecruzam ramos, mas como fósseis catalogados e guardados nas gavetas do armário de um geólogo, ou como prisioneiros condenados à solitária prisão perpétua. Em mente assim, os livros nunca conversam uns com os outros.

O percurso do leitor mecânico é conduzido pela *vox populi*. Ele vai diretamente ao livro que está sendo comentado, e o seu senso da importância

[2] Longo livro de memórias de Rudolf Carl von Slatin (1857-1932), publicado em inglês no ano de 1896. (n.t.)
[3] Interrogação atribuída a Samuel Johnson em sua biografia escrita por James Boswell. (n.t.)
[4] Referência aos famosos livros publicados por Verlag Karl Baedeker, pioneiro editor de guias de viagem. (n.t.)

do livro em questão é proporcional ao número de edições esgotadas antes da publicação, uma vez que ele não tem condições de distinguir entre as diferentes classes de livros comentados, nem entre as vozes que comentam.

É uma parte do dever do leitor mecânico expressar uma opinião sobre cada livro que ele lê, e é às vezes levado a oscilações estranhas no consciencioso desempenho desta tarefa. É da sua natureza desconfiar e desaprovar todo livro que não entende. "Não consigo ler e portanto quero que todos os livros sejam queimados"[5]. No seu íntimo, o leitor mecânico pode às vezes nutrir este desejo da Inveja em *Doctor Faustus*; porém, uma vez que faz parte do seu dever "ser amante da leitura", é obrigado a reprimir seu impulso bibliocida, e adota a opção de julgar a questão, quando o linchamento teria sido algo muito mais simples.

Nada mais natural que o leitor que vê a leitura como uma obrigação moral confunda juízo moral com juízo intelectual. Eis um livro que todo mundo está comentando; o número de suas edições é uma prova quase incontestável de seu mérito; mas para o leitor mecânico é um livro enigmático, então ele se refugia na desaprovação. Ele admite a qualidade do livro, é claro; mas uma das personagens "não é boa"; *ergo* o livro não é bom; ele se surpreende que você tenha se interessado em lê-lo. O leitor mecânico, após alguns desses experimentos, aprende a força da desaprovação como arma crítica, e esta logo se torna a sua principal defesa contra a exigência irritante de admirar o que ele não entende. Às vezes, o seu desaprovar é moderado com concessões filosóficas de lassidão humana: como no caso da mulher que não conseguia aprovar os romances de Balzac, mas estava disposta a admitir, claro, que "eram escritos no mais belo francês". Um bom exemplo dessa desaprovação moderada é fornecido pelo veredito da Sra. Barbauld[6] sobre *The Ancient Mariner*: ela o declarou "inverossímil".

A obrigação de expressar uma opinião sobre cada livro que está sendo comentado levou ao hábito repreensível, porém natural, de emprestar opiniões. Qualquer um que frequenta um grupo de leitores mecânicos logo se acostuma com seu uso socializado de certas fórmulas, e ao rápido processo de erosão e distorção sofrido por opiniões em grande parte emprestadas. Há sempre aqueles conhecidos impiedosos que gostam de surpreender o leitor mecânico com o pedido de uma opinião; deve-se reconhecer que o resultado às vezes justifica a teoria de que nenhuma brincadeira é tão divertida quanto aquela regada à crueldade. Nessas situações extremas, os meios aos quais os

[5] Palavras da Inveja em *The Tragical History of Doctor Faustus* (Ato II, Cena I), de Christopher Marlowee. (n.t.)
[6] Anna Laetitia Barbauld (1743-1825), escritora, editora e crítica literária inglesa. (n.t.)

leitores mecânicos recorrem geralmente fazem justiça à sua criatividade; como no caso de uma mulher, que ao ser repentinamente questionada sobre o que havia achado de *Quo Vadis*[7], respondeu que não vira nenhum defeito no livro exceto que "nada acontecia nele".

Até aqui o tema tratou apenas do que se poderia chamar de leitor mecânico padrão: uma designação que envolve a imensa maioria dos consumidores de livros. Há, no entanto, outro e mais impressionante tipo de leitor mecânico — aquele que, apresentando uma resistência filistina a "entender o óbvio", corajosamente abre caminho "entre a agrura das coisas ocultas". O transcendentalismo deve muito da sua popularidade perene à referência do ininteligível, e seus discípulos são amplamente encontrados na classe de leitores que considera ler um livro um feito intelectual tão grande quanto entendê-lo. Mas esses devotos do esotérico são tão pouco numerosos que não chegam a ser nocivos. É o leitor mecânico padrão o que realmente ameaça a integridade das letras; esta pode parecer uma acusação curiosa a se fazer contra essa maioria voraz. Como aqueles que criam a demanda pela centésima milésima vez podem ser acusados de maldade em relação às letras?

Em seu perspicaz estudo de personagem, *Manoeuvring*, a Srta. Edgeworth[8] diz sobre uma de suas personagens: "sua mente jamais esteve sobrecarregada com uma torrente de aprendizado desnecessário. Aparentemente, o fluxo da literatura passou por sua mente apenas devido à sua própria fertilidade". Dificilmente poderia haver uma descrição mais feliz daqueles que leem intuitivamente; e sua antítese retrata com justiça o leitor mecânico. A mente deste está devastada pela torrente de aprendizado desnecessário que suas demandas ajudaram a expandir. É possível que, se ninguém lesse além daqueles que sabem ler, ninguém produziria livros a não ser aqueles que sabem escrever; mas é o menor dos crimes do leitor mecânico encorajar o autor mecânico. Os dois foram feitos um para o outro e podem atacar um ao outro impunemente.

A ameaça do leitor mecânico é quádrupla. Em primeiro lugar, ao possibilitar a demanda pela escrita medíocre, ele facilita a carreira do autor medíocre. O crime de induzir o talento criativo às categorias da produção mecânica é realmente o delito mais grave do leitor mecânico.

Em segundo lugar, devido à sua paixão por modalidades "populares" de temas obscuros e difíceis, ao confundir o *réchauffé* mais leviano dos truísmos científicos com as concepções lentamente depuradas do pensador original,

[7] Romance do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicado em 1895. (n.t.)
[8] Maria Edgeworth (1768-1849), escritora anglo-irlandesa. (n.t.)

ele retarda a verdadeira cultura e diminui o volume possível das obras de fato duradouras.

O hábito de confundir juízos morais e intelectuais é a terceira causa de sua ameaça à literatura. A inadequação da "arte pela arte" como uma crença literária foi reconhecida há muito tempo. Não é pela exigência de que o escritor criativo seja tocado por "grandes temas" que o leitor mecânico interfere na produção de obras-primas, mas por sua própria falta de habilidade para identificar os "grandes temas" de um livro, por mais excelente que seja, que apresente algum obstáculo eventual à sua visão. Para os que consideram a literatura uma crítica da vida não há nada mais intrigante do que esta incapacidade de distinguir entre a tendência geral de um livro — seu valor técnico e criativo como um todo — e suas características meramente episódicas. Que o leitor mecânico confunda o amoral com o imoral é aceitável; ele pode ser perdoado por uma classificação errônea de livros como *La Chartreuse de Parme* ou *Life of Benvenuto Cellini*; sua ameaça à literatura está na sua persistente ignorância do fato de que qualquer retrato sério da vida deve ser julgado não pelos eventos que ele apresenta, mas pelo sentido que o autor dá à sua importância. O livro nocivo é o livro trivial: depende do escritor, e não do assunto, a contemplação da vida resultando em Faustus ou em Faublas[9]. Para medir a ausência desta percepção no leitor padrão, deve-se considerar o ordinário livro "impróprio" da atual ficção inglesa e americana. Nestas obras, apreciadas sob protesto, com o argumento de que são "desagradáveis, mas tão poderosas", vê-se o reflexo da imagem que os grandes retratos da vida deixam nas mentes do leitor mecânico e de seu romancista. Existe a disposição de eventos "tristes"; porém o restante, ficando despercebido, é deixado de fora.

Finalmente, o leitor mecânico, com sua demanda de literatura peptonizada, e sua incapacidade de distinguir entre os meios e o fim, desviou as tendências da crítica, ou antes, produziu uma criatura à sua própria imagem — o crítico mecânico. Um correspondente em Londres de um jornal em Nova York recentemente escreveu que "um célebre resenhista inglês" disse que as pessoas não tinham mais tempo de ler análises críticas de livros — que o que queriam era um *résumé* dos conteúdos. É sem dúvida uma questão em aberto (e que não cabe no escopo desta discussão) o quanto a literatura se beneficia da crítica; mas falar como se a análise de um livro fosse um tipo de crítica e a catalogação de seus conteúdos, outro é um declarado absurdo. O leitor nato pode ou não querer ouvir o que os críticos têm a dizer

[9] Referência ao protagonista da série romanesca do francês Jean-Baptiste Louvet de Couvray (1760-1797). (n.t.)

do livro; mas se ele se interessar por alguma crítica, desejará apenas aquela que é digna do seu nome — uma análise do tema e do estilo. Aquele que não tem tempo para este tipo de crítica certamente não poupará nenhum com o resumo dos conteúdos de um livro: um inventário de seus eventos, encerrando com o convencional "Porém não anteciparemos a apreciação do leitor revelando, etc". É o leitor mecânico que demanda esses inventários e os chama de críticas; e é porque o leitor mecânico é maioria que o extrator mecânico de enredo está rapidamente suplantando o crítico. A verdadeira crítica estando ou não a serviço da literatura, é evidente que este pseudo-resenhismo é nocivo, pois coloca livros de qualidades muito diferentes no mesmo nível morto da mediocridade, ao ignorar seu verdadeiro teor e importância. É impossível dar uma ideia do valor de um livro, com exceção talvez do romance policial, por meio da recapitulação de seu conteúdo; e mesmo as qualidades que diferenciam o bom romance policial do ruim não estão exatamente na disposição dos eventos, mas na manipulação do tema e na escolha dos meios usados para a produção de um determinado efeito. Todas as formas de arte estão fundamentadas no princípio de seleção, e onde este princípio é desconsiderado na soma total de uma produção intelectual não pode haver crítica genuína.

É assim que o leitor mecânico trabalha sistematicamente contra o melhor da literatura. Obviamente, o mais prejudicado é o escritor. O amplo caminho que leva à aprovação do leitor mecânico é tão fácil de trilhar e tão repleto de prósperos companheiros de viagem que muitos jovens peregrinos são atraídos pelo simples desejo de companhia; e talvez não seja antes do fim da viagem, quando encontrar o Palácio das Banalidades e sentar-se em um banquete de louvor indiscriminado, com os escrevedores a quem mais desprezava servindo-se sem cerimônia do mesmo prato preparado em sua honra, que seus pensamentos se voltarão saudosamente àquele outro caminho — a estreita via que leva "Aos Poucos Afortunados".

# UMA DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER

## MARY WOLLSTONECRAFT

**O TEXTO:** O livro *A Vindication of the Rights of Woman*, escrito em 1792 pela feminista britânica Mary Wollstonecraft, é uma das primeiras obras feministas da história. Nesta obra, a autora refuta as teorias da época que defendiam que as mulheres não deviam nem necessitavam de ter acesso à escola, e defendia que as mulheres deviam ter acesso à educação adequada dado o seu importante papel de educadoras e responsáveis da gestão doméstica. Além disso, a mulher merecia ter acesso à educação como ser com plenos direitos e que não pode ser encarado apenas como mero ornamento ou como propriedade do marido adquirida pelo casamento. É na introdução que aqui se publica, em português lusitano, que a autora identifica alguns dos seus principais argumentos.

**Texto traduzido:** Wollstonecraft, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman*. London: Penguin Books, 2004.

**A AUTORA:** Mary Wollstonecraft nasceu em Londres em 1759 e morreu em 1797, devido a complicações decorrentes de um parto. Aos dezenove anos, saiu de casa para se sustentar de forma autônoma. Fundou uma escola com a irmã, dentro da comunidade não-conformista, mas o projeto falhou. Mary não só era uma mulher sensível como letrada, que convivia com artistas e filósofos da época, tendo sido casada com o escritor William Goodwin, pai de sua segunda filha, a conhecida autora Mary Shelley. Antes desse enlace, viveu uma paixão pelo americano Gilbert Imlay, autor liberal, que conhecera na França, para onde fora viver com alguns intelectuais britânicos, como Thomas Paine, motivados pela Revolução Francesa. Quando a relação terminou, Mary tentou o suicídio. O texto *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), publicado anonimamente e polêmico na época, é talvez a obra fundadora do feminismo europeu, influenciada pelas ideias iluministas que marcaram a Revolução Francesa.

**A TRADUTORA:** Júlia Ferreira, natural da cidade de Vila do Conde no norte de Portugal, licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, mestre em Estudos Pós-Graduados de Literaturas Românicas, está concluindo uma dissertação de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos na Faculdade de Letras do Porto sobre a primeira tradução de Beckett em Portugal e a censura. É professora e formadora de Português e Inglês, tradutora e revisora de texto, e atualmente é coordenadora editorial multimédia na Editora Leya.

# A VINDICATION OF THE RIGHTS OF WOMAN

*"I wish to persuade women to endeavour to acquire strength, both of mind and body."*

MARY WOLLSTONECRAFT

After considering the historic page, and viewing the living world with anxious solicitude, the most melancholy emotions of sorrowful indignation have depressed my spirits, and I have sighed when obliged to confess, that either nature has made a great difference between man and man, or that the civilization which has hitherto taken place in the world has been very partial. I have turned over various books written on the subject of education, and patiently observed the conduct of parents and the management of schools; but what has been the result? — a profound conviction that the neglected education of my fellow-creatures is the grand source of the misery I deplore; and that women, in particular, are rendered weak and wretched by a variety of concurring causes, originating from one hasty conclusion. The conduct and manners of women, in fact, evidently prove that their minds are not in a healthy state; for, like the flowers which are planted in too rich a soil, strength and usefulness are sacrificed to beauty; and the flaunting leaves, after having pleased a fastidious eye, fade, disregarded on the stalk, long before the season when they ought to have arrived at maturity. — One cause of this barren blooming I attribute to a false system of education, gathered from the books written on this subject by men who, considering females rather as women than human creatures, have been more anxious to make them alluring mistresses than wives; and the understanding of the sex has been so bubbled by this specious homage, that the civilized women of the present century, with a few exceptions, are

only anxious to inspire love, when they ought to cherish a nobler ambition, and by their abilities and virtues exact respect.

In a treatise, therefore, on female rights and manners, the works which have been particularly written for their improvement must not be overlooked; especially when it is asserted, in direct terms, that the minds of women are enfeebled by false refinement; that the books of instruction, written by men of genius, have had the same tendency as more frivolous productions; and that, in the true style of Mahometanism, they are only considered as females, and not as a part of the human species, when improvable reason is allowed to be the dignified distinction which raises men above the brute creation, and puts a natural sceptre in a feeble hand.

Yet, because I am a woman, I would not lead my readers to suppose that I mean violently to agitate the contested question respecting the equality or inferiority of the sex; but as the subject lies in my way, and I cannot pass it over without subjecting the main tendency of my reasoning to misconstruction, I shall stop a moment to deliver, in a few words, my opinion. — In the government of the physical world it is observable that the female, in general, inferior to the male. The male pursues, the female yields — this is the law of nature; and it does not appear to be suspended or abrogated in favour of woman. This physical superiority cannot be denied — and it is a noble prerogative! But not content with this natural pre-eminence, men endeavour to sink us still lower, merely to render us alluring objects for a moment; and women, intoxicated by the adoration which men, under the influence of their senses, pay them, do not seek to obtain a durable interest in their hearts, or to become the friends of the fellow creatures who find amusement in their society.

I am aware of an obvious inference: — from every quarter have I heard exclamations against masculine women; but where are they to be found? If by this appellation men mean to inveigh against their ardour in hunting, shooting, and gaming, I shall most cordially join in the cry; but if it be against the imitation of manly virtues, or, more properly speaking, the attainment of those talents and virtues, the exercise of which ennobles the human character, and which raises females in the scale of animal being, when they are comprehensively termed mankind; — all those who view them with a philosophical eye must, I should think, wish with me, that they may every day grow more and more masculine.

This discussion naturally divides the subject. I shall first consider women in the grand light of human creatures, who, in common with men, are placed

on this earth to unfold their faculties; and afterwards I shall more particularly point out their peculiar designation.

I wish also to steer clear of an error which many respectable writers have fallen into; for the instruction which has hither been addressed to women, has rather been applicable to ladies, if the little indirect advice, that is scattered through Sanford and Merton be excepted; but, addressing my sex in a firmer tone, I pay particular attention to those in the middle class, because they appear to be in the most natural state. Perhaps the seeds of false refinement, immorality, and vanity, have ever been shed by the great. Weak, artificial beings, raised above the common wants and affections of their race, in a premature unnatural manner, undermine the very foundation of virtue, and spread corruption through the whole mass of society! As a class of mankind they have the strongest claim to pity; the education of the rich tends to render them vain and helpless, and the unfolding mind is not strengthened by the practice of those duties which dignify the human character. — They only live to amuse themselves, and by the same law which in nature invariably produces certain effects, they soon only afford barren amusement.

But as I purpose taking a separate view of the different ranks of society, and of the moral character of women, in each, this hint is, for the present, sufficient; and I have only alluded to the subject, because it appears to me to be the very essence of an introduction to give a cursory account of the contents of the work it introduces.

My own sex, I hope, will excuse me, if I treat them like rational creatures, instead of flattering their fascinating graces, and viewing them as if they were in a state of perpetual childhood, unable to stand alone. I earnestly wish to point out in what true dignity and human happiness consists — I wish to persuade women to endeavour to acquire strength, both of mind and body, and to convince them that the soft phrases, susceptibility of heart, delicacy of sentiment, and refinement of taste, are almost synonimous with epithets of weakness, and that those beings who are only the objects of pity and that kind of love, which has been termed its sister, will soon become objects of contempt.

Dismissing then those pretty feminine phrases, which the men condescendingly use to soften our slavish dependence, and despising that weak elegancy of mind, exquisite sensibility, and sweet docility of manners, supposed to be the sexual characteristics of the weaker vessel, I wish to show that elegance is inferior to virtue, that the first object of laudable ambition is

to obtain a character as a human being, regardless of the distinction of sex; and that secondary views should be brought to this simple touchstone.

This is a rough sketch of my plan; and should I express my conviction with the energetic emotions that I feel whenever I think of the subject, the dictates of experience and reflection will be felt by some of my readers. Animated by this important object, I shall disdain to cull my phrases or polish my style; — I aim at being useful, and sincerity will render me unaffected; for, wishing rather to persuade by the force of my arguments, than dazzle by the elegance of my language, I shall not waste my time in rounding periods, nor in fabricating the turgid bombast of artificial feelings, which, coming from the head, never reach the heart. — I shall be employed about things, not words! — and, anxious to render my sex more respectable members of society, I shall try to avoid that flowery diction which has slided from essays into novels, and from novels into familiar letters and conversation.

These pretty nothings — these caricatures of the real beauty of sensibility, dropping glibly from the tongue, vitiate the taste, and create a kind of sickly delicacy that turns away from simple unadorned truth; and a deluge of false sentiments and overstretched feelings, stifling the natural emotions of the heart, render the domestic pleasures insipid, that ought to sweeten the exercise of those severe duties, which educate a rational and immortal being for a nobler field of action.

The education of women has, of late, been more attended to than formerly; yet they are still reckoned a frivolous sex, and ridiculed or pitied by the writers who endeavor by satire or instruction to improve them. It is acknowledged that they spend many of the first years of their lives in acquiring a smattering of accomplishments: meanwhile strength of body and mind are sacrificed to libertine notions of beauty, to the desire of establishing themselves, — the only way women can rise in the world, — by marriage. And this desire making mere animals of them, when they marry they act as such children may be expected to act: — they dress; they paint, and nickname God's creatures. — Surely these weak beings are only fit for a seraglio! — Can they govern a family, or take care of the poor babes whom they bring into the world?

If then it can be fairly deduced from the present conduct of the sex, from the prevalent fondness for pleasure which takes place of ambition and those nobler passions that open and enlarge the soul; that the instruction which women have received has only tended, with the constitution of civil society,

to render them insignificant objects of desire — mere propagators of fools! — if it can be proved that in aiming to accomplish them, without cultivating their understandings, they are taken out of their sphere of duties, and made ridiculous and useless when the short-lived bloom of beauty is over, I presume that rational men will excuse me for endeavouring to persuade them to become more masculine and respectable.

Indeed the word masculine is only a bugbear: there is little reason to fear that women will acquire too much courage or fortitude; for their apparent inferiority with respect to bodily strength, must render them, in some degree, dependent on men in the various relations of life; but why should it be increased by prejudices that give a sex to virtue, and confound simple truths with sensual reveries?

Women are, in fact, so much degraded by mistaken notions of female excellence, that I do not mean to add a paradox when I assert, that this artificial weakness produces a propensity to tyrannize, and gives birth to cunning, the natural opponent of strength, which leads them to play off those contemptible infantile airs that undermine esteem even whilst they excite desire. Do not foster these prejudices, and they will naturally fall into their subordinate, yet respectable station, in life.

It seems scarcely necessary to say, that I now speak of the sex in general. Many individuals have more sense than their male relatives; and, as nothing preponderates where there is a constant struggle for an equilibrium, without it has naturally more gravity, some women govern their husbands without degrading themselves, because intellect will always govern.

# UMA DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER

*"Desejo persuadir as mulheres a se empenharem para obter força, tanto de espírito como de corpo."*

MARY WOLLSTONECRAFT

Após avaliar o momento histórico presente e observar os seres vivos com uma diligência apreensiva, o meu espírito está deprimido com emoções de natureza melancólica e de indignação entristecida. Na verdade, tenho me lamentado quando sou obrigada a confessar que ou a natureza introduziu grandes diferenças entre homem e homem, ou que a civilização que até aqui tem existido no mundo tem sido muito parcial. Tenho folheado vários livros dedicados ao tema da educação e observado pacientemente a conduta dos pais, bem como a gestão das escolas. E qual foi o resultado desta pesquisa? Uma convicção profunda de que a educação negligenciada das minhas congéneres é a principal origem da miséria que lamento; e que as mulheres, em particular, são enfraquecidas e tornadas infelizes por uma variedade de causas simultâneas, mas cuja origem se encontra numa única conclusão precipitada. A conduta e os modos das mulheres, na verdade, provam que as suas mentes não estão num estado saudável, pois, à semelhança das flores que são plantadas em solo demasiado rico, a sua força e a sua utilidade são sacrificadas em favor da beleza. E as folhas vaidosas, após terem satisfeito o olhar exigente, murcham, desprezadas no caule, muito antes da época em que deviam ter atingido a maturidade. Atribuo uma das causas deste florescimento estéril a um falso sistema de educação, reunido a partir de livros escritos sobre o assunto por homens que, considerando as pessoas do sexo feminino mais como mulheres do que como criaturas humanas, têm tido a preocupação de as transformar mais em amantes sedutoras do que em

esposas. E a compreensão geral do sexo feminino tem sido tão restringida por esta homenagem ilusória que as mulheres civilizadas do século atual, com algumas exceções, só estão ávidas por inspirar amor, quando deviam acarinhar uma ambição mais nobre e exigir respeito pelas suas capacidades e virtudes.

Assim, num tratado sobre os direitos e os modos femininos, não podem ser desprezadas as obras que foram escritas sobretudo para o aperfeiçoamento das mulheres, especialmente quando se afirma, de forma direta, que as mentes das mulheres são debilitadas pelo falso refinamento; que os livros de instrução, escritos por homens geniais, tiveram a mesma tendência que produções mais frívolas; e que, ao verdadeiro estilo do maometismo, as mulheres só são consideradas como parte do sexo feminino, e não como parte da espécie humana, ainda que a capacidade de evolução da razão seja reconhecida como aspecto distintivo que eleva o homem acima da criação animal e lhe coloca um ceptro natural em sua mão débil.

E, no entanto, porque sou mulher, não levaria os meus leitores a supor que pretendo agitar violentamente a já bem debatida questão da igualdade ou da inferioridade do sexo. Porém, como o assunto se depara no meu caminho e eu não posso ignorá-lo sem correr o risco de deturpar o principal ponto do meu raciocínio, deter-me-ei por um momento para expor a minha opinião. No domínio do mundo físico, observa-se que a fêmea é, geralmente, inferior ao macho. O homem persegue e a mulher rende-se, é esta a lei da natureza, e não parece que possa ser suspensa ou revogada em benefício da mulher. Não se pode, então, negar essa superioridade física — e é uma prerrogativa digna! Mas não satisfeitos com a sua preeminência natural, os homens empenham-se a reduzir-nos ainda mais, somente para nos tornar objetos sensuais momentâneos. E as mulheres, embriagadas pela adoração que os homens lhes prestam, sob a influência dos seus sentidos, não buscam obter um interesse durável nos corações deles ou sequer tornar-se amigas daqueles que apreciam a sua companhia.

Estou consciente de uma inferência óbvia. De facto, tenho ouvido protestos, de todos os quadrantes, contras mulheres masculinas, mas onde elas estão? Se os homens pretendem, com esta designação, lançar uma investida contra o ardor das mulheres na caça, no tiro e na competitividade, cordialmente juntar-me-ei a eles no seu protesto; tal não acontecerá, contudo, se se manifestarem contra a imitação de virtudes masculinas ou, mais propriamente, contra a obtenção desses talentos e virtudes cujo exercício enobrece o carácter e eleva as mulheres na escala do ser humano, quando são designadas de forma abrangente como humanidade. Todos

quantos as observem com visão filosófica devem, penso eu, desejar comigo, que as mulheres possam tornar-se mais masculinas a cada dia.

Esta discussão divide naturalmente o assunto. Irei em primeiro lugar considerar as mulheres focando-me na sua percepção enquanto criaturas humanas, que, tal como os homens, são colocadas neste mundo para evidenciar as suas faculdades; e depois, de forma mais específica, irei orientar a discussão em torno de aspectos particulares desse conceito.

Também desejo afastar-me de um erro em que muitos escritores respeitáveis têm caído. Na verdade, a instrução que tem até aqui sido dirigida às mulheres destina-se, de certa forma, às senhoras da classe alta, se não excluirmos os pequenos conselhos indiretos espalhados no livro "Sanford e Merton". Porém, quando me dirijo aos seres do meu sexo num tom mais firme, dedico particular atenção às mulheres da classe média, porque parecem estar em estado mais natural. Talvez a semente do falso refinamento, da imoralidade e da vaidade tenha sempre sido rejeitada pelos mais fortes. Os seres fracos, artificiais, elevados acima das vontades e inclinações comuns da sua raça, de forma prematura e antinatural, subvertem os próprios fundamentos da virtude e espalham corrupção pela sociedade inteira! Enquanto classe da humanidade estas mulheres têm direito à piedade. A educação dos ricos tende a torná-las frívolas e impotentes, e a mente em desenvolvimento não é fortalecida pela prática daquelas obrigações que dignificam o carácter humano. Elas apenas vivem para se divertirem e, regidas pela mesma lei que na natureza invariavelmente produz certos efeitos, em pouco tempo somente conseguem suportar formas de diversão estéril.

Contudo, como pretendo apresentar uma perspectiva separada das diferentes camadas sociais e do carácter das mulheres, esta dica é para já suficiente. E apenas aludi o assunto porque me parece que uma reflexão acerca do conteúdo da obra, ainda que superficial, é a própria essência de qualquer introdução.

Os seres do meu sexo irão, assim espero, desculpar-me se as tratar como criaturas racionais, em vez de elogiar as suas graças fascinantes e encará-las como se estivessem num estado de infância perpétua, incapazes de serem autónomas. Desejo sinceramente focar aquilo em que consistem a verdadeira dignidade e a felicidade humanas. Desejo persuadir as mulheres a se empenharem para obter força, tanto de espírito como de corpo, e convencê-las de que frases suaves, susceptibilidade de emoções, delicadeza de sentimentos e refinamento do gosto são quase o mesmo que epítetos de fraqueza. E aqueles seres que são somente objeto de piedade e daquele tipo

de amor que tem sido denominado fraterno tornar-se-ão em breve alvos de desprezo.

Rejeitando então aquelas frases bonitas femininas, que os homens usam de forma condescendente para atenuar a nossa dependência servil, e desprezando aquela débil elegância de espírito bem como a sensibilidade apurada e a gentil docilidade de modos, que supostamente são as características sexuais do vaso mais fraco, pretendo demonstrar que a elegância é inferior à virtude, que o primeiro intuito da ambição louvável é obter um carácter enquanto ser humano, independentemente da distinção de sexo. E as perspectivas secundárias também devem ser vistas à luz desta pedra de toque.

Este é o esboço do meu plano. E se eu exprimisse a minha convicção com as emoções enérgicas que sinto sempre que penso no assunto, os ditames da minha experiência e reflexão seriam sentidos por alguns dos meus leitores. Animada por este objeto importante, evitarei depurar as minhas expressões ou polir o meu estilo. O meu objetivo é ser útil e a sinceridade tornar-me-á natural. Pois, desejando mais persuadir pela força dos meus argumentos do que deslumbrar pela elegância da minha linguagem, não perderei o meu tempo a aprimorar os meus parágrafos, nem a cultivar a empolada grandiloquência de sentimentos artificiais, que, vindo da cabeça, nunca atingem o coração. Estarei empenhada nas coisas e não nas palavras! Além de que, por estar preocupada em tornar as mulheres mais respeitáveis enquanto membros da sociedade, tentarei evitar a dicção floreada que perpassou dos ensaios para os romances e dos romances para as cartas familiares e para as conversas.

Estas insignificâncias, caricaturas da verdadeira beleza associada à sensibilidade, deslizam loquazmente da língua, viciam o gosto e criam uma espécie de delicadeza doentia que se desvia da verdade simples e despojada. E um dilúvio de sentimentos falsos e de sensações excessivas, asfixiando as emoções naturais do coração, torna os prazeres domésticos insípidos em vez de amenizar o exercício daqueles deveres rigorosos que preparam um ser racional e imortal para um campo de ação mais nobre.

A educação das mulheres ultimamente tem sido mais acautelada do que antes. No entanto, as mulheres são ainda consideradas frívolas e os escritores que procuram fazê-las progredir pela sátira ou pela educação, acabam por as ridicularizar ou manifestar piedade por elas. Como se sabe, as mulheres passam muitos dos seus primeiros anos de vida a realizar umas proezas superficiais; entretanto, o vigor do corpo e da mente é sacrificado em prol de

noções libertinas de beleza, em prol do desejo de se estabelecerem pelo casamento, que é a única forma de as mulheres conseguirem ascender no mundo. E como este desejo as transforma em meros animais, quando casam agem da mesma forma que as crianças: vestem, pintam e atribuem nomes às criaturas de Deus. Com certeza que estes seres fracos só se encaixam num harém! Terão estas mulheres capacidade de governar uma família ou de cuidar dessas pobres crianças que trazem ao mundo?

Devido à prevalente afeição pelo prazer que toma o lugar não só da ambição como daquelas paixões mais nobres que abrem e dilatam o espírito, poder-se-á deduzir justificadamente pela atual conduta do sexo feminino que a educação que as mulheres têm recebido, com a constituição da sociedade civil, só favoreceu a sua transformação em objetos de desejo insignificantes — meras promotoras de insensatez. Se se puder provar que para se tornarem nesses objetos, ao não cultivar o seu entendimento, as mulheres são retiradas da sua esfera de obrigações e tornadas ridículas, bem como inúteis assim que o seu breve apogeu de beleza termina, suponho que os homens racionais me irão perdoar por me empenhar em persuadi-las a tornarem-se mais masculinas e respeitáveis.

De facto, a palavra masculina é apenas um bicho-papão: na verdade, não há grande motivo para temer que as mulheres obtenham demasiada coragem ou força, isto porque a sua aparente inferioridade em força corporal tem de as tornar dependentes dos homens nas várias relações da vida, pelo menos até um determinado grau. Mas porquê intensificar esta dependência com preconceitos que votam o sexo feminino apenas ao caminho da virtude e confundem verdades simples com devaneios dos sentidos?

Na verdade, as mulheres são tão rebaixadas por noções erróneas da excelência feminina que eu não pretendo alimentar nenhum paradoxo ao afirmar que a fraqueza artificial produz uma propensão para tiranizar e dá origem também à astúcia, a concorrente natural da força. Isto leva-as a exibir aquela aparência infantil desprezível que enfraquece a estima ainda que estimule o desejo. Se não se alimentarem esses preconceitos, as mulheres irão naturalmente ocupar o seu posto subordinado na vida, ainda que respeitável.

Quase nem será preciso salientar que falo agora das mulheres em geral. Muitas destas mulheres são mais sensatas do que os seus companheiros do sexo masculino. E como não há nada que ganhe preponderância enquanto houver uma luta constante por equilíbrio, sem a qual as coisas adquirem naturalmente mais gravidade, algumas mulheres conduzem os seus maridos sem se rebaixarem, porque é sempre o intelecto que as governa.

# crônicas

(n.t.)|Nazca

# ÁGUAS-FORTES PORTENHAS

## ROBERTO ARLT

**O TEXTO:** Seleção de crônicas publicadas no jornal *El Mundo*, entre 1928 e 1942, por Roberto Arlt. Entre as diversas percepções da vida pelas ruas de Buenos Aires, apresenta-se aqui uma compilação de textos nos quais o cronista passeia pelas zonas portuárias da cidade e convida a entrar em contato com o movimento viscoso das águas, com o ranger metálico das embarcações, com os cheiros hediondos do ambiente. A matéria em decomposição de muitas das naves encontradas aparece como a putrefação de grandes símbolos do progresso, como o reverso da vida que se anuncia como promessa e se revela extirpada. O corpo enrijecido desses amontoados de ferrugem repousa no conforto das águas e parece haver um desejo de insuflar um sopro de vida entre seus poros abertos. Os nutrientes para essa vida renovada veem do universo dos sonhos, das fantasias abertas por esse território limítrofe onde os estrangeiros despertam a curiosidade por terras inexploradas, línguas incompreensíveis, histórias desconhecidas. Os textos convidam a morrer um pouco em todos os portos do mundo, a gozar a pequena morte de se entregar à imaginação, de se deixar viver fora do universo material reconhecido e do uso útil do tempo exigido.

**Texto traduzido:** Arlt, Roberto. *Obras. Aguafuertes*. Buenos Aires: Losada, 1998.

**O AUTOR:** Roberto Arlt escreveu romances, contos, crônicas, peças de teatro. Em suas crônicas deixou um conjunto incalculável de impressões sobre a vida na cidade, sobre os encantos e paradoxos da modernidade em expansão. Sua escritura está marcada pelo sarcasmo, pela corrosão de que a linguagem é capaz e pela operação de distorção de que pode se valer a literatura para provocar a língua, para retirá-la da normatividade e permitir-lhe a contaminação daquilo que lhe é estranho.

**A TRADUTORA:** Eleonora Frenkel é professora substituta de Teoria Literária na UFSC. Concluiu seu mestrado em Estudos de Tradução com pesquisa sobre as traduções para o português do romance *Los siete locos* (R. Arlt, 1927) e seu doutorado em Teoria Literária sobre as crônicas de Arlt e as gravuras de Goya.

# AGUAFUERTES PORTEÑAS

*"El ruido del agua es esencial en la piedra,*
*en el metal, en la madera."*

ROBERTO ARLT

## GRÚAS ABANDONADAS EN LA ISLA MACIEL

**05/06/1933**

La isla Maciel es rica en espectáculos brutales. En ella no se puede deslindar, por momentos, donde termina el cañaveral y empieza la ciudad.

Tiene calles terribles, dignas de la cinematografía o de la novela.

Calles de fango negro, con puentecitos que cruzan de casa a casa. Los perros, en fila india, cruzan estos puentes para divertirse, y es regocijante verlos avanzar un metro y retroceder cincuenta centímetros.

Hay calles a lo largo de sauzales, más misteriosas que refugios de pistoleros, y un tranvía amarillo ocre que pone sobre el fondo ondulado de chapa de zinc de las casas de dos pisos su movediza sombra de progreso.

En ciertas direcciones, a las once de la mañana, en la isla, parecen las tres de la tarde. No se sabe si se encuentra uno en una orilla de África o en los alrededores de una ciudad nueva de la península de Alaska. Pero es ostensible que los fermentos de una creciente civilización se están fraguando entre los chasquidos de idiomas raros y los "overoles" de los hombres, que cruzan lentamente caminos paralelos a vías que no se sabe adónde irán a parar.

Pero el espectáculo que más llama la atención al entrar a la isla, a pocos metros del puente del Riachuelo, es una guardia de veinte gigantes de acero, muertos, amenazando el cielo con los brazos enredados de cadenas,

abandonados quizá hasta la oxidación. Son veinte grúas que hace algunos años trabajan frente a la costa de la capital.

Un día, resultó que el frigorífico hizo nuevas instalaciones, que las convirtieron en superfluas, y desde entonces no han vuelto a moverse sus poderosos brazos de acero, cosidos por largas filas de remaches.

Y es extraordinario ver estos mecanismos abandonados, enfilados en los rieles de la orilla y enrejando el cielo de azul cobalto con sus brazos en V, oblicuos, y detenidos todos en la misma dirección. Parece éste un paisaje de algún cuento fantástico de Lord Dunsany.

De roldanas negras, cargadas de grumos de grasa y hollín, caen las cadenas de eslabones partidos, y en esa alta soledad de hierro frío y perpendicular, un chingolo salta de una polea a un contrapeso.

Y nada más sombrío que este pajarito revoloteando entre hierros inútiles, tirantes de hierro mordidos por la oxidación. Él da la sensación definitiva de que esas toneladas de acero y de fuerza, están muertas para siempre.

Ni las casetas de los maquinistas se han librado de la destrucción.

Los vidrios han desaparecido totalmente, los marcos de madera, agrisados, se hienden y parten, y como una blancura de hueso de esqueleto es la blancura de la masilla que en los contramarcos se desprende lentamente para seguir el camino de los vidrios e incluso el mango de madera de las palancas de los guinches se ha rajado, en la incuria del tiempo y sus inclemencias.

Todo alrededor releva la destrucción aceptada.

El malecón, donde cruzan los rieles que soportan estos guinches, también se desmorona. Numerosas tablas del piso han desaparecido, y las que quedan, blanquean como osamentas de dromedarios en el desierto, y por estos huecos, que dejan escapar un viento áspero, se escucha cómo chasquea el agua morena.

Retorcidos y rojizos quedan, de lo que fue, los clavos de cabeza cuadrada y matas de pasto verde.

Y por donde se mire, en torno de estas veinte grúas, enfiladas como condenados a muerte, o patíbulos, no se comprueba otra realidad que la paralización de la vida. En los carriles, las ruedas parecen petrificadas sobre sus ejes; bajo las bóvedas de sus cuerpos piramidales han construido refugios los desocupados y los vagos, y secándose al sol, colgadas de sogas, se mueven las ropas recientemente lavadas.

Mientras tomo apuntes, por allí sale de abajo de una grúa un criollo ciego, con bigotes blancos. Un cocinero de una chata, a gritos despierta a un vago para ofrecerle de una fuente las sobras de una tallarinada, y únicamente mirando hacia el puente o hacia el agua, o a los bares de la vida, se olvida uno de este espectáculo siniestro, que encarnan los veinte brazos, enguirnaldados de cadenas hollinosas, enrejando el cielo de un azul cobalto, entre la desgarrada forma de sus dobles V.

## MATICES PORTUARIOS

**28/07/1933**

Hay que ir al puerto, aunque más no sea para darse un baño de luz de viajes. Para el "poverino" que se pasa la vida navegando en ómnibus; para el crosta que únicamente conoce la catadura proletaria del tranvía a nivel; para el desdichado que emprende cotidianamente un crucero de recreo a la oficina subterránea, donde se trabaja a la luz artificial; el puerto con sus naves que perfilan la silueta de arco de disparar flechas, es un país nuevo que invita a la pereza y al ensueño.

Y esos trabajos

Usted, que se amarga en una oficina con un jefe que lo tiene de la cuarta al pértigo; usted que reniega sobre un libraco semejante al Sahara, usted que se embrutece día tras día construyendo columnas de cifras anonadantes y sumas piramidales como para desgastar el engranaje de una máquina de hacer las cuatro operaciones fundamentales; usted que está podrido del mostrador; usted que tiene ganas de emprenderla a patadas con los clientes de su patrón; usted que siente que el hígado se le está poniendo amarillo a medida que se oxida su juventud entre las cuatro paredes del comercio rasposo donde revuelve furiosamente los ojos su amo abocado a una quiebra; usted, hombre de todos los días, ciudadano de jeta avinagrada, soldado desconocido del "suma y sigue", héroe ignorado de la cinta de hilera y de la puntilla valenciana, "poilu" de las cifras, boche de los cálculos, vaya, vaya una vez al puerto el día que esté abocado al suicidio, a la desesperación o a una tentativa de homicidio y mire. Nada más... Vaya al puerto. Vaya que me agradecerá el consejo.

En el puerto se respira. En el puerto se bebe paisaje. En el puerto se recobran los sueños de la niñez. En el puerto se purifica el alma. En el puerto se aprende a soñar. A esperar, como esperan los transatlánticos. Una mañana perdularia por los diques produce sobre la imaginación los mismos efectos que una inyección de vitaminas. El vigor de la luz levanta la tapa de los cielos que parecen más altos y perfectos. El espacio se comba alegremente sobre la arboladura de los mástiles de acero y enrededor de las finas telarañas de las antenas de radio. Hasta el aire se diría entra burbujeando a los pulmones como una gaseosa; y se respira más libremente cual si se terminara de librarse de una opresión maldita. Se comprende la poesía de los ukeleles y de las

guitarras hawaianas y se lamenta no haber nacido indígena para divagar en cueros y dormir bajo tamarindos, mientras que los brujos se consultan el ombligo. De hecho, lo ataca a uno la inmensa voluntad de tirarse a muerto y escuchar cómo crujen los cabrestantes y las cadenas de los guinches.

!Y después! Esos nombres de los barcos más bonitos que una cara de mujer. !Y después! Estos transatlánticos roñosos. Esos hombres fuertes y rubios, que trabajan entre un muro de granito y un casco sobre un agua de color jabón amarillo, que lame con aceitoso vaivén los hierros mordidos por los salitres de todos los océanos.

!Ah! !Es maravilloso! La otra mañana he visto un casco, la proa del "Hardanger" color borra de vino, en tono de malva suave. Tres muchachones azules, con cepillos de pelo largo y dócil como la melena de una mujer, pintaban de rosa el acero del casco, y éste parecía chupar ávidamente la pintura como si el hierro estuviera sediento de ese "coldcream" emoliente que extendía sobre su superficie vastas manchas de rouge claro.

!Ah, estos trabajos marítimos! Livianos y semejantes a un juego. En el "Montferland" (paquete holandés) un hombre entre agua y cielo, junto a la proa embetunada de bleque, repinta las cifras blancas indicadoras de los pies del calado. Pinta sin prisa, como si estuviera decorando los frescos de una iglesia, tranquilamente, posiblemente pensando en las acuáticas tierras distantes, en canales y molinos y doncellas holandesas con cofia y pesados zuecos de madera.

Más adelante tropiezo con el "Lima". Lo envuelve una nube de polvo. Proviene del casco, donde repercuten los martillos de bolita, dejando el hierro moteado de viruela rojinegra. Enfrente, en el mismo dique, está el "Nimoda", un paquete de bandera inglesa, que parece destinado a un crucero pirático. Es todo negro, como las naves fantasmas o los barcos siniestros de las novelas impresionantes. Por la popa tiene un barril alquitranado suspendido sobre el agua semejante a un colador y es todo negro de la cala a los puentes. !Negro su casco negro el entarimado de la cubierta, negros los rollos de soga gorda como el cuerpo de la boa constrictor, negros los ventiladores, negras las lonas que cubren el paramento que tapa la boca de las bodegas. Algunas virutas de madera amarillenta, caídas del banco del carpintero de a bordo ponen en el suelo con unas hachas de mando ondulado, las motas de una reparación primitiva. Junto a la cocina, un truhán con un tufo sobre la frente y camiseta color de hígado pela papas con la misma indiferencia de quien ve llover, mientras que el humo de su pipa se le tuerce al llegar al filo de la boina blanca aplastada como una torta.

Y dan ganas de subir a bordo y trabajar de lavaplatos y morirse un poco en todos los puertos del mundo.

Cae del espacio una luz de viaje. Se piensa en los trópicos erizados de palmeras y en las negras que bailan al son de un tambor que golpean con las palmas de las manos negros belfudos de cabeza emplumada.

Se piensa en una hamaca paraguaya. En los cauchales de la Malasia, en las factorías as las orillas del Hastinapura. Se piensa en el taparrabo, en una siesta eterna y en una noche iluminada por cocuyos, grandes como faroles de bicicleta. Se piensa en todo... en todo, menos en trabajar.

## ANOCHECER LLUVIOSO EN EL PUERTO

**31/07/1933**

Sábado inglés, lluvioso, con anochecida en el puerto. La llovizna picotea el granito. En el centro de la calle de agua encajonada por muros de embarcaciones avanzan rápidamente engallados, tres remolcadores, uno tras otro, desviando a los costados con la proa nariguda, una espuma de plomo. El espacio oscurece y lentamente van apareciendo en los blancos pasadizos de los transatlánticos discos de luz.

Aún es de día

Es la hora en que los ausentes recuerdan el hogar distante en las orillas de una ciudad desvinculada de su corazón.

Aún es de día, aunque se van encendiendo en los mástiles, farolas que tienen la amarillez de los limones, en esta plomiza anochecida, fría y silenciosa.

Esta es la hora en que los hombres de a bordo cuando entran a su camareta, miran el retrato de un rostro querido y para consolarse piensan que después de cenar se embriagarán de whisky y ginebra y estrecharán en sus brazos hermosas mujeres. Junto a ellas olvidarán por unos minutos el hogar distante.

No se ve a nadie en la cubierta de los transatlánticos. Sopla un viento que corta la cara y sacude las sogas haciendo rechinar sordamente los juegos de poleas. La estructura como de yeso, de la obra muerta de los transatlánticos, permanece quieta. Se escuchan escasos ruidos, aislados, nítidamente diferenciados. Unos imitan la rotura de una tabla, en seco, o el golpe de un palillo en el cuero de un tambor. A bordo de una chata de hierro, dos hombres se lavan la cara en una tina. No sé de dónde viene una canción en voz baja, y de las chimeneas oblicuas, altas como edificios, se escapa un reguerillo de humo tan insignificante como el que sueltan las locomotoras portátiles de los maniseros. El agua tiene color de excremento de ballena. Paulatinamente van aumentando los ojos de buey iluminados y uno se pregunta qué diablos hacen los trabajadores del mar que no se dejan ver en la superficie de sus naves.

El viento hace oscilar las cadenas livianas y las sogas flojas. Los gallardetes, al extremo de los mástiles, extienden lenguas triangulares o

flamean el paralelogramo de sus paños. Del fondo de los diques sube un olor húmedo, áspero, cavernoso.

El paraje se pone cada vez más hosco. La piedra de las playas de descarga, es cordial junto a esta plomiza y fangosa luz propia del agua metalizada, que encrespa enrejados rápidos, y hay cabrillas que chasquean en los muros de acero de las naves fingiendo con su ruido palmetazos en ropa mojada.

Los muros de hierro pintados de blanco-cinc, con sus agujeros circundados de un ojal de bronce lustrado, ocultan interiores confortables. De pronto, una portezuela se abre en el puente de una nave y se distingue a un hombre afeitándose frente a un espejo.

Es la hora en que los ausentes recuerdan el hogar distante, la hora en que los grumetes se prometen delicias sin cuento de las mujeres de la ribera; la hora en que los marineros adultos se cambian de camisa y escriben una dificultosa carta a la familia. Es la hora en que los capitanes y segundos comandantes reciben una visita a bordo y destapan una botella de ron de Jamaica, diciendo con pensativo tono:

"The sea will be rough tonight" (Esta noche va a estar picada la mar)

Pasadizos blancos, cascos negros, cielo de plomo. Silencio de fiesta. Humaredas de chociles pobres en chimeneas gigantescas. Más faroles encendidos en los mástiles de las chatas y barcazas que se hamacan lentamente. El agua se zangolotea sombría, da golpes cortos y secos en las murallas de granito. Las pequeñas embarcaciones son zarandeadas y sus cargas crujen, o producen chasquidos metálicos como una gabarra cargada de varilla de hierro, mientras que la misma agua parece lamer sordamente un roquedal cuando golpea en el granito y cascajo de una chata de acero. La noche está cada vez más próxima sobre esta agua que tiene tonos oliváceos y claridades de plomo sucio de greda.

A la distancia la rojiza muralla de los depósitos ennegrece, paralela a las torcidas pirámides de los guinches. Entre la ligera cortina de llovizna los elevadores de granos parecen fantasmas cubistas entre la neblina.

En la perspectiva gris se cuentan más lámparas encendidas. No se ve a nadie a bordo de los paquetes de ultramar. La noche cae ostensiblemente. De los diques, de su fondo acuático y sacudido sube un aliento glacial. El hierro se hace más frío, los cordajes de soga más duros, las sombras más negras.

El ruido del agua es esencial en la piedra, en el metal, en la madera.

Chasquea infatigablemente. Y se piensa que el sueño de los hombres, con ese sonsonete eterno en su rededor, debe ser más profundo y pesado; se

piensa que en una noche así, a bordo de una embarcación que recoge en sus costados el castigo del viento, del frío y del agua, el calor de un camarote, con su ojo de buey empañado por la llovizna, debe parecer, para el hombre de mar, tan amoroso como el abrazo de una esposa de una madre.

## EL CEMENTERIO DE LAS NAVES

**30/07/1933**

Bonita cosa es echarse las manos a los bolsillos y sentarse a la orilla de un murallón y seguir en el agua color ámbar el trabajoso trajín de un remolcador que, a pesar de ser fino como el cuerpo de una mujer, arrastra una montaña bajo la forma de un transatlántico pitando en tanto con furor de bestezuela que no admite réplica.

Más bonito aún es bajar por una escalera de madera negruzca, lamida por el agua color champagne y trepar a una lancha y sentarse en un travesaño y recorrer el río a la fresca sombra de los paquetes de ultramar.

Y así como es de seductora y hermosa la nave pequeña o grande en la ondulosa agua, así también es de siniestra y sombría su estampa fuera del río, en un astillero o cementerio marítimo.

### Cadáveres acuáticos

Casi frente a la calle Colorado, en la boca del Riachuelo, se encuentra una entrada de tierra, un pequeño golfo que se podría llamar un pudridero de lanchas muertas.

Tumbadas de costado como focas heridas, con las duelas resecas y abiertas por las juntas, hay embarcaciones de todo calado. Al lado de esta ensenada se encuentran los astilleros del Ministerio de Obras Públicas.

Las canoas colocadas en un rimero natural de piedra, se descomponen lentamente al sol o en la sombra bajo techados de cinc. Enfrente de este cementerio, hay una nave dedicada a recalada de pilotaje, en torno de cuyo casco el agua ha pegado una línea de flotación gelatinosa y sucia. Roña. Cinturón de grasa que el agua acumuló en años de trabajo.

Pasando al lado, es decir, al astillero del Ministerio de Obras Públicas, se encuentra una especie de hospital de naves de pequeño calado. El suelo sembrado de cadenas con eslabones de todos los tamaños.

Sobre pivotes de madera se encuentran tremendos engranajes de dragas de tres metros de diámetro. Ruedas descomunales, de pie, que se piensa que únicamente pueden ser montadas sobre sus ejes por gigantes. Hay algo en este paraje de país de la titanomaquia.

Enfilados, una fila de remolcadores. No de remolcadores finos, pintados, con refajos de colores y chimeneas con boquilla de lustrado bronce. No remolcadores donde se podría pasar una luna de miel o vivir una existencia nueva. No. Estos son cascos despanzurrados, negros, rojizos, oxidados, con las costuras de sus remaches al aire, rudamente al aire. Hombres oscuros de manos enguantadas en guanteles de cuero mueven bajo sus quillas aulladores sopletes oxhídricos.

Una olla de alquitrán hierve y desparrama su olor de pino por los aires.

Sobre unos montantes, tostándose al sol, está el remolcador 606-V. Hasta el hierro de su casco parece sediento de agua. El mástil levanta en el aire la desolación de su desnudez color madera. Aproximándose se descubre que su puente de tablas se raja y agrieta tomando el color de la ceniza; la puerta de entrada y las máquinas, con el visillo, está agrietada, los contramarcos e los ojos de buey, están hechos pedazos.

Algunos pasos más allá se encuentra el 314-B, una chata barrera con el vientre desgarrado. La nave está deshecha por completo, destrozada como para una vivisección. Resucitará después... vaya a saber cuándo. En tanto, le han quitado las planchas de la quilla en la proa, y muestra las polvorientas y rojizas divisiones de los tanques de agua, como los ventrículos de un corazón. La 314-B está destrozada. Su chimenea negra yace torcida, como si sobre ella se hubiera descargado el furor de un ciclón. En su bajo vientre falta la hélice y el timón; arriba, las puertas que dan paso al compartimiento de máquinas despintadas, flojas sobre sus goznes, al entreabrirse dejan ver una máquina de vapor descuartizada con los tornillos sin bulones al aire. Sólo el soplete oxhídrico de un mecánico pone en el hierro negro su lengüetazo de temple violeta y la posibilidad de una reconstrucción.

Los mástiles en estas naves parecen brazos de desesperados. Las escalerillas de soga forman siniestras carpas prendidas al suelo junto a la borda. Se diría que conducen a lo alto de una horca.

A otro costado, frente a una escollera formada, de trozos de piedra, semisumergidos, tumbados, con las rígidas entrañas al aire, hay dos lanchones, terribles, angulosos, negros, con una costra de betún, como si los hubieran untado de grasa y hollín.

Son los restos de un naufragio.

Los pájaros vuelan a ras de estos esqueletos negruzcos sin pararse nunca en ellos. Sobre los flancos de hierro oscila la telaraña luminosa que refleja los movedizos polígonos de agua, color champagne, ámbar pálido o jerez, cuando el sol está en cierta posición.

En dirección contraria, frente a un dique flotante, se encuentra una chata de hierro no terminada. Hace un año que está allí ante el agua que la reclama, y el óxido avanza lentamente su lepra roja en los flancos curvos y la barcaza parece pregonar su esterilidad, de la cual son culpables esos hombres vestidos de azul.

El agua chasquea a pocos metros de la tierra cargada de cadenas y de hileras de anclas. Frente a estas naves condenadas, a estos cascos estériles, a estos mástiles inútiles, a estas chimeneas que no vierten humo y a estas hélices que no imprimen una vibración a toda máquina que las atornilla en el agua salobre, pasan los remolcadores finos, con los costados ceñidos de franjas de color, pasan las chatas cargadas de olorosa fruta y las lanchas hamacadas por el ir y venir de los remos que las empujan hacia adelante, salvándolas con el movimiento de esta muerte lenta que consume a las otras naves e incluso llega a ahuyentar a los pájaros.

# ÁGUAS-FORTES PORTENHAS

*"O ruído da água é essencial na pedra,*
*no metal, na madeira."*

ROBERTO ARLT

## GRUAS ABANDONADAS NA ILHA MACIEL

**05/06/1933**

A Ilha Maciel é um lugar rico em espetáculos brutais. Ali não podemos, muitas vezes, distinguir o fim do canavial e o começo da cidade.

Possui ruas terríveis, dignas de cinematografia ou de romance.

Ruas de lama preta, com pequenas pontes que passam de casa em casa. Os cachorros, em fila indiana, atravessam essas pontes para se divertir, e é uma satisfação vê-los avançar um metro e retroceder cinquenta centímetros.

Algumas ruas, rodeadas de salgueiros-chorões, são mais misteriosas que refúgios de pistoleiros, e por elas passam bondes de um amarelo oxidado que desenham uma ofuscada sombra de progresso no fundo ondulado das chapas de zinco dos sobrados.

Em alguns pontos, às onze horas da manhã, na ilha, parecem três da tarde. Não se sabe se estamos em algum canto da África ou nos arredores de uma nova cidade na península do Alasca. Mas é evidente que os fermentos de uma crescente civilização estão sendo forjados em meio ao lodo de idiomas estranhos e uniformes "overall" dos homens que atravessam lentamente caminhos paralelos às vielas que não se sabe aonde irão parar.

Mas o espetáculo que mais chama a atenção ao entrar na ilha, poucos metros depois da ponte de Riachuelo, é um pelotão de vinte gigantes de ferro, mortos, ameaçando o céu com seus braços enroscados de correntes,

abandonados, quem sabe, até a oxidação. São vinte gruas que há alguns anos trabalhavam diante da orla da capital.

Um dia, eis que o frigorífico construiu novas instalações que os transformaram em supérfluos, e desde então não voltaram a ter vida seus poderosos braços de aço, costurados por longas fileiras de rebites.

E é extraordinário ver esses mecanismos abandonados, enfileirados nos caminhos das margens e marcando o céu de um azul cobalto com seus braços em V, oblíquos, e apontados em uma mesma direção. Parece uma paisagem de algum conto fantástico de Lorde Dunsany.

Das roldanas pretas, carregadas de grudes de graxa e fuligem, caem as correntes de elos partidos, e nessa elevada solidão de ferro frio e perpendicular, um *tico-tico chingolo* pula de uma polia a um contrapeso.

E nada mais sombrio do que esse passarinho se debatendo entre ferros inúteis, cabos de aço mordidos pela oxidação. Ele passa a sensação definitiva de que essas toneladas de ferro e força estão mortas para sempre.

Nem as cabines dos maquinistas se livraram da destruição.

Os vidros desapareceram totalmente, os batentes de madeira restaram ressecados, rachados, rotos. A massinha nas bordas da janela se destaca com uma brancura de ossos de esqueleto e se desprende lentamente para seguir o caminho dos vidros. Racharam-se inclusive os cabos de madeira das alavancas dos guindastes, com a negligência do tempo e suas inclemências.

Tudo ao redor revela a destruição acatada.

O dique por onde passam as vigas que suportam essas gruas também está em ruínas. Inúmeras tábuas do chão desapareceram, e as que restam, perdem a cor como ossos de dromedário no deserto, e por suas fendas, que deixam escapar um vento ácido, pode-se ouvir como resmunga a água morena.

Retorcidos e enrubescidos restam, como lembrança do que foram, os pregos de cabeça quadrada e as matas de grama verde.

E por onde quer que se olhe, em torno a essas vinte gruas, enfileiradas como condenadas à morte, ou patíbulos, não se comprova outra realidade além da paralisação da vida. Nos trilhos, as rodas parecem petrificadas sobre seus eixos; sob as abóbodas de seus corpos piramidais construíram refúgios os desocupados e vadios, e secando ao sol, penduradas em cordões, movem-se as roupas recentemente lavadas.

Enquanto faço minhas notas, sai dali debaixo de uma grua um crioulo cego, com bigodes brancos. Um cozinheiro de meia tigela acorda aos berros um vagabundo para lhe oferecer as sobras de uma macarronada, e somente

olhando para a ponte ou para a água, ou para os bares da vida, é possível esquecer esse espetáculo sinistro encarnado pelos vinte braços, coroados com correntes fuliginosas, marcando o céu de um azul cobalto, entre a desgarrada forma de seus duplos V.

## TONS PORTUÁRIOS

**28/07/1933**

É preciso ir ao porto, nem que seja só para tomar um banho de luz de viagem. Para o "poverino" que passa a vida toda navegando de ônibus; para o descarnado que conhece somente a catadura proletária do bonde elétrico; para o desgraçado que embarca diariamente num cruzeiro de passeio para o escritório subterrâneo, onde se trabalha sob luz artificial; o porto com suas naves que desenham a silhueta de arco de atirar flechas, é um novo país que convida à folgança e à fantasia.

E esses trabalhos

O senhor que amarga a vida em um escritório com um chefe que o mantém na miséria; o senhor que resmunga sobre um livreco semelhante ao Saara, o senhor que emburrece dia após dia construindo colunas de algarismos apinhados e somas piramidais, dignas de desgastar a engrenagem de uma máquina de fazer as quatro operações fundamentais; o senhor que está apodrecendo no atendimento; o senhor que quer sair aos chutes com os clientes de seu patrão; o senhor que sente que seu fígado está amarelando à medida que sua juventude se oxida entre as quatro paredes do comércio escabroso, onde remexem furiosamente os olhos de seu amo à beira da falência; o senhor, homem de todos os dias, cidadão de pinta avinagrada, soldado desconhecido do "soma e segue", herói ignorado da fita de linha e da renda valenciana, "poilu" das cifras, alemote dos cálculos, vá, vá uma vez ao porto, no dia em que beire o suicídio, o desespero ou uma tentativa de homicídio, e apenas olhe. Nada mais...Vá ao porto. Vá e me agradecerá o conselho.

Respira-se no porto. Bebe-se a paisagem no porto. Relembram-se os sonhos de infância no porto. Purifica-se a alma no porto. Aprende-se a sonhar no porto. A esperar, como esperam os transatlânticos. Uma manhã perambulando pelos diques produz sobre a imaginação os mesmos efeitos que uma injeção de vitaminas. O vigor da luz levanta a tampa dos céus que parecem mais altos e perfeitos. O espaço tomba alegremente sobre a armação dos mastros de aço e em volta das finas teias de aranha das antenas de rádio. Até o ar, eu diria, entra borbulhando nos pulmões, como gasoso; e respira-se mais livremente, como se acabasse de se livrar de uma opressão maldita. Entende-se a poesia dos uqueleles e das guitarras havaianas e você se lamenta

por não ter nascido indígena pra divagar nu em coro e dormir sob os tamarindos, enquanto os bruxos consultam seus umbigos. De fato, vem uma vontade de fingir de morto e ouvir o rugir dos cabrestantes e das correntes dos guinchos.

E depois! Esses nomes dos barcos mais bonitos que um rosto de mulher. E depois! Estes transatlânticos encardidos. Esses homens fortes e loiros, que trabalham entre um muro de granito e um casco sobre a água cor de sabão amarelo, que lambe com um vaivém gorduroso os ferros mordidos pelos salitres de todos os oceanos.

Ah! É maravilhoso! Outro dia vi um casco, a proa do "Hardanger", cor de borra de vinho, num tom de malva suave. Três rapagões azuis, com escovas de cerda larga e dócil como cabeleira de mulher, pintavam de rosa o aço do casco, e este parecia chupar avidamente a pintura, como se o ferro estivesse sedento desse "coldcream" emoliente que estendia sobre sua superfície vastas manchas de *rouge* claro.

Ah, estes trabalhos marítimos! Leves e semelhantes a um jogo.

No "Montferland" (paquete holandês), um homem entre a água e o céu, junto à proa ensebada de breu, repinta as cifras brancas que indicam os pés do calado. Pinta sem pressa, como se estivesse decorando os frescos de uma igreja, tranquilamente, possivelmente pensando nas aquáticas terras distantes, em canais e moinhos e donzelas com tampa holandesa e pesados tamancos de madeira.

Mais adiante tropeço com o "Lima". Está envolto por uma nuvem de pó. Provém do casco, onde ressoam os martelos de bola, deixando o ferro salpicado de varíola rubro-negra. Em frente, no mesmo dique, está o "Nimoda", um paquete de bandeira inglesa, que parece destinado a um cruzeiro pirático. É inteiramente negro, como as naves fantasmas ou os barcos sinistros dos romances impressionistas. Pela popa vê-se um barril alcatroado suspenso sobre a água, como um coador, e é todo preto, do calado até as pontes. Preto seu casco, preto o assoalho da coberta, pretos os rolos de corda gorda como o corpo de uma jibóia-constritora, pretos os ventiladores, pretas as lonas que cobrem o paramento que tampa as bocas das bodegas. Algumas lascas de madeira amarelada, caídas do banco do carpinteiro de bordo, deixam no chão, com uns machados de cabo ondulado, as marcas de reparos primitivos. Na cozinha, um truão com um tufo na testa e camiseta cor de fígado, descasca batata com a mesma indiferença de quem olha a chuva, enquanto a fumaça de seu cachimbo se torce até chegar à beira da boina branca amassada como uma torta.

E dá vontade de subir a bordo e trabalhar de lava-pratos e de morrer um pouco em todos os portos do mundo.

Cai do espaço uma luz de viagem. Pensa-se nos trópicos rodeados de palmeiras e nas negras que dançam ao som de um tambor, onde negros beiçudos de cabeça empenada batem com as palmas das mãos.

Pensa-se numa rede pra deitar. Nos seringais da Malásia, nas fábricas à beira do Hastinapura. Pensa-se no tapa-rabo, numa sesta eterna em uma noite iluminada por pirilampos *cocuyo*, grandes como faróis de bicicleta. Pensa-se em tudo... em tudo, menos em trabalhar.

## ANOITECER DE CHUVA NO PORTO

**31/07/1933**

Sábado inglês, chuvoso, anoitecendo no porto. A garoa martelando o granito. No meio da rua de água estancada por muros de embarcações, avançam rapidamente alçados três rebocadores, um atrás do outro, afastando pelos lados, com a proa nariguda, uma espuma de chumbo. O espaço escurece e lentamente surgem discos de luz nos brancos passadiços dos transatlânticos.

Ainda é dia

É a hora em que os ausentes relembram seu lar distante nas margens de uma cidade desvinculada de seu coração.

Ainda é dia, embora se acendam nos mastros focos de luz amarelada como os limões, nesta noite borralhenta, fria e silenciosa.

Esta é a hora em que os homens de bordo, quando entram em seus camarotes, olham o retrato de um rosto querido e se consolam pensando que depois do jantar irão se embriagar com uísque e genebra e terão em seus braços formosas mulheres. Junto a elas esquecerão por alguns minutos o lar distante.

Não se vê ninguém na coberta dos transatlânticos. Sopra um vento que corta a cara e sacode as sogas, fazendo ressoar surdamente os jogos de polias. A estrutura como de gesso da obra morta dos transatlânticos permanece quieta. Escutam-se escassos ruídos, isolados, nitidamente diferenciados. Alguns imitam a ruptura de uma tábua, a seco, ou o golpe de uma baqueta no couro de um tambor. A bordo de uma chata de ferro, dois homens lavam a cara em uma tina. Não sei de onde vem uma canção em voz baixa, e das chaminés oblíquas, altas como edifícios, escapa um fiozinho de fumaça tão insignificante como aquele que soltam os carrinhos portáteis de amendoim torrado. A água tem cor de excremento de baleia. Paulatinamente vão aumentando as luzes nos olhos de boi e nos perguntamos que diabos fazem os trabalhadores do mar que não se deixam ver na superfície de suas naves.

O vento faz oscilar as correntes leves e as cordas soltas. Os galhardetes, no pico dos mastros, estendem línguas triangulares ou flamejam o quadrilátero de seus panos. Do fundo dos diques sobe um cheiro úmido, áspero, cavernoso.

A paisagem se torna cada vez mais turva. A pedra das praias se alivia, é cordial junto a esta borralhenta e lodosa luz, típica da água metalizada, que agita franzidos rápidos; e as pequenas ondas que estalam nos muros de aço das naves imitam com seu ruído palmadelas em roupa molhada.

Os muros de ferro pintados de um branco zinco, com seus buracos circundados por um anel de bronze lustrado, ocultam interiores confortáveis. De repente, uma pequena porta se abre na ponte de uma nave e avista-se um homem fazendo a barba diante do espelho.

É a hora em que os ausentes relembram o lar distante, a hora em que os grumetes se prometem delícias sem par junto às mulheres da ribeira; a hora em que os marinheiros adultos trocam de camisa e escrevem uma dificultosa carta para a família. É a hora em que os capitães e os segundos comandantes recebem uma visita a bordo e abrem uma garrafa de rum jamaicano, dizendo em tom pensativo:

"The sea will be rough tonight" (O mar vai estar agitado esta noite).

Passadiças brancas, cascos pretos, céu de chumbo. Silêncio de festa. Fumaceira de choças pobres em chaminés gigantes. Mais faróis acesos nos mastros das chatas e barcaças que balançam lentamente. A água zombeteia sombria, dá golpes curtos e secos nas muralhas de granito. As pequenas embarcações saracoteiam e suas cargas rangem, ou produzem estalos metálicos como uma gabarra carregada de varas de ferro, enquanto a água parece roçar surdamente um rochedo ao golpear o granito e o cascalho de uma chata de aço. A noite está cada vez mais próxima desta água de tons oliváceos e claridades de chumbo sujo de argila.

A distância, a rubra muralha dos depósitos escurece, paralela às pirâmides torcidas das gruas. Entre a leve cortina de garoa, os elevadores de grãos parecem fantasmas cubistas na neblina.

No panorama cinza contam-se mais lâmpadas acesas. Não se vê ninguém a bordo dos paquetes ultramarinos. A noite cai ostensivamente. Dos diques, de seu fundo aquático e sacudido, sobe um ar glacial. O ferro se torna mais frio, os cordames de sogas mais duros, as sombras mais pretas.

O ruído da água é essencial na pedra, no metal, na madeira.

Estala infatigavelmente. E imagina-se que o sono dos homens, com esse burburinho eterno ao redor, deve ser mais profundo e pesado; pensa-se que em uma noite assim, a bordo de uma embarcação que recebe em seus costados o castigo do vento, do frio e da água, o calor de um camarote, com

o olho de boi embaçado pela garoa, deve parecer, para o homem do mar, tão terno como o abraço de uma esposa ou de uma mãe.

## O CEMITÉRIO DAS NAVES

**30/07/1933**

Coisa linda é enfiar a mão nos bolsos e se encostar à beira de uma muralha e acompanhar, sob a cor âmbar da água, o trabalhoso movimento de um rebocador que, apesar de ser fino como o corpo de uma mulher, arrasta uma montanha que aparece na forma de um transatlântico, apitando com um furor de besta-fera que não admite réplica.

Ainda mais bonito é descer por uma escada de madeira cinzenta, lambida pela água cor de champanhe e montar numa lancha e se sentar numa viga e percorrer o rio por entre a sombra fresca dos paquetes ultramarinos.

E assim como é sedutora e formosa a grande ou pequena nave na água ondulosa, é também sinistra e sombria sua estampa fora do rio, num estaleiro ou cemitério marítimo.

Cadáveres aquáticos

Quase em frente da rua Colorado, na boca do rio Riachuelo, encontra-se uma entrada de terra, um pequeno golfo que se poderia chamar de um podredouro de lanchas mortas.

Tombadas de lado como focas feridas, com as tábuas ressecadas e abertas nas juntas, há embarcações de todo calado. Ao lado desta enseada encontram-se os estaleiros do Ministério de Obras Públicas.

As canoas, colocadas em um amontoado natural de pedra, se decompõem lentamente sob o sol ou à sombra dos telhados de zinco. Na frente desse cemitério, há uma nave dedicada à acostagem de prática, em cujo casco a água grudou uma linha de flutuação gelatinosa e suja. Sebo. Um cinturão de gordura que a água acumulou em anos de trabalho.

Passando para o outro lado, quer dizer, para o estaleiro do Ministério de Obras Públicas, encontra-se uma espécie de hospital de naves de pequeno calado. O solo semeado por correntes com argolas de todos os tamanhos.

Sobre pivôs de madeira encontram-se enormes engrenagens de dragas de três metros de diâmetro. Rodas descomunais, em pé, cuja montagem sobre seus eixos não parece ser possível, se não por gigantes. Há algo nesta paisagem de país da titanomaquia.

Enfileirados, uma fileira de rebocadores. Não de rebocadores finos, pintados, com bordados coloridos e chaminés lustradas de bronze. Não rebocadores onde se poderia passar uma lua de mel ou viver uma nova vida. Não. Esses são cascos desentranhados, pretos, avermelhados, oxidados, com as costuras e seus remendos expostos ao ar, toscamente expostos. Homens escuros de mãos enluvadas em couro movem sob suas quilhas barulhentos maçaricos oxídricos.

Ferve uma panela de piche que esparrama seu cheiro pestilento pelos ares.

A montante, torrando ao sol, está o rebocador 606-V. Até o ferro de seu casco parece sedento de água. O mastro ergue no ar a desolação de sua nudez cor de madeira. Chegando mais perto, descobre-se que sua ponte de tábuas está ressecada e rachada, tomando a cor das cinzas; a porta de entrada, com o cortinado, está rachada, e o contorno dos olhos de boi está despedaçado.

Alguns passos adiante se encontra o 314-B, uma chata graneleira com o ventre rasgado. A nave está completamente arrombada, despedaçada para uma dissecação. Quem sabe um dia ressuscitará… vai saber quando. Enquanto isso, retiraram as lâminas da quilha à proa, deixando à mostra a poeira vermelha entre as divisões dos tanques de água, como os ventrículos de um coração. A 314-B está destruída. Sua chaminé preta jaz deitada, como se o furor de um ciclone tivesse se descarregado sobre ela. Em seu baixo ventre faltam a hélice e o timão; em cima, as portas que abrem caminho para o compartimento de máquinas estão despintadas, soltas sobre seus gonzos, e entreabertas deixam ver uma máquina de vapor esquartejada com as porcas e parafusos expostos. Somente o maçarico oxídrico de um mecânico marca sobre o ferro preto seu tempero de roxo e abre a possibilidade de uma reconstrução.

Os mastros nessas naves parecem braços de desesperados. As escadelas de soga formam tendas sinistras presas ao solo junto à borda. Dir-se-ia que conduzem ao alto de uma forca.

Em outro lado, diante de um molhe formado por pedaços de pedra, semissubmersos, tombados, com suas rígidas entranhas expostas, encontram-se dois lanchões, terríveis, angulosos, pretos, com uma crosta de betume, como se estivessem untados de graxa e fuligem.

São os restos de um naufrágio.

Os pássaros passam em voos rasos entre esses esqueletos negruscos, sem nunca se deter. Nas laterais de ferro oscila a teia luminosa que reflete polígonos moventes de água, cor de champanhe, âmbar pálido ou xerez, conforme a posição do sol.

Na direção contrária, diante de um dique flutuante, vê-se uma chata de ferro inacabada. Há um ano que está ali frente à água que a reclama, e o óxido avança lentamente sua lepra vermelha pelas laterais curvas e a barcaça parece apregoar sua esterilidade, da qual são culpados esses homens vestidos de azul.

A água rebenta a poucos metros da terra, carregada de correntes e âncoras em fila. Diante destas naves condenadas, destes cascos estéreis, destes mastros inúteis, destas chaminés sem fumaça e destas hélices que não imprimem uma vibração a qualquer máquina que as arraste pela água salobra, passam os rebocadores finos, com as laterais rodeadas de franjas coloridas, passam as chatas carregadas de fruta perfumada e as lanchas que balançam com o ir e vir dos remos que as movem adiante, salvando-as do movimento dessa morte lenta que consome as outras naves e, inclusive, chega a afugentar os pássaros.

CONFIRA AS SÉRIES COM DESENHOS E FRAGMENTOS DE ESCRITORES
na página da revista (n.t.) no

Franz Kafka

série Franz Kafka: 7 vinhetas
29 julho a 03 agosto 2012

Sylvia Plath

série Sylvia Plath: 10 vinhetas
07 a 17 setembro 2012

# contos | excertos

(n.t.) | Babilônia

# HISTORIETAS

## HJALMAR SÖDERBERG

**O TEXTO:** "Spleen", "A alcachofra" e "Um cachorro sem dono" são três das vinte breves narrativas que compõem o volume *Historietter*, escrito pelo sueco Hjalmar Söderberg e publicado em Estocolmo em 1898. O livro despertou o entusiasmo de certas rodas literárias logo após o lançamento, e o poeta e crítico Oscar Levertin chegou a afirmar que "poucas vezes se veem motivos puramente anedóticos transformados com tanto requinte em pequenas verdades e ensinamentos de vida como nessas histórias" e a declarar Söderberg "o homem da palavra bem-escolhida mas necessária". As narrativas são vazadas em um estilo sóbrio e despido de adornos, e muitas vezes retratam personagens introspectivos e observadores com uma visão bastante pessimista acerca da vida.

**Textos traduzidos:** Söderberg, Hjalmar. *Historietter*. 1898. Disponível em: <http://runeberg.org/histrett/>.

**O AUTOR:** Hjalmar Söderberg nasceu em Estocolmo em 1869. Estreou como novelista em 1895 com o romance *Förvillelser*, e três anos mais tarde lançou o volume *Historietter*, com vinte breves narrativas – entre as quais se encontram as três ora apresentadas. A obra mais conhecida que legou para a posteridade foi o romance *Doktor Glas*, escrito em 1905 e traduzido para diversos idiomas. Além de crítico, jornalista, dramaturgo e romancista, foi também tradutor, e verteu para o sueco obras de Anatole France, Heinrich Heine, Alfred de Musset e Guy de Maupassant. O autor morreu em Copenhague, no ano de 1941.

**O TRADUTOR:** Guilherme da Silva Braga é tradutor literário, licenciado em inglês-português, mestre em literatura comparada e doutorando em literaturas de língua inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Traduziu dezenas de obras clássicas e modernas de expressão inglesa publicadas no Brasil. Do sueco, traduziu *Senhorita Júlia e outras peças* (Hedra), de August Strindberg, os contos "O desenho a nanquim" e "Vox populi", de Hjalmar Söderberg (Arte e Letra) e o romance *A traidora honrada* (A Bolha/Autêntica), de Tove Jansson.

# HISTORIETTER

*"Mitt liv har drömmens skumma*
*och sällsamt förvirrade färg."*

HJALMAR SÖDERBERG

## SPLEEN

Mitt liv har drömmens skumma och sällsamt förvirrade färg.

De första lyktorna började redan glimma, då jag i går afton lämnade min boning efter att hela dagen ha grubblat över livets gåta. förtvivlad över att icke finna någon lösning, sade jag till mig själv: du dåre, som nöter bort din dag med fruktlöst grubbel över det, som du helt säkert icke skulle bliva lyckligare av att veta — och riktade i stället mina ansträngningar på ett schackproblem i fyra drag. Men då mitt skarpsinne visade sig otillräckligt även för detta, slungade jag schackbrädet ut genom fönstret i huvudet på en gammal man med träben, för vilken döden endast var en välgärning, och kastade mig därefter ut i världsvimlet, föraktande mig själv.

Kvällen var varm och klar och underbart stilla. Mitt över slottet stod månen rund som en gammal präst, gulröd och sagolikt stor. Ljudet av människornas steg mot gatläggningen liknade pickandet av tusen ur och kommo mig att rysa till vid tanken på den snabbhet, med vilken sekunderna runno bort ur mina händer... En spårvagn ilade förbi: jag kastade mig upp i den och åkte ringlinjen runt några gånger. Denna förströelse har nämligen en sällsam förmåga att skingra mitt svårmod: hela världen syntes mig gå runt som en karusell, och då jag var barn och åkte på karusell, kunde jag aldrig hålla mig för skratt. Så gick det också nu, jag hade knappast åkt tre varv på ringlinjen, förrän jag började gapskratta alldeles högt.

— God afton, sade en röst tätt inpå mig, och ett ansikte vände sig om från bänken närmast framför mig, ett blekt och långt ansikte, som jag förgäves ansträngde mig att känna igen. Jag känner igen er på ert skratt, fortsatte han. Ni skrattade alldeles på samma sätt på min mosters begravning för sju år sedan, då prästen tolkade min och de andra arvingarnas sorg. Ni narrade oss att skratta allesammans, prästen också, och troligtvis också min moster. Ni har ett glatt lynne.

— Ja, svarade jag hövligt, jag har ett mycket glatt lynne. Och ni själv, kära herre?

— Ack, låt oss inte tala om mig, jag är en ohjälplig tungus. Det har jag varit ända sedan jag ärvde min moster.

— Ja, jag vet det, svarade jag tankspridd.

— Vet ni det? frågade han och spärrade upp två stora, enfaldiga och melankoliska ögon. Vem har sagt er det?

— Det faller ju av sig självt. Innan er moster dog var ni glad och munter, emedan ni hoppades att hon skulle dö, så att ni kunde få ärva henne. Så dog hon, och ni fick ärva henne, och nu har ni inga flera mostrar som ni kan få ärva. Alltså har ni ingenting att hoppas på vidare, och därför är ni ledsen. Det är ju så enkelt.

Den stackars mannen stirrade nu icke blott med ögonen utan även med munnen. Hela hans själ stirrade mig till mötes genom tre enorma gluggar.

— Ni har rätt, svarade han slutligen. Ni har givit ord åt vad jag länge har anat. Tack, hjärtligt tack.

Han skakade min hand med rörelse och fortsatte:

— Ni har vältrat en sten från mitt bröst. Ingenting är obehagligare än att känna sig svårmodig utan att veta varför. Men nu är det över, och ni har gjort mig en stor tjänst. Låt oss nu göra sällskap ut och supéra.

Detta nya uppslag tilltalade mig ur flera synpunkter. Visserligen kunde jag icke erinra mig mannens namn, men jag har sedan länge lärt mig att se bort från oväsentligheter; och vad betyder ett namn?

Vi hoppade alltså ned från spårvagnen och upp i en droska och körde i en vansinnig karriär bort till ett litet utvärdshus långt ute på landet. I detta idylliska näste fördrevo vi tiden genom att äta sill, rädisor och färsk potatis samt att dricka norskt brännvin och tre sorters champagne. Därefter hoppade vi ut genom fönstret, medtagande en flaska whisky och något apollinaris; då vi kommo ned, befunno vi oss till vår glädje på ett svagt

sluttande plåttak med en härlig utsikt över den mest idylliska insjö, kransad av vass och pilar. Vi slogo i var sin grogg och fortsatte vårt samtal.

— Ja, sade jag, rikedomen är för människan en källa till många bekymmer. Jag hade en gång en vän, som var mycket frusen. Han spelade på hamburgerlotteriet i hopp att vinna en så stor summa pengar, att han kunde köpa sig en päls. Så vann han tre hundra tusen kronor. En så stor vinst kunde icke hållas hemlig: alla hans vänner fingo höra talas om saken och lånade strax så stor del av summan, att han nätt och jämnt kunde köpa en päls av oäkta bäverråtta för återstoden — men det gjorde han icke. Och hur skulle han ha kunnat göra det? Alla människor visste ju att han hade vunnit sina pengar på lotteri; och det kan ju inte tusan springa omkring på gatorna i en lotteripäls!

— Nej, det är ju alldeles omöjligt.

— Ja visst.

— Ja-a.

Vi sutto några ögonblick tysta, var och en upptagen av sina egna tankar.

Så med ens reste sig herr Kihlberg (han hade vid det femte glaset av den tredje champagnesorten anförtrott mig att han hette så) med en plötslig glädjeblixt i ögat och frågade mig:

— Hur stor är högsta vinsten i hamburgerlotteriet?

— Jag tror att den är antingen fem eller sju hundra tusen, svarade jag. Åtminstone är det fullkomligt säkert att den icke är sex hundra tusen; ty spelvärdarna veta mycket väl, att de udda talen besitta en makt över människans fantasi, som de jämna icke äga.

— Alltså minst fem hundra tusen, återtog herr Kihlberg. Det var endast två tusen kronor jag ärvde efter min moster. Om jag spelar på hamburgerlotteriet kan jag alltså hoppas att få min förmögenhet mer än fördubblad: jag kan hoppas att få ärva ytterligare en och en halv moster. Då har jag ju ännu något att leva för!

— Ja visst. Framtiden ler mot er på nytt.

— Ja, jag kan ännu hoppas. Jag vill spela på hamburgerlotteriet; men om jag vinner? Då är allt förlorat, då återstår mig endast döden!

## KRONÄRTSKOCKAN

Jag fick en gång en ny vän.

En dag åto vi middag tillsammans på en av sommarrestaurangerna. Jag har föga sinne för mat, rätterna erinrar jag mig icke; det är icke ens säkert, att jag kände namnen på dem medan jag åt. Emellertid minns jag mycket väl, att vi bland annat roade oss med att äta var sin kronärtskocka, och till den drucko vi en mycket got bourgogne. Jag har alltid tyckt om kronärtskocka, likväl ha dessa fjälliga, svartgröna tingestar aldrig berett mig ett så utsökt nöje som just den gången.

Dagen var vacker. En blek septemberdag: en av dessa den tidiga höstens lyckodagar, vilkas ljusa och lätta melankoli redan så ofta hunnit verka på våra sinnen, att den vekt rörda stämning de fordom kallade fram fått gå till vila för att lämna rum åt en känsla av mera jordiskt välbefinnande. Himmelen lyste ren och blå. Insekterna surrade i lövverket över och omkring oss, vattnet glittrade, hamnen i staden skymtade på avstånd.

Ja, det var en vacker dag.

— Min kronärtskocka är förträfflig, hur är din? frågade jag min vän, medan jag höjde mitt glas mot solen och blinkade med ena ögat.

— Den är utmärkt, sade han. Den är ännu bättre än din.

Och han tillade med ett mörkt leende, som väl egentligen icke hörde hemma i hans friska och rödblommiga ansikte med dess soliga muskulatur:

— Jag tycker särskilt om kronärtskocka. Den har en så läcker bismak av blåsyra.

Jag nickade tankspritt instämmande, medan jag sög på ett av de största fjällen, som jag hade gömt till sist. Blåsyra, låt gå... Jag ansåg det icke otroligt att kronärtskockan kunde smaka blåsyra, i alla händelser var jag icke kapabel att disputera om saken.

Insekterna surrade. Vattnet tindrade mellan träden. Så gled det ett litet moln över solen.

Jag vet icke varför min vän fann det nödvändigt att just nu leda samtalet på en uppskakande tilldragelse, som hade passerat i dagarna och i vilken en av våra gemensamma flyktigare bekanta hade spelat huvudrollen.

— Det var en förskräcklig historia, sade han. Det hade han rätt i , ty det var det verkligen. Men varför skulle han tala om den saken nu, var det kanske för att det gled ett moln över solen? Jag svarade emellertid med full övertygelse:

— Ja, det var mycket sorgligt. Jag fick just veta det i går morse, och jag kände mig nedstämd hela förmiddagen.

Sanningen är att jag rätt ofta känner mig nedstämd hela förmiddagen.

Utan att blinka replikerade min vän:

— Ja, jag kunde inte sova på hela natten.

Jag svarade ingenting, men sneglade på honom från sidan tämligen kallt. Den blir snart outhärdlig, denna jäktande nutid med sin brutala konkurrens på alla områden.

Med ens påminde jag mig hans yttrande, att kronärtskockan smakade blåsyra, och jag fick en idé. I början av en bekantskap poserar man gärna en smula för varandra. Om jag nu lägger ut en liten snara med blåsyran som lockbete, skall han då gå i den eller icke?

Vi skola se.

Jag gav honom en diskret puff i sidan med min pekfingerknoge och frågade i en ton av det livligaste intresse.

— Hur var det du sa för en stund sedan, smakar kronärtskockan blåsyra?

Det var ju omöjligt för honom att veta vart jag ville hän: vad jag kunde läsa i hans ansikte var alltså ännu blott ett fast beslut att till det yttersta försvara själva tesen.

— Ja visst, svarade han med ett lugnt småleende, har du inte vetat det förut?

— Nej, det har jag inte vetat. Jag vet nämligen inte hur blåsyra smakar. Men det vet kanske du? tillade jag så oskyldigt jag kunde, liksom i förbigående.

Här låg det nya uppslaget. Han visste icke, att jag talade efter en given plan och hade alltså ingen anledning att inlägga någon avsikt i min fråga; han måste tillskriva den slumpen, det lösa pratets oberäknerliga nyck. Jag å min sida gjorde allt för att framkalla denna uppfattning; jag hade knappt talat ut, förrän jag knackade på kyparen och mumlade något om cigarretter, varigenom frågan just fick utseende av att vara framkastad på måfå och glömd i samma ögonblick som framkastad, alltså att vara en fråga, på vilken men kunde svara eller icke svara, likgiltigt vilket. Jag måste nämligen säga om

mig själv, att det ju fanns en möjlighet, om också svag, att min vän verkligen en gång på allvar hade haft något med blåsyra att göra, och med denna visserligen minimala möjlighet för ögonen var det min skyldighet att göra frågan på ett sätt, som gav honom tillfälle att ignorera den, om han så ville. Men det ville han lyckligtvis icke, vad jag ju också hade räknat på.

Efter några sekunders synbar själsstrid svarade han nämligen med sammandragna ögonbryn:

— Du vidrör ett ämne, som jag av vissa skäl ogärna vill inlåta mig på. Låt oss tala om någonting annat!

Jag teg; men ur mitt inre steg det upp ett tyst jubel.

Och ännu i dag, när jag genom att skriva ner denna betydelselösa tilldragelse söker förkorta en tom och fåfäng timme, ännu i dag har jag nöje av denna kronärtskocka, som jag åt upp för över tre år sedan.

## EN HERRELÖS HUND

En man dog, och då han var död, vårdade sig ingen om hans svarta hund. Hunden sörjde honom länge och bittert. Han lade sig dock icke att dö på sin herres grav, kanhända emedan han icke visste var den fanns, kanhända också emedan han i grunden var en ung och glad hund, som ännu ansåg sig ha en del otalt med tillvaron.

Det finns två slags hundar: hundar, som ha en herre, och hundar, som icke ha någon. I det yttre är skillnaden icke väsentlig; en herrelös hund kan vara lika fet som en annan, ofta fetare. Nej, skillnaden ligger på annat håll. Människan är för hunden den oändliga, försynen. En herre att lyda, att följa, att förlita sig på: det är så att säga hundlivets mening. Väl har han icke varje minut av dagen sin herre i tankarna, och väl följer han honom icke alltid tätt i hälarna; nej, han springer ofta omkring på egen hand med affärsmässig uppsyn och nosar på husknutarna och knyter förbindelser med sina likar och nafsar till sig ett ben, om det faller sig så, och bekymrar sig om mycket; men i samma ögonblick hans herre visslar, är allt det ute ur hans hundhjärna fortare än gisselslagen drevo månglarna ut ur templet; ty han vet, att ett är av nöden. Och han glömmer sin husknut och sitt ben och sina kamrater och skyndar till sin herre.

Den hund, vars herre dog utan att hunden visste hur och blev begraven utan att hunden visste var, sörjde honom länge; men då dagarna gingo och ingenting inträffade, som kunde påminna honom om hans husbonde, så glömde han honom. På den gata, där hans herre bott, kände han icke längre lukten av hans spår. Då han tumlade om på en gräsplan med en kamrat, hände det ofta att en vissling skar genom luften, och i samma ögonblick var kamraten försvunnen som en vind. Då spetsade han öronen, men ingen vissling liknade hans herres. Så glömde han honom, och han glömde ännu mera: han glömde att han någonsin haft en herre. Han glömde att det någonsin hade funnits en tid, då han icke skulle ha ansett det möjligt för en hund att leva utan en herre. Han blev vad man skulle kunna kalla en hund som sett bättre dagar, ehuru i inre mening, ty i det yttre gick det honom någorlunda gott. Han levde som en hund kan leva: han stal då och då ett gott mål mat på torget och fick stryk, och hade kärlekshistorier, och lade sig att sova när han var trött. Han fick vänner och ovänner. Den ena dagen klådde han grundligt upp en hund, som var svagare än han, och en annan dag blev han själv illa tilltygad av en, som var starkare. Tidigt på morgonen kunde

man se honom springa utför sin husbondes gata, där han av vana fortfarande mest höll till. Han springer rakt fram med en min som om han hade något viktigt att uträtta; luktar i förbigående på en mötande hund, men bryr sig icke om att fullfölja bekantskapen; därefter ökar han farten, men sätter sig med ens ner och kliar sig bakom örat med hetsig energi. I nästa ögonblick rusar han upp och flyger mitt över gatan för att jaga en röd katt ner i en källarglugg, varefter han med återtagen affärsmin fortsätter sin väg och försvinner bakom hörnet.

Så gick hans dag, och det ena året följde det andra tätt i spåren, och han åldrades utan att han märkte det.

Så blev det då en gång en mulen afton. Det var vått och kallt, och det kom en regnskur då och då. Den gamle hunden hade hela dagen varit på strövtåg långt nere i staden; han gick långsamt uppför gatan, han haltade en smula; ett par gånger stannade han och ruskade sin svarta päls, som med åren blivit gråsprängd kring huvudet och halsen. Efter sin vana gick han och nosade än till höger, än till vänster; så tog han en avstickare inåt en portgång, och då han kom ut, hade han en annan hund i sällskap. I nästa ögonblick kom en tredje till. Det var unga och skämtsamma hundar, och de ville narra honom att leka; men han var vid dåligt lynne, och dessutom började det ösregna. Då skar en vissling genom luften, en lång och skarp vissling. Den gamla hunden såg på de båda unga, men de lystrade icke; det var icke någon av deras herrar som visslade. Då spetsade den gamle herrelösa hunden öronen; han kände sig med ens så underlig. En ny vissling, och den gamle hunden gjorde rådvill ett språng först åt ena sidan, så till den andra. Det var hans herre som visslade, då måste han ju följa! För tredje gången visslade någon, lika ihållande och skarpt. Var är han då, åt vilket håll? Hur har jag kunnat bli skild från min herre! Och när skedde det, i går eller i förrgår, eller kanske för en liten stund sedan? Och hur såg min herre ut, och vad hade han för lukt, och var är han, var är han? Han sprang omkring och nosade på alla förbigående, men ingen var hans herre, och ingen ville vara det. Då vände han och sprang gatan utför; i hörnet stannade han och såg sig omkring åt alla sidor. Hans herre var icke där. Då tog han gatan tillbaka i fyrsprång; smutsen stänkte om honom, och regnet dröp av pälsen. I alla hörn stannade han, men ingenstädes var hans herre. Då satte han sig ned i en gatukorsning och sträckte det lurviga huvudet mot himmelen och tjöt.

Har du sett, har du hört en sådan herrelös hund, då han sträcker hals mot himmelen och tjuter, tjuter? De andra hundarna luska sakta bort med svansen mellan benen; de kunna ju icke trösta och icke hjälpa.

# HISTORIETAS

*"Minha vida tem as cores sombrias*
*e estranhamente confusas de um sonho."*

HJALMAR SÖDERBERG

## SPLEEN

Minha vida tem as cores sombrias e estranhamente confusas de um sonho.

As primeiras lâmpadas já começavam a arder quando, no entardecer de ontem, saí de casa depois de passar o dia inteiro ruminando sobre o mistério da vida. Desesperado por não encontrar nenhuma resposta, eu disse para mim mesmo: "Você é um louco que desperdiça o dia com ruminações infrutíferas sobre coisas que com certeza não o fariam nem um pouco mais feliz se as compreendesse" — e assim passei a me ocupar com um problema de xadrez em quatro lances. Porém, quando meu raciocínio se mostrou insuficiente até mesmo para essa tarefa, atirei o tabuleiro pela janela na cabeça de um velho com uma perna de pau, para quem a morte seria uma bênção, e então me lancei rumo à vertigem do mundo, cheio de desprezo por mim.

A noite estava quente e clara e o mundo parecia envolto em um silêncio maravilhoso. Logo acima do castelo a lua vermelho-amarelada pairava como um velho pastor, enorme como nos contos de fada. O barulho dos passos dos transeuntes no calçamento parecia o tique-taque de mil relógios e me fez estremecer quando pensei na rapidez com que os segundos me escapavam das mãos... Um bonde passou depressa: saltei para dentro do vagão e percorri todo o trajeto da linha algumas vezes. Esse passatempo tem a rara capacidade

de dispersar minha melancolia: o mundo inteiro me dava a impressão de girar como um carrossel, e quando eu era menino e andava de carrossel, eu não conseguia segurar o riso. Foi o que aconteceu também dessa vez; eu mal havia completado três percursos completos quando comecei a rir em voz demasiado alta.

— Boa tarde — disse uma voz muito próxima a mim depois que um rosto virou-se no banco logo à minha frente, um rosto pálido e alongado, que em vão me esforcei por reconhecer. — Reconheço a sua risada — disse. O senhor riu da mesma forma no enterro da minha tia, enquanto o pastor falava sobre a perda que eu e os outros herdeiros havíamos sofrido. Fez com que nós todos ríssemos, inclusive o padre e possivelmente a minha tia. O senhor tem uma disposição alegre.

— É — respondi com ar cortês —, eu tenho uma disposição muito alegre. E o senhor, meu caro?

— Ah, não vamos falar sobre mim... eu não passo de um aborrecimento irremediável. Tem sido assim desde que recebi a herança da minha tia.

— Sim, eu sei — respondi sem dar por mim.

— O senhor sabe? — perguntou-me o homem, arregalando dois olhos grandes, ingênuos e melancólicos. — Quem lhe contou?

— A situação dispensa explicações. Antes que a sua tia morresse o senhor vivia alegre e contente, pois tinha a esperança de que ela morresse e assim o senhor pudesse receber a herança. Então ela morreu e o senhor pôde receber a herança, mas agora não tem mais nenhuma tia de quem possa receber uma herança. Em suma, o senhor não tem nenhuma esperança para o futuro, e por isso está triste. É tudo muito simples.

Nesse instante o pobre homem me encarou não apenas com os olhos, mas também com a boca. Todo o espírito dele me encarava através de três buracos enormes.

— Tem razão — respondeu por fim. — O senhor acaba de pôr em palavras aquilo que eu há muito tempo pressentia. Obrigado. Obrigado, de todo o coração.

O homem deu-me um efusivo aperto de mão e prosseguiu:

— O senhor tirou um peso do meu peito. Nada é mais desagradável do que sentir-se melancólico sem saber por quê. Mas agora passou, e o senhor me prestou um grande serviço. Vamos sair juntos para conversar e jantar!

Essa nova sugestão me agradou por diversos motivos. A bem dizer eu não conseguia recordar o nome daquele homem, mas faz tempo que aprendi a deixar de lado esses detalhes insignificantes; afinal, o que significa um nome?

Assim, pulamos para fora do bonde e para dentro de um coche e seguimos em uma carreira desenfreada até uma pequena cantina no campo. Nesse abrigo idílico passamos o tempo comendo arenque, rabanetes e batatas recém-colhidas enquanto bebíamos uma aguardente norueguesa e três diferentes tipos de champanhe. Depois pulamos a janela, levando junto uma garrafa de uísque e um pouco de Apollinaris; quando chegamos ao fim da descida, notamos para nossa grande alegria que o telhado de metal terminava em uma inclinação suave com uma vista maravilhosa para um lago absolutamente idílico, rodeado por juncos e salgueiros. Servimos cada um uma dose de bebida e continuamos a nossa conversa.

— Na verdade — disse eu —, para muitas pessoas a riqueza é fonte de inúmeras preocupações. Eu tinha um amigo muito friorento. Ele jogava na loteria de Hamburgo na esperança de ganhar dinheiro suficiente para comprar um casaco de pele. No fim ganhou trezentas mil coroas. Não há como manter oculta uma quantia tão vultuosa: todos os amigos ouviram falar a respeito e de imediato tomaram emprestada uma porcentagem tão grande do prêmio que o coitado mal poderia comprar um casaco de pele falsa de castor com o valor restante... mas não comprou. E como poderia fazer uma coisa dessas? Todo mundo sabia que tinha ganhado o dinheiro na loteria; e é evidente que não se pode andar por aí com peles de loteria!

— Não, de fato é completamente impossível.

— Sem dúvida.

— É.

Continuamos sentados em silêncio por mais alguns instantes, cada um ocupado com os próprios pensamentos.

Então, de repente, o senhor Kihlberg (durante o quinto copo do terceiro tipo de champanhe ele me havia confidenciado que se chamava assim) se virou com um súbito lampejo de alegria nos olhos e me perguntou:

— Qual é o valor do primeiro prêmio da loteria?

— Acho que quinhentos ou setecentos mil — respondi. — De qualquer maneira, é certo que não são seiscentos mil; pois os organizadores sabem muito bem que os números ímpares detêm sobre a fantasia dos homens um poder que os números pares não possuem.

— Pelo menos quinhentos mil — repetiu o senhor Kihlberg. — Herdei apenas duzentas mil coroas da minha tia. Se eu jogar na loteria, posso ter a esperança de mais do que dobrar minha fortuna: posso ter a esperança de herdar mais uma tia e meia. Assim posso ter um motivo para viver!

— Sem dúvida. O futuro voltou a sorrir para o senhor.

— É, ainda resta esperança. Vou jogar na loteria; mas e se eu ganhar? Nesse caso está tudo perdido, e então me resta apenas a morte!

## A ALCACHOFRA

Certa vez fiz um novo amigo.

Um dia saímos para jantar juntos em um restaurante de verão. Tenho pouca disposição para a comida e não me lembro dos pratos que foram servidos; nem ao menos tenho certeza de que eu sabia como se chamavam durante a refeição. No entanto, lembro-me muito bem de que entre outras coisas nos divertimos comendo cada um uma alcachofra, que se fez acompanhar por um excelente borgonha. Sempre gostei de alcachofra, porém essas coisas verde-escuras e escamosas nunca me proporcionaram um prazer tão requintado quanto desta vez.

O dia estava bonito. Era um dia pálido de setembro: um daqueles dias venturosos no início do outono, cuja melancolia suave e luminosa havia influenciado nossa disposição com tanta frequência que a atmosfera de ternura evocada outrora pôde descansar e abrir espaço para um sentimento mundano de bem-estar. O céu resplendia límpido e azul. Os insetos zumbiam na copa das árvores mais acima e ao redor, a água cintilava e o porto da cidade podia ser avistado ao longe.

Ah, era um dia bonito.

— Minha alcachofra está deliciosa; como está a sua? — perguntei ao meu amigo enquanto eu erguia o cálice em direção ao sol e piscava com um único olho.

— Extraordinária — respondeu ele. — Melhor até do que a sua.

A seguir acrescentou, com um sorriso sombrio que a bem dizer não combinava com o rosto saudável e corado de musculatura curtida ao sol:

— Eu gosto muito de alcachofra. Essa aqui tem um travo delicioso de cianureto.

Acenei a cabeça distraidamente enquanto eu chupava uma das grandes pétalas que havia guardado para o fim. Cianureto, muito bem... Não me parecia impossível que a alcachofra pudesse ter gosto de cianureto, e de qualquer forma eu não estava em posição de discutir o assunto.

Os insetos zumbiam. A água reluzia entre as árvores. Nesse momento uma pequena nuvem encobriu o sol.

Não sei por que o meu amigo julgou necessário justo naquele instante mencionar um doloroso acontecimento ocorrido por aqueles dias, no qual

um dos nossos mais inconstantes conhecidos havia desempenhado o papel principal.

— Que história terrível — disse por fim. Ele tinha razão, pois de fato era terrível. Mas por que tocar no assunto justo naquele instante? Talvez porque uma nuvem havia encoberto o sol? Qualquer que fosse o motivo, respondi com profunda convicção:

— É, foi tudo muito triste. Eu recebi a notícia ontem logo cedo e passei a manhã inteira abatido.

A verdade é que com frequência me sinto abatido durante a manhã inteira.

Sem piscar meu amigo respondeu:

— É... eu passei a noite inteira sem dormir.

Não respondi nada, mas lancei-lhe um olhar frio de soslaio. Logo essa modernidade frenética vai tornar-se insuportável com a concorrência brutal em todas as áreas.

Na mesma hora recordei o comentário de que a alcachofra tinha gosto de cianureto, e assim tive uma ideia. No início de uma amizade é comum as pessoas representarem um pouco umas para as outras. Se eu preparasse uma pequena armadilha usando o cianureto como isca, será que o meu novo amigo cairia nela?

Era o que veríamos.

Cutuquei-o de leve com o indicador dobrado e perguntei em um tom de vivo interesse:

— O que foi mesmo que você disse ainda há pouco? Que a alcachofra tem gosto de cianureto?

Sem dúvida seria impossível para ele saber aonde eu queria chegar: o que pude ler na expressão do rosto foi apenas uma decisão obstinada de sustentar a tese inicial até o fim.

— Exato — respondeu com um sorriso tranquilo. — Você não sabia?

— Não, não sabia. Para dizer a verdade, eu não sei que gosto tem o cianureto. Você por acaso sabe? — acrescentei da maneira mais inocente possível, como se fosse um simples comentário passageiro.

Essa era a minha nova ideia. Meu amigo não sabia que eu estava agindo de acordo com um plano e, portanto, não tinha nenhum motivo para desconfiar de qualquer intenção oculta na minha pergunta; foi obrigado a atribuí-la ao acaso, aos caprichos imprevisíveis da conversa solta. Eu, de minha parte, fiz

de tudo para causar essa impressão; mal havia terminado de falar quando chamei o garçom e balbuciei alguma leviandade a respeito de cigarros, graças à qual minha pergunta deu a impressão de ter sido jogada ao acaso e esquecida no mesmo instante em que fora jogada, e de ser, portanto, uma pergunta que podia ou não ser respondida sem nenhuma consequência. Quanto a mim, devo dizer que na verdade havia uma possibilidade, embora pequena, de que o meu amigo em alguma ocasião de fato houvesse tido alguma coisa a ver com cianureto, mas por conta dessa possibilidade sem dúvida ínfima eu tinha a obrigação de fazer a pergunta de maneira a dar-lhe a possibilidade de ignorá-la, se assim quisesse. Por sorte não foi o que aconteceu, conforme eu havia previsto.

Passados alguns instantes de visível confronto interior, meu amigo respondeu com o cenho franzido:

— Esse é um assunto que por diversas razões eu prefiro não discutir. Vamos falar de outra coisa!

Calei-me; porém meu íntimo foi tomado por um sentimento de júbilo silencioso.

E até hoje, quando tento ocupar uma hora vazia e inútil registrando no papel esse episódio sem nenhum sentido, até hoje me regalo com aquela alcachofra, que comi mais de três anos atrás.

## UM CACHORRO SEM DONO

Um homem morreu, e depois que estava morto ninguém cuidou de seu cachorro preto. O cachorro lamentou a perda por um longo e amargo tempo. Mesmo assim, não se deitou para morrer junto ao túmulo do dono, talvez porque não soubesse onde ficava, ou talvez porque no fundo fosse um cachorro jovem e alegre, que ainda imaginava ter certas contas em haver com a existência.

Existem dois tipos de cachorro: os que têm dono e os que não têm. No exterior, a diferença não é muito perceptível; um cachorro sem dono pode ser tão gordo quanto outro qualquer, e às vezes até mais. Não, a diferença se manifesta de outra forma. O homem representa para o cachorro a providência, o infinito. Um dono a quem obedecer, a quem seguir, em quem se fiar: eis, por assim dizer, o sentido da vida de um cachorro. Talvez não tenha o dono nos pensamentos a cada minuto do dia, e talvez não o siga o tempo inteiro junto dos calcanhares; não, muitas vezes corre por conta própria com uma expressão de quem tem negócios a tratar enquanto fareja os cantos de uma casa e trava relações com os semelhantes e abocanha um osso, se for o caso, e se preocupa com muitas coisas; mas no mesmo instante em que o dono assovia, todos esses pensamentos somem mais depressa do que os estalos do açoite expulsaram os comerciantes do templo; pois o cachorro sabe que apenas uma coisa importa. E assim esquece os cantos da casa o osso e os camaradas e se apressa em direção ao dono.

O cachorro cujo dono morreu sem que o cachorro soubesse como e foi enterrado sem que o cachorro soubesse onde lamentou a perda por muito tempo; mas, quando dias passaram sem que acontecesse nada capaz de lembrá-lo do antigo chefe da casa, ele o esqueceu. Na rua onde havia morado, o cachorro já não sentia mais o cheiro do dono. Quando corria por um gramado com um camarada, muitas vezes acontecia de um assovio cortar os ares, e no mesmo instante o camarada desaparecia como um vento. O cachorro então apurava o ouvido, mas nenhum assovio parecia o do antigo dono. Então o cachorro o esqueceu, e esqueceu ainda mais: esqueceu até mesmo que um dia havia tido um dono. Esqueceu que em uma outra época não imaginaria sequer possível que um cachorro vivesse sem dono. Tornou-se o que poderia ser descrito como um cachorro que já tinha visto dias melhores, embora apenas em um sentido interior, pois no exterior tinha um aspecto razoavelmente bom. Vivia como vive um cachorro: de vez em

quando roubava uma boa refeição no mercado e recebia um castigo, tinha casos amorosos e deitava-se para dormir quando estava cansado. Tinha amigos e inimigos. Num dia dava uma surra memorável em um cachorro mais fraco do que ele; no outro, levava uma coça violenta de outro cachorro mais forte. Cedo pela manhã podia ser visto correndo pela rua do antigo dono, onde por força do hábito passava a maior parte do tempo. Ele corre em linha reta com uma expressão que sugere um assunto importante a resolver; cheira um cachorro encontrado ao acaso no meio do caminho, mas não se preocupa em levar adiante o contato; e depois aumenta a velocidade, mas de repente senta e coça atrás da orelha com vontade. No instante seguinte dispara e atravessa a rua voando para correr atrás de um gato vermelho até a janela de um porão, mas logo retoma o caminho com a expressão de negócios recomposta para então desaparecer na esquina.

Assim ocupava os dias, e os anos foram passando um atrás do outro enquanto o cachorro envelhecia sem perceber.

Certo dia fez uma tarde nebulosa. Estava úmido e frio, e de vez em quando caía uma pancada de chuva. O velho cachorro tinha ocupado o dia inteiro com um passeio na cidade; subiu a rua devagar, mancando um pouco; por duas ou três vezes parou e sacudiu a pelagem negra, que com o passar dos anos tinha ganhado pontinhos cinzentos ao redor da cabeça e do pescoço. Como de costume, seguiu andando e farejando ora à esquerda, ora à direita; por fim espichou o caminho entrando em um portão, e ao sair tinha a companhia de um outro cachorro. No instante seguinte apareceu um terceiro. Eram cachorros jovens e alegres, e queriam convencê-lo a brincar; mas ele estava de mau humor, e além do mais começou a cair uma tempestade. Então um assovio cortou os ares, um assovio longo e distinto. O velho cachorro olhou para os dois jovens, mas nenhum deles prestou atenção; não era o assovio de seus donos. Nesse instante o velho cachorro sem dono apurou o ouvido; de repente sentiu-se muito estranho. Logo veio um novo assovio, e o velho cachorro deu um pulo para um lado e em seguida para o outro sem saber o que fazer. Era o assovio do antigo dono, e ele precisava segui-lo! Pela terceira vez se ouviu o assovio distinto e constante. Mas onde estaria ele, para que lado? Como pude me separar do meu dono? Quando foi que aconteceu — ontem ou anteontem? Ou talvez um pouco antes? E como era o meu dono, e que cheiro tinha, e onde estará agora, onde? O cachorro correu ao redor e cheirou todos os passantes, mas ninguém era o seu dono, e ninguém queria ser. Então se virou e correu rua afora; na esquina, parou e olhou para todos os lados. O dono não estava lá. Então voltou pela rua a galope; estava sujo de barro, e a chuva escorria dos

pelos. Deteve-se em todas as esquinas, mas o dono não estava em lugar nenhum. Então, sentou-se em um cruzamento, estendeu a cabeça peluda em direção ao céu e uivou.

Você já viu, já ouviu um desses cachorros sem dono que estendem a cabeça em direção ao céu e uivam, uivam? Os outros cachorros se afastam aos poucos com o rabo entre as pernas; afinal, não têm nenhum consolo e nenhuma ajuda a oferecer.

# VOCÊ PODE FICAR QUIETA, POR FAVOR?

**RAYMOND CARVER**

**O TEXTO:** "Vizinhos", "O pai" e "Sinais", os três contos aqui traduzidos, pertencem à coletânea *Will you please be quiet, please?*, publicada originalmente em 1976. Como em boa parte de sua obra, nestes textos Carver retrata as angústias, as insatisfações e os dramas do cotidiano de pessoas comuns: contadores, operários, secretárias, vendedores, garçonetes. Sua prosa minimalista tem atmosfera tensa e anticlimática que, ainda assim, consegue conter certo humor. Com palavras não ditas e conflitos não resolvidos, o sentido da história muitas vezes se revela apenas por meio de insinuações. Em *Vizinhos*, um casal se deixa seduzir pelo apartamento dos vizinhos; em *O pai* a narrativa gira em torno de um novo bebê na família; e em *Sinais*, outro casal vai revelando seus dissabores durante um jantar.

**Texto traduzido:** Carver, Raymond. *Will you please be quiet, please?*. New York: 1992. p. 9-16, p. 41-42, p. 219-226.

**O AUTOR:** Raymond Carver (1939-1988) foi um dos mais proeminentes autores da corrente literária norte-americana conhecida como realismo sujo. Dedicou-se à poesia e sobretudo aos contos, autodescrevendo-se como um escritor "inclinado à brevidade e à intensidade". Cogita-se que sua obra seja um tanto autobiográfica, já que ele próprio, no início da carreira, foi um *blue-collar worker*, como vários de seus personagens. Carver foi alcoólatra e chegou a ser hospitalizado três vezes por causa da doença, até que, em 1977, superou o problema. Morreu em consequência de um câncer de pulmão, um mês e meio depois de se casar com sua segunda esposa.

**A TRADUTORA:** Fabíola Werlang é tradutora e revisora, formada em Letras Português-Inglês pela PUC-PR, com especialização em Tradução pela USP. Dentre outros trabalhos, participou da coletânea *Lá da Austrália* (Editora Fólio, organização de Stella E. O. Tagnin), com a tradução do conto *Being kind to Titina*, do Nobel de Literatura de 1973, Patrick White, e recentemente concluiu a tradução de *Pichón, a Memoir – Race and Revolution in Castro's Cuba* (no prelo).

# WILL YOU PLEASE BE QUIET, PLEASE?

*She said, "You want something signed in blood?"*
*He said, "That wouldn't be such a bad idea."*

RAYMOND CARVER

## NEIGHBORS

Bill and Arlene Miller were a happy couple. But now and then they felt they alone among their circle had been passed by somehow, leaving Bill to attend to his bookkeeping duties and Arlene occupied with secretarial chores. They talked about it sometimes, mostly in comparison with the lives of their neighbors, Harriet and Jim Stone. It seemed to the Millers that the Stones lived a fuller and brighter life. The Stones were always going out for dinner, or entertaining at home, or traveling about the country somewhere in connection with Jim's work.

The Stones lived across the hall from the Millers. Jim was a salesman for a machine-parts firm and often managed to combine business with pleasure trips, and on this occasion the Stones would be away for ten days, first to Cheyenne, then on to St. Louis to visit relatives. In their absence, the Millers would look after the Stones' apartment, feed Kitty, and water the plants.

Bill and Jim shook hands beside the car. Harriet and Arlene held each other by the elbows and kissed lightly on the lips.

"Have fun," Bill said to Harriet.

"We will," said Harriet. "You kids have fun too."

Arlene nodded.

Jim winked at her. "Bye, Arlene. Take good care of the old man."

"I will," Arlene said.

"Have fun," Bill said.

"You bet," Jim said, clipping Bill lightly on the arm. "And thanks again, you guys."

The Stones waved as they drove away, and the Millers waved too.

"Well, I wish it was us," Bill said.

"God knows, we could use a vacation," Arlene said. She took his arm and put it around her waist as they climbed the stairs to their apartment.

After dinner Arlene said, "Don't forget. Kitty gets liver flavor the first night." She stood in the kitchen doorway folding the handmade tablecloth that Harriet had bought for her last year in Santa Fe.

Bill took a deep breath as he entered the Stones' apartment. The air was already heavy and it was vaguely sweet. The sunburst clock over the television said half past eight. He remembered when Harriet had come home with the clock, how she had crossed the hall to show it to Arlene, cradling the brass case in her arms and talking to it through the tissue paper as if it were an infant.

Kitty rubbed her face against his slippers and then turned onto her side, but jumped up quickly as Bill moved to the kitchen and selected one of the stacked cans from the gleaming drainboard. Leaving the cat to pick at her food, he headed for the bathroom. He looked at himself in the mirror and then closed his eyes and then looked again. He opened the medicine chest. He found a container of pills and read the label — *Harriet Stone. One each day as directed* — and slipped it into his pocket. He went back to the kitchen, drew a pitcher of water, and returned to the living room. He finished watering, set the pitcher on the rug, and opened the liquor cabinet. He reached in back for the bottle of Chivas Regal. He took two drinks from the bottle, wiped his lips on his sleeve, and replaced the bottle in the cabinet.

Kitty was on the couch sleeping. He switched off the lights, slowly closing and checking the door. He had the feeling he had left something.

"What kept you?" Arlene said. She sat with her legs turned under her, watching television.

"Nothing. Playing with Kitty," he said, and went over to her and touched her breasts. "Let's go to bed, honey," he said.

The next day Bill took only ten minutes of the twenty-minute break allotted for the afternoon and left at fifteen minutes before five. He parked the car in the lot just as Arlene hopped down from the bus. He waited until she entered the building, then ran up the stairs to catch her as she stepped out of the elevator.

"Bill! God, you scared me. You're early," she said.

He shrugged. "Nothing to do at work," he said.

She let him use her key to open the door. He looked at the door across the hall before following her inside.

"Let's go to bed," he said.

"Now?" She laughed. "What's gotten into you?"

"Nothing. Take your dress off." He grabbed for her awkwardly, and she said, "Good God, Bill."

He unfastened his belt.

Later they sent out for Chinese food, and when it arrived they ate hungrily, without speaking, and listened to records.

"Let's not forget to feed Kitty," she said.

"I was just thinking about that," he said. "I'll go right over."

He selected a can of fish flavor for the cat, then filled the pitcher and went to water. When he returned to the kitchen, the cat was scratching in her box. She looked at him steadily before she turned back to the litter. He opened all the cupboards and examined the canned goods, the cereals, the packaged foods, the cocktail and wine glasses, the china, the pots and pans. He opened the refrigerator. He sniffed some celery, took two bites of cheddar cheese, and chewed on an apple as he walked into the bedroom. The bed seemed enormous, with a fluffy white bedspread draped to the floor. He pulled out a nightstand drawer, found a half-empty package of cigarets and stuffed them into his pocket. Then he stepped to the closet and was opening it when the knock sounded at the front door.

He stopped by the bathroom and flushed the toilet on his way.

"What's been keeping you?" Arlene said. "You've been over here more than an hour."

"Have I really?" he said.

"Yes, you have," she said.

"I had to go to the toilet," he said.

"You have your own toilet," she said.

"I couldn't wait," he said.

That night they made love again.

In the morning he had Arlene call in for him. He showered, dressed, and made a light breakfast. He tried to start a book. He went out for a walk and felt better. But after a while, hands still in his pockets, he returned to the apartment. He stopped at the Stones' door on the chance he might hear the cat moving about. Then he let himself in at his own door and went to the kitchen for the key.

Inside it seemed cooler than his apartment, and darker too. He wondered if the plants had something to do with the temperature of the air. He looked out the window, and then he moved slowly through each room considering everything that fell under his gaze, carefully, one object at a time. He saw ashtrays, items of furniture, kitchen utensils, the clock. He saw everything. At last he entered the bedroom, and the cat appeared at his feet. He stroked her once, carried her into the bathroom, and shut the door.

He lay down on the bed and stared at the ceiling. He lay for a while with his eyes closed, and then he moved his hand under his belt. He tried to recall what day it was. He tried to remember when the Stones were due back, and then he wondered if they would ever return. He could not remember their faces or the way they talked and dressed. He sighed and with effort rolled off the bed to lean over the dresser and look at himself in the mirror.

He opened the closet and selected a Hawaiian shirt. He looked until he found Bermudas, neatly pressed and hanging over a pair of brown twill slacks. He shed his own clothes and slipped into the shorts and the shirt. He looked in the mirror again. He went to the living room and poured himself a drink and sipped it on his way back to the bedroom. He put on a blue shirt, a dark suit, a blue and white tie, black wing-tip shoes. The glass was empty and he went for another drink.

In the bedroom again, he sat on a chair, crossed his legs, and smiled, observing himself in the mirror. The telephone rang twice and fell silent. He finished the drink and took off the suit. He rummaged through the top drawers until he found a pair of panties and a brassiere. He stepped into the panties and fastened the brassiere, then looked through the closet for an outfit. He put on a black and white checkered skirt and tried to zip it up. He

put on a burgundy blouse that buttoned up the front. He considered her shoes, but understood they would not fit. For a long time he looked out the living-room window from behind the curtain. Then he returned to the bedroom and put everything away.

He was not hungry. She did not eat much, either. They looked at each other shyly and smiled. She got up from the table and checked that the key was on the shelf and then she quickly cleared the dishes.

He stood in the kitchen doorway and smoked a cigaret and watched her pick up the key.

"Make yourself comfortable while I go across the hall," she said. "Read the paper or something." She closed her fingers over the key. He was, she said, looking tired.

He tried to concentrate on the news. He read the paper and turned on the television. Finally he went across the hall. The door was locked.

"It's me. Are you still there, honey?" he called.

After a time the lock released and Arlene stepped outside and shut the door. "Was I gone so long?" she said.

"Well, you were," he said.

"Was I?" she said. "I guess I must have been playing with Kitty."

He studied her, and she looked away, her hand still resting on the doorknob.

"It's funny," she said. "You know — to go in someone's place like that."

He nodded, took her hand from the knob, and guided her toward their own door. He let them into their apartment.

"It *is* funny," he said.

He noticed white lint clinging to the back of her sweater, and the color was high in her cheeks. He began kissing her on the neck and hair and she turned and kissed him back.

"Oh, damn," she said. "Damn, damn," she sang, girlishly clapping her hands. "I just remembered. I really and truly forgot to do what I went over there to do. I didn't feed Kitty or do any watering." She looked at him. "Isn't that stupid?"

"I don't think so," he said. "Just a minute. I'll get my cigarets and go back with you."

She waited until he had closed and locked their door, and then she took his arm at the muscle and said, "I guess I should tell you. I found some pictures."

He stopped in the middle of the hall. "What kind of pictures?"

"You can see for yourself," she said, and she watched him.

"No kidding." He grinned. "Where?"

"In a drawer," she said.

"No kidding," he said.

And then she said, "Maybe they won't come back," and was at once astonished at her words.

"It could happen," he said. "Anything could happen."

"Or maybe they'll come back and. .." but she did not finish.

They held hands for the short walk across the hall, and when he spoke she could barely hear his voice.

"The key," he said. "Give it to me."

"What?" she said. She gazed at the door.

"The key," he said. "You have the key."

"My God," she said, "I left the key inside."

He tried the knob. It was locked. Then she tried the knob. It would not turn. Her lips were parted, and her breathing was hard, expectant. He opened his arms and she moved into them.

"Don't worry," he said into her ear. "For God's sake, don't worry."

They stayed there. They held each other. They leaned into the door as if against a wind, and braced themselves.

## THE FATHER

The baby lay in a basket beside the bed, dressed in a white bonnet and sleeper. The basket had been newly painted and tied with ice blue ribbons and padded with blue quilts. The three little sisters and the mother, who had just gotten out of bed and was still not herself, and the grandmother all stood around the baby, watching it stare and sometimes raise its fist to its mouth. He did not smile or laugh, but now and then he blinked his eyes and flicked his tongue back and forth through his lips when one of the girls rubbed his chin.

The father was in the kitchen and could hear them playing with the baby.

"Who do you love, baby?" Phyllis said and tickled his chin.

"He loves us all," Phyllis said, "but he really loves Daddy because Daddy's a boy too!"

The grandmother sat down on the edge of the bed and said, "Look at its little arm! So fat. And those little fingers! Just like its mother."

"Isn't he sweet?" the mother said. "So healthy, my little baby." And bending over, she kissed the baby on its forehead and touched the cover over its arm. "We love him too."

"But who does he look like, who does he look like?" Alice cried, and they all moved up closer around the basket to see who the baby looked like.

"He has pretty eyes," Carol said.

"*All* babies have pretty eyes," Phyllis said.

"He has his grandfather's lips," the grandmother said. "Look at those lips."

"I don't know..." the mother said. "I wouldn't say."

"The nose! The nose!" Alice cried. "What about his nose?" the mother asked.

"It looks like somebody's nose," the girl answered.

"No, I don't know," the mother said. "I don't think so."

"Those lips..." the grandmother murmured. "Those little fingers..." she said, uncovering the baby's hand and spreading out its fingers.

"Who does the baby look like?"

"He doesn't look like anybody," Phyllis said. And they moved even closer.

"*I* know! *I* know!" Carol said. "He looks like *Daddy*!" Then they looked closer at the baby.

"But who does Daddy *look* like?" Phyllis asked.

"Who does Daddy *look* like?" Alice repeated, and they all at once looked through to the kitchen where the father was sitting at the table with his back to them.

"Why, nobody!" Phyllis said and began to cry a little.

"Hush," the grandmother said and looked away and then back at the baby.

"Daddy doesn't look like *anybody*!" Alice said.

"But he has to look like *somebody*," Phyllis said, wiping her eyes with one of the ribbons. And all of them except the grandmother looked at the father, sitting at the table.

He had turned around in his chair and his face was white and without expression.

## SIGNALS

As their first of the extravagances they had planned for that evening, Wayne and Caroline went to Aldo's, an elegant new restaurant north a good distance. They passed through a tiny walled garden with small pieces of statuary and were met by a tall graying man in a dark suit who said, "Good evening, sir. Madam," and who swung open the heavy door for them.

Inside, Aldo himself showed them the aviary — a peacock, a pair of Golden pheasants, a Chinese ring-necked pheasant, and a number of unannounced birds that flew around or sat perched. Aldo personally conducted them to a table, seated Caroline, and then turned to Wayne and said, "A lovely lady," before moving off — a dark, small, impeccable man with a soft accent.

They were pleased with his attention.

"I read in the paper," Wayne said, "that he has an uncle who has some kind of position in the Vatican. That's how he was able to get copies of some of these paintings." Wayne nodded at a Velasquez reproduction on the nearest wall. "His uncle in the Vatican," Wayne said.

"He used to be *maître d'* at the Copacabana in Rio," Caroline said. "He knew Frank Sinatra, and Lana Turner was a good friend of his."

"Is that so?" Wayne said. "I didn't know that. I read that he was at the Victoria Hotel in Switzerland and at some big hotel in Paris. I didn't know he was at the Copacabana in Rio."

Caroline moved her handbag slightly as the waiter set down the heavy goblets. He poured water and then moved to Wayne's side of the table.

"Did you see the suit he was wearing?" Wayne said. "You seldom see a suit like that. That's a three-hundred-dollar suit." He picked up his menu. In a while, he said, "Well, what are you going to have?"

"I don't know," she said. "I haven't decided. What are you going to have?"

"I don't know," he said. "I haven't decided, either."

"What about one of these French dishes, Wayne? Or else this? Over here on this side." She placed her finger in instruction, and then she narrowed her eyes at him as he located the language, pursed his lips, frowned, and shook his head.

"I don't know," he said. "I'd kind of like to know what I'm getting. I just don't really know."

The waiter returned with card and pencil and said something Wayne couldn't quite catch.

"We haven't decided yet," Wayne said. He shook his head as the waiter continued to stand beside the table. "I'll signal you when we're ready."

"I think I'll just have a sirloin. You order what you want," he said to Caroline when the waiter had moved off. He closed the menu and raised his goblet. Over the muted voices coming from the other tables Wayne could hear a warbling call from the aviary. He saw Aldo greet a party of four, chat with them as he smiled and nodded and led them to a table.

"We could have had a better table," Wayne said. "Instead of right here in the center where everyone can walk by and watch you eat. We could have had a table against the wall. Or over there by the fountain."

"I think I'll have the beef Tournedos," Caroline said.

She kept looking at her menu. He tapped out a cigaret, lighted it, and then glanced around at the other diners. Caroline still stared at her menu.

"Well, for God's sake, if that's what you're going to have, close your menu so he can take our order." Wayne raised his arm for the waiter, who lingered near the back talking with another waiter.

"Nothing else to do but gas around with the other waiters," Wayne said.

"He's coming," Caroline said.

"Sir?" The waiter was a thin pock-faced man in a loose black suit and a black bow tie.

"... And we'll have a bottle of champagne. I believe A small bottle. Something, you know, domestic," Wayne said.

"Yes, sir," the waiter said.

"And we'll have that right away. Before the salad or the relish plate," Wayne said.

"Oh, bring the relish *tray*, anyway," Caroline said. "Please."

"Yes, madam," the waiter said.

"They're a slippery bunch," Wayne said. "Do you remember that guy named Bruno who used to work at the office during the week and wait tables on weekends? Fred caught him stealing out of the petty-cash box. We fired him."

"Let's talk about something pleasant," Caroline said.

"All right, sure," Wayne said.

The waiter poured a little champagne into Wayne's glass, and Wayne took the glass, tasted, and said, "Fine, that will do nicely." Then he said, "Here's to you, baby," and raised his glass high. "Happy birthday."

They clinked glasses.

"I like champagne," Caroline said.

"I like champagne," Wayne said.

"We could have had a bottle of Lancer's," Caroline said.

"Well, why didn't you say something, if that's what you wanted?" Wayne said.

"I don't know," Caroline said. "I just didn't think about it. This is fine, though."

"I don't know too much about champagnes. I don't mind admitting I'm not much of a ... connoisseur. I don't mind admitting I'm just a lowbrow." He laughed and tried to catch her eye, but she was busy selecting an olive from the relish dish. "Not like the group you've been keeping company with lately. But if you wanted Lancer's," he went on, "you should have ordered Lancer's."

"Oh, shut up!" she said. "Can't you talk about something else?" She looked up at him then and he had to look away. He moved his feet under the table.

He said, "Would you care for some more champagne, dear?"

"Yes, thank you," she said quietly.

"Here's to us," he said.

"To us, my darling," she said.

They looked steadily at each other as they drank.

"We ought to do this more often," he said.

She nodded.

"It's good to get out now and then. I'll make more of an effort, if you want me to."

She reached for celery.

"That's up to you."

"That's not true! It's not me who's ... who's ..."

"Who's what?" she said.

"I don't care what you do," he said, dropping his eyes.

"Is that true?"

"I don't know why I said that," he said.

The waiter brought the soup and took away the bottle and the wineglasses and refilled their goblets with water.

"Could I have a soup spoon?" Wayne asked.

"Sir?"

"A soup spoon," Wayne repeated.

The waiter looked amazed and then perplexed. He glanced around at the other tables. Wayne made a shoveling motion over his soup. Aldo appeared beside the table.

"Is everything all right? Is there anything wrong?"

"My husband doesn't seem to have a soup spoon," Caroline said. "I'm sorry for the disturbance," she said.

"Certainly. *Une cuiller, s'il vous plaît*," Aldo said to the waiter in an even voice. He looked once at Wayne and then explained to Caroline. "This is Paul's first night. He speaks little English, yet I trust you will agree he is an excellent waiter. The boy who set the table forgot the spoon." Aldo smiled. "It no doubt took Paul by surprise."

"This is a beautiful place," Caroline said.

"Thank you," Aldo said. "I'm delighted you could come tonight. Would you like to see the wine cellar and the private dining rooms?"

"Very much," Caroline said.

"I will have someone show you around when you have finished dining," Aldo said.

"We'll be looking forward to it," Caroline said.

Aldo bowed slightly and looked again at Wayne. "I hope you enjoy your dinner," he said to them.

"That jerk," Wayne said.

"Who?" she said. "Who are you talking about?" she said, laying down her spoon.

"The waiter," Wayne said. "The waiter. The newest and the dumbest waiter in the house, and we got him."

"Eat your soup," she said. "Don't blow a gasket."

Wayne lighted a cigaret. The waiter arrived with salads and took away the soup bowls.

When they had started on the main course, Wayne said, "Well, what do you think? Is there a chance for us or not?" He looked down and arranged the napkin on his lap.

"Maybe so," she said. "There's always a chance."

"Don't give me that kind of crap," he said. "Answer me straight for a change."

"Don't snap at me," she said.

"I'm asking you," he said. "Give me a straight answer," he said.

She said, "You want something signed in blood?"

He said, "That wouldn't be such a bad idea."

She said, "You listen to me! I've given you the best years of my fife. The best years of my life!

"The best years of *your* life?" he said.

"I'm thirty-six years old," she said. "Thirty-seven tonight. Tonight, right now, at this minute, I just can't say what I'm going to do. I'll just have to see," she said.

"I don't care what you do," he said.

"Is that true?" she said.

He threw down his fork and tossed his napkin on the table.

"Are you finished?" she asked pleasantly, "Let's have coffee and dessert. We'll have a nice dessert. Something good."

She finished everything on her plate.

"Two coffees," Wayne said to the waiter. He looked at her and then back to the waiter. "What do you have for dessert?" he said.

"Sir?" the waiter said.

"Dessert!" Wayne said.

The waiter gazed at Caroline and then at Wayne.

"No dessert," she said. "Let's not have any dessert."

"Chocolate mousse," the waiter said. "Orange sherbet," the waiter said. He smiled, showing his bad teeth. "Sir?"

"And I don't want any guided tour of this place," Wayne said when the waiter had moved off.

When they rose from the table, Wayne dropped a dollar bill near his coffee cup. Caroline took two dollars from her handbag, smoothed the bills out, and placed them alongside the other dollar, the three bills lined up in a row.

She waited with Wayne while he paid the check. Out of the corner of his eye, Wayne could see Aldo standing near the door dropping grains of seed into the aviary. Aldo looked in their direction, smiled, and went on rubbing the seeds from between his fingers as birds collected in front of him. Then he briskly brushed his hands together and started moving toward Wayne, who looked away, who turned slightly but significantly as Aldo neared him. But when Wayne looked back, he saw Aldo take Caroline's waiting hand, saw Aldo draw his heels smartly together, saw Aldo kiss her wrist.

"Did madam enjoy her dinner?" Aldo said.

"It was marvelous," Caroline said.

"You will come back from time to time?" Aldo said.

"I shall," Caroline said. "As often as I may. Next time, I should like to have your permission to check things out a little, but this time we simply must go."

"Dear lady," Aldo said. "I have something for you. One moment, please."

He reached to a vase on a table near the door and swung gracefully back with a long-stemmed rose.

"For you, dear lady," Aldo said. "But caution, please. The thorns. A very lovely lady," he said to Wayne and smiled at him and turned to welcome another couple.

Caroline stood there.

"Let's get out of here," Wayne said.

"You can see how he could be friends with Lana Turner," Caroline said. She held the rose and turned it between her fingers.

"Good night!" she called out to Aldo's back.

But Aldo was occupied selecting another rose.

"I don't think he ever knew her," Wayne said.

# VOCÊ PODE FICAR QUIETA, POR FAVOR?

*"— Quer que eu assine com sangue? — perguntou ela.*
*— Até que não seria má ideia — respondeu ele."*

RAYMOND CARVER

## VIZINHOS

Bill e Arlene Miller eram um casal feliz. Mas de vez em quando sentiam que eram os únicos no círculo deles que tinham ficado para trás de alguma maneira, Bill cuidando das suas tarefas de contador e Arlene ocupada com seus afazeres de secretária. Eles conversavam sobre isso às vezes, principalmente em comparação com a vida dos seus vizinhos, Harriet e Jim Stone. Para os Millers, parecia que os Stones viviam uma vida mais plena e mais animada. Os Stones estavam sempre saindo para jantar, ou recebendo gente em casa, ou viajando para algum lugar do país por causa do trabalho de Jim.

Os Stones moravam em frente aos Millers, do outro lado do corredor. Jim era vendedor de uma firma de peças para máquinas, e era comum conseguir conciliar viagens de trabalho com viagens de lazer. Dessa vez os Stones ficariam dez dias fora, primeiro em Cheyenne, depois em St. Louis visitando parentes. Na sua ausência, os Millers tomariam conta do apartamento, dariam de comer à Gatinha e molhariam as plantas.

Bill e Jim se despediram com um aperto de mãos ao lado do carro. Harriet e Arlene, uma segurando os cotovelos da outra, se beijaram de levinho nos lábios.

— Divirtam-se — disse Bill a Harriet.

— Pode deixar — respondeu Harriet. — Divirtam-se vocês também, crianças.

Arlene fez que sim com a cabeça.

Jim deu uma piscadinha para ela.

— Tchau, Arlene. Vê se toma conta do velhinho aí.

— Vou tomar, sim — respondeu Arlene.

— Divirtam-se — disse Bill.

— Pode apostar — respondeu Jim, apertando de leve o braço de Bill. — E obrigado mais uma vez, pessoal.

Acenando de dentro do carro, os Stones se afastaram, e os Millers acenaram também.

— Bem, eu queria que fosse a gente — disse Bill.

— Deus sabe o quanto a gente precisa de umas férias — falou Arlene.

Ela pegou o braço dele e o colocou em volta da cintura enquanto os dois subiam as escadas até o apartamento deles.

Depois do jantar, Arlene disse:

— Não esqueça. Na primeira noite é o sabor fígado pra Gatinha.

Parada no vão da porta da cozinha, Arlene dobrava a toalha de mesa feita à mão que Harriet tinha comprado para ela no ano passado em Santa Fé.

Bill inspirou fundo ao entrar no apartamento dos Stones. O ar já estava pesado e era levemente doce. O relógio acima da televisão marcava oito e meia. Ele se lembrou de quando Harriet tinha chegado em casa com o relógio, de como ela tinha atravessado o corredor para mostrá-lo a Arlene, ninando o estojo de latão nos braços e falando com o relógio através do papel de seda como se ele fosse uma criancinha.

A Gatinha esfregou a cara nos chinelos de Bill e depois se deitou de lado, mas levantou prontamente quando ele foi até a cozinha e escolheu uma das latas empilhadas sobre a reluzente tábua de secar louça. A gata ficou mordiscando a comida, e ele se dirigiu ao banheiro. Olhou-se no espelho, depois fechou os olhos, depois olhou de novo. Abriu o armário de remédios. Encontrou um pote de comprimidos, leu o rótulo — *Harriet Stone. Um por dia, conforme prescrito* — e discretamente o colocou no bolso. Voltou à cozinha, encheu uma jarra de água e retornou à sala de estar. Terminou de regar as plantas, colocou a jarra no tapete e abriu o armário de bebidas. Levou

a mão ao fundo para pegar a garrafa de Chivas Regal. Tomou dois goles da garrafa, secou os lábios na manga e pôs a garrafa de volta no armário.

A Gatinha estava dormindo no sofá. Ele apagou as luzes, fechando a porta devagar e conferindo se estava trancada. Teve a sensação de ter esquecido alguma coisa.

— Por que demorou tanto? — perguntou Arlene.

Ela estava sentada sobre as pernas dobradas, vendo televisão.

— Por nada. Estava brincando com a Gatinha — respondeu ele, indo até ela e tocando seus seios. — Vamos pra cama, amor.

No dia seguinte, do intervalo vespertino de vinte minutos, Bill tirou apenas dez e foi embora às quinze para as cinco. Estacionou o carro no terreno no momento em que Arlene saltava do ônibus. Esperou até que ela entrasse no prédio, depois subiu correndo as escadas e a surpreendeu bem quando ela saía do elevador.

— Bill! Meu Deus, que susto. Chegou cedo — disse ela.

Ele encolheu os ombros.

— Nada pra fazer no trabalho — respondeu.

Ela deixou que ele usasse a chave dela para abrir a porta. Ele olhou para a porta do outro lado do corredor antes de entrar em casa atrás dela.

— Vamos pra cama — disse ele.

— Agora? — ela riu. — O que foi que te deu?

— Nada. Tira o vestido.

Ele a agarrou de um jeito brusco, esquisito, e ela falou:

— Meu Deus, Bill.

Ele abriu o cinto.

Mais tarde eles pediram comida chinesa, e quando ela chegou os dois comeram com avidez, sem falar, e ouviram discos.

— Não vamos esquecer de dar comida pra Gatinha — disse ela.

— Estava pensando nisso agora mesmo — ele falou. — Eu vou lá.

Ele escolheu uma lata sabor peixe para a gata, depois encheu a jarra e foi molhar as plantas. Quando voltou para a cozinha, a gata estava cavando

dentro da caixa. Ela o encarou por alguns instantes antes de se voltar para a areia. Ele abriu todos os armários e examinou os produtos enlatados, os cereais, as comidas embaladas, as taças de coquetel e de vinho, as porcelanas, as panelas e frigideiras. Abriu a geladeira. Deu uma cheirada no aipo, pegou duas porções de queijo cheddar e foi para o quarto comendo uma maçã. A cama parecia imensa, com uma colcha branca e macia que chegava até o chão. Ele abriu a gaveta de um criado-mudo, achou uma carteira de cigarros metade vazia e enfiou todos eles dentro do bolso. Então andou até o closet e, no momento em que o abria, escutou baterem na porta da frente.

No caminho, parou no banheiro e deu a descarga.

— Por que essa demora toda? — perguntou Arlene. — Faz mais de uma hora que você está aqui.

— É mesmo? — perguntou ele.

— É, é mesmo — ela respondeu.

— Tive que usar o banheiro — disse ele.

— Você tem banheiro em casa — disse ela.

— Não dava pra esperar — ele respondeu.

Naquela noite eles fizeram amor outra vez.

De manhã, Bill fez Arlene ligar para avisar que ele não ia trabalhar. Ele tomou banho, se vestiu e preparou um café da manhã leve. Tentou começar um livro. Saiu para uma caminhada e se sentiu melhor. Mas pouco depois, ainda com as mãos nos bolsos, voltou ao apartamento. Parou junto à porta dos Stones, imaginando talvez ouvir a gata se mexendo. Então entrou em casa e foi até a cozinha pegar a chave.

Lá dentro parecia mais fresco que no apartamento dele, e mais escuro também. Ficou imaginando se as plantas tinham alguma coisa a ver com a temperatura do ar. Olhou pela janela, depois foi percorrendo devagar cômodo por cômodo, observando tudo que seus olhos avistavam, cuidadosamente, um objeto de cada vez. Viu cinzeiros, móveis, utensílios de cozinha, o relógio. Ele viu tudo. Por fim, entrou no quarto, e a gata surgiu aos seus pés. Ele fez um carinho nela, carregou-a até o banheiro e fechou a porta.

Deitou na cama e ficou encarando o teto. Ficou um tempo de olhos fechados e então colocou a mão debaixo do cinto. Tentou recordar que dia era. Tentou lembrar quando os Stones estariam de volta, e então ficou

pensando se algum dia eles voltariam. Não conseguia se lembrar do rosto deles ou do jeito como falavam e se vestiam. Suspirou e, com esforço, rolou para fora da cama, debruçando-se sobre a penteadeira e se olhando no espelho.

Abriu o closet e escolheu uma camisa havaiana. Procurou até encontrar bermudas, passadas com cuidado e penduradas acima de um par de calças de sarja marrom. Tirou a roupa e vestiu os shorts e a camisa. Olhou-se no espelho outra vez. Foi até a sala e se serviu de um drinque, que foi bebericando enquanto voltava para o quarto. Vestiu uma camisa azul, um terno escuro, uma gravata azul e branca, sapatos brogue pretos. O copo estava vazio e ele foi buscar mais um drinque.

No quarto outra vez, sentou-se numa cadeira, cruzou as pernas e sorriu, observando-se no espelho. O telefone tocou duas vezes e ficou quieto. Ele terminou o drinque e tirou o terno. Vasculhou as gavetas de cima até encontrar uma calcinha e um sutiã. Colocou a calcinha e abotoou o sutiã, depois examinou o closet em busca de um traje. Vestiu uma saia xadrez preta e branca e tentou fechar o zíper. Vestiu uma blusa vinho de abotoar na frente. Examinou os sapatos, mas entendeu que não serviriam. Durante um bom tempo ficou olhando pela janela da sala, de trás da cortina. Então voltou ao quarto e guardou tudo.

Ele não estava com fome. Ela também não comeu muito. Os dois se olharam com timidez e sorriram. Ela se levantou e conferiu se a chave estava na prateleira, depois rapidamente tirou a mesa.

Em pé no vão da porta da cozinha, fumando um cigarro, ele a viu pegar a chave.

— Eu vou ali do outro lado do corredor, pode ficar à vontade — disse ela. — Leia o jornal ou alguma coisa assim.

Ela fechou os dedos sobre a chave. Ele, disse ela, parecia cansado.

Ele tentou se concentrar nas notícias. Leu o jornal e ligou a televisão. Por fim, atravessou o corredor. A porta estava trancada.

— Sou eu. Ainda está aí, amor? —chamou.

Depois de um tempo o trinco se abriu. Arlene saiu e fechou a porta.

— Eu fiquei muito tempo fora? — perguntou ela.

— Bom, ficou — respondeu ele.

— É mesmo? — disse ela. — Acho que eu fiquei brincando com a Gatinha.

Ele a analisou, e ela desviou o olhar, ainda com a mão na maçaneta.

— É engraçado — ela falou. — Sabe... entrar assim na casa de alguém.

Ele fez que sim com a cabeça, tirou a mão dela da maçaneta e a levou até a porta deles. Abriu a porta, e eles entraram no apartamento.

— *É* engraçado — ele falou.

Ele notou fiapos de tecido branco pendurados na parte de trás da blusa dela e o vermelho forte nas suas bochechas. Começou a beijá-la no pescoço e no cabelo, e ela se virou e o beijou também.

— Ai, droga — disse ela. — Droga, droga — cantou, batendo palmas como se fosse uma menina. — Acabei de lembrar. Esqueci total e completamente de fazer o que eu fui até lá fazer. Não dei comida pra Gatinha nem molhei as plantas. — Ela olhou para ele. — Não é idiota?

— Eu não acho — respondeu ele. — Só um minuto. Vou pegar os meus cigarros e voltar com você.

Ela esperou até que ele tivesse fechado e trancado a porta deles, depois pegou o braço dele pelo músculo e falou:

— Acho melhor te contar. Eu achei umas fotos.

Ele parou no meio do corredor.

— Que tipo de fotos?

— Você mesmo vai ver — disse ela, observando-o.

— Não brinca — ele deu um sorriso largo. — Onde?

— Numa gaveta — disse ela.

— Não brinca — disse ele.

Então ela disse:

— Talvez eles não voltem — e imediatamente se surpreendeu com as próprias palavras.

— Pode acontecer — disse ele. — Qualquer coisa pode acontecer.

— Ou talvez eles voltem e... — mas não terminou.

Os dois se deram as mãos para a curta caminhada através do corredor, e quando ele falou ela mal conseguiu ouvir sua voz.

— A chave — disse ele. — Dá ela aqui.

— O quê?

Ela encarou a porta.

— A chave — disse ele. — A chave está com você.

— Meu Deus — ela falou. — Eu deixei a chave lá dentro.

Ele testou a maçaneta. Estava trancada. Então ela testou a maçaneta. Não girava. Os lábios dela estavam abertos, e a respiração, difícil, ansiosa. Ele abriu os braços e ela caminhou para dentro deles.

— Não se preocupe — ele falou no ouvido dela. — Pelo amor de Deus, não se preocupe.

Os dois não saíram dali. Abraçaram-se. Inclinaram-se contra a porta, como se estivessem caminhando contra o vento, e se prepararam.

## O PAI

O bebê estava deitado num cesto ao lado da cama, vestindo um gorro branco amarrado embaixo do queixo e um macacãozinho. O cesto tinha recebido pintura nova e havia sido decorado com fitas azul-claras e forrado com colchas azuis. As três irmãzinhas, a mãe, que tinha acabado de sair da cama e ainda não se sentia muito bem, e a avó, estavam de pé em volta do bebê, observando como ele olhava fixo para as coisas e às vezes levava o punho até a boca. Ele não sorria nem ria, mas de vez em quando piscava e mexia a língua rápido através dos lábios, para a frente e para trás, quando uma das meninas acariciava o seu queixo.

O pai estava na cozinha e conseguia ouvi-las brincando com o bebê.

— Quem você ama, bebê? — perguntou Phyllis, fazendo cócegas no queixo dele. — Ele ama todos nós — disse ela —, mas ele ama mesmo é o papai, porque o papai também é menino!

A avó se sentou na beira da cama e falou:

— Olha o bracinho dele! Tão gordo. E esses dedinhos? Igual à mãe.

— Ele não é uma doçura? — falou a mãe. — Tão saudável o meu bebezinho — e, se inclinando, beijou o bebê na testa e tocou a coberta sobre o braço dele. — Nós o amamos também.

— Mas com quem ele se parece, com quem ele se parece? — gritou Alice, e todas elas chegaram mais perto, em volta do cesto, para ver com quem o bebê se parecia.

— Ele tem olhos bonitos — disse Carol.

— *Todos* os bebês têm olhos bonitos — disse Phyllis.

— Ele tem os lábios do avô — disse a avó. — Olha só esses lábios.

— Eu não sei... — disse a mãe. — Eu não diria.

— O nariz! O nariz! — gritou Alice.

— O que é que tem o nariz dele? — perguntou a mãe.

— Parece o nariz de alguém — respondeu a menina.

— Não, eu não sei — respondeu a mãe. — Acho que não.

— Esses lábios... — murmurou a avó. — Esses dedinhos... — falou, descobrindo a mão do bebê e espalhando os dedos dele.

— Com quem o bebê se parece?

— Ele não se parece com ninguém — disse Phyllis.

E elas chegaram ainda mais perto.

— Eu *sei*! Eu *sei*! — Carol falou. — Ele se parece com o *papai*!

Então elas olharam mais de perto para o bebê.

— Mas com quem o *papai* se parece? — perguntou Phyllis.

— Com quem o *papai* se parece? — repetiu Alice, e todas olharam ao mesmo tempo para a cozinha, onde o pai estava sentado à mesa, de costas para elas.

— Ora, com ninguém! — falou Phyllis, começando a chorar um pouquinho.

— Quieta — a avó disse, desviando o olhar e depois voltando a olhar para o bebê.

— O papai não se parece com *ninguém*! — disse Alice.

— Mas ele tem que se parecer com *alguém* — disse Phyllis, enxugando os olhos com uma das fitas.

E todas elas, menos a avó, olharam para o pai, sentado à mesa.

Ele tinha se virado na cadeira, e seu rosto estava branco e sem expressão.

## SINAIS

Como a primeira das extravagâncias que tinham planejado para aquela noite, Wayne e Caroline foram ao Aldo's, um elegante restaurante novo que ficava na parte norte, a uma boa distância. Os dois atravessaram um jardim minúsculo, cercado por um muro e com algumas estatuazinhas, e um homem de terno escuro, alto e agrisalhado, veio encontrá-los:

— Boa noite, senhor. Senhora — disse, abrindo para eles a porta pesada.

Lá dentro, o próprio Aldo mostrou o viveiro — um pavão, um par de faisões dourados, um faisão-de-coleira e vários outros pássaros não mencionados que voavam ou se encontravam empoleirados. Aldo os levou pessoalmente até uma mesa, ajudou Caroline a se sentar, depois se virou para Wayne e disse:

— Uma mulher encantadora — e então se afastou: um homenzinho escuro e impecável, com um leve sotaque.

Os dois ficaram contentes com toda aquela atenção.

— Eu li no jornal — disse Wayne — que ele tem um tio que tem algum cargo no Vaticano. Foi assim que ele conseguiu cópias de algumas dessas pinturas — Wayne acenou com a cabeça para a reprodução de um Velasquez na parede mais próxima. — O tio dele no Vaticano — disse.

— Ele era *maître d'* no Copacabana, no Rio — disse Caroline. — Conhecia Frank Sinatra, e Lana Turner era bem amiga dele.

— É mesmo? — disse Wayne. — Eu não sabia disso. Eu li que ele trabalhou no Hotel Victoria, na Suíça, e em algum hotel grande em Paris. Não sabia que ele era do Copacabana, no Rio.

Caroline moveu um pouquinho a bolsa quando o garçom colocou na mesa os cálices pesados. Ele encheu o dela de água e depois foi até o lado da mesa onde Wayne estava.

— Viu o terno que ele estava usando? — perguntou Wayne. — É raro ver um terno daqueles. É um terno de 300 dólares.

Ele pegou o menu. Dali a pouco, perguntou:

— Bom, você vai pedir o quê?

— Não sei — respondeu ela. — Não decidi. Você vai pedir o quê?

— Não sei — disse ele. — Também não decidi.

— Que tal um desses pratos franceses, Wayne? Ou então isso? Aqui nesse lado.

Ela o orientou com o dedo e depois, com os olhos espremidos, observou-o localizar o idioma, contrair os lábios, enrugar a testa e balançar a cabeça.

— Não sei — disse ele. — Eu meio que queria saber o que estou pedindo. Sei lá, não sei muito bem.

O garçom voltou segurando uma ficha e um lápis e falou alguma coisa que Wayne não entendeu direito.

— A gente não decidiu ainda — disse Wayne, balançando a cabeça ao ver que o garçom continuava em pé ao lado da mesa. — Eu faço um sinal pra você quando a gente tiver escolhido.

— Acho que eu vou pedir lombo mesmo. E você peça o que quiser — ele disse a Caroline depois que o garçom tinha se afastado.

Fechou o menu e ergueu o cálice. Acima das vozes suaves que chegavam das outras mesas, Wayne ouvia um gorjear vindo do aviário. Ele viu Aldo cumprimentar um grupo de quatro pessoas, papeando com elas, sorrindo, acenando com a cabeça e conduzindo-as até uma mesa.

— A gente podia ter ganhado uma mesa melhor — disse Wayne — e não essa bem no meio, onde todo mundo passa e te vê comendo. Podia ter ficado numa mesa perto da parede. Ou lá, perto da fonte.

— Acho que eu vou pedir o tornedó — disse Caroline.

Ela continuou olhando para o menu. Ele, dando uma batidinha na carteira de cigarros, tirou um, acendeu-o e deu uma olhada em volta, observando os outros clientes. Caroline ainda encarava o menu.

— Bom, pelo amor de Deus, se é isso que você vai comer, feche o menu pra ele vir pegar os pedidos — Wayne ergueu o braço para chamar o garçom, que, mais aos fundos, conversava com outro garçom.

— De papo com os outros garçons como se não tivesse mais nada pra fazer — disse Wayne.

— Ele está vindo — falou Caroline.

— Pois não, senhor? — o garçom era um homem magro, de rosto bexigoso, vestindo um terno preto folgado e uma gravata-borboleta preta.

— ... E a gente vai tomar uma garrafa de champanhe, eu acho. Uma garrafa pequena. Alguma coisa, sabe, nacional — disse Wayne.

— Sim, senhor — disse o garçom.

— E a gente vai tomar já. Antes da salada ou do prato de aperitivos — disse Wayne.

— Ah, pode trazer a *bandeja* de aperitivos — disse Caroline. — Por favor.

— Sim, senhora — disse o garçom.

— São um bando de pilantras — disse Wayne. — Lembra aquele sujeito, o Bruno, que trabalhava no escritório durante a semana e de garçom nos fins de semana? Fred pegou ele roubando dinheiro. Foi demitido.

— Vamos falar de coisas agradáveis — disse Caroline.

— Tudo bem, claro — respondeu Wayne.

O garçom colocou um pouco de champanhe na taça de Wayne, que a ergueu, provou e disse:

— Ótimo, esse está bom — e então: — A você, amor — erguendo alto a taça. — Feliz aniversário.

Os dois brindaram, tocando as taças.

— Eu gosto de champanhe — disse Caroline.

— Eu gosto de champanhe — disse Wayne.

— A gente podia ter pedido uma garrafa de Lancer's — disse Caroline.

— Bom, por que não falou nada se era isso que você queria? — perguntou Wayne.

— Não sei — respondeu Caroline. — Não pensei, só isso. Essa aqui está boa.

— Eu não entendo muito de champanhe. Não tenho problema em admitir que eu não sou um grande... *connoisseur*. Não tenho problema em admitir que eu não sou muito sofisticado — ele riu e procurou os olhos dela, mas ela estava ocupada escolhendo uma azeitona da travessa de aperitivos. — Não sou como essas suas companhias de ultimamente. Mas se você queria Lancer's — continuou — devia ter pedido Lancer's.

— Ah, cala a boca! — disse ela. — Não dá pra mudar de assunto? — ela tirou os olhos da travessa e olhou para ele, e ele teve que desviar o olhar.

Ele mexeu os pés embaixo da mesa.

— Quer mais champanhe, querida? — perguntou ele.

— Quero, obrigada — ela respondeu calmamente.

— A nós.

— A nós, meu bem.

Os dois beberam, olhando-se fixamente.

— A gente devia fazer isso mais vezes — disse ele.

Ela concordou com a cabeça.

— É bom sair de vez em quando. Eu vou me esforçar mais se você quiser.

Ela pegou um talo de aipo.

— Só depende de você.

— Não é verdade! Não sou eu que... que...

— Que o quê? — perguntou ela.

— Você pode fazer o que quiser — disse ele, baixando os olhos.

— É verdade isso?

— Não sei por que eu falei aquilo — disse ele.

O garçom trouxe a sopa, levou embora a garrafa e as taças de vinho e encheu outra vez os cálices de água.

— Você pode me trazer uma colher de sopa? — perguntou Wayne.

— Senhor?

— Uma colher de sopa — Wayne repetiu.

O garçom pareceu assustado e depois perplexo. Olhou para as mesas em volta. Wayne fez um movimento com a mão, como se cavasse sobre a sopa. Aldo apareceu.

— Tudo bem aqui? Algum problema?

— Parece que o meu marido está sem colher de sopa — disse Caroline. — Desculpe o tumulto — ela falou.

— Pois não. *Une cuiller, s'il vou plaît* — Aldo disse ao garçom com uma voz calma. Olhou uma vez para Wayne e então explicou a Caroline: — É a primeira noite do Paul. Ele não fala inglês muito bem, mas mesmo assim acho que vocês vão concordar que é um excelente garçom. O rapaz que pôs a mesa esqueceu a colher — Aldo sorriu. — Sem dúvida isso pegou o Paul de surpresa.

— Este lugar é lindo — disse Caroline.

— Obrigada — respondeu Aldo. — Fico muito contente que vocês estejam aqui esta noite. Gostariam de ver a adega e as salas de jantar privadas?

— Muito — respondeu Caroline.

— Vou pedir pra alguém mostrar tudo a vocês depois que tiverem terminado de jantar — disse Aldo.

— Vamos esperar ansiosamente — respondeu Caroline.

Aldo fez um leve aceno de cabeça e olhou de novo para Wayne:

— Bom apetite — disse aos dois.

— Babaca — disse Wayne.

— Quem? De quem você está falando? — perguntou ela, colocando a colher na mesa.

— Do garçom — disse Wayne. — Do garçom. O garçom mais novo e mais idiota da casa, e a gente pega justo ele.

— Tome a sopa — disse ela. — Não se irrite.

Wayne acendeu um cigarro. O garçom chegou com as saladas e levou as tigelas de sopa embora.

Quando eles tinham começado o prato principal, Wayne falou:

— Bom, o que é que você acha? Tem chance pra nós ou não? — e olhou para baixo, ajeitando o guardanapo no colo.

— Talvez sim — disse ela. — Sempre tem uma chance.

— Não me venha com essa baboseira — disse ele. — Me dê uma resposta direta pra variar.

— Não seja grosso comigo.

— Eu estou te perguntando. Me dê uma resposta direta.

— Quer que eu assine com sangue? — perguntou ela.

— Até que não seria má ideia — respondeu ele.

— Escuta aqui! — ela falou. — Eu te dei os melhores anos da minha vida. Os melhores anos da minha vida!

— Os melhores anos da *sua* vida?

— Eu tenho 36 anos — disse ela. — 37, hoje à noite. Hoje à noite, agora, neste minuto, eu simplesmente não sei dizer o que eu vou fazer. Eu tenho que pensar.

— Você pode fazer o que quiser.

— É verdade isso?

Ele largou o garfo e jogou o guardanapo na mesa.

— Terminou? — ela perguntou num tom agradável. — Vamos tomar café e comer sobremesa. Vamos comer uma sobremesa fina. Alguma coisa gostosa.

Ela terminou seu prato.

— Dois cafés — Wayne disse ao garçom. Olhou para ela, depois para o garçom outra vez. — Que sobremesas vocês têm? — perguntou.

— Senhor? — disse o garçom.

— Sobremesa! — disse Wayne.

O garçom olhou para Caroline e depois para Wayne.

— Esqueça a sobremesa — disse ela. — Não vamos comer sobremesa.

— Musse de chocolate — disse o garçom. — *Sorbet* de laranja — e sorriu, mostrando os dentes ruins. — Senhor?

— E eu não quero visita guiada nesse lugar coisa nenhuma — Wayne disse depois que o garçom tinha se afastado.

Quando eles se levantaram da mesa, Wayne largou uma nota de 1 dólar perto da xícara de café. Caroline tirou dois dólares da bolsa, alisou as notas e as colocou ao lado do outro dólar, as três notas alinhadas numa fileira.

Ela esperou com Wayne enquanto ele pagava a conta. Com o canto de olho, Wayne viu Aldo em pé perto da porta, jogando sementes para dentro do viveiro. Aldo olhou na direção deles, sorriu e continuou espalhando as sementes com os dedos, enquanto os pássaros se agrupavam à sua frente. Então esfregou rapidamente uma mão na outra e foi andando na direção de Wayne, que desviou o olhar, que se virou leve, porém significativamente, quando Aldo se aproximou. Mas quando Wayne voltou a olhar, viu Aldo pegar a mão suspensa de Caroline, viu Aldo juntar rapidamente os calcanhares, viu Aldo beijar o pulso dela.

— A senhora gostou do jantar? — perguntou Aldo.

— Estava maravilhoso — respondeu Caroline.

— Vai voltar de vez em quando? — perguntou Aldo.

— Eu vou — respondeu Caroline. — Quantas vezes puder. Da próxima vez, com a sua permissão, quero dar uma olhada melhor em tudo, mas hoje nós temos mesmo que ir.

— Querida — disse Aldo —, eu tenho uma coisa pra senhora. Só um momento, por favor.

Ele foi até uma mesa perto da porta, sobre a qual havia um vaso, e voltou caminhando elegantemente, segurando uma rosa de cabo longo.

— Pra senhora — disse Aldo. — Mas cuidado, querida, por favor. Os espinhos. Uma mulher muito encantadora — disse para Wayne, sorrindo para ele e se virando para dar as boas-vindas a outro casal.

Caroline não se mexeu.

— Vamos embora daqui — disse Wayne.

— Dá pra ver como ele podia ser amigo da Lana Turner — Caroline falou.

Ela segurava a rosa, girando-a entre os dedos.

— Boa noite! — gritou para as costas de Aldo.

Mas Aldo estava ocupado escolhendo outra rosa.

— Acho que ele nem conhecia ela — disse Wayne.

# A Casa do Juiz

**Bram Stoker**

**O texto:** Publicado pela primeira vez em 1891 no jornal *The illustrated Sporting and Dramatic News*, de Londres, o conto "The Judge's House" faz parte da série de histórias fantásticas de Bram Stoker. Nele, o leitor é convidado a entrar em um mundo fantasmagórico, repleto de suspense e terror. Foi um dos primeiros contos escritos pelo autor, publicado em livro três vezes: em 1914, na terceira edição de *Dracula's guest and other weird stories*, obra que reunia uma coletânea de contos; em 1973 no livro *Bram Stoker beside companion*, editado por Charles Osborne; e em 1997 em *Ghost and horror Stories*, editado por R. Dalby, S. Dziemianowicz e S.T Joshi.

**Texto traduzido:** Stoker, Bram. *Best Ghost and Horror Stories*. New York: Dover Publications, 1997.

**O autor:** Escritor irlandês, Bram Stoker (1847-1912) se tornou mundialmente conhecido por sua obra *Drácula*, escrita em 1897, e que se tornou, mais tarde, seu *best seller*, sendo levado para às telas do cinema em várias versões. Antes de *Drácula*, porém, publicou *The Watter's Mou and croken sands*, em 1894, e *The shoulder of Shasta*, em 1895. Além disso, escreveu uma série de contos fantásticos e infantis (publicou, em 1882, *Under the sunset*, no qual reúne vários contos para o público infanto-juvenil). O escritor também trabalhou como jornalista, biógrafo e crítico teatral. Em 1876 conheceu o ator Henry Irving com quem trabalhou no teatro Royal Lyceum, em Londres. Neste ano comemora-se 100 anos de sua morte.

**As tradutoras:** Camila Paula Camilotti é mestre em literatura e língua inglesa e doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC. Trabalha com tradução de artigos científicos e literários em inglês e italiano.

Iliane Tecchio é mestre em Estudos da Tradução e doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC. Seu projeto de pesquisa de doutorado intitulado *Intertextualidade e Tradução: Análise de alusões Bíblicas na temática da morte em Bram Stoker* envolve um estudo tradutório e interpretativo sobre a obra *Drácula*, de Bram Stoker.

# THE JUDGE'S HOUSE

*"Now tell us all that you noticed in the old house."*

BRAM STOKER

"When the time for his examination drew near Malcolm Malcolmson made up his mind to go somewhere to read by himself. He feared the attractions of the seaside, and also he feared completely rural isolation, for of old he knew its charms, and so he determined to find some unpretentious little town where there would be nothing to distract him. He refrained from asking suggestions from any of his friends, for he argued that each would recommend some place of which he had knowledge, and where he had already acquaintances. As Malcolmson wished to avoid friends he had no wish to encumber himself with the attention or friends' friends, and so he determined to look out for a place for himself. He packed a portmanteau with some clothes and all the books he required, and then took ticket for the first name on the local time-table which he did not know.

"When at the end of three hours' journey he alighted at Benchurch, he felt satisfied that he had so far obliterated his tracks as to be sure of having a peaceful opportunity of pursuing his studies. He went straight to the one inn which the sleepy little place contained, and put up for the night. Benchurch was a market town, and once in three weeks was crowded to excess, but for the remainder of the twenty-one days it was as attractive as a desert. Malcolmson looked around the day after his arrival to try to find quarters more isolated than even so quiet an inn as "The Good Traveller" afforded.

There was only one place which took his fancy, and it certainly satisfied his wildest ideas regarding quiet; in fact, quiet was not the proper word to apply to it — desolation was the only term conveying any suitable idea of its

isolation. It was an old rambling, heavy-built house of the Jacobean style, with heavy gables and windows, unusually small, and set higher than was customary in such houses, and was surrounded with a high brick wall massively built. Indeed, on examination, it looked more like a fortified house than an ordinary dwelling. But all these things pleased Malcolmson. "Here," he thought, "is the very spot I have been looking for, and if I can only get opportunity of using it I shall be happy." His joy was increased when he realised beyond doubt that it was not at present inhabited.

From the post-office he got the name of the agent, who was rarely surprised at the application to rent a part of the old house. Mr. Carnford, the local lawyer and agent, was a genial old gentleman, and frankly confessed his delight at anyone being willing to live in the house. "To tell you the truth," said he, "I should be only too happy, on behalf of the owners, to let anyone have the house rent free for a term of years if only to accustom the people here to see it inhabited. It has been so long empty that some kind of absurd prejudice has grown up about it, and this can be best put down by its occupation — if only," he added with a sly glance at Malcomson, "by a scholar like yourself, who wants its quiet for a time."

"Malcolmson thought it needless to ask the agent about the "absurd prejudice"; he knew he would get more information, if he should require it, on that subject from other quarters. He paid his three months' rent, got a receipt, and the name of an old woman who would probably undertake to "do" for him, and came away with the keys in his pocket. He then went to the landlady of the inn, who was a cheerful and most kindly person, and asked her advice as to such stores and provisions as he would be likely to require. She threw up her hands in amazement when he told her where he was going to settle himself. "Not in the Judge's House!" she said, and grew pale as she spoke. He explained the locality of the house, saying that he did not know its name. When he had finished she answered: "Aye, sure enough — sure enough the very place! It is the Judge's House sure enough." He asked her to tell him about the place, why so called, and what there was against it. She told him that it was so called locally because it had been many years before — how long she could not say, as she was herself from another part of the country, but she thought it must have been a hundred years or more — the abode of a judge who was held in great terror on account of his harsh sentences and his hostility to prisoners at Assizes. As to what there was against the house itself she could not tell.

She had often asked, but no one could inform her; but there was a general feeling that there was something, and for her own part she would not take all

the money in Drinkwater's Bank and stay in the house an hour by herself. Then she apologised to Malcolmson for her disturbing talk.

"It is too bad of me, sir, and you — and a young gentleman, too — if you will pardon me saying it, going to live there all alone. If you were my boy — and you'll excuse me for saying it — you wouldn't sleep there a night, not if I had to go there myself and pull the big alarm bell that's on the roof!" The good creature was so manifestly in earnest, and was so kindly in her intentions, that Malcolmson, although amused, was touched. He told her kindly how much he appreciated her interest in him, and added:

"But, my dear Mrs. Witham, indeed you need not be concerned about me! A man who is reading for the Mathematical Tripos has too much to think of to be disturbed by any of these mysterious 'somethings,' and his work is of too exact and prosaic a kind to allow of his having any corner in his mind for mysteries of any kind. Harmonical Progression, Permutations and Combinations, and Elliptic Functions have sufficient mysteries for me!" Mrs. Witham kindly undertook to see after his commissions, and he went himself to look for the old woman who had been recommended to him. When he returned to the Judge's House with her, after an interval of a couple of hours, he found Mrs. Witham herself waiting with several men and boys carrying parcels, and an upholsterer's man with a bed in a cart, for she said, though tables and chairs might be all very well, a bed that hadn't been aired for mayhap fifty years was not proper for young bones to lie on. She was evidently curious to see the inside of the house; and though manifestly so afraid of the 'somethings' that at the slightest sound she clutched on to Malcolmson, whom she never left for a moment, went over the whole place.

After his examination of the house, Malcolmson decided to take up his abode in the great dining-room, which was big enough to serve for all his requirements; and Mrs. Witham, with the aid of the charwoman, Mrs. Dempster, proceeded to arrange matters. When the hampers were brought in and unpacked, Malcolmson saw that with much kind forethought she had sent from her own kitchen sufficient provisions to last for a few days. Before going she expressed all sorts of kind wishes; and at the door turned and said: "And perhaps, sir, as the room is big and draughty it might be well to have one of those big screens put round your bed at night — though, truth to tell, I would die myself if I were to be so shut in with all kinds of — of 'things,' that put their heads round the sides, or over the top, and look on me!" The image which she had called up was too much for her nerves, and she fled incontinently. Mrs. Dempster sniffed in a superior manner as the landlady

disappeared, and remarked that for her own part she wasn't afraid of all the bogies in the kingdom.

"I'll tell you what it is, sir," she said; "bogies is all kinds and sorts of things — except bogies! Rats and mice, and beetles; and creaky doors, and loose slates, and broken panes, and stiff drawer handles, that stay out when you pull them and then fall down in the middle of the night. Look at the wainscot of the room! It is old — hundreds of years old! Do you think there's no rats and beetles there! And do you imagine, sir, that you won't see none of them! Rats is bogies, I tell you, and bogies is rats; and don't you get to think anything else!"

"Mrs. Dempster," said Malcolmson gravely, making her a polite bow, "you know more than a Senior Wrangler! And let me say, that, as a mark of esteem for your indubitable soundness of head and heart, I shall, when I go, give you possession of this house, and let you stay here by yourself for the last two months of my tenancy, for four weeks will serve my purpose."

"Thank you kindly, sir!" she answered, "but I couldn't sleep away from home a night. I am in Greenhow's Charity, and if I slept a night away from my rooms I should lose all I have got to live on. The rules is very strict; and there's too many watching for a vacancy for me to run any risks in the matter. Only for that, sir, I'd gladly come here and attend on you altogether during your stay".

"My good woman," said Malcolmson hastily, "I have come here on purpose to obtain solitude; and believe me that I am grateful to the late Greenhow for having so organized his admirable charity — whatever it is — that I am perforce denied the opportunity of suffering from such a form of temptation! Saint Anthony himself could not be more rigid on the point!"

The old woman laughed harshly. "Ah, you young gentlemen," she said, "you don't fear for naught; and belike you'll get all the solitude you want here." She set to work with her cleaning; and by nightfall, when Malcolmson returned from his walk — he always had one of his books to study as he walked — he found the room swept and tidied, a fire burning in the old hearth, the lamp lit, and the table spread for supper with Mrs. Witham's excellent fare. "This is comfort, indeed," he said, as he rubbed his hands.

When he had finished his supper, and lifted the tray to the other end of the great oak dining-table, he got out his books again, put fresh wood on the fire, trimmed his lamp, and set himself down to a spell of real hard work. He went on without pause till about eleven o'clock, when he knocked off for a bit to fix his fire and lamp, and to make himself a cup of tea. He had always

been a tea-drinker, and during his college life had sat late at work and had taken tea late.

The rest was a great luxury to him, and he enjoyed it with a sense of delicious, voluptuous ease. The renewed fire leaped and sparkled, and threw quaint shadows through the great old room; and as he sipped his hot tea he revelled in the sense of isolation from his kind. Then it was that he began to notice for the first time what a noise the rats were making.

"Surely," he thought, "they cannot have been at it all the time I was reading. Had they been. I must have noticed it!" Presently, when the noise increased, he satisfied himself that it was really new. It was evident that at first the rats had been frightened at the presence of a stranger, and the light of fire and lamp; but that as the time went on they had grown bolder and were now disporting themselves as was their wont.

How busy they were! and hark to the strange noises! Up and down behind the old wainscot, over the ceiling and under the floor they raced, and gnawed, and scratched! Malcolmson smiled to himself as he recalled to mind the saying of Mrs. Dempster, "Bogies is rats, and rats is bogies!" The tea began to have its effect of intellectual and nervous stimulus, he saw with joy another long spell of work to be done before the night was past, and in the sense of security which it gave him, he allowed himself the luxury of a good look round the room. He took his lamp in one hand, and went all around, wondering that so quaint and beautiful an old house had been so long neglected.

The carving of the oak on the panels of the wainscot was fine, and on and round the doors and windows it was beautiful and of rare merit. There were some old pictures on the walls, but they were coated so thick with dust and dirt that he could not distinguish any detail of them, though he held his lamp as high as he could over his head. Here and there as he went round he saw some crack or hole blocked for a moment by the face of a rat with its bright eyes glittering in the light, but in an instant it was gone, and a squeak and a scamper followed.

The thing that most struck him, however, was the rope of the great alarm bell on the roof, which hung down in a corner of the room on the right-hand side of the fireplace. He pulled up close to the hearth a great high-backed carved oak chair, and sat down to his last cup of tea. When this was done he made up the fire, and went back to his work, sitting at the corner of the table, having the fire to his left. For a while the rats disturbed him somewhat with their perpetual scampering, but he got accustomed to the noise as one

does to the ticking of a clock or to the roar of moving water; and he became so immersed in his work that everything in the world, except the problem which he was trying to solve, passed away from him.

He suddenly looked up, his problem was still unsolved, and there was in the air that sense of the hour before the dawn, which is so dread to doubtful life. The noise of the rats had ceased. Indeed it seemed to him that it must have ceased but lately and that it was the sudden cessation which had disturbed him. The fire had fallen low, but still it threw out a deep red glow. As he looked he started in spite of his *sang froid*. There on the great high-backed carved oak chair by the right side of the fireplace sat an enormous rat, steadily glaring at him with baleful eyes. He made a motion to it as though to hunt it away, but it did not stir. Then he made the motion of throwing something. Still it did not stir, but showed its great white teeth angrily, and its cruel eyes shone in the lamplight with an added vindictiveness. Malcolmson felt amazed, and seizing the poker from the hearth ran at it to kill it. Before, however, he could strike it, the rat, with a squeak that sounded like the concentration of hate, jumped upon the floor, and, running up the rope of the alarm bell, disappeared in the darkness beyond the range of the green-shaded lamp. Instantly, strange to say, the noisy scampering of the rats in the wainscot began again.

By this time Malcolmson's mind was quite off the problem; and as a shrill cock-crow outside told him of the approach of morning, he went to bed and to sleep. He slept so sound that he was not even waked by Mrs. Dempster coming in to make up his room. It was only when she had tidied up the place and got his breakfast ready and tapped on the screen which closed in his bed that he woke. He was a little tired still after his night's hard work, but a strong cup of tea soon freshened him up, and, taking his book, he went out for his morning walk, bringing with him a few sandwiches lest he should not care to return till dinner time. He found a quiet walk between high elms some way outside the town, and here he spent the greater part of the day studying his Laplace. On his return he looked in to see Mrs. Witham and to thank her for her kindness. When she saw him coming through the diamond-paned bay-window of her sanctum she came out to meet him and asked him in. She looked at him searchingly and shook her head as she said:

"You must not overdo it, sir. You are paler this morning than you should be. Too late hours and too hard work on the brain isn't good for any man! But tell me, sir, how did you pass the night? Well, I hope? But, my heart! sir, I was glad when Mrs. Dempster told me this morning that you were all right and sleeping sound when she went in."

"Oh, I was all right," he answered, smiling, "the 'somethings' didn't worry me, as yet. Only the rats; and they had a circus, I tell you, all over the place. There was one wicked looking old devil that sat up on my own chair by the fire, and wouldn't go till I took the poker to him, and then he ran up the rope of the alarm bell and got to somewhere up the wall or the ceiling — I couldn't see where, it was so dark."

"Mercy on us," said Mrs. Witham, "an old devil, and sitting on a chair by the fireside! Take care, sir! take care! There's many a true word spoken in jest."

"How do you mean? 'Pon my word I don't understand."

"An old devil! The old devil, perhaps. There! sir, you needn't laugh," for Malcolmson had broken into a hearty peal. "You young folks thinks it easy to laugh at things that makes older ones shudder. Never mind, sir! never mind! Please God, you'll laugh all the time. It's what I wish you myself!" and the good lady beamed all over in sympathy with his enjoyment, her fears gone for a moment.

"Oh, forgive me!" said Malcolmson presently. "Don't think me rude; but the idea was too much for me — that the old devil himself was on the chair last night!" And at the thought he laughed again. Then he went home to dinner.

This evening the scampering of the rats began earlier; indeed it had been going on before his arrival, and only ceased whilst his presence by its freshness disturbed them. After dinner he sat by the fire for a while and had a smoke; and then, having cleared his table, began to work as before. To-night the rats disturbed him more than they had done on the previous night. How they scampered up and down and under and over! How they squeaked, and scratched, and gnawed! How they, getting bolder by degrees, came to the mouths of their holes and to the chinks and cracks and crannies in the wainscoting till their eyes shone like tiny lamps as the firelight rose and fell. But to him, now doubtless accustomed to them, their eyes were not wicked; only their playfulness touched him. Sometimes the boldest of them made sallies out on the floor or along the mouldings of the wainscot. Now and again as they disturbed him Malcolmson made a sound to frighten them, smiting the table with his hand or giving a fierce "Hsh, hsh," so that they fled straightway to their holes.

And so the early part of the night wore on; and despite the noise Malcolmson got more and more immersed in his work. All at once he stopped, as on the previous night, being overcome by a sudden sense of

silence. There was not the faintest sound of gnaw, or scratch, or squeak. The silence was as of the grave. He remembered the odd occurrence of the previous night, and instinctively he looked at the chair standing close by the fireside. And then a very odd sensation thrilled through him. There, on the great old high-backed carved oak chair beside the fireplace sat the same enormous rat, steadily glaring at him with baleful eyes.

Instinctively he took the nearest thing to his hand, a book of logarithms, and flung it at it. The book was badly aimed and the rat did not stir, so again the poker performance of the previous night was repeated; and again the rat, being closely pursued, fled up the rope of the alarm bell. Strangely too, the departure of this rat was instantly followed by the renewal of the noise made by the general rat community. On this occasion, as on the previous one, Malcolmson could not see at what part of the room the rat disappeared, for the green shade of his lamp left the upper part of the room in darkness, and the fire had burned low.

On looking at his watch he found it was close on midnight; and, not sorry for the divertissement, he made up his fire and made himself his nightly pot of tea. He had got through a good spell of work, and thought himself entitled to a cigarette; and so he sat on the great carved oak chair before the fire and enjoyed it. Whilst smoking he began to think that he would like to know where the rat disappeared to, for he had certain ideas for the morrow not entirely disconnected with a rat-trap. Accordingly he lit another lamp and placed it so that it would shine well into the right-hand corner of the wall by the fireplace. Then he got all the books he had with him, and placed them handy to throw at the vermin. Finally he lifted the rope of the alarm bell and placed the end of it on the table, fixing the extreme end under the lamp. As he handled it he could not help noticing how pliable it was, especially for so strong a rope, and one not in use. "You could hang a man with it," he thought to himself. When his preparations were made he looked around, and said complacently:

"There now, my friend, I think I shall learn something of you this time!" He began his work again, and though as before somewhat disturbed at first by the noise of the rats, soon lost himself in his propositions and problems. Again he was called to his immediate surroundings suddenly. This time it might not have been the sudden silence only which took his attention; there was a slight movement of the rope, and the lamp moved. Without stirring, he looked to see if his pile of books was within range, and then cast his eye along the rope. As he looked he saw the great rat drop from the rope on the oak armchair and sit there glaring at him. He raised a book in his right hand,

and taking careful aim, flung it at the rat. The latter, with a quick movement, sprang aside and dodged the missile. He then took another book, and a third, and flung them one after another at the rat, but each time unsuccessfully. At last, as he stood with a book poised in his hand to throw, the rat squeaked and seemed afraid. This made Malcolmson more than ever eager to strike, and the book flew and struck the rat a resounding blow. It gave a terrified squeak, and turning on its pursuer a look of terrible malevolence, ran up the chair-back and made a great jump to the rope of the alarm bell and ran up it like lightning. The lamp rocked under the sudden strain, but it was a heavy one and did not topple over. Malcolmson kept his eyes on the rat, and saw it by the light of the second lamp leap to a moulding of the wainscot and disappear through a hole in one of the great pictures which hung on the wall, obscured and invisible through its coating of dirt and dust.

"I shall look up my friend's habitation in the morning," said the student, as he went over to collect his books. "The third picture from the fireplace; I shall not forget." He picked up the books one by one, commenting on them as he lifted them. "Conic Sections he does not mind, nor Cycloidal Oscillations, nor the Principia, nor Quaternions, nor Thermodynamics. Now for the book that fetched him!" Malcolmson took it up and looked at it. As he did so he started, and a sudden pallor overspread his face. He looked round uneasily and shivered slightly, as he murmured to himself:

"The Bible my mother gave me! What an odd coincidence." He sat down to work again, and the rats in the wainscot renewed their gambols. They did not disturb him, however; somehow their presence gave him a sense of companionship. But he could not attend to his work, and after striving to master the subject on which he was engaged gave it up in despair, and went to bed as the first streak of dawn stole in through the eastern window.

He slept heavily but uneasily, and dreamed much; and when Mrs.Dempster woke him late in the morning he seemed ill at ease, and for a few minutes did not seem to realize exactly where he was. His first request rather surprised the servant.

"Mrs. Dempster, when I am out to-day I wish you would get the steps and dust or wash those pictures — specially that one the third from the fireplace — I want to see what they are." Late in the afternoon Malcolmson worked at his books in the shaded walk, and the cheerfulness of the previous day came back to him as the day wore on, and he found that his reading was progressing well. He had worked out to a satisfactory conclusion all the

problems which had as yet baffled him, and it was in a state of jubilation that he paid a visit to Mrs. Witham at "The Good Traveler." He found a stranger in the cosy sitting-room with the landlady, who was introduced to him as Dr. Thornhill. She was not quite at ease, and this, combined with the Doctor's plunging at once into a series of questions, made Malcolmson come to the conclusion that his presence was not an accident, so without preliminary he said:

"Dr. Thornhill, I shall with pleasure answer you any question you may choose to ask me if you will answer me one question first." The Doctor seemed surprised, but he smiled and answered at once.

"Done! What is it?"

"Did Mrs. Witham ask you to come here and see me and advise me?"

Dr. Thornhill for a moment was taken aback, and Mrs. Witham got fiery red and turned away; but the doctor was a frank and ready man, and he answered at once and openly:

"She did: but she didn't intend you to know it. I suppose it was my clumsy haste that made you suspect. She told me that she did not like the idea of your being in that house all by yourself, and that she thought you took too much strong tea. In fact, she wants me to advise you if possible to give up the tea and the very late hours. I was a keen student in my time, so I suppose I may take the liberty of a college man, and without offence, advise you not quite as a stranger."

Malcolmson with a bright smile held out his hand. "Shake! as they say in America," he said. "I must thank you for your kindness and Mrs. Witham too, and your kindness deserves a return on my part. I promise to take no more strong tea — no tea at all till you let me — and I shall go to bed to-night at one o'clock at latest. Will that do?"

"Capital," said the Doctor. "Now tell us all that you noticed in the old house," and so Malcolmson then and there told in minute detail all that had happened in the last two nights. He was interrupted every now and then by some exclamation from Mrs. Witham, till finally when he told of the episode of the Bible the landlady's pent-up emotions found vent in a shriek; and it was not till a stiff glass of brandy and water had been administered that she grew composed again. Dr. Thornhill listened with a face of growing gravity, and when the narrative was complete and Mrs. Witham had been restored he asked:

"The rat always went up the rope of the alarm bell?"

"Always."

"I suppose you know," said the Doctor after a pause, "what the rope is?"

"No!"

"It is," said the Doctor slowly, "the very rope which the hangman used for all the victims of the Judge's judicial rancour!" Here he was interrupted by another scream from Mrs. Witham, and steps had to be taken for her recovery. Malcolmson having looked at his watch, and found that it was close to his dinner hour, had gone home before her complete recovery.

When Mrs. Witham was herself again she almost assailed the Doctor with angry questions as to what he meant by putting such horrible ideas into the poor young man's mind. "He has quite enough there already to upset him," she added. Dr. Thornhill replied:

"My dear madam, I had a distinct purpose in it! I wanted to draw his attention to the bell rope, and to fix it there. It may be that he is in a highly overwrought state, and has been studying too much, although I am bound to say that he seems as sound and healthy a young man, mentally and bodily, as ever I saw — but then the rats — and that suggestion of the devil." The doctor shook his head and went on. "I would have offered to go and stay the first night with him but that I felt sure it would have been a cause of offence. He may get in the night some strange fright or hallucination; and if he does I want him to pull that rope. All alone as he is it will give us warning, and we may reach him in time to be of service. I shall be sitting up pretty late to-night and shall keep my ears open. Do not be alarmed if Benchurch gets a surprise before morning."

"Oh, Doctor, what do you mean? What do you mean?"

"I mean this; that possibly — nay, more probably — we shall hear the great alarm bell from the Judge's House to-night," and the Doctor made about as effective an exit as could be thought of.

When Malcolmson arrived home he found that it was a little after his usual time, and Mrs. Dempster had gone away — the rules of Greenhow's Charity were not to be neglected. He was glad to see that the place was bright and tidy with a cheerful fire and a well-trimmed lamp. The evening was colder than might have been expected in April, and a heavy wind was blowing with such rapidly-increasing strength that there was every promise of a storm during the night. For a few minutes after his entrance the noise of the rats ceased; but so soon as they became accustomed to his presence they began again. He was glad to hear them, for he felt once more the feeling of companionship in their noise, and his mind ran back to the strange fact that

they only ceased to manifest themselves when that other — the great rat with the baleful eyes — came upon the scene. The reading-lamp only was lit and its green shade kept the ceiling and the upper part of the room in darkness, so that the cheerful light from the hearth spreading over the floor and shining on the white cloth laid over the end of the table was warm and cheery. Malcolmson sat down to his dinner with a good appetite and a buoyant spirit. After his dinner and a cigarette he sat steadily down to work, determined not to let anything disturb him, for he remembered his promise to the doctor, and made up his mind to make the best of the time at his disposal.

For an hour or so he worked all right, and then his thoughts began to wander from his books. The actual circumstances around him, the calls on his physical attention, and his nervous susceptibility were not to be denied. By this time the wind had become a gale, and the gale a storm. The old house, solid though it was, seemed to shake to its foundations, and the storm roared and raged through its many chimneys and its queer old gables, producing strange, unearthly sounds in the empty rooms and corridors. Even the great alarm bell on the roof must have felt the force of the wind, for the rope rose and fell slightly, as though the bell were moved a little from time to time, and the limber rope fell on the oak floor with a hard and hollow sound. As Malcolmson listened to it he bethought himself of the doctor's words, "It is the rope which the hangman used for the victims of the Judge's judicial rancour," and he went over to the corner of the fireplace and took it in his hand to look at it. There seemed a sort of deadly interest in it, and as he stood there he lost himself for a moment in speculation as to who these victims were, and the grim wish of the Judge to have such a ghastly relic ever under his eyes. As he stood there the swaying of the bell on the roof still lifted the rope how and again; but presently there came a new sensation — a sort of tremor in the rope, as though something was moving along it.

Looking up instinctively Malcolmson saw the great rat coming slowly down towards him, glaring at him steadily. He dropped the rope and started back with a muttered curse, and the rat turning ran up the rope again and disappeared, and at the same instant Malcolmson became conscious that the noise of the rats, which had ceased for a while, began again.

All this set him thinking, and it occurred to him that he had not investigated the lair of the rat or looked at the pictures, as he had intended. He lit the other lamp without the shade, and, holding it up, went and stood opposite the third picture from the fireplace on the right-hand side where he

had seen the rat disappear on the previous night. At the first glance he started back so suddenly that he almost dropped the lamp, and a deadly pallor overspread his face. His knees shook, and heavy drops of sweat came on his forehead, and he trembled like an aspen. But he was young and plucky, and pulled himself together, and after the pause of a few seconds stepped forward again, raised the lamp, and examined the picture which had been dusted and washed, and now stood out clearly.

It was of a judge dressed in his robes of scarlet and ermine. His face was strong and merciless, evil, crafty, and vindictive, with a sensual mouth, hooked nose of ruddy colour, and shaped like the beak of a bird of prey. The rest of the face was of a cadaverous colour. The eyes were of peculiar brilliance and with a terribly malignant expression. As he looked at them, Malcolmson grew cold, for he saw there the very counterpart of the eyes of the great rat. The lamp almost fell from his hand, he saw the rat with its baleful eyes peering out through the hole in the corner of the picture, and noted the sudden cessation of the noise of the other rats. However, he pulled himself together, and went on with his examination of the picture. The Judge was seated in a great high-backed carved oak chair, on the right-hand side of a great stone fireplace where, in the corner, a rope hung down from the ceiling, its end lying coiled on the floor. With a feeling of something like horror, Malcolmson recognised the scene of the room as it stood, and gazed around him in an awe-struck manner as though he expected to find some strange presence behind him. Then he looked over to the corner of the fireplace — and with a loud cry he let the lamp fall from his hand.

There, in the Judge's arm-chair, with the rope hanging behind, sat the rat with the Judge's baleful eyes, now intensified and with a fiendish leer. Save for the howling of the storm without there was silence. The fallen lamp recalled Malcolmson to himself. Fortunately it was of metal, and so the oil was not spilt. However, the practical need of attending to it settled at once his nervous apprehensions. When he had turned it out, he wiped his brow and thought for a moment.

"This will not do," he said to himself. "If I go on like this I shall become a crazy fool. This must stop! I promised the Doctor I would not take tea. Faith, he was pretty right! My nerves must have been getting into a queer state. Funny I did not notice it. I never felt better in my life. However, it is all right now, and I shall not be such a fool again."

Then he mixed himself a good stiff glass of brandy and water and resolutely sat down to his work. It was nearly an hour when he looked up from his book, disturbed by the sudden stillness. Without, the wind howled and roared louder than ever, and the rain drove in sheets against the windows, beating like hail on the glass; but within there was no sound whatever save the echo of the wind as it roared in the great chimney, and now and then a hiss as a few raindrops found their way down the chimney in a lull of the storm. The fire had fallen low and had ceased to flame, though it threw out a red glow. Malcolmson listened attentively, and presently heard a thin, squeaking noise, very faint. It came from the corner of the room where the rope hung down, and he thought it was the creaking of the rope on the floor as the swaying of the bell raised and lowered it. Looking up, however, he saw in the dim light the great rat clinging to the rope and gnawing it. The rope was already nearly gnawed through — he could see the lighter colour where the strands were laid bare. As he looked the job was completed, and the severed end of the rope fell clattering on the oaken floor, whilst for an instant the great rat remained like a knob or tassel at the end of the rope, which now began to sway to and fro. Malcolmson felt for a moment another pang of terror as he thought that now the possibility of calling the outer world to his assistance was cut off, but an intense anger took its place, and seizing the book he was reading he hurled it at the rat. The blow was well aimed, but before the missile could reach it the rat dropped off and struck the floor with a soft thud. Malcolmson instantly rushed over towards it, but it darted away and disappeared in the darkness of the shadows of the room. Malcolmson felt that his work was over for the night, and determined then and there to vary the monotony of the proceedings by a hunt for the rat, and took off the green shade of the lamp so as to insure a wider spreading light. As he did so the gloom of the upper part of the room was relieved, and in the new flood of light, great by comparison with the previous darkness, the pictures on the wall stood out boldly. From where he stood, Malcolmson saw right opposite to him the third picture on the wall from the right of the fireplace. He rubbed his eyes in surprise, and then a great fear began to come upon him.

In the centre of the picture was a great irregular patch of brown canvas, as fresh as when it was stretched on the frame. The background was as before, with chair and chimney-corner and rope, but the figure of the Judge had disappeared.

Malcolmson, almost in a chill of horror, turned slowly round, and then he began to shake and tremble like a man in a palsy. His strength seemed to

have left him, and he was incapable of action or movement, hardly even of thought. He could only see and hear. There, on the great high-backed carved oak chair sat the Judge in his robes of scarlet and ermine, with his baleful eyes glaring vindictively, and a smile of triumph on the resolute, cruel mouth, as he lifted with his hands a black cap. Malcolmson felt as if the blood was running from his heart, as one does in moments of prolonged suspense. There was a singing in his ears. Without, he could hear the roar and howl of the tempest, and through it, swept on the storm, came the striking of midnight by the great chimes in the market place. He stood for a space of time that seemed to him endless, still as a statue and with wide-open, horror-struck eyes, breathless. As the clock struck, so the smile of triumph on the Judge's face intensified, and at the last stroke of midnight he placed the black cap on his head.

Slowly and deliberately the Judge rose from his chair and picked up the piece of the rope of the alarm bell which lay on the floor, drew it through his hands as if he enjoyed its touch, and then deliberately began to knot one end of it, fashioning it into a noose. This he tightened and tested with his foot, pulling hard at it till he was satisfied and then making a running noose of it, which he held in his hand. Then he began to move along the table on the opposite side to Malcolmson, keeping his eyes on him until he had passed him, when with a quick movement he stood in front of the door. Malcolmson then began to feel that he was trapped, and tried to think of what he should do. There was some fascination in the Judge's eyes, which he never took off him, and he had, perforce, to look. He saw the Judge approach — still keeping between him and the door — and raise the noose and throw it towards him as if to entangle him. With a great effort he made a quick movement to one side, and saw the rope fall beside him, and heard it strike the oaken floor. Again the Judge raised the noose and tried to ensnare him, ever keeping his baleful eyes fixed on him, and each time by a mighty effort the student just managed to evade it. So this went on for many times, the Judge seeming never discouraged nor discomposed at failure, but playing as a cat does with a mouse. At last in despair, which had reached its climax, Malcolmson cast a quick glance round him. The lamp seemed to have blazed up, and there was a fairly good light in the room. At the many rat-holes and in the chinks and crannies of the wainscot he saw the rats' eyes; and this aspect, that was purely physical, gave him a gleam of comfort. He looked around and saw that the rope of the great alarm bell was laden with rats. Every inch of it was covered with them, and more and more were pouring

through the small circular hole in the ceiling whence it emerged, so that with their weight the bell was beginning to sway.

Hark! it had swayed till the clapper had touched the bell. The sound was but a tiny one, but the bell was only beginning to sway, and it would increase. At the sound the Judge, who had been keeping his eyes fixed on Malcolmson, looked up, and a scowl of diabolical anger overspread his face. His eyes fairly glowed like hot coals, and he stamped his foot with a sound that seemed to make the house shake. A dreadful peal of thunder broke overhead as he raised the rope again, whilst the rats kept running up and down the rope as though working against time. This time, instead of throwing it, he drew close to his victim, and held open the noose as he approached. As he came closer there seemed something paralysing in his very presence, and Malcolmson stood rigid as a corpse. He felt the Judge's icy fingers touch his throat as he adjusted the rope. The noose tightened—tightened. Then the Judge, taking the rigid form of the student in his arms, carried him over and placed him standing in the oak chair, and stepping up beside him, put his hand up and caught the end of the swaying rope of the alarm bell. As he raised his hand the rats fled squeaking, and disappeared through the hole in the ceiling. Taking the end of the noose which was round Malcolmson's neck he tied it to the hanging bell-rope, and then descending pulled away the chair.

***

When the alarm bell of the Judge's House began to sound a crowd soon assembled. Lights and torches of various kinds appeared, and soon a silent crowd was hurrying to the spot. They knocked loudly at the door, but there was no reply. Then they burst in the door, and poured into the great dining-room, the doctor at the head. There at the end of the rope of the great alarm bell hung the body of the student, and on the face of the Judge in the picture was a malignant smile.

# A Casa do Juiz

*"Agora nos conte tudo o que você observou naquela velha casa."*

BRAM STOKER

Quando a data de seu exame se aproximava, Malcom Malcolmson decidiu ir para algum lugar onde pudesse estudar sozinho. Ele temia as atrações do litoral, mas também receava o total isolamento rural, pois sabia de seus encantos. Então, resolveu procurar uma cidade modesta e pequena, onde não houvesse nada que pudesse distraí-lo. Não pediu sugestão para seus amigos, certo de que recomendariam algum lugar que ele já conhecesse ou onde morassem alguns conhecidos, e Malcolmson não tinha interesse algum em dar e receber atenção dos amigos, muito menos dos amigos dos amigos. Logo, decidiu sozinho procurar um lugar para estudar em paz. Arrumou uma mala com algumas roupas e livros necessários e comprou uma passagem para a cidade cujo nome estava no primeiro lugar na lista de horários e a qual ele não conhecia.

Quando, no final de uma viagem de três horas, desembarcou em Benchurch, Malcolmson estava certo de que não havia deixado pistas e que teria, então, uma ótima oportunidade de progredir com seus estudos. Ao chegar à cidade, foi diretamente para a única pousada da pequena cidade, a fim de passar a noite. Benchurch era um lugar comercial que uma vez a cada três semanas ficava lotado. Porém, nos vinte dias restantes, ficava tão atraente quanto um deserto. No dia seguinte, Malcolmson deu uma volta pela cidade para tentar encontrar bairros ainda mais isolados e tranquilos do que aquele da pousada "O Bom Viajante". Apenas um lugar — o qual certamente estava de acordo com suas mais ferozes ideias de tranquilidade — chamou-lhe a atenção. Na verdade, tranquilidade não era a palavra apropriada

nesse caso. Desolação. Esse era o termo que abarcava qualquer ideia de isolamento.

O lugar era uma velha construção de estilo Jacobino cheia de emendas e com janelas surpreendentemente pequenas e mais altas do que era o usual em tais construções. A casa estava cercada por um alto muro de tijolos. Na realidade, examinando a construção, parecia mais uma casa fortificada do que uma moradia comum. Porém, todos esses detalhes agradaram Malcolmson. "Aqui", pensou ele, "é o lugar exato que procuro e se eu puder morar aqui, ficarei feliz". Sua alegria foi ainda maior ao ver que não havia ninguém morando na casa. No correio, ele conseguiu o nome do corretor, que raramente se surpreendia ao saber da solicitação em alugar uma parte da velha casa. O Senhor Carnford, o advogado e corretor local, era um homem idoso e gentil que se alegrava ao saber que alguém estivesse interessado em morar na casa.

"Para dizer a verdade", disse ele, "Eu deveria ficar feliz em nome dos proprietários e até permitir que a casa fosse alugada gratuitamente por qualquer pessoa, pois, dessa forma, os moradores de Benchurch se acostumariam a vê-la habitada. Ela está desocupada por tanto tempo que alguns preconceitos absurdos foram disseminados sobre ela e que só poderão ser destruídos no momento que alguém passar a ocupá-la". E acrescentou com um olhar astuto sobre Malcolmson, "Alguém estudioso como você, que precisa de silêncio". Malcolmson não achou necessário perguntar ao corretor sobre os tais "preconceitos absurdos"; pois sabia que teria mais informações se perguntasse por eles em outros quarteirões. Pagou três meses de aluguel, pegou um recibo e o nome de uma mulher idosa que provavelmente seria a "ajudante" dele, e saiu com as chaves no bolso. Foi, então, falar com a dona da pousada, que era uma pessoa muito simpática e gentil, e pediu-lhe conselhos sobre os suprimentos que poderia precisar. Ela ergueu as mãos com espanto quando ele contou onde estava indo morar.

"Na Casa do Juiz, não"! Falou empalidecendo. Ele disse que não sabia o nome do local da casa. E quando terminou de falar, ela respondeu:

"Sim, com certeza — com certeza é esse lugar! É a Casa do Juiz, com certeza". Pediu a ela para que contasse sobre o lugar, o porquê do nome, e o que havia de tão errado acerca dele. Ela contou que os habitantes da cidade chamavam o lugar de "Casa do Juiz", porque foi, por muitos anos antes — quantos não sabia dizer, pois ela mesma havia vindo de outra parte do país, mas acreditava que fosse cem anos ou mais — a casa de um juiz muito temido por suas duras sentenças e hostilidade para com os prisioneiros de

*Assizes.* Mas o que exatamente havia contra a casa, ela não soube dizer. Sempre perguntou, mas ninguém nunca soube informá-la. Pairava no ar uma sensação de que havia *alguma coisa* naquela casa e ela mesma não aceitaria todo o dinheiro do Banco Drinkwater para ficar ali sozinha nem sequer por uma hora. Então, desculpou-se com Malcolmson por esse tipo de conversa.

"Perdoe-me em dizer isso, mas é péssimo para um rapaz jovem como você ir morar lá sozinho. Se você fosse meu filho — desculpe-me por lhe dizer isso — você não dormiria lá uma noite sequer, a não ser que eu fosse lá e puxasse a corda do sino que está pendurado no telhado"! A boa senhora falava com tanta seriedade e era tão gentil em suas intenções, que Malcolmson, embora não levando a sério, ficou tocado. Ele falou com gentileza o quanto apreciava seus cuidados, e acrescentou:

"Mas, minha querida Senhora Witham, na verdade, a senhora não precisa se preocupar comigo! Um homem que estuda para as provas finais de Matemática tem a mente muito ocupada para ser perturbado por qualquer 'coisa misteriosa', e seu trabalho é de natureza tão exata e prosaica que não há espaço em sua mente para mistérios de qualquer tipo. Progressões Aritméticas, Permutações e Combinações, e Funções Elípticas são suficientemente misteriosas para mim"!

A Senhora Witham gentilmente comprometeu-se em cuidar de suas provisões, e ele saiu para procurar a velha mulher que tinha sido recomendada para ajudá-lo. Após algumas horas, quando foi à Casa do Juiz com ela, encontrou a senhora Witham esperando junto a alguns homens e meninos carregados de pacotes, e, entre eles, um estofador que carregava uma cama em uma carroça, pois ela disse que, embora os móveis da casa estivessem bons, a cama deveria ser mudada, pois era muito velha e não havia sido usada por cerca de cinquenta anos anos (inapropriada para um corpo jovem deitar seus ossos...). Era evidente que ela estava muito curiosa em conhecer o interior da casa, e tão evidentemente assustada por "aquelas coisas" que ao menor ruído, agarrava-se a Malcolmson, de quem não se afastou por momento algum enquanto andava pela casa.

Depois de olhar toda a casa, Malcolmson decidiu fixar residência na grande sala de jantar, que era suficientemente espaçosa para servir a todos os seus propósitos. Então, a Senhora Witham, com a ajuda da faxineira, a senhora Dempster, começou a arrumar as coisas. Quando os cestos foram trazidos e descarregados, Malcolmson viu que, com muita prevenção, ela tinha trazido mantimentos de sua própria cozinha que seriam suficientes para

alguns dias. Antes de sair, ela desejou-lhe boa sorte e, na porta, virou-se e disse:

"E talvez, senhor, como esse quarto é grande e bem arejado, seria bom colocar um mosquiteiro ao redor da sua cama à noite — embora na verdade, eu morreria de medo se tivesse que ficar fechada com todos esses tipos de... de 'coisas', que estão... por todos os lados!" A cena que ela imaginou era forte demais para seus nervos e, por isso, fugiu rapidamente.

A Senhora Dempster torceu o nariz com ar de superioridade assim que a Senhora Witham desapareceu. Percebeu que não tinha medo dos maus espíritos que pudessem existir pela casa.

"Vou lhe dizer o que é, senhor", disse ela, "maus espíritos são todos os tipos de coisas (exceto maus espíritos): ratos e camundongos, besouros e portas que rangem, ardósias soltas, tábuas quebradas e alças de gavetas emperradas, que ficam dependuradas quando você as puxa e então se soltam no meio da noite. Olhe para o lambril das paredes deste quarto! Está velho — tem centenas de anos de idade! O senhor acha que não tem ratos e besouros lá? E o senhor acredita que não verá nenhum deles? Ratos são maus espíritos. Maus espíritos são ratos e o senhor não deve acreditar em nada além disso!"

"Senhora Dempster," disse Malcolmson gravemente, fazendo educadamente uma reverência, "a senhora tem mais conhecimento que um Sênior Wrangler. E lhe digo que, como prova de minha estima pela sua incontestável integridade de mente e de coração, lhe darei a posse desta casa, e deixarei que a senhora fique aqui por dois meses do meu contrato, pois quatro semanas serão suficientes para meu propósito".

"Muito obrigada, senhor!" respondeu ela, "mas eu não poderei me ausentar de casa uma noite sequer. Eu moro na casa de Caridade Greenhow, e se eu dormir uma noite longe dos meus quartos posso perder tudo o que tenho. As regras são muito rígidas, e há tanta gente esperando por uma vaga, que eu corro risco de perder facilmente a minha. Por isso, senhor, eu ficaria feliz em vir aqui e ajudá-lo durante toda sua estadia".

"Minha boa senhora," disse Malcolmson rapidamente, "Eu vim aqui com o propósito de ter solidão e, acredite-me, eu sou tão grato a Greenhow por ter construído essa admirável casa de caridade — seja lá o que for — que eu sou forçado a negar a oportunidade de cair nesse tipo de tentação! Santo Antônio não poderia ser mais rígido nessa resolução!"

A velha senhora gargalhou "Ah, o senhor, jovem cavalheiro," disse ela, "o senhor não tem medo de nada e provavelmente terá toda a solidão que deseja

aqui". Ela fez a limpeza e, ao anoitecer, quando Malcolmson retornou de sua caminhada — ele sempre levava consigo um de seus livros para estudar no caminho — encontrou o quarto limpo e organizado, a velha lareira acesa e a mesa arrumada para a ceia preparada pela Senhora Witham. "Isso que é conforto," disse, esfregando as mãos.

Quando Malcolmson terminou a ceia, levou a bandeja para o outro lado da grande mesa de jantar feita de carvalho, pegou os livros novamente, colocou lenha na lareira, arrumou a lamparina, e sentou-se para estudar. Trabalhou incessantemente até perto das onze horas, quando então parou um pouco para colocar mais lenha na lareira e preparar uma xícara de chá. Ele sempre foi um grande apreciador de chá, principalmente no período que esteve na escola, quando precisava passar longas horas estudando. O descanso era um luxo para ele, e por isso, desfrutava-o com deleite. O fogo na lareira saltava e faiscava, refletindo estranhas sombras pelas paredes da velha sala e, enquanto tomava o chá quente, ele aproveitava aquele momento de solidão. Foi então que, pela primeira vez, percebeu como os ratos faziam barulho.

"Tenho certeza", pensou, "que eles não fizeram todo esse barulho enquanto eu estava estudando, pois, ao contrário, eu teria percebido"! Dali a pouco, quando o barulho aumentou, ele comprovou que estava certo, que o barulho era novo. Obviamente, no princípio, os ratos tinham sentido medo da presença de um estranho e da claridade que vinha da lareira e da luz da lamparina, mas com o tempo, ficaram mais ousados e agora se divertiam como de costume.

Como estavam ocupados! E como faziam barulho! Corriam para cima e para baixo nos velhos lambris, andavam pelo chão, pelo teto, roíam, arranhavam! Malcolmson lembrou-se das palavras da senhora Dampster: "Maus espíritos são ratos e ratos são maus espíritos!" e riu. O chá começou a fazer seu efeito estimulante e ele alegrou-se ao ver que teria mais um longo período de trabalho antes que a noite terminasse. Com a sensação de segurança que o chá lhe proporcionou, resolveu dar uma volta pela sala. Pegou a lamparina e andou ao redor da sala, observando o quanto era pitoresca e bela a velha casa que, por tanto tempo, ficara abandonada. As esculturas de carvalho nas tábuas dos lambris e ao redor das portas e janelas eram muito elegantes e dignas de mérito. Havia alguns quadros velhos nas paredes, mas estavam cobertos com tanta poeira que Malcolmson não conseguia ver os detalhes, mesmo segurando a lamparina acima de sua cabeça, o mais alto que podia.

Enquanto andava pela sala, viu que algumas rachaduras e buracos estavam tapados pela cara de um rato cujo brilho dos olhos destacava-se na luz, mas, de repente, com um grito estridente, o rato fugiu. A coisa que mais o intrigou, entretanto, foi a corda do grande sino no telhado, que pendia em um canto da sala, ao lado direito da lareira. Puxou uma cadeira de carvalho com encosto alto para perto da lareira e sentou-se para tomar a sua última xícara de chá. Quando terminou, alimentou o fogo da lareira, sentou-se em uma cadeira no canto da mesa, ao lado esquerdo da lareira e voltou ao trabalho. Por alguns instantes, o barulho dos ratos o incomodaram, mas ele se acostumou como alguém se acostuma com o tique-taque dos relógios ou com o som da água em movimento, e ficou tão imerso em seu trabalho, que se esqueceu do resto do mundo.

De repente, olhou para cima. Percebeu que ainda não havia resolvido o problema matemático e pairava no ar aquela sensação de uma hora antes do amanhecer, que é tão terrível para a vida incerta. O barulho dos ratos tinha parado. Na verdade, ele pensava que tinha cessado, mas não tinha, e foi essa interrupção repentina que o perturbou. O fogo da lareira estava fraco, mai ainda havia uma chama avermelhada. Ao observá-la, Malcolmson assustou-se, apesar de seu *sangue frio.*

Lá, na grande cadeira de alto encosto e esculpida em carvalho, que estava ao lado direito da lareira, havia um rato enorme e que o encarava com olhos malignos. Malcolmson fez um movimento para espantar o rato, mas ele não se mexeu. Então, fez outro movimento como se estivesse lançando algo contra o rato. Mas mesmo assim ele permaneceu parado e, raivoso, mostrou seus grandes dentes. A luz da lamparina refletia seus olhos cruéis, que brilhavam anunciando vingança.

Malcolmson ficou muito surpreso e, agarrando o atiçador da lareira, correu para matá-lo. Mas antes que pudesse golpeá-lo, com um grito estranho que ecoou como fruto de ódio, o rato saltou para o chão, subiu correndo pela corda do sino e desapareceu na escuridão, fora de alcance da lâmpada esverdeada. No mesmo instante, por mais estranho que pareça, o barulho dos ratos roendo os lambris começou novamente.

Com isso, o pensamento de Malcolmson desviou-se do problema e, como o grito estridente do galo lá fora anunciava que a manhã se aproximava, ele foi dormir. E dormiu tão profundamente que nem sequer acordou com a chegada da Senhora Dempster. Foi somente quando ela já havia organizado a sala e preparado o café da manhã que Malcolmson acordou. Sentia-se um pouco cansado, por causa do longo trabalho da noite anterior, mas uma

xícara de chá forte o reanimou e, pegando seu livro, saiu para a caminhada matutina. Levou consigo alguns sanduíches para não se preocupar em voltar até a hora do jantar. Encontrou um lugar tranquilo entre os altos olmos que ficavam um pouco afastados da cidade, e lá permaneceu por um longo tempo lendo seu Laplace. Quando voltou, procurou pela Senhora Witham para agradecê-la pela bondade. Ao observá-lo através dos vidros da janela de seu quarto, a Senhora Witham desceu e correu para encontrá-lo e convidá-lo para entrar. Ao aproximar-se dele, olhou-o com ar curioso, e balançando a cabeça, disse:

"O senhor não deve exagerar. Está mais pálido esta manhã do que o normal. Trabalhar até tarde e arduamente não é bom para o cérebro. Mas me conte, senhor, como passou a noite? Bem, eu espero. Meu querido, eu fiquei feliz quando a Senhora Dempster me falou esta manhã que o senhor estava bem e dormindo profundamente quando ela chegou".

"Oh, eu passei bem, sim" respondeu ele, sorrindo, "aquelas 'algumas coisas' não me incomodaram ainda. Somente os ratos. Eles fizeram um verdadeiro circo, por assim dizer, em todos os lugares da casa. Um deles, que tinha a aparência perversa como um velho diabo, sentou-se na minha cadeira perto da lareira, e não saiu de lá até que eu lançasse o atiçador contra ele. Então, ele subiu correndo pela corda do sino e foi para algum lugar no teto — eu não consegui ver para onde ele foi. Estava muito escuro".

"Misericórdia!", exclamou a Sra. Witham, "um diabo velho sentado em uma cadeira perto da lareira! Tenha cuidado, senhor! Tenha cuidado! Esta é uma palavra muito séria para ser dita em tom de brincadeira."

"O que a senhora quer dizer? Nossa, não consigo entender."

"Um diabo velho! Um velho diabo, talvez. Não! Senhor, não há espaço para riso", pois Malcolmson teve um súbito ataque de riso. "Vocês, jovens não levam a sério as coisas que fazem os mais velhos estremecerem de medo. Não se preocupe, senhor! Não se preocupe! Meu Deus, o senhor vai rir o tempo todo? Bom, é isso o que eu lhe desejo!" E a boa senhora sorriu com a alegria dele, e seus medos foram esquecidos por um momento.

"Oh, perdoe-me," falou Malcolmson imediatamente. "Não me leve a mal, mas a ideia foi demais para mim — de que o próprio diabo estava na cadeira a noite passada". Após dizer essas palavras, riu novamente e foi para a casa jantar.

Naquela noite, os ratos começaram a fazer barulho mais cedo. Na verdade, isso já vinha acontecendo antes de Malcolmson habitar a casa, e só mudou porque a presença dele perturbou os roedores. Depois do jantar, o

estudante sentou-se perto da lareira para fumar, e então, tendo arrumado a mesa, começou a trabalhar como sempre. Naquela noite os ratos perturbaram mais do que na noite anterior.

Corriam para cima e para baixo, por baixo e por cima! Guinchavam, arranhavam e roíam! Como estavam cada vez mais ousados, corriam até os buracos, passavam pelas fendas, pelas rachaduras, e percorriam os cantos dos lambris. Seus olhos brilhavam como lareiras que se acendem e se apagam. Mas, para Malcolmson, que já estava acostumado com a presença deles, os olhos brilhantes e austeros não o assustavam mais. Somente o barulho que faziam o perturbava. Às vezes, o rato mais atrevido de todos fazia "gracejos" pelo chão e pelos moldes dos lambris. Todas as vezes que o incomodavam, Malcolmson, batendo na mesa com sua mão, fazia um ruído estranho, como "Hsh, hsh," para assustá-los e para que voltassem para os buracos.

Assim passava a noite, e apesar do barulho, Malcolmson ficava cada vez mais imerso em seu trabalho. De repente, como na noite anterior, um súbito silêncio o fez parar. Percebeu que não havia um mínimo ruído sequer de roedura, raspadela ou chiado. O silêncio era sepulcral. Então, lembrou-se do estranho acontecimento da noite anterior e, instintivamente, olhou para a cadeira que estava ao lado da lareira. Nesse momento, uma estranha sensação o invadiu.

Lá, na velha cadeira de carvalho de encosto alto, o mesmo rato enorme estava sentado, encarando Malcolmson com seus olhos malignos. Instintivamente, o estudante pegou o livro de logaritmos, pois era o único objeto que estava perto de sua mão, e lançou-o na direção do grande roedor. Mas o livro não acertou o alvo e o animal não se moveu. Então, como na noite anterior, Malcolmson arremessou o atiçador contra o rato que, sentindo-se perseguido, fugiu pela corda do sino. Curiosamente, assim que ele desapareceu na escuridão da sala, os outros roedores imediatamente se agitaram e a sala foi tomada novamente pelo barulho de suas travessuras. Nessa ocasião, como havia acontecido anteriormente, Malcolmson não pôde ver por onde o rato havia desaparecido, pois a sombra da lamparina deixava a parte superior da sala em completa escuridão e a chama da lareira estava muito fraca.

Ao olhar para o relógio, viu que era quase meia noite, e, sem se sentir culpado pela *diversão,* colocou mais lenha na lareira e preparou outra xícara de chá. Ele havia progredido em seu trabalho e concluiu que merecia um cigarro. Então, sentando-se na grande cadeira de carvalho ao lado da lareira, deleitou-se. Enquanto fumava, tentava imaginar onde o rato poderia estar,

pois planejava providenciar uma ratoeira na manhã seguinte, e conforme pensava nessa ideia, acendeu outra lamparina e colocou-a no canto direito da parede, perto da lareira. Depois, reuniu todos os livros que tinha e trouxe-os para perto de si, a fim de lançá-los contra os malditos roedores. Por último, levantou a corda do sino e prendeu sua ponta na mesa, fixando-a abaixo da lamparina. À medida que manipulava a corda, notou o quanto era flexível, principalmente por ser uma corda forte e sem uso. "É possível pendurar um homem nela", pensou. Quando tudo estava pronto, ele olhou ao redor, e disse com satisfação:

"Agora, meu amigo, eu acho que vou aprender algo sobre você!" Ele começou seu trabalho novamente, e, embora se sentindo um pouco incomodado por causa do barulho dos ratos, mergulhou em seus problemas matemáticos.

Mais uma vez, algo chamou sua atenção. Desta vez não foi apenas o silêncio repentino, mas um pequeno movimento da corda e da lamparina. Sem se mover, olhou para a pilha de livros a fim de certificar-se de que estava a seu alcance, e então lançou seu olhar para a corda. Viu que o enorme rato descia por ela e ia em direção à cadeira de carvalho. Ali, sentou-se, olhando fixamente para Malcolmson, que imediatamente pegou um livro com a mão direita e lançou-o em sua direção. Em um rápido movimento, o rato esquivou-se do "projétil". Então, o estudante pegou mais dois livros e atirou um após o outro contra o rato, mas, infelizmente, não teve sucesso. Porém, não desistiu. Pegou outro livro, e quando estava pronto para lançá-lo, o rato gritou e parecia estar com medo. Isso fez com que Malcolmson ficasse mais ansioso para acertá-lo. Então, atirou o livro e acertou o rato que, por sua vez, soltou um grunhido terrível e, voltando-se para seu perseguidor com um olhar maligno, saltou do encosto da cadeira em direção à corda. A lamparina tremeu com os movimentos bruscos do rato, mas como era pesada, não caiu. Malcolmson não tirou os olhos do rato e viu, pela iluminação da lamparina, que ele havia entrado em um buraco na parede onde havia um grande quadro pendurado. O quadro estava escuro e encoberto por uma grossa camada de poeira.

"Amanhã eu vou descobrir onde mora meu amiguinho", disse o estudante, enquanto arrumava os livros. "Não me esquecerei do terceiro quadro, perto da lareira". Enquanto os recolhia, comentava sobre cada um deles à medida que os tirava do chão. *Seções Cônicas* não o interessava, *Oscilações dos Cicloides* também não, nem o *Principia,* nem *Quatérnions,* nem *Termodinâmica.* Então, de repente, um livro lhe chamou a atenção! Malcolmson pegou-o e olhou-o. Pálido de espanto, olhou ao redor da sala

com inquietação e, tremendo, disse a si mesmo: "A Bíblia que a minha mãe me deu! Que estranha coincidência." Sentou-se para trabalhar novamente, e os ratos voltaram a se mover nos lambris, porém, não se sentiu incomodado, pois a presença deles proporcionava-lhe, de alguma forma, uma sensação de companheirismo. Mas ele não conseguiu se concentrar em seus estudos e, após passar um tempo tentando entender o assunto que estava estudando, foi vencido pelo desespero e decidiu dormir a partir do primeiro raio da manhã.

Dormiu profundamente, mas teve um sono inquieto, pois sonhou muito. Quando a Sra. Dempster o acordou na manhã seguinte, não aparentava estar se sentindo bem e, por alguns minutos, parecia não saber exatamente onde estava. Seu primeiro pedido surpreendeu a empregada.

"Senhora Dempster, assim que eu sair gostaria que a senhora tirasse a poeira ou lavasse os quadros — principalmente o terceiro, que está perto da lareira — eu quero ver como eles são".

Até o final da tarde Malcolmson ficou debruçado em cima dos livros e, com o passar do dia, sentiu a mesma satisfação do dia anterior, pois percebeu que seus estudos estavam progredindo. Ele chegou a uma conclusão satisfatória sobre todos os problemas que ainda não havia resolvido, e, sentindo-se feliz, foi visitar a Sra. Witham na pousada "O Bom Viajante". Lá, encontrou um estranho na sala de estar conversando com a dona da casa. O homem foi apresentado a ele como Dr. Thornhill. A Senhora Witham não estava se sentindo muito à vontade, e isso, junto a uma série de perguntas feitas pelo médico, fez com que Malcolmson chegasse à conclusão de que a presença dele ali na pousada não era por acaso. Então, foi direto ao assunto e disse:

"Dr. Thornhill, responderei qualquer pergunta sua com o maior prazer, se antes o senhor me responder uma pergunta".

O médico pareceu surpreso, mas sorriu e respondeu imediatamente, "Pois faça. Qual é?"

"A Sra. Witham pediu para o senhor vir aqui me ver e me aconselhar?"

O Dr. Thornhill pareceu surpreso por um momento, e a Sra. Witham enrubesceu e virou-se de lado, mas o médico, que era um homem sincero e experiente, respondeu prontamente:

"Sim, mas ela não queria que você soubesse disso. Eu acho que foi esse meu jeito desajeitado que fez você suspeitar. Ela me contou que não gosta da ideia de você morar naquela casa sozinho e também acha que o senhor toma muito chá forte. Na verdade, ela quer que eu o aconselhe, se possível, a parar de tomar chá e de ficar estudando até tarde. No meu tempo de estudante, eu

também era dedicado, então suponho que possa ter a liberdade de falar com um estudante e sem ofensa, aconselhá-lo como uma pessoa conhecida." Malcolmson, com um sorriso, estendeu a mão e disse: "Aperte aqui, como se diz na América." "Eu devo agradecer ao senhor e à senhora Witham pela gentileza e vossa bondade merece um retorno da minha parte. Eu prometo não tomar mais chá forte — nenhum chá absolutamente até que o senhor me autorize — e irei dormir até o mais tardar, a uma hora da manhã. Está bom assim?"

"Ótimo," disse o médico. "Agora nos conte tudo o que você observou naquela velha casa." Malcolmson, então, contou detalhadamente tudo o que tinha acontecido nas últimas duas noites. Foi interrompido de vez em quando por algumas exclamações feitas pela Senhora Witham. Porém, quando finalmente contou o episódio da Bíblia, as emoções da dona da pousada vieram à tona e ela deu um grito estridente. Só se recompôs quando lhe foi dado uma boa dose de conhaque e água. O Dr. Thornhill ouviu o relato com uma expressão grave no rosto e quando a narrativa chegou ao final, e a Sra. Witham estava recuperada, ele perguntou:

"O rato sempre sobe pela corda do sino?"

"Sim, sempre".

"E você sabe o que é aquela corda?" Perguntou o médico após uma pausa.

"Não"

"Ela é," disse o médico lentamente, "a corda que o carrasco usava para todas as vítimas do ódio do Juiz!" Foi interrompido por outro grito da Senhora Witham, e teve que auxiliá-la a se recuperar. Olhou para o relógio e viu que estava perto da hora do jantar. Então, foi para casa antes que a Senhora Witham estivesse totalmente recomposta.

Quando a dona da pousada melhorou, praticamente encheu o médico de perguntas acerca do que ele intencionava fazer ao colocar aquelas ideias absurdas na cabeça do jovem. "Ele já tem o bastante lá para perturbá-lo," disse a senhora.

E Dr. Thornhill respondeu:

"Minha querida, eu tinha um objetivo! Eu queria chamar a atenção dele para a corda do sino, e fazer com que o pensamento dele se concentre lá. Pode ser que ele esteja com os nervos à flor da pele, pois tem estudado muito. Mas, posso dizer que aparentemente ele é um jovem saudável física e mentalmente, exceto por essa momentânea obsessão pelos ratos e pela ideia do diabo velho". O médico balançou a cabeça e continuou: "Eu ia me

oferecer para ir com ele e passar esta noite lá, mas senti que seria uma ofensa. Pode ser que ele tenha algum tipo de temor ou alucinação à noite, e se algo acontecesse, eu iria pedir para que puxasse aquela corda. Como ele está sozinho lá, o sino nos deixaria alertas e poderíamos chegar a tempo para ajudá-lo. Esta noite ficarei até tarde com os ouvidos bem atentos. Não se assuste se Benchurch tiver uma surpresa antes do amanhecer."

"Oh, Doutor, o que o senhor quer dizer com isso? O que o senhor quer dizer?"

"Eu quero dizer que, possivelmente — ou melhor, provavelmente —, nós ouviremos o badalar do grande sino da Casa do Juiz esta noite," e o médico saiu de um modo tão solene que alguém jamais pudesse imaginar.

Quando Malcolmson entrou em casa, percebeu que havia chegado um pouco mais tarde do que o usual e a Sra. Dempster já havia ido embora — as regras da casa de Caridade Greenhow não foram ignoradas. Ele ficou satisfeito ao ver que o lugar estava limpo, organizado, com uma agradável chama na lareira e uma lamparina acessa. A noite estava mais fria do que o esperado em abril, e a força do vento era tamanha que anunciava uma provável tempestade no meio da noite. Assim que Malcolmson chegou em casa, os ratos ficaram em silêncio por um momento, mas logo começaram a fazer barulho novamente. Evidentemente, acostumaram-se com a presença do estudante. Ele, por sua vez, sentia-se feliz em ouvi-los, pois o barulho desses pequenos roedores lhe proporcionava mais uma vez uma sensação de companheirismo. Então, lembrou-se do curioso fato de que os ratos ficavam quietos somente quando o outro — aquele rato enorme, com olhos malignos — aparecia na sala. A lamparina de leitura era a única que estava acessa e sua sombra deixava a parte mais alta da sala completamente escura, e assim, a claridade da chama da lareira, que se espalhava por sobre o chão, iluminando a toalha branca sobre a mesa, deixava o local aquecido. Malcolmson sentou para jantar com apetite e bom humor. Depois do jantar e de um cigarro, sentou-se decidido a estudar e determinado a não deixar que nada mais o incomodasse, pois se lembrou da promessa que fizera ao médico, e desejou aproveitar o tempo que tinha da melhor maneira possível.

Trabalhou incessantemente por uma ou duas horas, até que seus pensamentos começaram a se desviar dos livros. As circunstâncias que o cercavam e a preocupação com sua saúde física e mental não poderiam ser ignoradas. A esta altura, o vento forte já havia se transformado em uma tempestade e a casa velha e sólida, como se pensava ser, parecia tremer. A tempestade rugia e passava com furor pelas chaminés e pelas velhas

cumeeiras, produzindo ruídos estranhos, quase sobrenaturais, nas salas e nos corredores vazios. Até o grande sino da casa parecia ter sentido a força do vento, pois se movia de vez em quando e a corda flexível tocava no chão de carvalho, produzindo um barulho muito estranho e assustador.

Enquanto Malcolmson ouvia o barulho da corda, lembrou-se das palavras do médico, "É a corda que o carrasco usava para todas as vítimas do ódio do Juiz!", e foi até o canto da lareira, pegou a corda e examinou-a. Parecia mesmo existir algo letal nela, e à medida que a observava, pensava nas vítimas e na atitude desagradável do Juiz em conservar um objeto tão horrendo em casa. Enquanto estava ali, o sino balançou e a corda, por sua vez, moveu-se. Mas, de repente, algo novo aconteceu. A corda tremeu, como se algo estivesse se movendo ao longo dela.

Espontaneamente, olhou para ela e viu o enorme rato descendo lentamente em sua direção, encarando-o. Soltou a corda e deu um pulo para trás, blasfemando. O rato voltou a subir pela corda e desapareceu. No mesmo instante, Malcolmson percebeu que os outros ratos, que estavam quietos, começaram a fazer barulho novamente. Tudo isso o fez lembrar que ele não havia investigado o covil do rato ou examinado os quadros, como havia planejado. Acendeu a outra lamparina e, segurando-a, parou ao lado do terceiro quadro, perto da lareira, onde tinha visto o rato desaparecer na noite anterior.

Na primeira vez que olhou o quadro, ficou tão assustado que deu um pulo pra trás e quase derrubou a lamparina. Estava muito pálido, seus joelhos tremiam e gotas grossas de suor banhavam sua testa. Tremia como um choupo. Mas, como era jovem e destemido, se recompôs rapidamente. Após um breve intervalo, avançou novamente, ergueu a lamparina e examinou o quadro que havia sido limpado, e que, agora, podia ser visto claramente.

Nele, havia a imagem de um juiz vestido com sua toga vermelha de arminho. Seu rosto era astuto, impiedoso, maldoso e vingativo, com uma boca sensual e o nariz curvado de cor avermelhada em forma de bico de ave de rapina. O rosto tinha uma cor cadavérica e os olhos tinham um brilho peculiar e uma expressão terrivelmente maligna. Ao olhar para esses olhos, Malcolmson ficou petrificado de medo, pois viu neles muita semelhança com os olhos do enorme rato. A lamparina quase caiu de sua mão, ele viu o rato com seus olhos malignos através do buraco no canto do quadro, e notou que o barulho que os outros ratos faziam parou repentinamente. Mas se recompôs e continuou a examinar o quadro.

O Juiz estava sentado na grande cadeira de carvalho, no lado direito de uma grande lareira de pedra onde, no canto, uma corda pendia do teto e terminava enrolada sobre o chão. Com uma sensação de terror, Malcolmson reconheceu que a imagem era a mesma da sala, e atemorizado, olhou ao redor, cheio de pavor, com a sensação de que alguém estava atrás dele. Então examinou o canto da lareira — e com um grito, deixou a lamparina cair de sua mão.

Lá, na cadeira do Juiz, que ficava na frente da corda que pendia do teto, estava sentado aquele rato enorme. Tinha os mesmos olhos malignos do juiz e agora estavam ainda mais intensos. Tudo estava em silêncio absoluto, exceto a tempestade que bramia lá fora.

A lamparina que havia caído fez recobrar a consciência de Malcolmson. Felizmente era de metal, e o óleo não havia derramado. Mas a necessidade de apanhá-la do chão o distraiu de suas inquietações. Ao apagá-la, secou o suor da testa e pensou por um momento.

"Isso não vai acontecer," disse ele para si mesmo. "Se eu continuar assim, ficarei louco. Isto precisa acabar! Eu prometi ao médico que não tomaria chá. De fato, ele estava certo! Eu devo estar com problemas nervosos. Engraçado que eu não percebi isso. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Bem, está tudo tranquilo agora, não posso agir como um louco novamente".

Então preparou um bom copo com conhaque e água e, decidido, voltou para seus estudos. Era aproximadamente uma hora da manhã quando Malcolmson desviou seus olhos do livro, perturbado pelo silêncio repentino que se fez. Lá fora era possível ouvir o vento que rugia mais alto do que nunca. A chuva caia torrencialmente contra as janelas, batendo contra o vidro com tanta força que parecia granizo, mas dentro da casa não havia barulho algum, exceto o eco do vento na grande chaminé, e de vez em quando, na trégua da tempestade, era possível ouvir o pequeno ruído das gotas de chuva escorrendo através dela. A lareira tinha parado de queimar, embora ainda lançasse uma pequena chama avermelhada. Malcolmson prestou atenção no silêncio e logo escutou um barulho. Era um chiado fraco, que vinha do canto da sala onde estava a corda, e ele pensou que o barulho era provocado pela batida da corda do sino no chão.

Então, olhou para cima e viu o rato grande pendurado na corda e roendo-a. O meio da corda estava quase completamente roído, tanto que pôde ver a parte mais clara da corda, com os fios expostos. Enquanto olhava, o rato terminava seu trabalho, e logo uma parte da corda caiu provocando um barulho no chão de carvalho, mas o roedor permaneceu pendurado na outra

parte, como se fosse um pêndulo a balançar de um lado para outro. Malcolmson sentiu-se aflito por um momento, pois percebeu naquele momento que não havia mais possibilidade de pedir ajuda ao mundo exterior. Então, uma raiva intensa tomou conta dele, e ele apanhou o livro que estava lendo e atirou-o contra o rato. O golpe foi bem desferido, mas antes que o objeto pudesse acertar o alvo, o rato esquivou-se e caiu levemente no chão. Imediatamente, Malcolmson correu na direção dele, que voou como uma seta e desapareceu na escuridão da sala. Então, resolveu encerrar seus estudos aquela noite e decidiu trocar a rotina dos trabalhos pela caça ao rato, e tirou a cobertura do abajur para aumentar a luminosidade. Dessa forma, ele pôde ver claramente a parte alta da sala, e o flash de luz, em comparação com a escuridão anterior, evidenciou os quadros pendurados na parede.

Do lugar onde estava, viu o terceiro quadro, pendurado ao lado direito da lareira. Surpreso, esfregou os olhos e então foi invadido por uma sensação de pavor. No centro do quadro, sobreposto na moldura, havia um adesivo de lona marrom, tão novo quanto quando foi colocado sobre a moldura. O fundo era o mesmo, com a cadeira, a chaminé e a corda, mas a figura do Juiz havia desaparecido.

Malcolmson, arrepiado de horror, virou-se lentamente, e então começou a tremer e a sacudir-se até ficar paralisado. Suas forças pareciam ter desaparecido e ele se sentia incapaz de realizar qualquer ação ou movimento, até mesmo de pensar. Só conseguia ver e ouvir.

Lá, na cadeira de carvalho de encosto alto, estava sentado o Juiz com sua toga de cor escarlate e de arminho, com seus olhos malignos cheios de vingança. Na boca, exibia um sorriso cruel de triunfo, enquanto levantava sua *borla preta* com as mãos.

Malcolmson sentiu seu sangue gelar nas veias, assim como alguém se sente em momentos de prolongado suspense. Um ruído vibrava em seus ouvidos, sem o qual conseguiria ouvir o barulho da tempestade. Junto a esse ruído, veio o badalar da meia noite do grande sino do mercado local. Permaneceu, por um tempo — que para ele parecia eterno — imóvel como uma estátua e com os olhos arregalados de medo, sem conseguir respirar. Quando a badalada do relógio indicou a hora, o sorriso de triunfo no rosto do Juiz se intensificou, e na última badalada da meia noite, ele colocou a borla na sua cabeça.

Lenta e intencionalmente o Juiz levantou-se da cadeira, pegou um pedaço de corda do sino de alarme que estava no chão, puxou-o e balançou o sino como se estivesse deleitando-se com o toque, e então, deliberadamente,

começou a fazer um nó na ponta da corda, moldando-a como um laço. Apertou o nó e testou-o com seu pé, puxando fortemente até ficar satisfeito com o resultado. Depois, ele fez um nó e segurou-o. Então, começou a andar ao redor da mesa e, com os olhos fixos no estudante, passou por ele, parando rapidamente diante da porta. Malcolmson percebeu que estava sem saída e tentou pensar no que deveria fazer para escapar. Havia nos olhos do Juiz um fascínio que o hipnotizava, o qual não conseguia parar de olhar. Viu que o Juiz se aproximava, segurando a corda firmemente. Então, erguendo o nó que havia feito, atirou-o em direção a Malcolmson para prendê-lo. Com um grande esforço, o estudante conseguiu fazer um movimento rápido e viu que a corda caiu ao seu lado, sobre o chão de carvalho. O Juiz ergueu o nó novamente e tentou prendê-lo, encarando-o com seus olhos malignos, mas o estudante sempre dava um jeito e escapava. Isso se repetiu várias vezes, porém o Juiz não desistia e nem sequer desanimava. Continuava perseguindo o estudante como um gato faz com um rato. Por fim, totalmente desesperado, Malcolmson olhou rapidamente ao seu redor.

A lamparina parecia arder e havia uma luz iluminando razoavelmente a sala. Dessa forma, ele conseguiu ver os olhos do rato nos buracos, nas fendas e nas rachaduras dos lambris, e isso, que era puramente físico, proporcionou-lhe um pouco de conforto. Olhou ao redor e viu que a corda do grande sino estava tomada pelos ratos. Cada centímetro dela estava coberta por ratos e surgiam mais e mais do pequeno buraco no teto, e logo, com o peso deles, a corda começou a balançar. Balançou até que o badalo tocou no sino. O barulho, que a princípio estava fraco, foi aumentando conforme a força com a qual a corda movimentava o sino.

O barulho fez com que o Juiz, que estava com os olhos fixos em Malcolmson, desviasse seu olhar para cima. Nesse momento, uma expressão de raiva diabólica tomou conta de seu rosto. Seus olhos ardiam como brasas e ele bateu o pé com tanta força que o barulho fez a casa tremer. Um estrondo, como o de um terrível trovão, ecoou pela casa no mesmo instante em que ele ergueu a corda novamente, e os ratos continuavam a correr para cima e para baixo na corda como se estivessem trabalhando contra o tempo. Desta vez, ao invés de jogar a corda, andou na direção de sua vítima, afrouxando o nó à medida que se aproximava. A aproximação do juiz provocava em Malcolmson algo hipnotizante e ele ficou parado como um cadáver. Então, sentiu os dedos gelados do Juiz tocarem sua garganta enquanto ele ajustava a corda. O nó foi apertado — apertado. Então, o Juiz pegou o estudante em seus braços, carregou-o e colocou-o de pé na cadeira de carvalho. E, permanecendo ao seu lado, ergueu a mão e pegou a corda do sino que estava

balançando. Nesse momento, os ratos fugiram grunhindo pelo buraco do teto. E segurando firmemente o nó que estava ao redor do pescoço de Malcolmson, o juiz amarrou o sino e depois afastou a cadeira.

***

Quando o sino da Casa do Juiz começou a soar, uma multidão se reuniu em volta da velha casa. Surgiram luzes e tochas de vários tipos, e todos correram em sua direção. Bateram com força na porta, mas não houve resposta. Então, queimaram a porta e entraram na grande sala de jantar. O médico, que liderava o grupo, foi o primeiro a entrar. Lá, na ponta da corda do grande sino, o corpo de Malcolmson estava pendurado, e no quadro, o rosto do juiz resplandecia com um sorriso maligno.

# SONDAS
## H. G. OESTERHELD

**O TEXTO:** Os breves textos de "Sondas" são os únicos publicados diretamente por Oesterheld em livro e, de alguma maneira, significam o seu "reconhecimento" como autor literário. Foram publicados em 1968, na antologia *Los escritores argentinos en la Luna* (Ediciones de la Flor) junto com textos de autores como Manuel Mujica Láinez e Eduardo Ladislao Holmberg. Já "Uma morte" e "A árvore da boa morte", relatos de clara inspiração bradburiana, apareceram na revista *Géminis*, em 1965.

**Texto traduzido:** Oesterheld, Héctor Germán. *El eternauta y otros cuentos de ciencia ficción*. Buenos Aires: Colihue, 1995.

**O AUTOR:** Hector Germán Oesterheld é um dos roteiristas de quadrinhos mais reconhecidos da história da Argentina. Também foi um prolífico autor de narrativas de aventuras e de ficção científica. Criador de personagens como o Sargento Kirk, Bull Rockett, Ernie Pike, Mort Cinder ou Sherlock Time, Oesterheld se consagraria com *El eternauta* (com desenhos de Solano López) – romance gráfico de ficção científica, que alcançou enorme celebridade desde sua publicação por entregas a partir de 1957, e é, até hoje, um dos mais reeditados na Argentina. Em 1977 – nos primórdios da ditadura militar e após a finalização do roteiro para *El eternauta II* – Oesterheld foi sequestrado e desapareceu sem que se conheça seu paradeiro até hoje.

**O TRADUTOR:** Bairon Oswaldo Vélez Escallón (Bogotá, Colômbia) é doutorando em Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Para a (n.t.) já traduziu *Metamorfose|Metamorfosis*, de Juan José Arreola.

**Contato:** flint1883@yahoo.com.mx

# SONDAS

*"Y hubo amor y odio en el mundo, placer y dolor, virtud y pecado.*
*Y los días fueron cortos, muy cortos. Y fue bueno vivir."*

H. G. OESTERHELD

## SONDAS

### CIENCIA

En algún lugar de los vastos arenales de Marte hay un cristal muy pequeño y muy extraño.

Si alzas el cristal y miras a través de él, verás el hueso detrás de tu ojo, y más adentro luces que se encienden y se apagan, luces enfermas que no consiguen arder, son tus pensamientos. Si oprimes entonces el cristal en el sentido del eje medio, tus pensamientos adquirirán claridad y justeza deslumbrantes, descubrirás de un golpe la clave del Universo todo, sabrás por fin contestar hasta el último porqué.

En algún lugar de Marte se halla ese cristal.

Para encontrarlo hay que examinar grano por grano los inacabables arenales.

Sabemos, también, que, cuando lo encontremos y tratemos de recogerlo, el cristal se disgregará, sólo nos quedará un poco de polvo entre los dedos.

Sabemos todo eso, pero lo buscamos igual.

### AMOR

Desnudos, se hacen el amor delante de la chimenea.

El resplandor de las llamas les caldea la piel, los cuerpos son un solo, rítmico latido.

Un solo, rítmico latido cada vez más pujante.

Agotados, los tres cuerpos se desenroscan lentamente, las antenas se separan. Las llamas se multiplican en las escamas triangulares.

**EXILIO**

Nunca se vio en Gelo nada tan cómico.

Salió de entre el roto metal con paso vacilante, movió la boca, desde el principio nos hizo reír con esas piernas tan largas, esos dos ojos de pupilas tan increíblemente redondas.

Le dimos grubas, y linas y kialas.

Pero no quiso recibirlas, fíjate, ni siquiera aceptó las kialas, fue tan cómico verlo rechazar todo que las risas de la multitud se oyeron hasta el valle vecino.

Pronto se corrió la voz de que estaba entre nosotros, de todas partes vinieron a verlo, él aparecía cada vez más ridículo, siempre rechazando las kialas, la risa de cuantos lo miraban era tan vasta como una tempestad en el mar.

Pasaron los días, de las antípodas trajeron margas, lo mismo, no quiso ni verlas, fue para retorcerse de risa.

Pero lo mejor de todo fue el final: se acostó en la colina, de cara a las estrellas, se quedó quieto, la respiración se le fue debilitando, cuando dejó de respirar tenía los ojos llenos de agua. ¡Sí, no querrás creerlo, pero los ojos se le llenaron de agua, d-e a-g-u-a, como lo oyes!

Nunca, nunca se vio en Gelo nada tan cómico.

**GÉNESIS**

Y el hombre creó a Dios, a su imagen y semejanza.

Y hubo amor, y placer, y virtud en el mundo. Y los días fueron largos, demasiado largos.

Entonces el hombre creó al Demonio, a su imagen y semejanza.

Y hubo así amor y odio en el mundo, placer y dolor, virtud y pecado.

Y los días fueron cortos, muy cortos.

Y fue bueno vivir.

## EL ÁRBOL DE LA BUENA MUERTE

María Santos cerró los ojos, aflojó el cuerpo, acomodó la espalda contra el blando tronco del árbol.

Se estaba bien allí, a la sombra de aquellas hojas transparentes que filtraban la luz rojiza del sol.

Carlos, el yerno, no podía haberle hecho un regalo mejor para su cumpleaños.

Todo el día anterior había trabajado Carlos, limpiando de malezas el lugar donde crecía el árbol. Y había hecho el sacrificio de madrugar todavía más temprano que de costumbre para que, cuando ella se levantara, encontrara instalado el banco al pie del árbol.

María Santos sonrió agradecida; el tronco parecía rugoso y áspero, pero era muelle, cedía a la menor presión como si estuviera relleno de plumas. Carlos había tenido una gran idea cuando se le ocurrió plantarlo allí, al borde del sembrado.

Tuf-tuf-tuf.

Hasta María Santos llegó el ruido del tractor. Por entre los párpados entrecerrados, la anciana miró a Marisa, su hija, sentada en el asiento de la máquina, al lado de Carlos.

El brazo de Marisa descansaba en la cintura de Carlos, las dos cabezas estaban muy juntas: seguro que hacían planes para la nueva casa que Carlos quería construir.

María Santos sonrió; Carlos era un buen hombre, un marido inmejorable para Marisa. Suerte que Marisa no se casó con Laico, el ingeniero aquel; Carlos no era más que un agricultor, pero era bueno y sabía trabajar, y no les hacía faltar nada.

¿No les hacía faltar nada?

Una punzada dolida borró la sonrisa de María Santos.

El rostro, viejo de incontables arrugas, viejo de muchos soles y de mucho trabajo, se nubló.

No. Carlos podría hacer feliz a Marisa y a Roberto, el hijo, que ya tenía 18 años y estudiaba medicina por televisión.

No, nunca podría hacerla feliz a ella, a María Santos, la abuela...

Porque María Santos no se adaptaría nunca — hacía mucho que había renunciado a hacerlo —, a la vida en aquella colonia de Marte.

De acuerdo con que allí se ganaba bien, que no les faltaba nada, que se vivía mejor que en la Tierra; de acuerdo con que allí, en Marte, toda la familia tenía un porvenir mucho mejor; de acuerdo con que la vida en la Tierra era ahora muy dura... De acuerdo con todo eso; pero, ¡Marte era tan diferente!...

¡Qué no daría María Santos por un poco de viento como el de la Tierra, con algún "panadero" volando alto!

— ¿Duermes, abuela? — Roberto, el nieto, viene sonriente, con su libro bajo el brazo.

— No, Roberto. Un poco cansada, nada más.

— ¿No necesitas nada?

— No, nada.

— ¿Seguro?

— Seguro.

Curiosa, la insistencia de Roberto; no acostumbraba ser tan solícito; a veces se pasaba días enteros sin acordarse de que ella existía.

Pero, claro, eso era de esperar; la juventud, la juventud de siempre, tiene demasiado quehacer con eso, con ser joven.

Aunque en verdad María Santos no tiene por qué quejarse: últimamente Roberto había estado muy bueno con ella, pasaba horas enteras a su lado, haciéndola hablar de la Tierra.

Claro, Roberto, no conocía la Tierra; él había nacido en Marte, y las cosas de la Tierra eran para él algo tan raro como cincuenta o sesenta años atrás lo habían sido las cosas de Buenos Aires — la capital —, tan raras y fantásticas para María Santos, la muchachita que cazaba lagartijas entre las tunas, allá en el pueblito de Catamarca.

Roberto, el nieto, la había hecho hablar de los viejos tiempos, de los tantos años que María Santos vivió en la ciudad, en una casita de Saavedra, a siete cuadras de la estación.

Roberto le hizo describir ladrillo por ladrillo la casa, quiso saber el nombre de cada flor en el cantero que estaba delante, quiso saber cómo era la calle antes de que la pavimentaran, no se cansaba de oírla contar cómo jugaban los chicos a la pelota, cómo remontaban barriletes, cómo iban en bandadas de guardapolvos al colegio, tres cuadras más allá.

Todo le interesaba a Roberto: el almacén del barrio, la librería, la lechería... ¿No tuvo acaso que explicarle cómo eran las moscas? Hasta quiso saber cuántas patas tenían... ¡Cómo si alguna vez María Santos se hubiera acordado de contarlas! Pero, hoy, Roberto no quiere oírla recordar: claro, debe ser ya la hora de la lección, por eso el muchacho se aparta casi de pronto, apurado.

Carlos y Marisa terminaron el surco que araban con el tractor. Ahora vienen de vuelta.

Da gusto verlos: ya no son jóvenes pero están contentos.

Más contentos que de costumbre, con un contento profundo, un contento sin sonrisas, pero con una gran placidez, como si ya hubieran construido la nueva casa. O como si ya hubieran podido comprarse el helicóptero que Carlos dice que necesitan tanto.

Tuf-tuf-tuf...

El tractor llega hasta unos cuantos metros de ella; Marisa, la hija, saluda con la mano; María Santos sólo sonríe; quisiera contestarle, pero hoy está muy cansada.

Rocas ondulantes erizan el horizonte, rocas como no viera nunca en su Catamarca de hace tanto. El pasto amarillo, ese pasto raro que cruje al pisarlo, María Santos no se acostumbró nunca a él. Es como una alfombra rota que se estira por todas partes: por los lugares rotos afloran las rocas, siempre angulosas, siempre oscuras.

Algo pasa delante de los ojos de María Santos.

Un golpe de viento quiere despeinarla.

María Santos parpadea, trata de ver lo que le pasa por delante.

Allí viene otro.

Delicadas, ligeras estrellitas de largos rayos blancos...

¡"Panaderos"!

¡Sí, "panaderos", semillas de cardo, iguales que en la Tierra!

El gastado corazón de María Santos se encabrita en el viejo pecho: ¡"Panaderos"!

No más pastos amarillos: ahora hay una calle de tierra, con huellones profundos, con algo de pasto verde en los bordes, con una zanja, con veredas de ladrillos torcidos...

Callecita de barrio, callecita del recuerdo, con chicos de guardapolvo corriendo para la librería de la esquina, con el esqueleto de un barrilete no terminando de morirse nunca, enredado en un hilo de teléfono.

María Santos está sentada en la puerta de su casa, en su silla de paja, ve la hilera de casitas bajas, las más viejas tienen jardín al frente, las más modernas son muy blancas, con algún balcón cromado, el colmo de la elegancia.

"Panaderos" en el viento, viento alegre que parece bajar del cielo mismo, desde aquellas nubes tan blancas y tan redondas...

"Panaderos" como los que perseguía en el patio de tierra del rancho allá en la provincia.

¡"Panaderos"!

El pecho de María Santos es un gran tumulto gozoso.

"Panaderos" jugando en el aire, yendo a lo alto...

Carlos y Marisa han detenido el tractor.

Roberto, el hijo, se les junta, y los tres se acercan a María Santos.

Se quedan mirándola.

— Ha muerto feliz... Mira, parece reírse.

— Sí... ¡Pobre doña María!...

— Fue una suerte que pudiéramos proporcionarle una muerte así.

— Sí... Tenía razón el que me vendió el árbol, no exageró en nada: la sombra mata en poco tiempo y sin dolor alguno, al contrario...

— ¡Abuela!... ¡Abuelita!...

## UNA MUERTE

Yo andaba investigando la muerte del Jon.

Las huellas, luego de contornear todo el pueblo, me llevaron hasta la pequeña casa junto al río, casi perdida entre los juncos.

No hacía frío, pero igual me subí las solapas del abrigo y hundí las manos en los bolsillos.

Subí cinco escalones no muy seguros, empujé la puerta, entré.

Jaulas, pajareras por todas partes. De fabricación casera.

Pájaros de colores: cotorras, cardenales, pechos colorados, canarios. Pájaros grises, pájaros marrones. Grandes y chicos.

Avancé: fue como entrar en una nube de píos, trinos, gorjeos. Y de olor denso, cálido.

De entre dos pajareras salió el hombre. Tricota agujereada, cabeza blanca. Ojos curiosamente grandes y claros en el rostro ceniciento, lleno de arrugas; un rostro muy gastado, pero abierto, cordial.

— Hace tres días... — empecé.

Y me detuve.

Me miró por un momento. Miró al piso, volvió a mirarme. Ya nos estábamos entendiendo.

— ¿Amigo suyo?

Asentí.

— ¿Sabe lo que..., lo que le pasó?

Volví a asentir.

— Me lo imagino. Sé que estaba muy enfermo.

Me acercó una silla de paja. El se sentó en un cajón vacío.

— Ahora que lo pienso — se rascó la cabeza —, quizás debí decírselo a la policía. Pero cuando sucedió no me pareció necesario. No hubieran comprendido nada; usted me entiende.

— Por supuesto.

— Ya todos me creen loco, sin necesidad de un cuento semejante — sacudió la cabeza, tenía las manos sobre las rodillas flacas; manos de dedos largos, delicados —. Además, ¿por qué habría de elegir mi casa para morir?

El comisario no lo entendería nunca. Claro, podía haber ido al médico. O a ver al cura. Pero no, tuvo que caminarse toda la distancia hasta aquí.

Yo sólo sabía que el Jon estaba muerto. Lo dejé hablar.

— Aunque creo saber por qué me eligió a mí, al "Churrinche", el loco "Churrinche", el pajarero... Él sabía que yo era el único en todo el pueblo que lo dejaría morir tranquilo y sin preguntas. De tanto andar con animales uno termina por amigarse, por entender a todo lo vivo, venga de donde venga...

Me miró con los ojos claros: tenían algo de charcos de agua quieta. Yo hubiera hecho lo mismo que el Jon.

— Claro, al principio me tomó por sorpresa; yo no estaba preparado para verlo. Llegó del lado del río, lo sentí chapotear en el juncal; cuando subió los escalones creí que era José o el Negro, o cualquiera de los vagabundos de siempre. Tardó en entrar, el último escalón le costó mucho trabajo; pensé que estaría borracho, no le hice caso. Pero, al llegar a la puerta se apoyó en el marco, y recién entonces me di cuenta al verle la mano, tan verde y con los siete dedos.

Se levantó, fue hasta un brasero donde temblaba una pava.

— ¿Un matecito?

Dije que sí con la cabeza.

— Estaba que se caía — mientras hablaba puso yerba en un jarrito enlozado —. Me di cuenta de que se moría, pero no quiso que lo acostara; insistió en sentarse ahí, donde está usted. Y se quedó medio caído, los ojos cerrados.

— Sé que eres amigo — me dijo de pronto, marcando mucho las letras —. Por eso hice toda la distancia hasta aquí... Sé que cuidas pájaros... Por eso vine.

"— ¿Por los pájaros? — le pregunté.

"— Sí... Quiero pedirte un favor... ¿Podrías prestarme uno, uno cualquiera, hasta... hasta que no lo necesite más?

"Contesté que sí y le traje a la Manolita, la cotorra, que es la más mansita de todas. Se la ofrecí.

"— Gracias... — la mano le tembló cuando le puse el pájaro. Y Manolita se quedó tan quieta, tan cómoda entre los siete dedos —. Gracias... No tienes idea, pajarero, cómo tus pájaros se parecen a los sicalos nuestros... Son tan iguales...

“Le costó levantar la mano pero igual se tomó el trabajo, quería ver bien a Manolita.

“— Si uno sabe mirar, un solo pájaro..., un solo sicalo..., resume todas las bellezas de los mundos...

“Yo no decía nada, me daba tanta pena verlo respirar tan mal; además, cuando uno anduvo mucho entre animales sabe en seguida cuándo alguno se muere, así sea un perro o una persona o...”

El pajarero me tendió el humeante jarrito. Lo tomé con cuidado, para no quemarme.

— Su amigo apoyaba ahora la mano en la mesa, y no dejaba de mirar a la cotorra. Y volvió a hablar:

“— El pájaro..., el sicalo... es los días perdidos, es la infancia... Cuidar un pájaro es revivir la infancia... Por eso tú, pajarero, cuidas pájaros... No quieres desprenderte de la infancia...

“— No lo sé — le dije por decir algo —. Pero... ¿y los chicos que cuidan pájaros?

“— Los chicos que cuidan pájaros... Tienes razón... Los chicos no pueden recordar la infancia... — hizo una pausa, se quedó mirando largamente a la cotorra, que seguía quietecita en su mano; y de pronto agregó —: Los chicos que cuidan pájaros están recordando, reviviendo, sin saberlo, los días perdidos, la infancia de la especie...

“Volvió a callar, siguió mirando a Manolita. Y mirando, también, vaya uno a saber qué imágenes de otros tiempos, de otros lugares.

“— ¿Quiere agua?¿Está realmente cómodo?

“No me contestó.

“Afuera se acababa la tarde igual que ahora.

“Pensé que alguno podría venir, la sorpresa que se llevaría al verlo allí.

“Manolita se alborotó de pronto, aleteó, se me vino hasta el hombro.

“La mano verde seguía igual, apoyada sobre la mesa.

“No tuve que tocarlo para saber que ya estaba muerto.

“Cavé una fosa en el albardón, lo enterré en el mismo lugar donde entierro a los pájaros que se me mueren.

“Y allí está ahora. Pensé ponerle una cruz, pero no... ¿Qué mejor cruz para él que la misma de los pájaros, el sol de cada día?”

Me levanté. Ya sabía todo lo que quería sobre la muerte del Jon.

— Gracias — le devolví el jarrito enlozado.

El Jon, después de todo, había tenido una muerte buena.

El pajarero se levantó también.

— ¿Eran muy amigos?

— Mucho.

Me tendió la mano.

Vacilé un momento, le tendí la mía. Sonrió al sentir la presión de los siete dedos. Me dio una palmada en el hombro, me acompañó hasta la puerta.

Bajé los escalones, me fui por el juncal.

Ya había estrellas. Pero no, el Gelo no se veía. Demasiado distante.

Aunque no está tan lejos, pensándolo bien.

Un pájaro nocturno pasó volando bajo, en vuelo silencioso.

¿Un pájaro o un sicalo?

# SONDAS

*"E houve amor e ódio no mundo, prazer e dor, virtude e pecado.*
*E os dias foram curtos, muito curtos. E foi bom viver."*

H. G. OESTERHELD

## SONDAS

### CIÊNCIA

Em algum lugar dos vastos areais de Marte há um cristal muito pequeno e muito estranho.

Se levantares o cristal e olhares através dele, verás o osso atrás do teu olho, e mais para dentro luzes que se acendem e se apagam, luzes doentes que não conseguem arder. São teus pensamentos. Se comprimires, então, o cristal no sentido do eixo médio, teus pensamentos adquirirão claridade e justeza deslumbrantes, descobrirás de golpe a chave do Universo todo, saberás, por fim, responder até o último dos porquês.

Em algum lugar de Marte se encontra esse cristal.

Para achá-lo é preciso examinar grão a grão os infindáveis areais.

Sabemos também que, quando o encontrarmos e tentarmos pegá-lo, o cristal se desagregará; só nos restará um pouco de pó entre os dedos.

Sabemos disso tudo, mas mesmo assim continuamos procurando.

### AMOR

Nus, fazem amor diante da lareira.

O fulgor das chamas lhes caldeia a pele; os corpos são um só, rítmico pulsar.

Um só, rítmico latejo, cada vez mais palpitante.

Extenuados, os três corpos se desenroscam lentamente, as antenas se separam. As chamas se multiplicam nas escamas triangulares.

**EXÍLIO**

Jamais se viu em Yelo algo tão cômico.

Saiu do metal em ruínas com passo vacilante, mexeu a boca. Desde o começo nos fez rir com essas pernas tão longas, com esses dois olhos de pupilas tão incrivelmente redondas.

Demos-lhe grubas e linas e kialas.

Mas ele não quis recebê-las, veja, nem sequer aceitou as kialas. Foi tão cômico vê-lo rejeitar tudo, que os risos da multidão se ouviram até no vale vizinho.

Logo correu o rumor de que estava entre nós, de todos os lugares vieram vê-lo. Ele aparecia cada vez mais ridículo, sempre rejeitando as kialas, o riso de todos que o olhavam era tão vasto como uma tempestade no mar.

Passaram os dias. Das antípodas trouxeram marjas e, de novo, nem quis olhá-las. Foi para retorcer-se de rir.

Mas o melhor de tudo foi o fim: deitou-se na colina, de frente para as estrelas, ficou imóvel, a sua respiração foi enfraquecendo. Quando parou de respirar tinha os olhos cheios de água. Sim, você não quer acreditar, mas os olhos se lhe encharcaram de água, d-e á-g-u-a, assim como está ouvindo!

Nunca, nunca se viu em Yelo nada tão cômico.

**GÊNESE**

E criou o homem a Deus, à sua imagem e semelhança.

E houve amor, e prazer, e virtude no mundo. E os dias foram longos, longos demais.

Então criou o homem ao Demônio. À sua imagem e semelhança.

E houve assim amor e ódio no mundo, prazer e dor, virtude e pecado.

E os dias foram curtos, muito curtos.

E foi bom viver.

## A ÁRVORE DA BOA MORTE

Maria Santos fechou os olhos, afrouxou o corpo, ajeitou as costas contra o tronco macio da árvore.

Ali se passava bem, à sombra daquelas folhas transparentes que filtravam a luz avermelhada do sol.

Carlos, o genro, não poderia ter lhe dado um presente melhor no seu aniversário.

Durante todo o dia anterior, Carlos tinha trabalhado limpando o mato do lugar onde crescia a árvore. E tinha se sacrificado madrugando, ainda mais cedo do que de costume, para que, quando ela acordasse, encontrasse instalado o banco ao pé da árvore.

Maria Santos sorriu agradecida — o tronco parecia rugoso e áspero, mas era tenro, cedia à menor pressão como se estivesse recheado de penas. Carlos teve uma grande ideia quando lhe ocorreu plantá-lo ali, à beira do semeado.

Tuf-tuf-tuf.

O barulho do trator chegou até Maria Santos. Através das pálpebras semicerradas, a anciã olhou para sua filha, Marisa, sentada no assento da máquina, ao lado de Carlos.

O braço de Marisa descansava na cintura de Carlos, as duas cabeças muito próximas: com certeza faziam planos para a nova casa que Carlos queria construir.

Maria Santos sorriu — Carlos era um bom homem, um marido perfeito para Marisa. Sorte que Marisa não se casou com Laico, aquele engenheiro; Carlos não era mais que um agricultor, mas era bom e sabia trabalhar, e nada lhes faltava com ele.

Nada lhes faltava com ele?

Uma pontada doída apagou o sorriso de Maria Santos.

O rosto, velho de incontáveis rugas, velho de muitos sóis e de muito trabalho, nublou-se.

Não. Carlos poderia fazer felizes a Marisa e a Roberto, o filho, que já estava com 18 anos e estudava medicina pela televisão.

Não, nunca poderia fazê-la feliz, a ela, a Maria Santos, a avó...

Porque Maria Santos nunca se adaptaria — havia muito que tinha renunciado a fazê-lo — à vida naquela colônia de Marte.

Tudo bem que ali se ganhava bem, que não lhes faltava nada, que se vivia melhor do que na Terra; tudo bem que ali, em Marte, toda a família teria um porvir muito melhor; tudo bem que a vida na Terra era agora muito dura... Concordava com isso tudo, mas Marte era tão diferente!...

O quê não daria Maria Santos em troca de um pouco de vento como o da Terra, com algum "dente-de-leão" voando alto!

— Está dormindo, vovó? — Roberto, o neto, vem sorridente, com seu livro sob o braço.

— Não, Roberto. Um pouco cansada, só isso.

— Não precisa de nada?

— Não, de nada.

— Tem certeza?

— Tenho.

Curiosa a insistência de Roberto. Não costumava ser tão solícito; às vezes passava dias inteiros sem lembrar-se de que ela existia.

Mas, claro, isso era de se esperar — a juventude, a juventude de sempre, tem muito o que fazer com isso, com ser jovem.

No entanto, na verdade, Maria Santos não tem por que reclamar: ultimamente Roberto tinha sido muito bom com ela, passava horas inteiras ao seu lado, fazendo-a falar da Terra.

É claro, Roberto não conhecia a Terra. Ele tinha nascido em Marte e as coisas da Terra eram para ele algo tão estranho quanto, cinquenta ou sessenta anos atrás, tinham sido as coisas em Buenos Aires — a capital — para Maria Santos. Tão estranhas e fantásticas para a mocinha que caçava lagartixas entre as tunas, lá numa cidadezinha de Catamarca.

Roberto, o neto, a fez falar dos velhos tempos, dos tantos anos que Maria Santos morou na cidade, numa casinha de Saavedra, a sete quarteirões da estação.

Roberto a fez descrever tijolo por tijolo a casa, quis saber o nome de cada flor no canteiro que estava à frente, quis saber como era a rua antes de ser asfaltada. Não se cansava de ouvi-la contar como brincavam as crianças com a bola, como empinavam pipas, como iam em bandos de guarda-pós à escola, três quarteirões mais adiante.

Tudo interessava a Roberto: o mercado do bairro, a livraria, a leiteria... Não teve inclusive que lhe explicar como eram as moscas? Até quis saber quantas patas tinham... Como se alguma vez Maria Santos tivesse se lembrado de contá-las! Porém, hoje, Roberto não quer ouvi-la lembrar: é claro, já deve ser a hora da lição, por isso o rapaz se afasta quase de repente, apressado.

Carlos e Marisa acabaram o sulco que lavravam com o trator. Agora estão voltando.

Dá prazer vê-los: não são mais jovens, mas estão contentes.

Mais contentes que de costume, com um contentamento profundo, sem sorrisos, mas com grande placidez, como se já tivessem construído a nova casa. Ou como se já tivessem conseguido comprar o helicóptero que Carlos diz tanto precisarem.

Tuf-tuf-tuf...

O trator chega até uns poucos metros dela; Marisa, a filha, saúda com a mão; Maria Santos somente sorri; queria lhe responder, mas hoje está muito cansada.

Rochas ondulantes eriçam o horizonte, rochas como nunca vira na sua Catamarca de tanto tempo. A grama amarela, essa grama rara que estala ao pisar, Maria Santos nunca se acostumou com ela. É como um tapete rasgado que se estende por toda a parte: pelos lugares rasgados aparecem as rochas, sempre angulosas, sempre obscuras.

Algo passa diante dos olhos de Maria Santos.

Uma rajada de vento quer despenteá-la.

Maria Santos pisca, tenta ver o que lhe passa pela frente.

Ali vem outra.

Delicadas, ligeiras estrelinhas de longos raios brancos...

"Dentes-de-leão"!

Sim, "dentes-de-leão", sementes de cardo, como aqueles da Terra!

O gasto coração de Maria Santos se encabrita no velho peito: "Dentes-de-leão"!

Não mais gramados amarelos: agora tem uma rua de pó, com rastros profundos, com algo de grama verde nas bordas, com um sulco, com calçadas de tijolos tortos...

Ruazinha de bairro, ruazinha da lembrança, com crianças de guarda-pó correndo rumo à livraria da esquina, com o esqueleto de uma pipa não acabando de morrer nunca, enredado num fio telefônico.

Maria Santos está sentada à porta da sua casa, em sua cadeira de vime, vê a fileira de casinhas baixas; as mais velhas têm jardins à frente, as mais modernas são muito brancas, com uma varanda cromada, o ápice da elegância.

"Dentes-de-leão" no vento, vento alegre que parece descer do próprio céu, daquelas nuvens tão brancas e tão redondas...

"Dentes-de-leão" como aqueles que perseguia no quintal de terra da cabana, lá na província.

"Dentes-de-leão"!

O peito de Maria Santos é um grande tumulto de prazer.

"Dentes-de-leão" brincando no ar, indo ao alto...

Carlos e Marisa detiveram o trator.

Roberto, o filho, se junta a eles, e os três se aproximam de Maria Santos.

Ficam olhando-a.

— Morreu feliz... Olha, parece sorrir.

— Sim... Coitada da Dona Maria!...

— Foi sorte que conseguimos dar-lhe uma morte assim.

— É... Tinha razão quem me vendeu a árvore, não exagerou em nada: a sombra mata em pouco tempo e sem dor nenhuma, pelo contrário...

— Vovó!... Vovozinha!...

## UMA MORTE

Eu estava investigando a morte do Jon.

As pegadas, depois de contornar a cidadezinha toda, levaram-me até a pequena casa ao lado do rio, quase perdida entre os juncos.

Não estava frio, mas mesmo assim levantei as lapelas do meu sobretudo e enfiei as mãos nos bolsos.

Subi cinco degraus não muito seguros, empurrei a porta, entrei.

Gaiolas, passareiras por toda parte. De fabricação caseira.

Pássaros de cores: caturritas, cardeais, soldados, canários. Pássaros cinza, pássaros marrons. Grandes e pequenos.

Avancei: foi como entrar numa nuvem de pios, trinados, gorjeios. E de cheiro denso, cálido.

O homem saiu dentre duas passareiras. Blusa esburacada, cabeça branca. Olhos curiosamente grandes e claros no rosto cinzento, cheio de rugas; um rosto muito gasto, mas aberto, cordial.

— Faz três dias... — comecei.

E me detive.

Ele me olhou por um instante. Olhou para o chão, voltou a me olhar. Agora estávamos nos entendendo.

— Amigo seu?

Assenti.

— Sabe o que…, o que aconteceu com ele?

Assenti de novo.

— Eu imagino. Sei que estava muito doente.

Aproximou-me uma cadeira de vime. Ele se sentou num caixote vazio.

— Agora que penso — coçou a cabeça —, deveria ter avisado talvez a polícia. Mas quando aconteceu, não me pareceu necessário. Não teriam entendido nada; você sabe.

— Sei.

— Já todos me acham maluco, sem precisar de uma história como essa — balançou a cabeça, tinha as mãos sobre os joelhos magros; mãos de dedos compridos, delicados —. Além disso, por que haveria de escolher minha casa

para morrer? O delegado não entenderia nunca. É claro, poderia ter ido até o médico. Ou ver o padre. Mas não, ele teve que caminhar toda a distância até aqui.

Eu só sabia que o Jon estava morto. Deixei-o falar.

— Ainda que... receio saber por que me escolheu, a mim, o "Miguim", o maluco "Miguim", o criador de pássaros... Ele sabia que eu era o único na cidade toda que o deixaria morrer tranquilo e sem perguntas. A gente, de tanto andar com animais, acaba por amigar-se, por compreender todo o vivo, venha de onde vier...

Olhou-me com os olhos claros: tinham algo de poças d'água estancada. Eu teria feito a mesma coisa que o Jon.

— É claro, no início me pegou de surpresa; eu não estava preparado para vê-lo. Chegou do lado do rio, senti-o chapinhar no juncal; quando subiu os degraus achei que fosse o José ou o Negro, ou qualquer um dos vagabundos de sempre. Demorou em entrar, o último degrau deu muito trabalho; pensei que estaria bêbado, não dei atenção. Mas, ao chegar até a porta, se apoiou no batente, e foi então que me dei conta, ao ver sua mão, tão verde e com os sete dedos.

Levantou-se, foi até um braseiro onde tremia uma chaleira.

— Um chimarrão?

Assenti com a cabeça.

— Estava quase caindo — enquanto falava colocou erva numa jarrinha de louça —. Me dei conta de que estava morrendo, mas não quis que o deitasse; insistiu em sentar aí, onde você está. E ficou meio caído, os olhos fechados.

"— Sei que és amigo — disse-me de repente, marcando muito as letras —. Por isso andei toda essa distância até aqui... Sei que cuidas de pássaros... Por isso vim.

"— Pelos pássaros? — perguntei.

"— É... Queria pedir um favor... Poderias me emprestar um, qualquer um, até... até não precisar mais dele?

"Respondi que podia e lhe trouxe a Manolita, a caturra, que é a mais mansinha de todas. Dei-a para ele.

"— Obrigado... — sua mão tremeu quando coloquei o pássaro. Já a Manolita ficou tão sossegada, tão cômoda entre os sete dedos —. Obrigado... Não tens ideia, criador de pássaros, de quanto os teus pássaros se parecem com os nossos sícalos... São tão iguais...

"Teve dificuldade em levantar a mão, mas ainda assim se esforçou, ele queria ver bem a Manolita.

"— Se a gente sabe olhar, um só pássaro..., um só sícalo..., resume todas as belezas dos mundos...

"Eu não falava nada, me dava tanta pena vê-lo respirar tão mal; além disso, quando a gente anda muito tempo entre os animais, sabe logo quando algum morre, seja cachorro ou pessoa ou..."

O criador de pássaros me estendeu a jarrinha fumegante. Peguei com precaução, para não me queimar.

— Seu amigo apoiou, então, a mão na mesa, sem deixar de fitar a caturrita. E falou de novo:

"— O pássaro..., o sícalo... é os dias perdidos, é a infância... Cuidar de um pássaro é reviver a infância… Por isso tu, criador de pássaros, cuidas de pássaros… Não queres te desprender da infância...

"— Não sei — eu disse para dizer qualquer coisa —. Mas... e os meninos que cuidam de pássaros?

"— Os meninos que cuidam de pássaros... Tens razão... Os meninos não podem recordar a infância... — fez uma pausa, ficou olhando longamente a caturrita, que continuava quietinha na sua mão; e de repente acrescentou —: os meninos que cuidam de pássaros estão relembrando, revivendo sem saber, os dias perdidos, a infância da espécie...

"Voltou a calar, continuou olhando a Manolita. E olhando, também, não sei que imagens de outros tempos, de outros lugares.

"— Quer água? Está realmente cômodo?

"Não me respondeu.

"Lá fora, acabava a tarde igual que agora.

"Pensei que alguém poderia vir, a surpresa que teria ao vê-lo aí.

"Manolita se agitou de repente, bateu as asas, veio até meu ombro.

"A mão verde seguia igual, apoiada à mesa.

"Não precisei tocá-lo para saber que já estava morto.

"Cavei uma fossa no albardão, enterrei-o no mesmo lugar onde enterro os pássaros que morrem.

"E está lá agora. Pensei em colocar uma cruz, mas não... Há uma cruz melhor para ele que a mesma dos pássaros, o sol de cada dia?"

Levantei-me. Agora sabia tudo o que queria sobre a morte do Jon.

— Obrigado — devolvi a jarrinha de louça.

O Jon, afinal, teve uma morte boa.

O criador de pássaros levantou-se também.

— Eram muito amigos?

— Muito.

Estendeu-me a mão.

Duvidei um instante, estendi a minha. Ele sorriu ao sentir a pressão dos sete dedos. Deu-me um tapa nas costas, e me acompanhou até a porta.

Desci os degraus, fui pelo juncal.

Já havia estrelas. Mas não, Yelo não se enxergava. Muito distante.

Porém, não estava tão distante, pensando bem.

Um pássaro noturno passou voando baixo, em voo silencioso.

Um pássaro ou um sícalo?

# CONTOS
## TOMMASO LANDOLFI

**O TEXTO:** O livro *La Spada* é a terceira coleção de contos publicada por Tommaso Landolfi, em 1942 (Vallecchi), com uma nova edição, em 1944. Os contos depois foram inseridos no livro *Racconti*, em 1961 (Vallecchi). Nos dois contos, aqui traduzidos, "A história do piolho" e "Carta de um romântico sobre o jogo" há uma espécie de reflexão sobre o sentido do fim, da perda e da morte. O primeiro deles, "A história do piolho", traz uma marca forte das pequenas narrativas de Kafka, escritor muito admirado por Landolfi: o piolho se faz presente em seu exílio (na profundidade do mundo escuro), mas o exílio aí é sempre em direção ao outro e o espaço que se abre para ele é o da impossibilidade de morrer. Já o conto "Carta de um romântico sobre o jogo" insere o leitor dentro do universo lúdico e sacrifical do jogo, em que todo sujeito é obrigado a experimentar uma nova possibilidade de existência a cada fim de partida, sendo necessário um recomeço.

**Texto traduzido:** Landolfi, Tommaso. "Lettera di un romantico sul gioco" e "Il racconto della piattola". In. *La Spada*. Milano: Adelphi, p. 28-34; p. 131, 2001.

**O AUTOR:** Tommaso Landolfi nasceu em Pico, na província de Frosinone, em 1908. Formou-se em língua e literatura russa na Universidade de Florença, com tese sobre a poeta Anna Akhmatova. Viveu também em Roma, Veneza e Sanremo, onde costumava frequentar os cassinos. Seu trabalho foi reconhecido por intelectuais como Giorgio Bassani, Eugenio Montale, Italo Calvino. Colaborou para as revistas *Letteratura*, *Campo di Marte*, *Oggi*, *Il Mondo*; escreveu para o *Corriere della Sera*. Por causa de uma doença cardíaca, faleceu em julho de 1979, acometido por um enfisema pulmonar. Entre as suas obras, podemos citar *Dialogo dei massimi sistemi* (1937), *La Spada* (1942), *Ombre* (1954), *Un amore del nostro tempo* (1965), *Viola di morte* (1972), *Il Tradimento* (1977). Foi também tradutor de vários escritores russos, como Gógol, Turgêniev, Dostoiévski, Leskov, Tchecov e Tolstói.

**O TRADUTOR:** Davi Pessoa Carneiro é autor de *Terceira Margem: Testemunha, Tradução* (Editora da Casa, 2008). Traduziu de Luigi Pirandello, pela Lumme Editor, *A razão dos outros* e *Ou de um ou de nenhum* (2009); e pela Edufsc, *Georges Bataille: filósofo* (2010), de Franco Rella e Susanna Mati, *Desgostos* (2010) e *Ligação Direta* (2011), ambos de Mario Perniola. Faz atualmente doutorado em Literatura (UFSC), com pesquisa sobre Elsa Morante e Macedonio Fernández. Edita o blog: http://traduzirfantasmas.wordpress.com/. Para a (n.t.) já traduziu *Pró ou contra a bomba atômica|Pro o contro la bomba atomica*, de Elsa Morante, e *O vazio do poder na Itália|Il vuoto del potere in Italia*, de Pasolini.

# RACCONTI

*"Ma voi... perché mi guardate in atto superbo?*
*Tale sarà anche la sorte dei vostri simili un giorno."*

TOMMASO LANDOLFI

## IL RACCONTO DELLA PIATTOLA

Io, piattola, vivevo in un bosco folto e mi vi aggiravo beata; quello era veramente il mio regno. La mia vita scorreva felice, traevo per il mio nutrimento colla massima facilità dalla terra il suo rosso succo, deponevo la mia progenie in sicurezza nel proprio involucro a piè d'un tronco, e insomma nulla turbava la nostra fiorente colonia. Ma un giorno sentii la terra raggelarmisi sotto, il suo succo, pari a una linfa stagnante, si rapprese e acquistò un gusto di morte. Nel gelo, in un mondo rabbuiato dunque finii. Ora, di questo non voglio incolpare nessuno, neanche chi ci ascolta di lassù: può darsi (sebbene io non lo creda) che così dovesse essere e che sia stato bene. Ma voi, uomini che intravedo nell'ombra, perché mi guardate in atto superbo? Tale sarà anche la sorte dei vostri simili un giorno.

## LETTERA DI UN ROMANTICO SUL GIOCO

*alla memoria di Châli*
*18...*

Caro Ignazio, il gioco, il gioco, sì! E chi oserebbe rimproverarmelo? Tale vita è la mia! È vero, le mie notti sono bruciate, le mie giornate chiuse al sole e agli scherzi dell'aria; esse anzi trascorrono nel torpore e nel sonno. Ebbene? Perisca l'invidioso sole e s'inabissi per sempre nei gurgiti dell'etere e un'eterna notte stenda su noi le sue ali. «Lodata sia l'eterna notte, lodato il sonno eterno». Ma non il sonno, la febbre notturna, le buie passioni che ci straziano e ci dannano, e fra queste la più ardente e più cupa, la più sinistra e sacra, l'indomabile fuoco delle tenebre, il gioco, divino e infernale! Chi oserà biasimarmi per primo? E che ragione ho io di giustificarmi e addurre la mia misera vita? Ma fossi io pure il più grande dei grandi della terra e mi splendesse pure nel cuore una perenne primavera, fossi tranquillo e felice; ogni bene celeste e terreno vorrei ugualmente rinnegare e volentieri, anzi con disdegno, getterei ai piedi di quella cupa deità! Qui si decidono le alte sorti, qui l'uomo, non più solo, ma nella sua vera patria, fra mille altri trepidi esseri attende il tocco della mano che lo beneficherà o pronerà; qui non si finge creatore, non aspetta pel tramite di mediocri ambasce la sua condanna o la sua grazia; qui egli, tutto creatura, sollecita, quasi calice di fiore aperto ai doni e alle offese del cielo, un immediato responso, pronto a rivoltarsi, pronto ad adorare, pronto (se è un uomo vero) ad adorare anche colpito. Pure, miracolo della grazia, v'è per imperscrutabile decreto in questa condizione alcunché d'eroico: qui spira il largo, sebbene vorace, vento degli spazi, che dissipa i meschini ambagi, i vili e uggiosi compromessi, qui, un istante re e imperatore, quello seguente verme della terra, il rampollo dell'uomo, sia travolto o trionfi, è ugualmente travolto, e dunque sempre trionfa, se con puro cuore chini il capo ai voleri del cielo. Qui egli, percosso di religioso stupore, vive le sue ore più gravi; qui, da ultimo, l'Avventura e il Mistero, questi supremi doni della Provvidenza, menano la loro libera vicenda. Sia dunque lode al gioco, la più alta attività dello spirito umano!

Ma fosse anche vero, Ignazio, quanto dai meschini si vocifera di questa nobile passione dell'animo, in cui l'uomo s'impegna con ogni sua possa e dignità; fosse anche vero quanto dagli ignari e dai pavidi si vocifera, che posso io contro di essa che mi travaglia? È forse mia colpa, amico caro, se di tutti i doni del buon Dio che dici nella tua lettera io nulla posso godere se

non quando sia sedata questa divorante bramosia, quest'ansito che mi si gonfia dentro e cresce a dismisura e chiede sempre nuovo alimento, quasi un mostruoso animale annidato nelle mie viscere, quasi un bubbone che risucchi ogni mia linfa vitale? E nota, è l'altra faccia del gaudioso o ingaudioso mistero, che un unico mezzo v'è di placare quest'empito: perdere.

Elaborai persino una teoria, in altri tempi, su ciò, sull'ineluttabile vicenda di cui sono vittima. Tenterò di spiegarti. Devi in primo luogo sapere che il mondo non m'offre nulla di piacevole o tollerabile se non connesso in qualche modo con questa passione: dovunque mi rechi, lo fo colla segreta speranza di trovarvi da alimentarla, chiunque accosti con quella d'indurlo a essermi compagno. In breve, concepisco ormai l'esistenza sotto l'aspetto del gioco ed essa mi parrebbe vuota più di quanto non mi paia ove questo mi mancasse (non vituperarlo dunque: m'aiuta a vivere). Ora, tu parli di raggi di sole, di volate di rondini, di piccoli gatti. Ebbene, son queste viste e questi sensi, forse, tante benedizioni del cielo; ma come si potrebbe goderne, mi chiedo affannosamente da tanto, così, per esse stesse (seppure tu pari riuscirvi)? Come si potrebbe se non in relazione a qualcosa d'altro, di diverso, d'opposto se proprio ti piace? O, a dovere usar le parole che il volgare ha consacrate, come può un puro godere della purezza e un peccatore del peccato? Io peccatore godo, ad esempio, della purezza ch'è il gioco, e voglio dire, insomma, che solo a chi esce dal baratro infernale possono apparire vergini le stelle. Tollera che ti racconti una cosa di me, potrò forse spiegarmi meglio, e tu non scorgevi contraddizione.

Era Venezia; in quel luogo avevano abbassate pesanti cortine di velluto sulle vetrate, contro l'invasione della luce diurna e dei primi raggi del sole: gli uomini intenti attorno al tavolo oblungo rifiutavano ogni altro lume che quello della lampada bassa. Ma io fui costretto ad allontanarmi di là: avevo tutto perduto, tutto fino all'ultima moneta, e non avevo ormai speranze da nessuna parte, da nessuno osavo più aspettarmi aiuto. Ero solo e abbandonato in una città straniera, e perduto per sempre (così almeno credevo).

Uscii sul viale nell'alba, sedetti su una panca. Ignazio, se impura era l'indomabile forza che m'aveva trascinato colà la sera innanzi e astretto ad accarezzare la notte intera quella dolce pelle ch'è il tappeto verde, da che veniva ch'essa avesse ora ceduto il luogo a una meravigliosa pace, a una grave e trasognata serenità, a una quiete piena d'incanto? Non mai come allora io m'ero sentito conscio di me eppure disposato e confuso agli elementi. Non mai tanto tranquillo mi s'era aperto il mondo in armoniche parvenze, in sembianze e forme placate, ricche tuttavia di vita interna e brillante, di

promesse e, lo dirò senza ritegno, di speranza. Sulla mia testa un piccolo uccello cinguettava solitariamente in tono calmo, non contrastato da alcun'altra voce, anzi sostenuto dal sommesso bordone della bava mattutina fra le foglie, entro la cui frappa i primi raggi incarnati del sole già scherzavano. Il cielo e il mare erano ugualmente immacolati, ciascuno seguendo il suo modo; la ghiaia del viale brillava. Già per impercettibili sussulti brulicavano intorno i mille abitatori della terra; ma su ogni cosa si levava quella solitaria voce aerea. Ed essa pareva la voce dell'intero mondo intormentito e immammolato nell'alba della sua esistenza, quando la prima volta si svegliò al tocco divino da un sonno eterno; essa mi risonava, Ignazio, come la voce stessa delle età d'innocenza. Io ero perduto in quell'eden, ogni eccitamento era in me ormai caduto, e neppure attendevo all'alta calma, giacché essa era in me e mi pervadeva a mia stessa insaputa; e con quegli sparsi, eppure fraterni elementi io ero tutt'uno. Infine, io fui felice. E sulla laguna, più tardi, il battello raggiunse e sorpassò una gondola che vogava solitaria, discosto dalla riva. Recava questa una vecchia di nobile aspetto, che quetamente parlava col gondoliere, e una fanciulla di grande e schiva bellezza la quale, poggiato il gomito sulle ginocchia e il mento sulla palma, guardava lontano con aria di meravigliosa malinconia. Ci partimmo lentamente da quella gondola, e io neppure desiderai che essa, la fanciulla, riscotendosi a un tratto, mi tendesse le braccia sulla laguna e dicesse: ecco, t'attendevo. Al contrario, io godetti di lei se anche passò e non la rivedrò mai più, e non desiderai un solo momento più di quanto mi fu concesso. Giacché mi pareva che anche così ella m'appartenesse, come tutto quel mattino: io non ero più io ma ogni altra cosa, o piuttosto io stesso e in una ogni altra cosa, e ogni altra cosa, essendo tuttavia se medesima, era me; e non avevo desideri, ma non perché avessi il cuore vuoto, anzi perché l'avevo colmo di ogni bene e ogni desiderio era esaudito nel tempo stesso che lo provavo. In breve, non so dirti che fosse: assai più facile è descrivere la disperazione che la felicità. Ma so e ti dico che quel mattino io credetti e mi prosternai nell'animo al Creatore, e per la prima volta lo ringraziai della vita che m'aveva dato, del mondo che m'aveva composto intorno, e di tutte le dovizie che ci offriva, se solo la nostra buona volontà sapesse acquistarsele. Quegli che avrebbe dovuto sentirsi misero e diserto e affannato, ringraziò il suo Creatore, quegli che non era certo di vivere, ringraziò per la vita che ancora poteva essergli tolta, quegli che avrebbe dovuto serrare i pugni contro il cielo, adorò come spieghi tu ciò, Ignazio? Lo ringraziai anche d'avermi liberato.

Ma ecco sono giunto al nodo. Liberato da che? Non era forse l'impeto segreto e potente della sera innanzi, il turgore della mia passione, anche

opera sua? E perché egli condanna le sue creature (o me soltanto?) a non godere dei suoi doni se non dopo averli disprezzati o perduti? Perché di nessuna cosa si può godere se non dopo averne sperimentata altra di gran lunga diversa o al tutto opposta? Odimi, Ignazio, non sarebbe questo mio un bestemmiare? E se, come credo, nella vicenda universale è in ogni cosa riconoscibile, volta a volta, un turgore o turgescenza, seguito da una deturgescenza o contrettazione; se a questa fatale vece è soggetta ogni cosa vivente (e dunque ogni cosa); se converrà patire il turgore per raggiungere l'alta calma, e se a questa quello è imprescindibile condizione; non confesseremo noi piuttosto l'origine divina anche di quel turgore? Figuri pure esso il groviglio del male, di contro al queto discorrere del bene, chi oserà negarne la necessità, chi potrà, o come, far valere la preminenza del secondo?

Lo so, non avrei mai dovuto pronunciare queste parole. Perdonami, Ignazio, non ti infastidirò più. Ma altra volta forse ti dirò le lodi delle carte medesime, di questi umili eppure eterei strumenti delle decisioni divine. Le hai mai guardate? Impassibili e vive, talune altre, altre splendenti, lievi e seriche come pelle di donna, esse figurano immemoriali storie, leggende originarie. Esse rabescano il fondo delle mie notti come le saghe del Norde o le favole d'oriente l'ombra splendente dell'infanzia! Oh benedetti petali caduti alla rosa mistica, oh rugiada vitale e mortale! Stavolta fo per divertirti. Addio etc.

# CONTOS

*"Mas vocês... por que me olham em ato soberbo?*
*Assim também será o destino dos seus semelhantes um dia."*

TOMMASO LANDOLFI

## A HISTÓRIA DO PIOLHO

Eu, piolho, vivia num bosque cerrado e passeava bem-aventurado por ele; aquele realmente era o meu reino. A minha vida seguia feliz, conseguia me alimentar, com grande felicidade, do sumo vermelho que tirava da terra, colocava a minha prole em segurança no seu invólucro ao pé de um tronco, em suma, nada perturbava a nossa colônia próspera. Mas um dia senti a terra congelar debaixo de mim, o seu sumo, semelhante a uma linfa dormente, se coagulou e adquiriu um gosto de morte. No gelo, num mundo escuro, enfim, acabei. Não quero, agora, culpar ninguém, nem mesmo aquele que nos escuta lá de cima: talvez (embora não acredite) tivesse que ser assim e que tenha sido a melhor coisa. Mas vocês, homens que entrevejo na sombra, por que me olham em ato soberbo? Assim também será o destino dos seus semelhantes um dia.

## CARTA DE UM ROMÂNTICO SOBRE O JOGO

*À memória de Châli*
*18...*

Caro Inácio, o jogo, o jogo, sim! E quem ousaria me reprovar por isso? Essa é a minha vida! É verdade, as minhas noites são passadas em claro, os meus dias não são ensolarados, todos ausentes do prazer do ar; eles, ao contrário, transcorrem na inércia e no sono. E então? Que pereça o sol invejoso, naufragando para sempre no redemoinho do éter, e que uma noite eterna estenda sobre nós as suas asas. "Louvada seja a noite eterna, louvado seja o sono eterno". Mas não o sono, a febre noturna, as paixões obscuras que nos atormentam e nos condenam, e entre essas a mais ardente e mais profunda, a mais sinistra e sagrada, o fogo indomável das trevas, o jogo, divino e infernal! Quem ousaria, em primeiro lugar, me censurar? E que razão eu teria para me justificar e para expor a minha vida miserável? Porém, se eu fosse o maior dos maiores da terra e resplandecesse no meu coração uma primavera perene, se fosse tranquilo e feliz, todo bem celeste e terreno iriam igualmente me renegar, e com prazer, aliás, com desdenho, jogando-me nos pés daquela profunda divindade! Aqui se decidem os grandes destinos, aqui, o homem, não mais sozinho, mas na sua pátria verdadeira, entre mil outros seres temerosos, espera o toque da mão que irá beneficiá-lo ou arruiná-lo; aqui, ele não se finge criador, não espera pelo intermédio de angústias medíocres a sua condenação, ou a sua graça; aqui, ele, todo criatura, solicita, quase como um cálice de flor aberto aos dons e às ofensas do céu, uma resposta imediata, pronto a se revoltar, pronto a adorar, pronto (se é um verdadeiro homem) a adorar, mesmo se atingido por alguma coisa. Mesmo assim, milagre da graça, existe por decreto imperscrutável, nessa condição, algo de heroico: aqui, sopra o largo, embora voraz, vento dos espaços, que dissipa os rodeios mesquinhos, os compromissos vis e entediantes; aqui, por um instante rei e imperador, aquele verme da terra, o descendente do homem, caso seja esmagado ou triunfe, é igualmente destruído, porém sempre irá triunfar, se com coração puro ele inclina a cabeça aos desejos do céu. Aqui, ele, atravessado por um estupor religioso, vive as suas horas mais terríveis; aqui, por último, a Aventura e o Mistério, esses dons supremos da Providência, agitam o seu livre acontecimento. Assim, seja o louvor ao jogo a maior atividade do espírito humano!

No entanto, mesmo se fosse verdade, Inácio, tudo aquilo os mesquinhos esbravejam contra essa nobre paixão do espírito, em que o homem se empenha com toda a sua força e dignidade; se também fosse verdade aquilo que se escuta berrar dos ignorantes e dos medrosos, o que eu poderia fazer contra essa paixão que me atormenta? Talvez seja minha culpa, caro amigo, se de todos os dons do bom Deus, que você diz em sua carta, eu nada poderei gozar até o momento em que não for sedado esse desejo devorador, essa ânsia que se incha dentro de mim e cresce sem limite, que sempre pede novo alimento, como uma espécie de um animal monstruoso aninhado nas minhas vísceras, um bubão que suga todas as minhas linfas vitais? E conhecida é a outra face do mistério alegre ou triste, já que existe um único meio para placar esse ímpeto: perder. Elaborei até mesmo uma teoria, em outros tempos, sobre isso, sobre o acontecimento inelutável do qual sou vítima. Tentarei explicar. Em primeiro lugar, você deve saber que o mundo não me oferece nada de agradável ou tolerável que não esteja ligado, de algum modo, a essa paixão: para qualquer lugar que eu vá, tenho sempre a esperança secreta de poder alimentá-la ali, e qualquer pessoa que se aproxima de mim, procuro induzi-la a ser minha companheira. Brevemente, concebo, agora, a existência sob o aspecto do jogo, e ela sempre me parecia vazia quando ele vinha a faltar (portanto, não o desonre: ele me ajuda a viver). Nesse instante, você começa a falar dos raios do sol, dos voos da andorinha, de gatinhos. Pois bem, são essas visões e esses sentidos, talvez, as tantas bênçãos do céu; mas como poderiam ser gozadas, pergunto-me ofegantemente há muito tempo, assim, por elas mesmas (mesmo quando você parece ter sucesso)? Como elas poderiam ser aproveitadas estabelecendo relação com outras coisas, diferentes, opostas, se, de fato, você sente prazer no jogo? Ou, tendo que usar as palavras que a língua vulgar consagrou, como é possível estabelecer relação entre um puro gozo da pureza e um pecador do pecado? Eu, pecador, gozo, por exemplo, da pureza que é o jogo. Em suma, quero apenas dizer que as estrelas somente podem parecer virgens àquele que sai do abismo infernal. Tolere que eu lhe conte uma coisa sobre mim, talvez possa me explicar melhor, e você, assim, não irá ver aí nenhuma contradição.

Estava em Veneza; no lugar em que me encontrava tinham colocado cortinas pesadas de veludo sobre as vidraças, contra a invasão da luz diurna dos primeiros raios de sol: os homens ocupados ao redor da mesa oval recusavam qualquer outra lâmpada que não fosse aquela luminária baixa. No entanto, eu me senti forçado a me distanciar daquele lugar: tinha perdido tudo, até o último centavo, e, agora, não tinha mais esperança alguma de nenhum lado, não ousava mais esperar ajuda de ninguém. Estava sozinho e

abandonado numa cidade estrangeira, e perdido para sempre (pelo menos, acreditava nisso).

Sai pela rua, na madrugada, sentei-me num banco. Inácio, se impura era a força indomável que tinha me arrastado até ali, na noite anterior, forçado a acariciar durante a noite inteira aquela pele doce que é o tapete verde, como ela poderia ter cedido lugar, naquele instante, a uma paz maravilhosa, a uma serenidade intensa e onírica, a uma calma plena de encanto? Até então nunca tinha me sentido consciente de mim mesmo, embora desposado e confuso em relação àqueles elementos. Nunca o mundo me tinha sido aberto tão tranquilamente em sinais harmônicos, em aspectos e formas suaves, porém, ricos de vida interior e iluminados de promessas, vou dizê-lo sem meias palavras, de esperança. Sobre a minha cabeça um pequeno pássaro piava solitariamente em tom sereno, não contrastado por nenhuma outra voz, ao contrário, sustentado pelo bordão suspenso da seiva matinal entre as folhas, onde os primeiros raios encarnados de sol já brincavam por entre as folhagens. O céu e o mar estavam igualmente imaculados, cada um seguindo o seu ritmo; o cascalho da rua brilhava. Já por sobressaltos imperceptíveis formigavam, ali ao redor, os mil habitantes da terra; mas em cada coisa se elevava aquela voz aérea solitária. E esta era como se fosse a voz do mundo inteiro entorpecido e umedecido na alvorada da sua existência, quando pela primeira vez se encontrou desperto de um sono eterno através de um toque divino; essa voz, Inácio, ecoava dentro de mim assim como a voz dos tempos de inocência. Eu estava perdido naquele éden, toda excitação em mim tinha, agora, deixado de existir, e nem mesmo conseguia esperar a grande calma, já que ela estava em mim, penetrando-me sem dizer nada; e com aqueles elementos esparsos, embora fraternos, eu era um único. Enfim, eu fui feliz. E na laguna, mais tarde, o barco alcançou e ultrapassou uma gôndola que remava solitária, afastada da margem. A gôndola conduzia uma senhora de aspecto nobre, que tranquilamente conversava com o gondoleiro, e uma garota de enorme e fugidia beleza que, apoiando o cotovelo sobre o joelho e o queixo sobre a mão, olhava distante com ar de melancolia maravilhosa. Afastamo-nos lentamente daquela gôndola, e eu tampouco desejei que ela, a garota, desequilibrando-se de repente, me estendesse os braços, ali, naquela laguna, e dissesse: aqui estou, esperava-o. Ao contrário, eu senti prazer apenas em vê-la, embora tenha sido passageiro, e mesmo que nunca mais possa vê-la, eu nunca desejei, nem por um instante, mais do que aquilo que me foi permitido. Eu acreditava, sem dúvida, que ela me pertencia, como tudo naquela manhã: eu não era mais eu, mas outra coisa, ou muito mais eu mesmo em cada outra coisa, e cada outra coisa, sendo, no entanto, ela

mesma, estava em mim; e não tinha desejos, mas não porque tinha o coração vazio, ao contrário, porque o tinha enchido de todo bem, tanto que cada desejo era acolhido no mesmo instante que o sentia. Em resumo, não sei lhe dizer o que era: é muito mais fácil descrever o desespero do que a felicidade. Porém, sei e posso lhe dizer que naquela manhã eu acreditei e me prosternei no espírito do Criador, e pela primeira vez o agradeci pela vida que tinha me dado, do mundo que tinha criado, e de todas as riquezas que nos oferecia, caso a nossa boa vontade soubesse adquiri-las. Aquele que deveria se sentir infeliz, solitário e aflito, agradeceu o seu Criador, aquele que não se sentia seguro de viver, agradeceu pela vida que ainda poderia ser-lhe retirada, aquele que deveria cerrar os punhos contra o céu, adorou, e como você explica tudo isso, Inácio? Agradeci-o também por me ter libertado.

Mas eis que cheguei ao nó da questão. Libertado de quê? Não era talvez o ímpeto secreto e poderoso da noite anterior, o fervor da minha paixão, também obra sua? E por que ele condena as suas criaturas (ou apenas eu?) a não gozar dos seus dons a não ser depois de tê-los desprezados ou perdidos? Por que só podemos gozar de algo após termos experimentado outra coisa bem mais diferente, ou completamente oposta? Diga-me, Inácio, essa não seria uma minha blasfêmia? E se, assim como acredito, na vicissitude universal existe, em cada coisa reconhecível, de tempos em tempos, um fervor ou turgência, seguido por uma diminuição do fervor ou contretação; se nesse momento fatal está sujeita toda coisa viva (e, portanto, qualquer coisa); será conveniente padecer do fervor para obter a calma plena? E se para alcançá-la o fervor é condição imprescindível, então, nós também não estaríamos confessando a origem divina desse sentimento intenso? Se também se faz presente o enredo do mal, contra a fala calma do bem, quem ousará negar a sua necessidade, quem poderá, ou como, fazer valer a preeminência do segundo?

Eu sei, nunca deveria ter pronunciado essas palavras. Perdoe-me, Inácio, não irei mais aborrecê-lo. Talvez, em outro momento, possa lhe falar dos louvores das cartas, desses humildes e também etéreos instrumentos das decisões divinas. Você já as viu? Umas são impassíveis e vivas, outras, resplandecentes, leves como seda, assim como a pele de uma mulher, e todas figuram histórias imemoráveis, lendas originárias. Elas rabiscam o fundo das minhas noites, tal como as sagas do Norte, ou as fábulas do oriente, a sombra brilhante da infância! Oh! Benditas pétalas caídas da rosa mística. Oh! Orvalho vital e mortal! Desta vez, faço para diverti-lo. Adeus etc.

# O Romance do Genji

## Livro XXXIV: Os jovens brotos

**Murasaki Shikibu**

**O texto:** Narrativa em japonês clássico, escrita por uma dama da corte imperial no século XI, *O Romance do Genji* é tópico frequente da infindável discussão sobre qual teria sido o primeiro romance (se a definição inclui o Oriente, ele é o mais antigo). Para a literatura japonesa, tal como ela se configura hoje, trata-se do texto fundador. Foi traduzido inúmeras vezes, tanto para o japonês moderno (dentre outros, pela poeta Yosano Akiko e em *duas versões* pelo romancista Tanizaki Jun'ichirô) como para o inglês (Waley, 1933; Seidensticker, 1976; Tyler, 2001), francês (Sieffert) e espanhol e catalão (Roca-Ferrer). Uma tradução para o português (de Carlos de Oliveira) foi finalmente publicada em 2008 pela Relógio d'Água, de Lisboa; no entanto, ela não foi feita diretamente do japonês e não inclui o último terço da obra (livros XXXIV a LIV).

**Texto traduzido:** 紫式部, 日本古典文学全集 (23) 源氏物語 (4) [単行本]. 東京: 小学館, 1997.

**A autora:** Murasaki Shikibu (973?-1014?) era membro da aristocracia média de Heiankyô (atual Quioto, Japão). Desde criança, sempre teve facilidade para ler e escrever, tanto chinês clássico como o vernáculo japonês – habilidades que, sendo ela mulher, não eram vistas como muito úteis pela sua família. Serviu como dama de companhia da futura imperatriz Shôshi, educando-a nas artes e nas sensibilidades necessárias ao alto cargo. Foi provavelmente escolhida para esse posto devido à fama de suas narrativas, que ela continuou a escrever e que foram reunidas em *O Romance do Genji*. Além dessa obra imensa (a mais recente tradução para o inglês tem mais de mil páginas), deixou um diário e uma coletânea de poesia.

**As tradutoras:** A equipe de tradução é formada por Clicie Araujo, Lídia Ivasa e Maria Luísa Vanik, alunas do curso de Letras Tradutor Japonês/Português da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e coordenada pelo professor e tradutor Andrei Cunha (*O Livro de Travesseiro de Sei Shônagon*, Escritos, 2008; *Histórias da Outra Margem*, de Nagai Kafû, Estação Liberdade, no prelo). O grupo vem realizando uma leitura conjunta de *O Romance do Genji* desde 2010.

Ilustração para *O Romance do Genji*, edição de 1651.
**© National Diet Library**

Ilustração para *O Romance do Genji*, edição de 1651.
**© National Diet Library**

# 源氏物語
## 第三十四帖
## 若菜

紫式部

弥生ばかりの空うららかなる日、六条の院に、兵部卿宮、衛門督など参りたまへり。大殿出でたまひて、御物語などしたまふ。

「静かなる住まひは、このころこそいと つれづれに紛るることなかりけれ。公私にことなしや。何わざしてかは暮らすべき」

などのたまひて、

「今朝、大将のものしつるは、いづ方にぞ。いとさうざうしきを、例の、小弓射させて見る べかりけり。好むめる若人どもも見えつるを、ねたう出でやしぬる」

と、問はせたまふ。

「大将の君は、丑寅の 町に、人々あまたして、鞠もて遊ばして見たまふ」

と聞こしめして、

「乱りがはしきことの、さすがに目覚めてかどかどしきぞかし。いづら、こなたに」

とて、御消息あれば、参りたまへり。若君達めく人々多かりけり。

「鞠持たせたまへりや。誰々かものしつる」

とのたまふ。

「これかれはべりつ」

「こなたへまかでむや」

とのたまひて、寝殿の東面、桐壺は若宮具したてまつりて、参りたまひにしころなれば、こなた隠ろへたりけり。遣水などのゆきあひはれて、よしあるかかりのほどを尋ねて立ち出づ。太政大臣殿の君達、頭弁、兵衛佐、大夫の君など、過ぐしたるも、まだ片なりなるも、さまざまに、人よりまさりてのみものしたまふ。

やうやう暮れかかるに、「風吹かず、かしこき日なり」と興じて、弁君もえしづめず立ちまじれば、大殿、

「弁官もえをさめあへざめるを、上達部なりとも、若き衛府司たちは、などか乱れたまはざらむ。かばかりの齢にては、あやしく見過ぐす、口惜し

くおぼえしわざなり。さるは、いと軽々なりや。このことのさまよ」

などのたまふに、大将も督君も、皆下りたまひて、えならぬ花の蔭にさまよひ たまふ夕ばえ、いときよげなり。をさをささまよく静かならぬ、乱れごとなめれど、所から人からなりけり。

ゆゑある庭の木立のいたく霞みこめたるに、色々紐ときわたる花の木ども、わづかなる萌黄の蔭に、かくはかなきことなれど、善き悪しきけぢめあるを挑みつつ、われも劣らじと思ひ顔なる中に、衛門督のかりそめに立ち混じりたまへる足もとに、並ぶ人なかりけり。

容貌いときよげに、なまめきたるさましたる人の、用意いたくして、さすがに乱りがはしき、をかしく見ゆ。

御階の 間にあたれる桜の蔭に寄りて、人々、花の上も忘れて心に入れたるを、大殿も宮も、隅の高欄に出でて御覧ず。

いと労ある心ばへども見えて、数多くなりゆくに、上臈も乱れて、冠の額すこしくつろぎたり。大将の君も、御位のほど思ふこそ、例ならぬ乱りがはしさかなとおぼゆれ、見る目は、人よりけに若くをかしげにて、桜の直衣のやや萎えたるに、指貫の裾つ方、すこしふくみて、けしきばかり引き上げたまへり。

軽々しうも見えず、ものきよげなるうちとけ姿に、花の 雪のやうに降りかかれば、うち見上げて、 しをれたる枝すこし押し折りて、御階の中のしなのほどにゐたまひぬ。督の君続きて、

「花、乱りがはしく散るめりや。 桜は避きてこそ」

などのたまひつつ、宮の御前の方を後目に見れば、例の、ことにをさまらぬけはひどもして、色々こぼれ出でたる御簾のつま、透影など、春の手向けの幣袋にやとおぼゆ。

御几帳どもしどけなく引きやりつつ、人気近く世づきてぞ見ゆるに、唐猫のいと小さくをかしげなるを、すこし大きなる猫 追ひ続きて、にはかに御簾のつまより走り出づるに、人々おびえ騒ぎて、そよそよと身じろきさまよふけはひども、衣の音なひ、耳かしかましき心地す。

猫は、まだよく人にもなつかぬにや、綱いと長く付きたりけるを、物にひきかけまつはれにけるを、逃げむとひこしろふほどに、御簾の側いとあらはに引き開けられたるを、とみにひき直す人も

なし。この柱のもとにありつる人々も、心あわたたしげにて、もの懼ぢしたるけはひどもなり。

几帳の際すこし入りたるほどに、桂姿にて立ちたまへる人あり。階より西の二の間の東の側なれば、まぎれどころもなくあらはに見入れらる。

紅梅にやあらむ、濃き 薄き、すぎすぎに、あまた重なりたるけぢめ、はなやかに、草子のつまのやうに見えて、桜の織物の細長なるべし。御髪のすそまでけざやかに見ゆるは、糸をよりかけたるやうになびきて、裾のふさやかにそがれたる、いとうつくしげにて、七、八寸ばかりぞ余りたまへる。御衣の裾がちに、いと細く ささやかにて、姿つき、髪のかかりたまへる側目、言ひ知らずあてにらうたげなり。夕影なれば、さやかならず、奥暗き心地するも、いと飽かず口惜し。

鞠に身を投ぐる若君達の、花の散るを惜しみもあへぬけしきどもを見るとて、人々、あらはをふともえ見つけぬなるべし。猫のいたく鳴けば、見返りたまへる面もち、もてなしなど、いとおいらかにて、若くうつくしの人やと、ふと見えたり。

大将、いとかたはらいたけれど、はひ寄らむもなかなかいと軽々しければ、ただ心を得させて、うちしはぶきたまへるにぞ、やをらひき入りたまふ。さるは、わが心地にも、いと飽かぬ心地したまへど、猫の綱ゆるしつれば、心にもあらずうち嘆かる。

まして、さばかり心をしめたる衛門督は、胸ふとふたがりて、誰ばかりにかはあらむ、ここらの中にしるき桂姿よりも、人に紛るべくもあらざりつる御けはひなど、心にかかりておぼゆ。

さらぬ顔にもてなしたれど、「まさに目とどめじや」と、大将はいとほしく思さる。わりなき心地の慰めに、猫を招き寄せてかき抱きたれば、いと香ばしくて、らうたげにうち鳴くも、なつかしく思ひよそへらるるぞ、好き好きしきや。

大殿御覧じおこせて、

「上達部の座、いと軽々しや。こなたにこそ」

とて、対の南面に入りたまへれば、みなそなたに参りたまひぬ。宮もゐ直りたまひて、御物語したまふ。

次々の殿上人は、簀子に円座召して、わざとなく、椿餅、梨、柑子やうのものども、さまざまに箱の蓋どもにとり混ぜつつあるを、若き人々そぼれ取り食ふ。さるべき乾物ばかりして、御土器参る。

衛門督は、いといたく思ひしめりて、ややもすれば、花の木に目をつけて眺めやる。大将は、心知りに、「あやしかりつる御簾の透影思ひ出づることやあらむ」と思ひたまふ。

「いと端近なりつるありさまを、かつは軽々しと思ふらむかし。いでや。こなたの御ありさまの、さはあるまじかめるものを」と思ふに、「かかればこそ、世のおぼえのほどよりは、うちうちの御心ざしぬるきやうにはありけれ」

と思ひ合はせて、

「なほ、内外の用意多からず、いはけなきは、らうたきやうなれど、うしろめたきやうなりや」

と、思ひ落とさる。

宰相の君は、よろづの罪をもをさをさたどられず、おぼえぬものの隙より、ほのかにもそれと見たてまつりつるにも、「わが昔よりの心ざしのしるしあるべきにや」と、契りうれしき心地して、飽かずのみおぼゆ。

院は、昔物語し出でたまひて、

「太政大臣の、よろづのことにたち並びて、勝ち負けの定めしたまひし中に、鞠なむえ及ばずなりにし。はかなきことは、伝へあるまじけれど、ものの筋はなほこよなかりけり。いと目も及ばず、かしこうこそ見えつれ」

とのたまへば、うちほほ笑みて、

「はかばかしき方にはぬるくはべる 家の風の、さしも吹き伝へはべらむに、後の世のため、異なることなくこそはべりぬべけれ」

と申したまへば、

「いかでか。何ごとも人に異なるけぢめをば、記し伝ふべきなり。家の伝へなどに書き留め入れたらむこそ、興はあらめ」

など、戯れたまふ御さまの、匂ひやかにきよらなるを見たてまつるにも、

「かかる人にならひて、いかばかりのことにか心を移す人はものしたまはむ。何ごとにつけてか、あはれと見ゆるしたまふばかりは、なびかしきこゆべき」

と、思ひめぐらすに、いとどこよなく、御あたりはるかなるべき身のほども思ひ知らるれば、胸のみふたがりて まかでたまひぬ。

大将の君一つ車にて、道のほど物語したまふ。

「なほ、このころのつれづれには、この院に参りて、紛らはすべきなりけり」

「今日のやうならむ暇の隙待ちつけて、花の折過ぐさず参れ、とのたまひつるを、春惜しみがてら、月のうちに、小弓持たせて参りたまへ」

と語らひ契る。おのおの別るる道のほど物語したまうて、宮の御事のなほ言は まほしければ、

「院には、なほこの対にのみものせさせたまふなめりな。かの御おぼえの異なるなめりかし。この宮いかに思すらむ。帝の並びなくならはしたてまつりたまへるに、さしもあらで、屈したまひにたらむこそ、心苦しけれ」

と、あいなく言へば、

「たいだいしきこと。いかでかさはあらむ。こなたは、さま変はりて生ほしたてたまへる睦びのけぢめばかりにこそあべかめれ。宮をば、かたがたにつけて、いとやむごとなく思ひきこえたまへるものを」

と語りたまへば、

「いで、あなかま。たまへ。皆聞きてはべり。いといとほしげなる折々あなるをや。さるは、世におしなべたらぬ人の御おぼえを。ありがたきわざなりや」

と、いとほしがる。

「いかなれば花に木づたふ鶯の

桜をわきてねぐらとはせぬ

春の鳥の、桜一つにとまらぬ心よ。

あやしとおぼゆることぞかし」

と、口ずさびに言へば、

「いで、あなあぢきなのもの扱ひや、さればよ」

と思ふ。

「深山木にねぐら定むるはこ鳥も

いかでか花の色に飽くべき

わりなきこと。

ひたおもむきにのみやは」

といらへて、わづらはしければ、ことに言はせずなりぬ。異事に言ひ紛らはして、おのおの別れぬ。

督の君は、なほ大殿の東の対に、独り住みにてぞものしたまひける。思ふ心ありて、年ごろかかる住まひをするに、人やり ならずさうざうしく心細き折々 あれど、

「わが身かばかりにて、などか思ふことかなはざらむ」

とのみ、心おごりをするに、この夕べより屈しいたく、もの思はしくて、

「いかならむ折に、またさばかりにても、ほのかなる御ありさまをだに見む。ともかくもかき紛

れたる際の人こそ、かりそめにもたはやすき物忌、方違への移ろひも 軽々しきに、おのづから ともかくものの隙をうかがひつくるやうもあれ」

など思ひやる方なく、

「深き窓のうちに、何ばかりのことにつけてか、かく深き心ありけりとだに知らせたてまつるべき」

と胸痛くいぶせければ、小侍従がり、例の、文やりたまふ。

「一日、風に誘はれて、御垣の原をわけ入りてはべしに、いとどいかに見落としたまひけむ。その 夕べより、乱り心地かきくらし、あやなく今日は眺め暮らしはべる」

など書きて、

「よそに見て折らぬ嘆きはしげれども
なごり恋しき花の夕かげ」

とあれど、侍従は一日の心も 知らねば、ただ世の常の眺めにこそはと思ふ。

御前に人しげからぬほどなれば、かの文を持て参りて、

「この人の、かくのみ、忘れぬものに、言問ひものしたまふこそわづらはしくはべれ。心苦しげになるありさまも見たまへあまる心もや添ひはべらむと、みづからの心ながら知りがたくなむ」

と、うち笑ひて聞こゆれば、

「いとうたてあることをも言ふかな」

と、何心も なげにのたまひて、文広げたるを御覧ず。

「見もせぬ」と言ひたるところを、あさましかりし御簾のつまを思し合はせらるるに、御面赤みて、大殿の、さばかり ことのついでごとに、

「大将に見えたまふな。いはけなき御ありさまなんめれば、おのづからとりはづして、見たてまつるやうもありなむ」

と、戒めきこえたまふを思し出づるに、

「大将の、さることのありしと語りきこえたらむ時、いかにあはめたまはむ」

と、人の見たてまつりけむことをば思さで、まづ、憚りきこえたまふ心のうちぞ幼かりける。

常よりも御さしらへなければ、すさまじく、しひて聞こゆべきことにもあらねば、ひき忍びて、例の書く。

「一日は、つれなし顔をなむ。めざましうと許しきこえざりしを、『見ずもあらぬ』やいかに。あな、かけかけし」

と、はやりかに走り書きて、

「いまさらに色にな出でそ山桜
およばぬ枝に心かけきと
かひなきことを」

とあり。

ことわりとは思へども、「うれたくも言へるかな。いでや、なぞ、かく異なることなきあへしらひばかりを慰めにては、いかが過ぐさむ。かかる人伝てならで、一言をものたまひ聞こゆる世ありなむや」

と思ふにつけて、おほかたにては、惜しくめでたしと思ひきこゆる院の御ため、なまゆがむ心や添ひにたらむ。

晦日の日は、人々あまた参りたまへり。なまもの憂く、すずろはしけれど、「そのあたりの花の色をも見てや慰む」と思ひて参りたまふ。

殿上の賭弓、如月にとありしを過ぎて、三月はた御忌月なれば、口惜しくと人々思ふに、この院に、かかるまとゐあるべしと聞き伝へて、例の集ひたまふ。左右の大将、さる御仲らひにて参りたまへば、次将たちなど挑みかはして、小弓とのたまひしかど、歩弓のすぐれたる上手どもありければ、召し出でて射させたまふ。

殿上人どもも、つきづきしき限りは、皆前後の心、こまどりに方分きて、暮れゆくままに、今日にとぢむる霞のけしきもあわたたしく、乱るる夕風に、花の蔭いとど立つことやすからで、人々いたく酔ひ過ぎたまひて、

「艶なる賭物ども、こなたかなた人々の御心見えぬべきを。柳の葉を百度当てつべき舎人どもの、うけばりて射取る、無人なりや。すこしここしき手つきどもをこそ、挑ませめ」

とて、大将たちよりはじめて、下りたまふに、衛門督、人よりけに眺めをしつつものしたまへば、かの片端心知れる御目には、見つけつつ、

「なほ、いとけしき異なり。わづらはしきこと出で来べき世にやあらむ」

と、われさへ思ひつきぬる心地す。この君たち、御仲いとよし。さる仲らひといふ中にも、心交はしてねむごろなれば、はかなきことにても、ものの思はしくうち紛るることあらむを、いとほしくおぼえたまふ。

みづからも、大殿を見たてまつるに、気恐ろしくまぶゆく、

「かかる心はあるべきものか。なのめならむにてだに、けしからず、人に点つかるべき振る舞ひはせじと思ふものを。ましておほけなきこと」

と思ひわびては、

「かのありし猫をだに、得てしがな。思うこと語らふべくはあらねど、かたはら寂しき慰めにも、なつけむ」

と思ふに、もの狂ほしく、「いかでかは盗み出でむ」と、それさへぞ難きことなりける。

女御の御方に参りて、物語など聞こえ紛らはし試みる。いと奥深く、心恥づかしき御もてなしにて、まほに見えたまふこともなし。かかる御仲らひにだに、気遠くならひたるを、「ゆくりかにあやしくは、ありしわざぞかし」とは、さすがにうちおぼゆれど、おぼろけにしめたるわが心から、浅くも思ひなされず。

春宮に参りたまひて、「論なう通ひたまへるところあらむかし」と、目とどめて見たてまつるに、匂ひやかになどはあらぬ御容貌なれど、さばかりの御ありさまはた、いと異にて、あてになまめかしくおはします。

内裏の御猫の、あまた引き連れたりけるはらからどもの、所々にあかれて、この宮にも参れるが、いとをかしげにて歩くを見るに、まづ思ひ出でらるれば、

「六条の院の姫宮の御方にはべる猫　こそ、いと見えぬやうなる顔して、をかしうはべしか。はつかになむ見たまへし」

と啓したまへば、わざとらうたくせさせたまふ御心にて、詳しく問はせたまふ。

「唐猫の、ここのに違へるさましてなむはべりし。同じやうなるものなれど、心をかしく人馴れたるは、あやしくなつかしきものになむはべる」

など、ゆかしく思さるばかり、聞こえなしたまふ。

聞こし召しおきて、桐壺の御方より伝へて聞こえさせたまひければ、参らせたまへり。「げに、いとうつくしげなる猫なりけり」と、人々興ずるを、衛門督は、「尋ねむと思したりき」と、御けしきを見おきて、日ごろ経て参りたまへり。

童なりしより、朱雀院の取り分きて思し使はせたまひしかば、御山住みに後れきこえては、またこの宮にも親しう参り、心寄せきこえたり。御琴など教へきこえたまふとて、

「御猫どもあまた集ひはべりにけり。いづら、この見し人は」

と尋ねて見つけたまへり。いとらうたくおぼえて、かき撫でてゐたり。宮も、

「げに、をかしきさましたりけり。心なむ、まだなつきがたきは、見馴れぬ人を知るにやあらむ。ここなる猫ども、ことに劣らずかし」

とのたまへば、

「これは、さるわきまへ心も、をさをさはべらぬものなれど、その中にも心かしこきは、おのづから魂はべらむかし」など聞こえて、「まさるどもさぶらふめるを、これはしばし賜はり預からむ」

と申したまふ。心のうちに、あながちにをこがましく、かつはおぼゆるに、これを尋ね取りて、夜もあたり近く臥せたまふ。

明け立てば、猫のかしづきをして、撫で養ひたまふ。人気遠かりし心も、いとよく馴れて、ともすれば、衣の裾にまつはれ、寄り臥し睦るるを、まめやかにうつくしと思ふ。いといたく眺めて、端近く寄り臥したまへるに、来て、「ねう、ねう」と、いとらうたげに鳴けば、かき撫でて、「うたても、すすむかな」と、ほほ笑まる。

「恋ひわぶる人のかたみと手ならせば
なれよ何とて鳴く音なるらむ
これも昔の契りにや」

と、顔を見つつのたまへば、いよいよらうたげに鳴くを、懐に入れて眺めゐたまへり。御達などは、

「あやしく、にはかなる猫のときめくかな。かやうなるもの見入れたまはぬ御心に」

と、とがめけり。宮より召すにも参らせず、取りこめて、これを語らひたまふ。

# O ROMANCE DO GENJI

## LIVRO XXXIV: OS JOVENS BROTOS

*"De longe avistei/Mas não colhi/O ramo que me faz suspirar/*
*Que ainda me faz ansiar/Florescendo ao entardecer."*

MURASAKI SHIKIBU

Num dia de céu claro do terceiro mês vieram prestar visita ao Genji, em sua residência na Sexta Avenida, o príncipe Hotaru, ministro da guerra, e Kashiwagi, o intendente da guarda do portão principal, dentre outros. O Genji os recebeu e, durante a conversa, observou:

— A vida neste lugar anda muito tranquila. Nesses dias, não encontro o que me distraia do tédio. Não tem nada acontecendo, nem em minha vida privada, nem na pública. O que é que eu vou fazer para passar o dia?

Acrescentou ainda:

— Hoje de manhã, veio aqui o comandante Yûgiri[1]. Para onde terá ido agora? Eu deveria ter-lhe pedido uma demonstração de arco e flecha, daquelas que ele sempre faz com o *koyumi*[2] e que são tão animadas. Também estavam aqui uns jovens, a quem agrada esse tipo de atividade. Será que ele ainda está aí? — perguntou.

Responderam-lhe que Yûgiri estava na parte nordeste da propriedade, assistindo a um jogo de bola[3] que ele organizara com diversos outros rapazes. Então, o Genji disse:

[1] Filho do Genji com a dama Aoi, sua primeira esposa. Aoi morreu durante o parto, vítima da alma viva penada da dama Rokujô. As almas vivas (*ikiryô*) são fantasmas japoneses, almas que saem de seus corpos durante o sono, em busca de vingança. (n.t.)

[2] O *koyumi* é um arco mais curto, usado em campeonatos. O atirador deve estar com uma perna flexionada e a outra ajoelhada. O arco japonês mais comum é longo, e usado para a prática a cavalo. (n.t.)

[3] O *kemari* é um jogo de bola tradicional do Japão. Os jogadores fazem uma roda e o objetivo é manter a bola no ar, por meio de pontapés ou cabeçadas. (n.t.)

— Não é jogo dos mais refinados, mas é divertido para os que assistem e requer muita habilidade dos que jogam. Diga-lhes que venham para cá.

Yûgiri veio em seguida, acompanhado de muitos jovens.

— Trouxeram a bola? — perguntou o Genji. — Veio Fulano? E o Sicrano, veio?

— Sim, vieram. E se jogássemos aqui? — Yûgiri perguntou.

A jovem Akashi[4] voltara ao Palácio Imperial com seu bebê e suas damas de companhia, e a ala leste da casa principal estava vazia e silenciosa. Os rapazes saíram a procurar um lugar propício ao jogo, encontrando uma parte plana do jardim onde dois riachos se uniam. Dos filhos de Tô no Chûjô[5], vieram Kôbai, o consultor de câmara, Hyôe no Suke, o assistente da defesa, e Tayû no Kimi, o comissário. Junto com seus irmãos mais jovens, destacavam-se dos outros por sua bela aparência.

Já estava entardecendo quando Kôbai decidiu se juntar ao jogo. Ele não resistira à beleza do dia, perfeito para um jogo de bola. O Genji observou:

— Vejam só, mesmo o consultor não resistiu! Sendo jovem, não há de fato necessidade de se conter e ficar de mero espectador. Eu também, quando era mais moço, ficava frustrado se não podia participar, ainda que esse jogo não seja dos mais aristocráticos!

Com as palavras de incentivo do Genji, Yûgiri e Kashiwagi também resolveram descer aos jardins. Estavam magníficos à sombra das cerejeiras em flor à luz do sol poente. O jogo de bola costuma ser um tanto ruidoso e tumultuado, mas isso depende do lugar e dos jogadores. O bonito bosque enevoado tinha diversas árvores floridas, e já se via um pouco do verde das folhas novas. Os homens se entregavam com calor ao jogo — afinal, ninguém queria perder. Nenhum, entretanto, equiparava-se a Kashiwagi, que jogou por pouco tempo. Por ser belo e possuir atitudes sofisticadas, vê-lo se transmutar em puro ímpeto para o jogo era ainda mais fascinante. À sombra de uma cerejeira próxima ao degrau da varanda, o Genji, o príncipe Hotaru e outras pessoas assistiam absortos à cena. Os jogadores entusiasmados pisavam nas flores, distraídos com a competição.

As rodadas se sucediam, e as damas da corte, também em polvorosa, aproximaram-se para assistir aos jovens oficiais que, de tão animados, esqueciam as boas maneiras. Alguns deles haviam mesmo deixado o chapéu cair sobre a testa. Yûgiri, esquecendo-se de sua alta nobreza, jogava despreocupado. Usava uma túnica[6] da cor das flores de cerejeira, amaciada

[4] Filha do Genji com a dama de Akashi. Residia normalmente na ala leste da mansão. (n.t.)

[5] Melhor amigo e cunhado do Genji; às vezes, seu rival em conquistas amorosas. (n.t.)

[6] *Nôshi*. Túnica usada pelos nobres da Era Heian. A parte superior da vestimenta dos homens, em forma de casaco. (n.t.)

pelo uso. Ele levantara as barras da calça, deixando-a bufante, o que não lhe dava uma aparência de leveza; ainda assim, quem o via tinha a impressão de que ele era o mais belo de todos.

Notando as flores de cerejeira que caíam como neve, Yûgiri se sentou em um dos degraus da escada e, enquanto fazia um breve intervalo, pegou um raminho quebrado de cerejeira. Kashiwagi veio se juntar a ele, dizendo:

— As flores de cerejeira são tão frágeis. Talvez devêssemos evitá-las[7] — E, ao dizer essas palavras, olhou de relance em direção aos aposentos da Terceira Princesa. Pelas frestas das persianas de bambu, via-se a figura indistinta das jovens e inquietas damas de companhia. Entreviam-se também mangas de cores vivas sobrando para fora da persiana[8], o que lembrava os belos tecidos das oferendas aos deuses da primavera. Quem estava de fora conseguia perceber claramente a presença de várias pessoas atrás do *kichô*[9], que fora erguido.

Nesse instante, um gato chinês[10] muito bonitinho, perseguido por um maior, tentou passar por debaixo da persiana, e se pôde ouvir nitidamente o farfalhar das roupas das damas de companhia, que tentavam se afastar. O gato pequeno, talvez por não ter sido ainda domesticado, estava preso por um longo cordão, amarrado ao pé do *kichô*. Puxava o cordão com força para fugir, e acabou erguendo uma parte da persiana que ninguém correu para arrumar. As damas que estavam próximas ao pilar apenas se agitaram, assustadas.

Um passo para trás do *kichô*, havia uma dama em pé, vestindo um magnífico quimono. Encontrava-se a dois pilares de distância dos rapazes e podia ser vista perfeitamente. Com tons do rosa avermelhado das flores de ameixeira, suas roupas iam da cor mais escura à mais clara em vibrantes camadas que lembravam páginas de um livro. A túnica de seda da cor das flores de cerejeira parecia um tanto longa. Seu cabelo, sedoso em todo o seu comprimento e com pontas bem aparadas, descia-lhe gracioso pelas costas, arrastando-se ainda por cerca de vinte centímetros pelo chão. Por ser esbelta e pequena, suas vestes pareciam ainda mais longas. De perfil, a sua aparência e seus longos cabelos tinham um ar elegante. No entanto, como a

---

[7] Referência a um poema *waka* de origem desconhecida. "Se o vento fosse gentil, deveria evitar as flores de cerejeira nesta primavera, para que elas não caiam". (n.t.)

[8] As mulheres não podiam ser vistas, mas deixavam as mangas dos quimonos para fora das cortinas, para indicarem sua presença e como sinal de elegância de sua indumentária. (n.t.)

[9] *Kichô*. "Cortina portátil" de pano, pendurada em uma vara horizontal presa a dois mastros verticais (formando um T), utilizada quando não havia cortinas fixas em um aposento e era necessário proteger uma dama dos olhares de um cavalheiro. Por estar presa a um pé móvel, podia ser recolhida e deslocada facilmente. Ao contrário do biombo, era baixa, de altura suficiente apenas para ocultar uma pessoa sentada no chão. (n.t.)

[10] De raça chinesa. Provavelmente, preto e branco, em oposição ao gato japonês, que é de três cores (*mike*). (n.t.)

luminosidade do dia estava indo embora, Kashiwagi teve frustrado seu desejo de observar melhor o seu cômodo.

Assistindo concentradas aos jovens que, absortos em seu jogo de bola, ignoravam as pétalas cadentes, as damas de companhia não perceberam de imediato que estavam expostas. A Terceira Princesa era a imagem mesmo de uma mocidade bela, despida de malícias, enquanto olhava para o gatinho, que miava alto.

Yûgiri ficou chocado ao ver que a persiana estava levantada, expondo o interior do aposento. Porém, como achou inadequado ir ele mesmo arrumá-la, limitou-se a dar uma tossidinha, chamando a atenção da Terceira Princesa. Ela então se afastou silenciosamente para o interior do aposento. Enquanto observava tudo isso, o comandante se lamentou por não poder ver mais. Ao mesmo tempo, o gatinho foi solto e a persiana, arrumada. Yûgiri deixou escapar um suspiro, decepcionado. Ainda mais triste ficou Kashiwagi, que observava a jovem fixamente, e sentiu um aperto no peito quando ela se foi. Vestida como estava, não havia como o intendente confundir a Terceira Princesa com as outras damas, e a imagem dela ficou gravada na sua memória.

Kashiwagi tentou disfarçar, mas Yûgiri não acreditou que ele não tivesse visto nada. Sentia um pouco de pena da Terceira Princesa. Kashiwagi chamou o gatinho e o segurou em seus braços, como se quisesse se consolar. Ao sentir o cheiro de incenso e ouvir seus miados, não pôde deixar de pensar que fosse a própria princesa.

— Um lugar tumultuado como este não é apropriado para nobres de alto nível. Venham comigo — disse o Genji, encaminhando-se para a ala sul. Todos o seguiram. O príncipe Hotaru permaneceu ao seu lado, prosseguindo com a conversa. Os distintos cavalheiros se sentaram em almofadas redondas dispostas na varanda. Sem muitas cerimônias, misturadas em tampas de caixas, foram servidas comidas como *mochi*[11] enrolado em folhas de camélia, *nashi*[12] e tangerinas, as quais os cavalheiros comeram com alegria. Também foi trazido o saquê, com o indispensável acompanhamento de frutos do mar secos.

Kashiwagi observava as flores de cerejeira com um ar pensativo. Yûgiri, que também havia presenciado a cena, podia imaginar que o amigo estava se lembrando da figura da jovem. Não entendia como a Terceira Princesa podia ser tão descuidada a ponto de ficar perto da varanda, nem como alguém de sua posição pudera se comportar daquela maneira. O comandante concluiu

[11] *Mochi.* Bolinhos de arroz socado. Neste caso, o arroz é misturado ao xarope de uma planta. (n.t.)
[12] *Nashi.* Pera japonesa. (n.t.)

que tal defeito era a razão pela qual seu pai não se interessava por ela, apesar da nobreza de seu nascimento. Faltava-lhe o recato próprio das damas da corte e, ainda que sua imaturidade tivesse algo de gracioso, também era preocupante para o marido, pensou Yûgiri, com desdém.

Contudo, todas as suas faltas nada significavam para Kashiwagi, pois um acaso permitira que a visse por uma fresta, mesmo que indistintamente. "Isso deve ser um bom presságio para o desejo que carrego em meu coração há tanto tempo", pensou. Apenas lamentava não ter podido ver mais.

Genji estava contando aos convivas sobre acontecimentos do passado e disse a Kashiwagi:

— Seu pai, o chanceler[13], foi meu melhor amigo e principal rival em várias ocasiões. Porém, sua habilidade no jogo de bola era superior. Nem todas as qualidades dos pais são transmitidas aos filhos, mas é estranho notar como os filhos herdam as técnicas dos pais. Seu desempenho no jogo de hoje foi excepcional.

— Para aqueles de nós a quem falta mais habilidade nos assuntos administrativos, esse é o tipo de qualidade que dificilmente impressionará nossos descendentes — respondeu Kashiwagi, com um sorriso.

Ao que o Genji replicou:

— Não há desmerecimento, pois habilidades que se destacam devem ser transmitidas para as gerações futuras.

Kashiwagi, ao perceber a jovialidade com que o senhor da Sexta Avenida disse isso e outras coisas, indagou-se como poderia se comparar ao Genji e ainda conquistar o coração da Terceira Princesa. Finalmente, compreendeu o quanto o Genji era superior a ele e, inconsolável, retirou-se.

O comandante Yûgiri e ele tomaram a mesma carruagem e vieram conversando durante o caminho.

— A residência do Genji é o lugar perfeito para se passar esses dias de ócio — começou o intendente Kashiwagi.

Yûgiri respondeu:

— Meu pai disse para voltarmos se estivermos livres num dia como este, enquanto as cerejeiras ainda estiverem floridas. Neste mês, antes que a primavera se vá, traga seu *koyumi* de novo.

A conversa continuou até o ponto da estrada em que deviam se separar, ao que Kashiwagi decidiu mencionar a Terceira Princesa.

— O Genji parece passar todo o tempo na ala da dama Murasaki — ele disse. — Imagino como não se sente a Terceira Princesa. O ex-imperador

[13] Tô no Chûjô. (n.t.)

Suzaku a tratava como a fonte do seu orgulho; ela deve sentir falta disso agora. Sinto pena dela.

Yûgiri negou:

— Meu pai não faria uma coisa dessas. Ele não conheceu a dama Murasaki da maneira tradicional, pois na verdade ela foi criada por ele, e esse é o único motivo por que eles têm uma maior intimidade. Mas a Terceira Princesa é, acima de tudo, a esposa oficial e é tratada como tal.

— Ora, vamos, não me venha com essa. Do que sei sobre essa história, a vida da princesa tem sido uma sucessão de humilhações. E pensar que ela já foi tão querida! Nunca vi algo assim!

O intendente declamou:

*Por que vai o rouxinol*
*A todo galho e em cada flor*
*E esquece cada vez*
*A cerejeira florida?*[14]

— O que levaria o rouxinol a esquecer, dentre todas as flores da primavera, justo a cerejeira? A mim isso parece muito estranho.

Yûgiri, ao ouvir o amigo dizer algo tão inadequado, teve certeza de que ele se apaixonara pela Terceira Princesa. Respondeu:

*Por que iria o belo pássaro*
*Que toda noite descansa*
*Na mesma árvore dos montes*
*Esquecer a cerejeira florida?*[15]

— Você está enganado! O Genji não pode nem ao menos descansar?

E Yûgiri achou melhor não falar mais desse problema com um Kashiwagi tão exaltado. Prosseguiram caminho falando de outros assuntos, até chegarem ao ponto da estrada em que cada um tomava seu rumo.

Kashiwagi ainda vivia sozinho na ala leste da residência de Tô no Chûjô. Vivia assim há algum tempo por suas próprias razões, e podia culpar apenas a si mesmo nas horas em que se sentia perdido e solitário. Contudo, era orgulhoso e não via motivo para não poder ter o que desejava. Depois daquela noite, tornara-se excessivamente melancólico e taciturno.

[14] O rouxinol japonês (*ugúisu, Horornis diphone*) representa a primavera; neste caso, representa também o Genji, que visita todas as outras mulheres, menos a Terceira Princesa (a flor da cerejeira, justamente a mais importante para a poesia clássica). (n.t.)

[15] O belo pássaro representa o Genji; a árvore da montanha (sem graça) seria a dama Murasaki, em cujos aposentos ele vai "descansar"; e a Terceira Princesa é a cerejeira florida. (n.t.)

Perguntava-se quando teria novamente um vislumbre da Terceira Princesa. Se fosse alguém de mais baixo nascimento, sim, não haveria caprichos de privacidade, tabus direcionais ou qualquer outra coisa que o impedisse de vê-la; mas, sendo ela tão nobre, não havia o que fazer. Cercada de atenções como estava, como poderia ele sequer informá-la de sua profunda devoção?

De tanta dor e sofrimento que sentia, Kashiwagi enviou uma carta para Kojijû[16], a dama de companhia da Terceira Princesa:

> Quão triste eu fico ao pensar na má impressão que causei naquele dia, ao entrar naquele nobre jardim, guiado pelo vento de primavera. Desde aquela tarde, estou enfermo, atormentado por meus pensamentos!
>
> *De longe avistei*
> *Mas não colhi*
> *O ramo que me faz suspirar*
> *Que ainda me faz ansiar*
> *Florescendo ao entardecer*

No entanto, Kojijû não sabia que Kashiwagi vira a Terceira Princesa e pensou que suas insinuações não diferiam em nada das cartas anteriores. Aproveitando que não havia muitas damas próximas à princesa, Kojijû lhe mostrou a carta e lhe disse, rindo:

— Essa pessoa tem escrito frequentemente sobre seus sentimentos para com a senhora, e não sei o que fazer. Ele causa tanta pena que eu não sei se poderei resistir ao impulso de ajudá-lo.

— Que coisa horrível de se dizer — respondeu a Terceira Princesa, com ar de indiferença, lendo a carta que Kojijû lhe mostrara. A carta lembrava-a do vergonhoso caso da persiana, o que a fez corar. Sempre que estavam juntos, Genji dizia-lhe que tivesse cuidado para nunca deixar que Yûgiri a visse.

— Você é tão inocente para certas coisas que qualquer momento de desatenção pode ser perigoso.

Nunca lhe havia ocorrido que outra pessoa pudesse tê-la visto, pois em nada mais conseguia pensar, a não ser no Genji e em como ele ficaria irritado se Yûgiri lhe contasse coisa semelhante. Seu medo do Genji tornava claro o tipo de moça que ela era.

[16] Kashiwagi, apaixonado pela Terceira Princesa, já enviara cartas a Kojijû anteriormente, mas esta se recusava a servir de intermediária entre o rapaz e sua ama. (n.t.)

Vendo que a princesa estava demorando demais para responder, e sem saber mais o que dizer, Kojijû se retirou, levando a carta. Discretamente, escreveu uma resposta a Kashiwagi:

> No dia do jogo, você fingiu que não me conhecia. Não admito que você escreva esse tipo de coisa para minha senhora. O que você quer dizer com "avistei, mas não colhi"? Você está passando dos limites.
>
> *Não vou mais aceitar*
> *Nenhum apelo seu*
> *Não quero ouvir que seu anseia*
> *Por um ramo da cerejeira!*
>
> Desista, é inútil!

Kashiwagi era obrigado a reconhecer que Kojijû tinha razão, mas ainda assim, pensou que ela era muito cruel em sua franqueza. Além disso, as cartas superficiais da dama de companhia já não o satisfaziam. Desejava poder trocar algumas palavras com a princesa, sem intermediários, e sofria com essa impossibilidade. Nutria um respeito sem limites pelo Genji, e por isso a vergonha que tinha de seus sentimentos crescia na mesma proporção que seu desejo pela Terceira Princesa.

No final do mês, os oficiais do palácio fizeram uma visita à residência da Sexta Avenida os oficiais do palácio. Kashiwagi não estava com disposição para se juntar a eles, mas quando pensou que poderia se distrair vendo as flores da residência de sua amada, decidiu acompanhá-los.

O concurso de arco e flecha que normalmente era realizado no Palácio Imperial fora cancelado, devido ao luto pela imperatriz Fujitsubo. Por isso, o Genji decidiu organizar uma competição na sua residência da Sexta Avenida. Como os comandantes da Esquerda e da Direita eram parentes do anfitrião, e seus filhos estavam presentes, os guardas imperiais também foram chamados para jogar e o número de participantes aumentou bastante. O Genji convidou também célebres mestres do arco longo, ainda que a competição principal fosse de arco curto. Os participantes da Esquerda e da Direita se dividiram em dois grupos e competiram até o início da noite. A neblina do final de primavera e a brisa noturna que soprava sobre as cerejeiras, fazendo com que as pétalas caíssem sobre o jardim, eram comoventes. Todos já estavam levemente embriagados.

— Os prêmios são magníficos. Não é justo que apenas aqueles com grande técnica os recebam. Afinal, não tem graça uma competição entre

soldados que são mesmo capazes de acertar cem vezes uma folha de salgueiro. Algumas pessoas simples, com pouca habilidade, deveriam participar também. — dizia o comandante, entre outras coisas, enquanto desciam para o jardim.

O intendente Kashiwagi estava deprimido, com um ar pensativo. O comandante Yûgiri não sabia muito bem por que, mas suspeitava do motivo. Receava que um relacionamento entre Kashiwagi e a Terceira Princesa gerasse um escândalo. Além de ser o irmão mais velho de sua esposa, também era seu amigo desde a juventude, e tinham grande afeição um pelo outro. Por outro lado, Kashiwagi por si só também causava certa preocupação em Yûgiri. O intendente olhava para o rosto do Genji com um sentimento de reverência e parecia se sentir envergonhado por alguma falta cometida.

Absorto em seus pensamentos, Kashiwagi pensava que deveria obter para si o gatinho chinês, como forma de consolo. O gato seria uma companhia para os momentos solitários, quando ele não tivesse ninguém a quem contar os sofrimentos que trazia em seu coração. Parecia louco, tinha febre e pensava em roubar o gato, e isso, em si, já era um problema.

Tentando esquecer a Terceira Princesa, Kashiwagi resolveu visitar sua irmã, a Kokiden. Era uma dama tão refinada que se ocultava atrás do *kichô* mesmo em presença do irmão. Havia um contraste entre a conduta da Kokiden e a da Terceira Princesa, que permitira que vissem seu rosto; no entanto, para alguém com uma paixão como a dele, o comportamento da amada não era visto como reprovável.

Falou em seguida com o Príncipe Herdeiro, marido de sua irmã. Achava que encontraria em seu rosto traços que lembrassem os da Terceira Princesa, já que eram irmãos; observou atentamente suas feições, vendo um rosto fascinante e refinado, como apenas os nobres possuíam; mas o homem não tinha o charme encantador da moça.

O gato que o príncipe tinha em seus cuidados era um dos muitos irmãos do gatinho da Terceira Princesa. Ao vê-lo andar graciosamente, disse:

— O gatinho da Terceira Princesa é muito bonito. Tive a oportunidade de vê-lo. Tem boa aparência e feições raras.

Como o Príncipe Herdeiro apreciava muito os gatos, pediu mais detalhes.

— É um gato chinês, diferente dos nascidos em nosso país — respondeu Kashiwagi. — Há os que dizem que são todos iguais, mas posso dizer que é um gatinho de boa natureza, acostumado à companhia humana.

Kashiwagi dizia isso enquanto desejava que o coração da princesa pudesse ser como o do gatinho.

Essa conversa instigou a curiosidade do Príncipe Herdeiro com relação ao animal. Decidiu pedi-lo às damas de Akashi, que o enviaram como presente. As damas da corte o acharam adorável, e Kashiwagi percebeu que o próprio príncipe sem dúvida demonstrava muito interesse por ele, tendo intenções de mantê-lo consigo. Querendo saber do gato, retornou alguns dias depois para visitá-lo. O ex-imperador Suzaku sempre lhe dera pequenas missões e privilégios, desde que era pequeno e, como o imperador estava agora em um templo nas montanhas, as visitas de Kashiwagi eram ainda mais frequentes.

Enquanto auxiliava o príncipe em suas lições com o *koto*[17], ele observou:

— Há tantos gatos aqui! Pergunto-me qual deles seria aquele meu conhecido.

E, ao dizer isso, encontrou o gatinho que procurava. Kashiwagi, achando-o o mais bonitinho de todos, encheu-o de carinhos.

— Ele é realmente muito fofo, não é? — disse o príncipe. — Mas ainda não se acostumou comigo; imagino que seja um desses gatinhos que tem medo de estranhos. Ele é muito arisco; há outros melhores.

— Os gatos não são dados a essas coisas de gostar ou odiar as pessoas. Contudo, são inteligentes, e acredito que tenham alma. — respondeu o intendente. — Há tantos gatos excelentes aqui, que gostaria de pedir para ficar com este por algum tempo.

Ao fazer esse pedido, o intendente sentiu que agia de forma tola.

Então, finalmente Kashiwagi pôde ter consigo o tão querido gatinho da Terceira Princesa, com quem podia até dormir. Pelo dia, podia acariciá-lo e passar o tempo ao seu lado. E assim, o gatinho que não se acostumava às pessoas logo se acostumou a Kashiwagi, vindo se enroscar nas barras do seu quimono e acomodando-se junto ao seu corpo para dormir. O intendente o amava cada vez mais.

Enquanto Kashiwagi contemplava o nada, perdido nos seus próprios pensamentos, o gatinho veio a ele fazendo "Miau! Miau!", ao que ele respondeu acariciando seu pequeno objeto de afeição e sorrindo.

— É como se você fosse o meu trágico amor em outra forma.

*O que será que me diz*
*Quando vem miando assim?*
*Talvez as promessas*
*De uma vida passada.*

[17] Espécie de cítara japonesa. (n.t.)

O gatinho miou de forma ainda mais adorável ao ver a expressão que Kashiwagi fazia, e ele o envolveu em um abraço, tornando a ficar pensativo.

As damas de companhia comentavam:

— Que estranho, não é mesmo? De repente, ele demonstra tanta afeição por um gato... Ele sempre pareceu tão indiferente a esses bichos.

O Príncipe Herdeiro chegou a mandar alguém para buscar o animal, mas Kashiwagi nunca o devolveu — decidiu mantê-lo consigo para ter alguém com quem conversar.[18]

[18] O romance entre os dois jovens tem um fim trágico. Eles se tornam amantes e a Terceira Princesa engravida de Kashiwagi. O sentimento de culpa por ter traído o Genji devora o rapaz de tal maneira que ele acaba morrendo. Kaoru, o filho desse amor, será criado como se fosse do Genji. (n.t.)

# memória da tradução

(n.t.)| Túnis

# ELEGIAS
## SULPÍCIA

**O TEXTO:** Da obra de Sulpícia conservam-se seis breves elegias, as chamadas *Elegidia*, elencadas do número III. 13 ao III. 18. Encontram-se no 3º livro do *Corpus Tibullianum* (ou *Appendix Tibulliana*), do poeta Álbio Tibulo, compreendendo um total de 40 versos. As composições revestem-se de particular interesse pelo modo original como a poetisa abordou tópicos literários recorrentes na elegia amorosa latina, ao subverter algumas convenções temáticas à época, e por ser, até então, a única voz feminina nas letras latinas.

**Texto de referência:** Novak, M. G.; Neri, M. L (Orgs.). "Elegias de Sulpícia". *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 137-141.

**A AUTORA:** Sulpícia (I a.C.) foi uma poeta da Antiga Roma, de cuja obra restaram apenas algumas composições poéticas, em tom elegíaco. Oriunda do patriciado romano, era filha do orador Servio Sulpicio Rufo e de Valeria, irmã do general Marco Valerio Messalla Corvino, que criou, por volta do ano 30 a.C., um círculo de literatos do qual fizeram parte Tibulo e Ovídio. Acredita-se que Sulpícia tenha frequentado esses ambientes e feito parte do círculo de intelectuais do tio Messalla, o qual, após a morte de seu pai, tornou-se seu tutor.

**A TRADUTORA:** Zelia de Almeida Cardoso é professora de língua e literatura latina, da Universidade de São Paulo. De Sulpícia traduziu quatro das seis elegias da poeta para a antologia *Poesia Lírica Latina*, publicada em edição bilíngue pela Martins Fontes, em 1992.

Medalhão em afresco romano, Pompeia
[séc. I d.c.]

(n.t.)

# ELEGIDIA

*"Exsoluit promissa Venus: mea gaudia narret,*
*dicetur si quis non habuisse sua."*

---

SVLPICIA

**III 13 = IV 7**

Tandem uenit amor, qualem texisse pudori
quam nudasse alicui sit mihi fama magis.
Exorata meis illum Cytherea Camenis
attulit in nostrum deposuitque sinum.
Exsoluit promissa Venus: mea gaudia narret,
dicetur si quis non habuisse sua.
Non ego signatis quicquam mandare tabellis,
ne legat id nemo quam meus ante, uelim,
sed peccasse iuuat, uultus componere famae
taedet: cum digno digna fuisse ferar.

**III 14 = IV 8**

Inuisus natalis adest, qui rure molesto
et sine Cerintho tristis agendus erit.
Dulcius urbe quid est? An uilla sit apta puellae
atque Arretino frigidus amnis agro?
Iam, nimium Messalla mei studiose, quiescas;
non tempestiuae saepe, propinque, uiae.
Hic animum sensusque meos abducta relinquo
arbitrio, quamuis non sinis esse, meo.

**III 17 = IV 11**

Estne tibi, Cerinthe, tuae pia cura puellae,
quod mea nunc vexat corpora fessa calor?
A ego non aliter tristes euincere morbos
optarim, quam te si quoque uelle putem.
At mihi quid prosit morbos euincere, si tu
nostra potes lento pectore ferre mala?

**III 18 = IV 12**

Ne tibi sim, mea lux, aeque iam feruida cura
ac uideor paucos ante fuisse dies,
si quicquam tota commisi stulta iuuenta,
cuius me fatear paenituisse magis,
hesterna quam te solum quod nocte reliqui,
ardorem cupiens dissimulare meum.

# ELEGIAS

*"Vênus cumpriu suas promessas. Se alguém, ao que se sabe,*
*não encontrou alegrias, que fale das minhas."*

SULPÍCIA

**III 13 = IV 7**

Finalmente o amor chegou e seja eu mais conhecida
por tê-lo encoberto por pudor do que por tê-lo revelado a alguém.
Comovida por meus versos, Citeréia o trouxe
e o depositou em meu regaço.
Vênus cumpriu suas promessas. Se alguém, ao que se sabe,
não encontrou alegrias, que fale das minhas.
Não gostaria de confiar alguma coisa a tabuinhas seladas
para que ninguém a lesse antes de meu amado;
alegro-me de meu erro; aborrece-me fingir por minha reputação.
Que se diga que eu fui digna com um homem digno.

**III 14 = IV 8**

Chega o indesejado aniversário, que deve ser passado tristemente
no campo maçante e sem Cerinto.
O que é mais agradável que a cidade? São as casas de campo convenientes
às moças? E o gélido rio da região de Arécio?
Podes descansar, Messala, excessivamente cuidadoso a meu respeito:
essas viagens, meu tio, muitas vezes não me são oportunas.
Levada para longe, deixo aqui meu coração e meus sentimentos
por minha vontade, embora não permitas que eu a tenha.

**III 17 = IV 11**

Tens, acaso, Cerinto, compaixão de tua amada?
Já que a febre castiga meus membros fatigados?
Eu não desejaria viver a doença tristemente
se não acreditasse que tu também o queres.
De que me adianta vencer a doença se podes suportar
com indiferença o mal que me atormenta?

**III 18 = IV 12**

Que eu não seja para ti, minha luz, a ardente paixão
   que parecia ter sido há poucos dias
se, jovem tola, cometi alguma falta,
   da qual eu reconheço, que me arrependo mais
do que te haver deixado só, ontem à noite,
   por desejar dissimular meu próprio ardor.

# Grito Nocturno

poema de Severino Di Giovanni

Terminada la fiesta de luz, aquel crepúsculo ebrio de rojo se iba lejos en las profundas voragines de su imperio.
El sol enloquece.
Se marcha lejos, lejos.
Y con él, la fiesta que me habia excitado de entusiasmos y de promesas.
Y en la borrachera de su rojo, le envie mi último adiós con la mirada, mientras triunfalmente ingresaba en la amplia voragine de fuego ¡Se había marchado!
¡Oh, voracidad jamás saciada de nostalgia!
¡Oh, desesperación infinita de tanta libertad huida!
¡Oh, desgarro inmenso de amor que concluye tan rápidamentre y nos abandona presuroso!
Legado ansioso de ti; ardiente en el deseo de tu fugaz estada.
Y así, satisfecho y sediento me abandonas en la noche con el solo recuerdo del aire ardiente que sofoca con su perfume opresor.
Pero también su perfume se desvanece lentamente mientras profunda y majestuosa viene la noche.
Y siento con su llegada el reverbero de un enjambre infinito de luces fosforescentes, mil cantos que llegan a mis oidos como mil gritos.Y se acentùan, silban, susurran, se entrechocan, crepitando en gritos mayores y música nocturna.
Griterío nocturno, para mi nostalgia voraz y desesperada, la eterna música nocturna.
¡Música nocturna!
Llanto del universo y risa borbollante de vientos quejumbrosos.
¡Oh, cuanta fiebre arde en tu inmensa oscuridad!
¡Oh! ¡Cuanta alegría haces gozar con tu dolor de silencios!
¡Oh, música nocturna!
Gritos de las tinieblas.
En el calor sofocante de la fiesta solar de mi juventud de ilusiones en esta noche transcurrida entre el fresco del aire y el rocío que ataviaba la hierbade húmedas perlas, encontré el descanso restaurador y con impetú canté mi canción.
Canción libre, que se unìa a la música de los gritos de las tinieblas.
Canté:
Oh, noche de misterios, de consuelos y de silencio que pesa sobre mi espiritú.
Tu peso, como el cuerpo de una bella muchacha que se aproxima, se compenetra y deja un olvido infinito.
Y mi espiritú de ti siente el dolor que después atraviesa mi carne.
Y pesa.
Como el cuerpo de una bella muchacha.
Y me da voluptuosamente la posesión de ti.
Oh, noche de misterios.
Oh, noche de silencios sin la pálida luna y las luces de las estrellas.
Pero solo.
Oh, mi noche oscura, solo sin claros, y en tu posesión me das dulzuras y tormentos.
Con momentos de deseos livianos como una aureola.
...

¡Y con mi canción cantaban también los secretos y misteriosos cantos de la noche!
Y su canción era el eco de un coro melodioso que envolvía casi completamente mi canto.
Coro de gritos, golpes y crepitar de ramajes arrancados y destrozados por el viento, artífice del canto eterno, que mezclados en el dolor, resultan ser mis compañeros.
Cantemos aún más y mezclemos mis lágrimas de alegría con vuestra linfa jugosa de dolores, que ahora la gran noche es nuestra, como es nuestro el velo negro que adorna el ataúd donde aguardamos nuestra festiva resurrección.
¡Resurrección de vida!
¡Placer de poseer tan inmensamente que transforma nuestro tormentoso dolor en infinitas dulzuras!
Y la grandiosa posesión de la noche que transforma el tormento en delicia, borra la nostalgia que brama en mi pecho y me libera de la sed de la desesperación.
Todas las fuerzas cercanas de los coros eternos rimaban con la noche y me regocijaba con ellos amando la tenebrosa compañia que me otorgaban el vigor para nuevas conquistas.
Exultante, olvidé todo y cuando el sol me quiso reprender con su aurora de oro, huí al regazo interminable del nuevo sueño conquistado y no quise mirar más sus danzas de rayos y luces.

*In.* "Culmine", pubblicazione anarchica bimensile,
Bs. As., nº 1, 1925.

# Grito Noturno

tradução de Gleiton Lentz

Terminada a festa da luz, aquele crepúsculo ébrio de vermelho se afastava nas voragens profundas de seu império.
O sol enlouquece.
Vai longe, longe.
E com ele, a festa que havia me excitado com alegrias e promessas.
E na embriaguez de seu vermelho, enviei-lhe um último adeus com o olhar, enquanto triunfalmente entrava na vasta voragem de fogo. Havia ido!
Oh, voracidade jamais saciada de nostalgia!
Oh, desespero infinito de tanta liberdade fugidia!
Oh, desgarre imenso de amor que acaba tão rapidamente e nos abandona com pressa!
Ansioso legado o teu; ardente no desejo de tua fugaz estada.
E assim, satisfeito e sedento, me abandonas na noite somente com a lembrança do ar ardente que sufoca com seu perfume opressor.
Mas também seu perfume se desvanece lentamente enquanto profunda e majestosa se aproxima a noite.
E sinto com sua chegada o revérbero de um enxame infinito de luzes fosforescentes, mil cantos que chegam a meus ouvidos como mil gritos. E se acentuam, silvam, sussurram, entrechocam-se, crepitando em gritos mais altos e em música noturna.
Gritaria noturna, para minha nostalgia voraz e desesperada, a eterna música noturna.
Música noturna!
Pranto do universo e sorriso borbulhante de ventos lamuriosos.
Oh, quanta febre arde em tua imensa obscuridade!
Oh! Quanta alegria fazes gozar com tua dor de silêncios!
Oh, música noturna!
Gritos das trevas.
No calor sufocante da festa solar de minha juventude de ilusões, nesta noite transcorrida entre o ar fresco e o orvalho que ataviava a relva de úmidas pérolas, encontrei o descanso restaurador, e com ímpeto cantei minha canção.
Canção livre, que se unia à música dos gritos das trevas.
Cantei:
Oh, noite de mistérios, de consolos e de silêncio que pesa sobre meu espírito.
Teu peso, como o corpo de uma bela moça que se aproxima, persuade e deixa um esquecimento infinito.
E meu espírito sente de ti a dor que depois atravessa minha carne.
E pesa.
Como o corpo de uma bela moça.
E me dá voluptuosamente a posse de ti.
Oh, noite de mistérios.
Oh, noite de silêncios sem a pálida lua e a luz das estrelas.
E sozinho.
Oh, minha noite obscura, sozinho sem clarões, e em tua posse, me dás ternuras e tormentos.
E momentos de levianos desejos como uma auréola.
...

E com minha canção os secretos e misteriosos cantos da noite também cantavam!
E sua canção era o eco de um coro melodioso que envolvia quase completamente meu canto.
Coro de gritos, ruídos e crepitar de ramos arrancados e destroçados pelo vento, artífice do canto eterno, que mesclados na dor, acabam por ser meus companheiros.
Cantemos ainda mais e mesclemos minhas lágrimas de alegria com vossa suculenta linfa de pesares, pois agora a grande noite é nossa, como é nosso o véu negro que adorna o ataúde onde aguardamos nossa festiva ressurreição.
Ressurreição da vida!
Prazer de possuir tão imensamente que transforma nossa atormentada dor em ternuras infinitas!
E a grandiosa posse da noite que transforma o tormento em prazer, apaga a nostalgia que brama em meu peito e me libera da sede do desespero.
Todas as forças vizinhas dos coros eternos rimavam com a noite e regozijava-me com eles amando a tenebrosa companhia que me concediam o vigor para novas conquistas.
Exultante, esqueci tudo, e quando o sol quis me repreender con sua aurora de ouro, fugi do regaço interminável do novo sonho conquistado e não quis olhar mais suas danças de raios e luzes.

*Grito Noturno*, sobre poema de Severino Di Giovanni.
Quadrinhos de Aline Daka.

Grito Noturno
O sol enlouquece. Vai longe, longe. ...perfume opressor.
Gritaria noturna, para minha nostalgia voraz e desesperada...
Oh! Quanta alegria fazes gozar com tua dor de silêncios! Oh! música noturna!

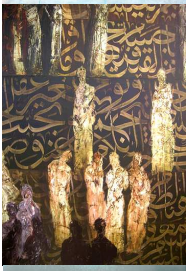
[aline dakal]

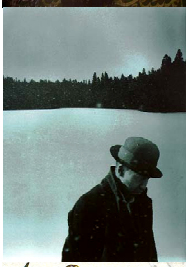
E meu espírito sente de ti a dor que depois atravessa minha carne.
C.192098
E me dá voluptuosamente a posse de ti.
E pesa.
Como o corpo de uma bela moça.
1943
Gravador
E sozinho.
E com minha canção os secretos e misteriosos cantos da noite também cantavam!

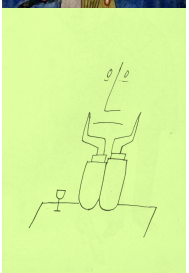
[aline dakal]

¡Ressurreição da vida!
¡Prazer de sentir tão imensamente que transforma
nossa atormentada dor
em ternuras infinitas!
...tenebrosa companhia...
Exultante,
esqueci tudo,
e quando o sol quis me reprender
com sua aurora de ouro,
fugi do negaço interminável
do novo sonho conquistado
LA FINE
e não quis olhar mais suas danças de raios e luzes.

[aline dakal]







# INDEX

**CAPA:**

Detalhe de Quipu inca – Cusco, Peru
ARQUIVO (n.t.)

**INTERNAS:**
**Aline Daka** (p. 3)
*Dos extremos da noite*, 2012
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

**VINHETAS:**

Fotos de:
**Roger Sulis**
(pp. 8 e 378)
**Gleiton Lentz**
(pp. 120, 162, 191 e 218)
ARQUIVO (n.t.)

**ENTRADAS:**
**Shahram Karimi** (p. 9)
*Forugh*, 2011
Colagem sobre tecido
LTMH GALLERY, NOVA YORK

**Ahmad Moualla** (p. 27)
Sem título, 2008
Colagem sobre tela
WWW.AHMADMOUALLA.COM

**Hiroshi Oshima** (p. 40)
Detalhe de *Kenji - Fazenda Koiwai no inverno*, [s.d.]
Fotografia
WWW.KENJI-WORLD.NET

**Bernardino de Sahagún** (p. 53)
Detalhe de *Oferenda de milho*, 1575-77
Ilustração do *Códice Florentino*
LIBRARY MEDICEA LAURENTIANA, FLORENÇA

**Georges Barbier** (p. 121)
Detalhe de *Bilitis*, 1922
Ilustração para o livro *Les Chansons de Bilitis*
ED. PIERRE CORRARD, PARIS

**Saul Steinberg** (p. 146)
*Vinho e guarda-chuva,* c. 1954
Ilustração para o livro *The Passport*
THE SAUL STEINBERG FOUNDATION, NOVA YORK

**Joshua Reynolds** (p. 163)
*Sra. Richard Bennett Lloyd*, 1775-76
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

**Gustave Boulanger** (p. 180)
*Hércules aos pés de Ônfale*, 1861
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

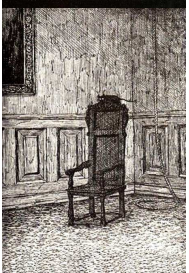
**Benito Quinquela Martin** (p. 192)
Detalhe de *Cemitério de barcos,* 1953
Óleo sobre tela
FUNDACIÓN PROA, BUENOS AIRES

**Sigrid Hjertén** (p. 219)
*Vista da Slussen*, 1919
Óleo sobre tela
MODERNA MUSEET, ESTOCOLMO

**Edward Hopper** (p. 238)
*Quarto em Nova York*, 1932
Óleo sobre tela
SHELDON MEMORIAL ART GALLERY, LINCOLN

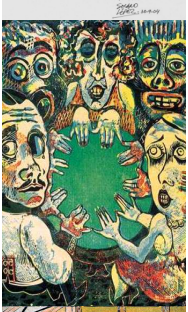
**Edward Gorey** (p. 270)
*A Casa do Juiz*, [s.d.]
Ilustração para o livro *The Haunted Looking Glass*
NEW YORK REVIEW BOOKS

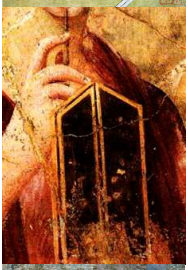
**Solano López** (p. 304)
*El eternauta* (Homenaje a H. G. Oesterheld), 2004
Ilustração com dedicatória
MUSEO DE ARTE Y MEMORIA, BUENOS AIRES

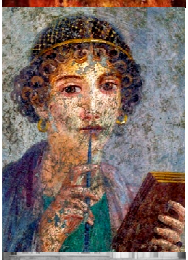


**Mino Maccari** (p. 325)
*Se for dar xeque-mate, faça-o*, 1931
Linoleografia
COLEÇÃO PARTICULAR

**Suzuki Harunobu** (p. 336)
*A Terceira Princesa e seu Gato*, 1767-68
Impressão em madeira, tinta sobre papel
MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON







**O Romance do Genji** (pp. 337 e 338)
Ilustrações para *O Romance do Genji*, edição de 1651
Impressão em madeira
NATIONAL DIET LIBRARY, TÓQUIO

**Pompeia** (pp. 360 e 361)
Detalhe de *Retrato de Paquius Proculus e sua mulher*, c. 30 d.C.
Afresco romano
*Apenas "Safo"*, c. 50 d.C.
Afresco romano (medalhão)
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES

**ILUSTRAÇÃO:**

**Aline Daka** (pp. 372-374)
*Grito Noturno*, 2012
Sobre poema homônimo de Severino Di Giovanni
Quadrinhos, nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

**CONTRACAPA:**
**Gleiton Lentz**
*Istambul* (Tercüme: escritório de tradução), 2011
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

[a (n.t.) | 5º acabou-se de editar em 01 de novembro de 2012]
Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Palatino Linotype**, **Baramond**
Farsi: **Farsi Simple Bold** Árabe: Lateef Japonês: MingLiU

# (n.t.) COSMOPOLIZE-SE